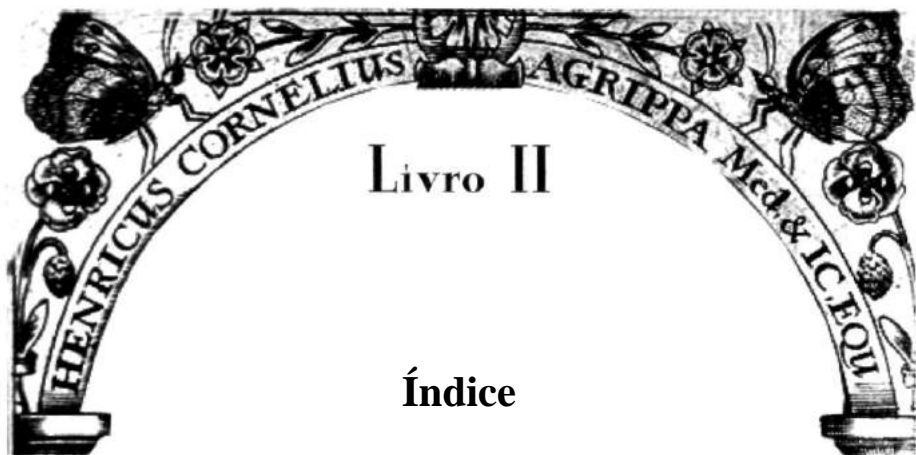




**O Segundo Livro de
Filosofia Oculta
ou de Magia**



*Escrito por
Henrique Cornélio Agrippa*



Capítulo I

Da necessidade de aprendizado matemático e das muitas obras maravilhosas que são feitas apenas pela arte matemática.....348

Capítulo II

De números, de seu poder e de sua virtude353

Capítulo III

As grandes virtudes que os números têm, tanto em coisas naturais quanto sobrenaturais.....355

Capítulo IV

De unidade e sua escala.....357

Capítulo V

Do número 2 e sua escala361

Capítulo VI

Do número 3 e sua escala366

Capítulo VII

Do número 4 e sua escala372

Capítulo VIII

Do número 5 e sua escala380

Capítulo XIX

Do número 6 e sua escala383

Capítulo X

Do número 7 e sua escala386

Capítulo XI

Do número 8 e sua escala.....401

Capítulo XII

Do número 9 e sua escala.....404

Capítulo XIII

Do número 10 e sua escala.....407

Capítulo XIV

Do número 11 e número 12; com uma escala dupla do número 12 cabalística e órfica.....413

Capítulo XV

Dos números acima de 12, de seus poderes e de suas virtudes 420

Capítulo XVI

Das notas dos números colocadas em certos gestos..... 425

Capítulo XVII

Das várias notas de números observadas entre os romanos 428

Capítulo XVIII

Das notas e figuras dos gregos..... 430

Capítulo XIX

Das notas dos hebreus e caldeus, e algumas outras
notas dos magos..... 432

Capítulo XX

Quais números são atribuídos às letras; e da adivinhação
por meio destes 434

Capítulo XXI

Quais números são consagrados aos deuses,
a quais são atribuídos e a quais elementos..... 437

Capítulo XXII

Das tabelas dos planetas, suas virtudes e suas formas, e quais nomes
divinos, inteligências e espíritos são a eles associados..... 440

Capítulo XXIII

Das figuras e corpos geométricos, por qual virtude eles são poderosos
na magia e quais combinam com cada elemento e o céu..... 453

Capítulo XXIV

De sua harmonia musical, força e poder..... 457

Capítulo XXV

De som e harmonia, e sua magnificência em operação 461

Capítulo XXVI

A respeito da concordância entre eles com os corpos celestes, e qual a
harmonia e som correspondentes a cada estrela 465

Capítulo XXVII

Da proporção, medida e harmonia do corpo do homem..... 472

Capítulo XXVIII

Da composição e harmonia da alma humana 483

Capítulo XXIX

Da observação dos celestiais necessária em todo trabalho de magia 485

Capítulo XXX

Quando os planetas têm sua influência mais poderosa..... 487

Capítulo XXXI

Da observação das estrelas fixas e de sua natureza..... 491

Capítulo XXXII

Do Sol, da Lua e de suas considerações mágicas..... 495

Capítulo XXXIII

Das vinte e oito mansões da Lua e de suas virtudes..... 499

Capítulo XXXIV

Do movimento verdadeiro dos corpos celestes a ser observado na oitava esfera e da base das horas planetárias 503

Capítulo XXXV

Como algumas coisas artificiais, como imagens, selos e outras, podem obter alguma virtude dos corpos celestes..... 506

Capítulo XXXVI

Das imagens do zodíaco, e quais virtudes, uma vez gravadas, recebem das estrelas..... 509

Capítulo XXXVII

Das imagens das faces e daquelas imagens que estão fora do zodíaco..... 511

Capítulo XXXVIII

Das imagens de Saturno..... 517

Capítulo XXXIX

Das imagens de Júpiter 519

Capítulo XL

Das imagens de Marte..... 521

Capítulo XLI

Das imagens do Sol..... 522

Capítulo XLII

Das imagens de Vênus..... 523

Capítulo XLIII

Das imagens de Mercúrio 525

Capítulo XLIV

Das imagens da Lua..... 526

Capítulo XLV

Das imagens da cabeça e do rabo do Dragão da Lua..... 527

Capítulo XLVI

Das imagens das mansões da Lua..... 529

Capítulo XLVII

Das imagens das estrelas fixas de Behenia 532

Capítulo XLVIII

De figuras geomânticas intermediárias entre imagens e caracteres..... 534

Capítulo XLIX

De imagens cuja figura não se parece com nenhuma figura celestial, mas antes com aquela que a mente do trabalhador deseja 537

Capítulo L

De certas observações celestiais e da prática de algumas imagens..... 540

Capítulo LI

De caracteres feitos segundo a regra e a imitação de celestiais e como, com sua tabela, eles são deduzidos a partir de figuras geométricas..... 545

Capítulo LII

De caracteres desenhados das próprias coisas por meio de certa semelhança 550

Capítulo LIII

Nenhuma adivinhação é perfeita sem a Astrologia.....555

Capítulo LIV

De loterias, quando e de onde a virtude da adivinhação é a elas incidente558

Capítulo LV

Da alma do mundo, dos celestiais, de acordo com as tradições dos poetas e dos filósofos561

Capítulo LVI

O mesmo se confirma pela razão563

Capítulo LVII

A Alma do Mundo e as almas celestiais são racionais e partilham da compreensão divina.....565

Capítulo LVIII

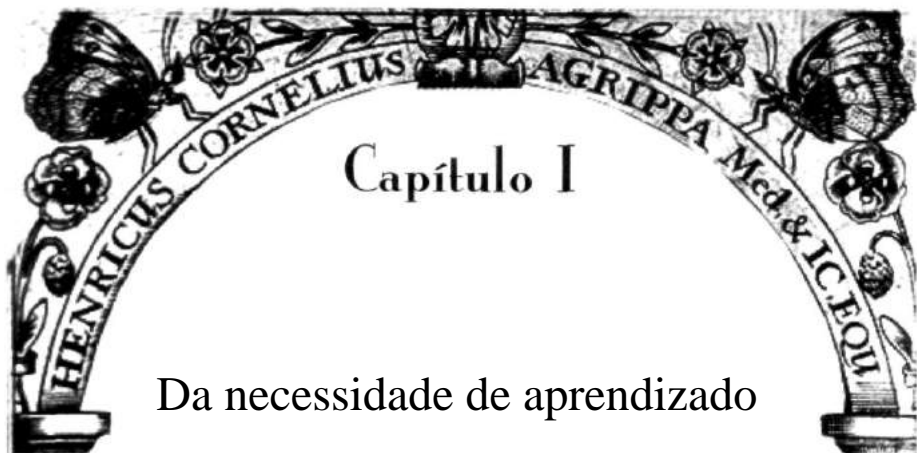
Dos nomes dos celestiais e de sua regência sobre este mundo inferior - o homem567

Capítulo LIX

Dos sete regentes do mundo, dos planetas e de seus vários nomes servindo a recitações mágicas570

Capítulo LX

As imprecções humanas naturalmente imprimem seus poderes nas coisas externas; e a mente do homem, por meio de cada grau de dependência, ascende ao mundo inteligível e se torna semelhante aos mais sublimes espíritos e inteligências.....575



Da necessidade de aprendizado
matemático e das muitas obras
maravilhosas que são
feitas apenas pela arte
matemática



s doutrinas da matemática são tão necessárias para a magia, e têm com ela afinidade, que aqueles que a praticam sem elas se perdem no caminho e labutam em vão, jamais obtendo o efeito desejado. Pois todas as coisas existentes e feitas nessas virtudes naturais inferiores são feitas e governadas por número, peso, medida, harmonia, moção e luz. E todas as coisas que vemos no inferior se fundamentam nessas doutrinas.

Entretanto, sem as virtudes genuínas das doutrinas matemáticas, apenas obras como as naturais podem ser produzidas, como dizia *Platão*,¹ algo que não partilha de verdade ou divindade, mas sim de certas imagens próximas a elas, como corpos em movimento ou falando que, no entanto, são desprovidos da faculdade animal, como aqueles que os antigos chamavam de imagens de *Dédalo*,² e *αυτομαατα*,³ o qual

Aristóteles menciona, ou seja, imagens de três pés⁴ de *Vulcano*⁵ e *Dédalo* movendo-se, as quais *Homero* dizia⁶ terem sido criadas por si mesmas e que, pelo que lemos, se moveram no banquete de *Hiarba*, o exercitador filosófico: assim aquelas estátuas de ouro, que exerceram o ofício de portadores de taça e cortadores de carne para os convidados. Lemos também a respeito das estátuas de *Mercúrio*,⁷ que falavam; da andorinha de madeira de *Arthita*, que voava de verdade; e dos milagres de *Boécio*, que *Cassiodoro* menciona, ou seja, *Diomedes* em bronze tocando uma trombeta e uma cobra de bronze que sibilava, e imagens de pássaros que cantavam melodiosamente.

São desse tipo aqueles milagres de imagens que procedem da geometria e da ótica, que o primeiro menciona na parte em que falamos do elemento Ar.⁸ Objetos de vidro, alguns côncavos, outros no formato de colunas, representando as coisas no ar, e que parecem sombras, a distância:

do tipo que *Apolônio* e *Vitélio*, em seus livros *De Perspectiva* e *Speculis*, ensinam a fazer e usar.⁹

E lemos também que *Magno Pompeu* trouxe um certo vidro,¹⁰ entre os espólios do Oriente, a Roma, no qual eram vistos exércitos de homens armados. E existem certos vidros transparentes que, embebidos no suco de certas ervas e irradiados com uma luz artificial, enchem o ar ao redor de visões.¹¹ E eu sei como fazer vidros recíprocos, nos quais ao incidir o brilho do Sol todas as coisas iluminadas por seus raios parecem estar a muitas milhas de distância.

Assim, um mago especializado em Filosofia natural matemática, conhecedor das ciências que consistem em ambas, como Aritmética, Música, Geometria, Óptica, Astronomia e as ciências de pesos, medidas, proporções, artigos e juntas, e que também conheça as artes mecânicas delas resultantes, pode sem dificuldade, se superar outros homens em arte e inteligência, fazer muitas coisas extraordinárias, as quais são admiradas pelos homens mais prudentes e sábios.

Não existem, por acaso, algumas relíquias remanescentes das obras dos antigos, isto é, os pilares de *Hércules*¹² e de *Alexandre*, o Portão de Cáspia, feito de bronze e adornado com barras de ferro, os quais não podem ser quebrados por nenhuma arte ou invenção? E a pirâmide¹³ de *Júlio César*, erguida em Roma perto da colina do Vaticano, as montanhas construídas pela arte¹⁴ no meio do mar e as torres e pilhas de pedras,¹⁵ como as que vi na Inglaterra, colocadas juntas por uma incrível arte.

E lemos de historiadores fidedignos que, em tempos remotos, se

cortavam rochas e se convertiam vales e montanhas em planícies, também se escavava através das rochas, promontórios eram abertos no mar, as entranhas da Terra eram escavadas, rios eram divididos,¹⁶ mares se juntavam a mares,¹⁷ ou eram refreados, seu fundo vasculhado, lagoas drenadas, charcos secos, novas ilhas criadas¹⁸ e depois devolvidas ao continente,¹⁹ tudo aparentemente contrário à natureza; e, no entanto, lemos que tais coisas eram feitas, e vemos algumas relíquias delas ainda existentes, que as pessoas vulgares atribuem às obras do Diabo, uma vez que a lembrança delas já não existe, e tampouco há quem se digne a estudá-las ou compreendê-las.

É por isso que, diante de alguma visão extraordinária, eles a atribuem ao Diabo e à sua obra, ou a consideram um milagre, quando na verdade é uma obra da filosofia natural ou matemática. Como alguém ignorante da virtude da magnetita, vendo ferro pesado atraído para cima, ou suspenso no ar (como lemos acerca da imagem de Mercúrio em Treveris, suspensa no meio do templo por magnetitas,²⁰ fato atestado neste verso: O porta-varas branco de ferro voa no ar. E efeito semelhante lemos a respeito da imagem do Sol em Roma, no tempo de *Serapis*),²¹ não pensaria, por acaso, se fosse ignorante, que tal obra é do Diabo? Mas aquele que conhece a virtude da magnetita em relação ao ferro e a experimenta, não mais se surpreenderá, percebendo ser obra da natureza.

No entanto, cabe aqui ressaltar que, assim como pelas virtudes naturais nós adquirimos virtudes naturais, também pelas virtudes abstra-

tas, matemáticas e celestiais recebemos virtudes celestiais, tais como movimento, vida, sentido, fala, clarividência e adivinhação, mesmo em matéria menos propensa, como aquela que não é produzida pela natureza, mas apenas pela arte. Por isso, diz-se que as imagens que falam e preveem eventos futuros - como relata Guilherme de Paris acerca de uma cabeça de bronze²² feita sob a ascendência de Saturno -²³ falavam com voz humana. Mas aquele que escolher uma matéria propensa e apropriada para receber, como poderoso agente, sem

dúvida produzirá efeitos mais poderosos. Pois os pitagóricos são da opinião de que, assim como as coisas matemáticas são mais formais que naturais, também são mais eficazes: tendo menos dependência em seu ser, o mesmo acontece em sua forma de operar. Mas, entre todas as coisas matemáticas, os números, tendo em si mais forma, são também mais eficazes, e a eles não só os filósofos pagãos, mas também os videntes hebreus e cristãos atribuem virtude e eficácia, além do dom de efetuar o bem ou o mal.

Notas - Capítulo

1. Ver nota 8, cap. LXIII, l. III.

2. Das estátuas de madeira espalhadas por toda a Grécia antiga, chamadas *daidala*, Platão dizia o seguinte: “Suas afirmações, Eutifro, parecem obra de Dédalo, fundador de minha linhagem. Se eu as tivesse feito, se fossem minhas as declarações, sem dúvida você caçoaria de mim e diria que as figuras que construo em palavras fogem correndo, como faziam as estátuas, e nunca ficam onde são colocadas” (*Eutifro* 11c [Hamilton and Cairns, 180]). E, em outro lugar, ele faz uma referência semelhante:

Sócrates: Isso é porque você não observou as estátuas de Dédalo. Talvez elas não existem em sua terra. Menon: Por que diz isso? Sócrates: Elas também, se não forem bem amarradas, correm e fogem. Se amarradas, porém, permanecem onde são colocadas (*Menon* 97d [Hamilton and Cairn, 381]). Quanto à *daidal*, ver nota biográfica de Dédalo.

3. avTOuaTa - Autômatos: invenções que se movem sozinhas.

4. Tripés, receptáculos ornamentais geralmente oferecidos como prêmios ou oferendas votivas. Eram pilhados em guerra e serviam quase como unidades monetárias.

5. Deus romano do fogo e artífice que é associado e confundido com o deus grego Hefaeosto. Nos tempos clássicos, os dois eram tratados como se fossem a mesma divindade. Ele era o filho de Zeus e Hera, ou só de Hera, manco de um pé, mas forte e robusto, com um belo rosto barbado e braços poderosos. As moradas dos deuses e todas as suas posses mágicas e belas joias eram feitas por Hefaeosto, que, apesar de seu talento, era constantemente caçoado por seu defeito físico: “Mas, entre os abençoados imortais, um riso incontrolável eclodia quando viam Hephaistos mancando pelo palácio” (Homero, *Iliada* 1, linhas 599-600 [Lattimore, 75]). Homero caracteriza o deus ao mesmo tempo como um excelente artesão (*Odisseia* 8, linhas 272-81 [Lattimore, 128]) e o senhor do calor e das chamas (*Iliada* 21, linhas 342-76 [Lattimore, 427-8]).

6. Dos 20 tripés, confeccionados pelo ferreiro dos deuses Hefaeosto, Homero escreve o seguinte: “E ele tinha colocado rodas de ouro sob a base de cada um, de modo que, com seu movimento, elas podiam conduzi-lo aos recintos dos imortais e levá-lo de volta à sua casa: um verdadeiro deleite para os olhos” (*Iliada* 8, linhas 375-8 [Lattimore, 385]). Homero também escreve a respeito dos auxiliares mecânicos que ajudavam o deus manco a andar: “São dourados e se parecem com jovens mulheres. Seus corações possuem inteligência, e eles falam e têm força, e com os deuses imortais aprenderam a fazer coisas” (*Ibid.*, linhas 418-20 [Lattimore, 386]).

7. Ver nota 11, cap. LII, l. III.

8. Ver cap. VI., l. I.

9. Um método de projetar imagens com espelhos côncavos e planos era conhecido desde tempos remotos, sendo descrito por Roger Bacon em sua obra *De speculis*.
10. Pompeu deve ter obtido esse espelho enquanto perseguia o exército em fuga de Mitradates, em 65 a.C, ou durante a subseqüente campanha oriental, em dois anos de guerra, na Síria e na Palestina. Ou seria um telescópio rudimentar?
11. Parece a descrição de um projetor de *slides* que devia projetar na parede as sombras das substâncias aderentes ao vidro.
12. Os pilares de Hércules são as duas grandes rochas que se erguem em lados opostos da entrada para o Mar Mediterrâneo. De acordo com o mito, elas antes estavam juntas, mas Hércules as separou para entrar em Cádiz.
13. Nesse caso, um obelisco, um único grande bloco de pedra esculpido na forma de um pilar de quatro faces, com um topo piramidal revestido de metal refletor. Os imperadores romanos admiravam esses obeliscos no Egito e roubaram muitos deles para instalar em Roma.
14. Talvez essas lendas tenham se originado por causa dos atóis de corais, que às vezes são muito simétricos, ou de elevações vulcânicas e que aparecem de forma súbita.
15. Stonehenge ou algum sítio arqueológico semelhante.
16. Os prodígios na lista precedente parecem derivar da descrição de Platão das grandes obras de construção de Atlântida, em *Crítias*.
17. Os egípcios construíram um canal entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho:

Pasammethicus teve um filho chamado Necos, que o sucedeu no trono. Esse príncipe foi o primeiro a tentar construir o canal para o Mar Vermelho - uma obra que foi completada mais tarde, por Dario, o Persa -, cuja extensão leva quatro dias para ser percorrida, e cuja largura acomoda dois trirremes, sendo remados lado a lado (Heródoto, *História* 2 [Rawlinson, 137]).

18. Talvez seja uma referência ao lago artificial de Moeris: “É sem dúvida uma escavação artificial, pois quase no centro se erguem duas pirâmides, elevando-se à altura de 50 braças acima da superfície do mar e se estendendo a igual distância para baixo, sendo cada uma coroada com uma estátua colossal sentada em um trono” (*Ibid.*, 134).
19. A Ilha de Pharos se ligava à cidade egípcia de Alexandria por meio de um dique artificial chamado de Heptastadium.
20. E, assim, se a arte humana pode chegar a tais conclusões, que aqueles que não as conhecem as julgam como efeitos divinos - como no caso de uma imagem de ferro suspensa em um certo templo pareceu tão estranha que os ignorantes acreditaram mesmo ter visto a obra do poder imediato de Deus; o efeito, porém, produziu-se, porque a imagem se encontrava entre duas magnetitas, sendo uma colocada no telhado do templo e outra, no piso, sem nada tocar...” (Agostinho, *Cidade de Deus* 21.6 [Healey, 2:326]).

O arquiteto Timochares começou a construir um telhado abobadado de magnetita no Templo de Arisnõe [esposa e irmã do rei Ptolomeu II do Egito], em Alexandria, para que a estátua de ferro dessa princesa causasse a impressão de estar suspensa no ar: a morte do arquiteto, porém, e a do próprio rei Ptolomeu, que encomendara a construção desse monumento em homenagem à sua irmã, impediram a realização do projeto (Plínio 34.42 [Bostock e Riley, 6:209]).

É muito provável que a obra tenha sido interrompida quando Timochares começou a perceber a enormidade das dificuldades técnicas envolvidas em tal feito de engenharia, e que a escala por ele planejada era, na verdade, impossível. O poeta latino Claudius Claudianus, que viveu no início do século IV, menciona um templo que tinha a estátua de Vênus, feita de magnetita, e outra de Marte, feita de ferro. Nas cerimônias de casamento, deixavam as duas se aproximar. Se as duas estátuas fossem suspensas em fios e delicadamente baixadas até se juntarem, isso é plausível.

21. A forma ptolomaica de Osíris, uma possível combinação dos nomes Ápis e Osíris: “Mas a maioria dos sacerdotes diz que Osíris e Ápis são um único ser complexo, enquanto nos dizem em seus comentários sagrados e sermões que devemos ver em Ápis a bela imagem da alma de Osíris”(Plutarco, *Ísis e Osíris* 29 [Goodwin, 4:90]). Serapis era associado ao Sol, assim como Ísis à Lua, e considerado o “companheiro masculino de Ísis” (Budge 1904, 2:20:349). Seu culto foi

introduzido em Roma na época de Sula (81-79 a.C.) e, apesar da resistência tanto do senado quanto do futuro imperador Augusto, logo se firmou.

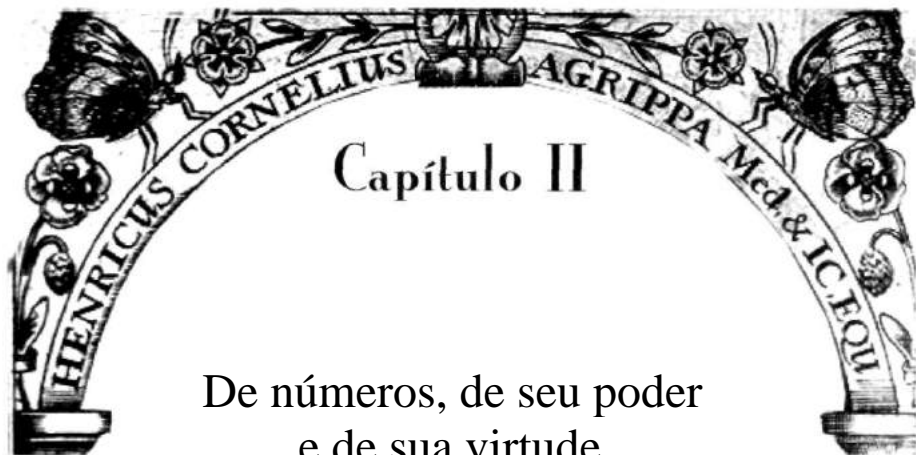
22. Contos de cabeças oraculares feitas de bronze eram bem populares. Brewer (1870) cita cinco, sendo a mais notável a de Alberto Magno, que levou 30 anos para ser feita e foi destruída por seu discípulo, Tomás de Aquino, que também teria esmagado o porteiro automático de seu mestre. Também é famosa a história de Roger Bacon:

Sete anos lançando feitiços nigromânticos,
Perscrutando os obscuros princípios de Hécate,
Eu confeccionei uma monstruosa cabeça de bronze,
A qual, pelas forças encantadoras do Diabo,
É capaz de narrar estranhos e misteriosos aforismos,
E cingir a bela Inglaterra com uma muralha de bronze.

(Robert Green, “Friar Bacon and Friar Bungay”, sc. 11, linhas 17-22. In *Elizabethan Plays*, ed. Arthur H. Nethercot, Charles R. Baskervill e Virgil B. Heitzel [Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1971]).

Segundo Lewis Spence, foi revelado em 1818 que, no Museu Imperial de Viena havia sido descobertas várias cabeças de Baphomet, o deus dos cavaleiros templários: “Essas cabeças representam a divindade dos gnósticos, chamada *Mêté*, ou Sabedoria. Por muito tempo foi preservada em Marselha uma dessas cabeças douradas, apanhadas em um recanto dos templários, quando estes estavam sendo perseguidos pela lei” (Spence 1920, 203).

23. Acreditava-se que a cabeça de Baphomet possuía uma barba e chifres de bode ou, por algum outro motivo, era uma cabeça de bode (*Ibid.*, 63-4). Saturno, retratado como um antigo homem barbado, rege o signo zodiacal de Capricórnio, o Bode.



De números, de seu poder e de sua virtude



Severino Boécio dizia¹ que todas as coisas feitas pela natureza das coisas em sua primeira Era parecem ser formadas pela proporção dos números, pois esse foi o principal padrão na mente do Criador. Portanto, tomou-se emprestado o número dos elementos, e daí o decorrer dos tempos, o movimento dos astros, a revolução do firmamento, e o estado de todas as coisas subsistirem graças à união dos números. Os números, por conseguinte, são dotados de grandes e sublimes virtudes.

E não nos deve surpreender, diante da existência de tantas e tão grandiosas virtudes ocultas nas coisas naturais, ainda que de operações manifestas, que haja nos números virtudes ainda muito maiores e mais ocultas, mais maravilhosas e eficazes, pois são mais formais, mais perfeitas e ocorrem naturalmente nos celestiais, não se misturando com substâncias separadas; e tendo por fim a maior e mais simples mistura com as ideias na mente de Deus, das quais recebem suas virtudes apropriadas e mais eficazes: são

também de mais força e conduzem melhor à obtenção dos dons espirituais e divinos, assim como nas coisas naturais, as qualidades naturais são poderosas para transmutar qualquer coisa elementar.

Novamente, todas as coisas existentes e também feitas subsistem e recebem sua virtude dos números. Pois o tempo é constituído de números, bem como todo movimento, toda ação e todas as coisas sujeitas ao tempo e ao movimento.² Também a harmonia e as vozes recebem seu poder e são constituídas de números, e suas proporções são oriundas de números por linhas e pontos que compõem caracteres e figuras: e estes são apropriados para as operações mágicas, sendo o meio entre os dois obtido pelo declínio até os extremos, como no uso de letras.³

E, por fim, todas as espécies de coisas naturais e daquelas coisas que estão acima da natureza são unidas por certos números. Nesse sentido, dizia *Pitágoras*⁴ que o número é aquilo de que todas as coisas são constituídas, e a cada número ele atribui uma virtude. E *Proclo* dizia que o

número sempre tem em si um ser: mas há um na voz, outro na proporção, outro na alma e na razão, e outro nas coisas divinas. *Themistius*, *Boécio* e *Averrois*, o Babilônio, por sua vez, junto com *Platão*, exaltam os números, chegando a afirmar que nenhum homem pode ser um verdadeiro filósofo sem eles.

Ora, eles falam de um número racional e formal, não de um número material, sensível ou vocal, do número em compra e venda dos mercadores,⁵ do qual os pitagóricos, os

platônicos e nosso *Agostinho* não fazem a menor menção, mas o qual aplicam a uma proporção dele resultante, número que chamam de natural, racional e formal, de onde fluem muitos mistérios, assim como em coisas naturais, divinas e celestes. Por meio do número, traça-se um caminho para encontrar e compreender todas as coisas cognoscíveis. Por meio dele, tem-se acesso à profecia natural: e o abade *Joaquim* não profetizava de nenhum outro modo, senão pelos números.

Notas - Capítulo II

1. Ver Boécio, *A Consolação da Filosofia* 3.9, cuja substância vem de *Timaeus*, de Platão 29-42.

2. “O tempo é o número do movimento dos corpos celestes”(Proclo *On Motion* 2. Em Taylor [1831] 1976, 86).

3. Agrippa parece estar dizendo que a eficácia das letras deriva da harmonia numérica da voz e da geometria numérica de seus símbolos escritos.

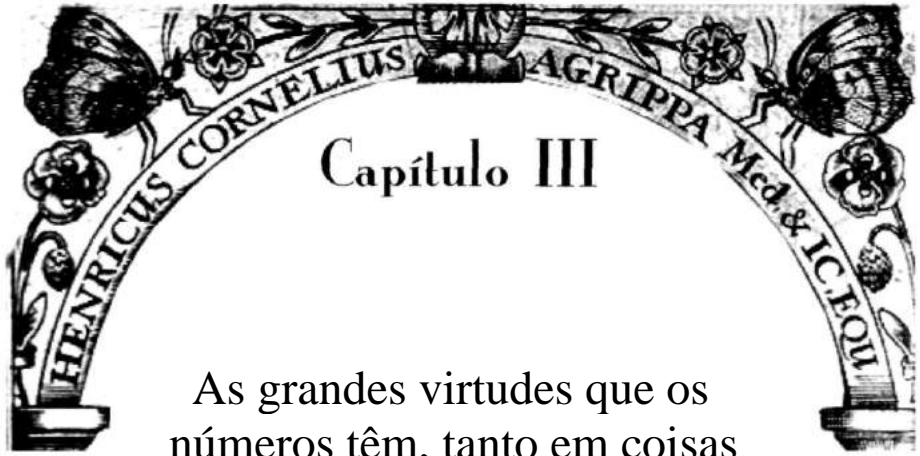
4. Mas os pitagóricos diziam, nesse sentido, que existem dois princípios, os quais acrescentavam o pensamento que lhe é peculiar, de que a finitude e o infinito não eram atributos de certas coisas, como do fogo ou da terra, ou qualquer outra dessa espécie, mas que o infinito em si e a unidade em si eram a substância das coisas predicadas. Por isso, o número seria a substância das coisas (Aristóteles, *A Metafísica*. 1.5.987a [McKeon, 700]).

E Aristóteles ainda diz:

...e como, então, todas as outras coisas parecem, em sua total natureza, ser moldadas sobre números, e os números parecem ser as primeiras coisas em toda a natureza, supõe-se que os elementos dos números são os elementos de todas as coisas, e que todo o céu seja uma escala e um número (*Ibid.*, 985b [McKeon, 698]).

Os dois princípios dos pitagóricos eram o limite e o ilimitado, os quais eles identificavam, respectivamente, com os números ímpares e pares.

5. Seria, portanto, conveniente, caro Glauco, que se determinasse por lei esse aprendizado e que se convencessem os cidadãos, que hão de participar dos postos governativos, a dedicarem-se ao cálculo e a aplicarem-se a ele, não superficialmente, mas até chegarem à contemplação da natureza dos números unicamente pelo pensamento, não cuidando deles por amor à compra e venda, como os comerciantes ou mercadores, mas por causa da guerra e para facilitar a passagem da própria alma da mutabilidade à verdade e à essência (Platão, *A República*, 7.525c).



As grandes virtudes que os números têm, tanto em coisas naturais quanto sobrenaturais



ue existe grande eficácia e virtude nos números, tanto para o bem quanto para o mal, ensinam não só os mais eminentes filósofos, em unanimidade, mas também os doutores católicos, particularmente *Hierom*, *Agostinho*, *Orígenes*, *Ambrósio*, *Gregório de Naziazem*, *Atanásio*, *Basilio*, *Hilário*, *Rabanus*, *Bede* e muitos outros que assim confirmam. Assim, *Hilário*, em seus Comentários a respeito dos Salmos, atesta que os anciões,¹ de acordo com a eficácia de seus números, puseram os Salmos em ordem. Também *Rabanus*, famoso doutor, compôs um livro excelente das virtudes dos números.

Mas as grandiosas virtudes que os números têm se manifestam na erva chamada cinco-folhas, ou seja, uma gramínea de cinco folhas; pois ela resiste a venenos pela virtude do número cinco; também afasta demônios, conduz à expiação;² e uma folha dela tomada duas vezes por dia em vinho cura a febre de um dia; três vezes, a febre terça; quatro, a quarta.³

De modo semelhante, quatro grãos da semente de girassol,⁴ bebidos, curam a quartã, mas três grãos curam a terça. Do mesmo modo, dizem que a verbena⁵ cura febres se for bebida em vinho, desde que para a febre terça ela seja cortada a partir da terceira junta, e para a quartã, a partir da quarta. Dizem ainda que, se uma serpente for golpeada uma vez com uma lança, morre; duas vezes, ganha força. Esses e muitos outros casos são lidos e testificados em diversos autores.

Precisamos saber de onde eles vêm, causa que certamente existe e que é uma proporção variada de diversos números entre si. Há também um extraordinário experimento do número sete, pois todo sétimo macho,⁶ nascido sem uma fêmea antes, tem poder de curar o mal do rei só pelo toque ou com a palavra. Também se acredita que toda sétima filha nascida ajuda maravilhosamente em partos: aqui não se considera o número natural, mas a consideração formal que existe no número.

E que aquilo que mencionamos antes seja sempre lembrado: esses

poderes não se encontram nos números vocais ou em números de mercadores, comprando e vendendo, mas nos racionais, formais e naturais; esses são os mistérios distintos de Deus e da natureza. Mas aquele que sabe juntar os números vocais e os naturais com os divinos, e ordená-los na mesma harmonia, será capaz de trabalhar e conhecer as coisas pelos números; os pitagóricos professam que podem diagnosticar muitas coisas pelos números dos nomes,⁷ o que com certeza - a menos que aí se esconda um grande mistério - nos remonta ao Apocalipse⁸ de *João*, dizendo que aquele que tem entendimento que calcule o número do nome da besta, que é o número de um homem, e essa é a forma de cálculo mais famosa entre os he-

breus e cabalistas, como mostraremos mais adiante.

Mas saiba que números simples significam coisas-divinas: números de 10; celestiais: de 100; terrestres: números de 1.000; aquelas coisas que se darão em uma época futura. Além disso, as partes da mente correspondem a uma mediocridade aritmética, por razão da identidade ou de igualdade de excesso unidas; mas o corpo, cujas partes diferem em grandeza, é composto de acordo com uma mediocridade geométrica; mas um animal se constitui de ambos, alma e corpo, de acordo com essa mediocridade, que é apropriada para a harmonia: por isso, os números atuam muito sobre a alma, as figuras, sobre o corpo, e a harmonia, sobre todo o animal.

Notas - Capítulo III

1. Números 11:16.

2. Evitar o mal.

3. Relata-se que quatro ramos [da cinco-folhas] curam a febre quartã, três, a febre terçã, e um ramo, a febre cotidiana: além de outras coisas vãs e frívolas, e muitas que são encontradas não só em *Dioscorides*, mas também em outros autores, os quais nós apoiamos (Gerard 1633, 2:382-H:992).

4. Espécie de girassol (*Crotophora tinctoria*) pequena, ou fêmea. Também chamada de *heliotrophium minus*, segundo Gerard, não porque ela se vira para o Sol, mas porque floresce no solstício de verão. É uma pequena planta rasteira, amarela, com pequenas flores cinzas e amarelas, dispostas de modo irregular. Não confundir com o girassol grande, da espécie *Heliotrophius europaeum*).

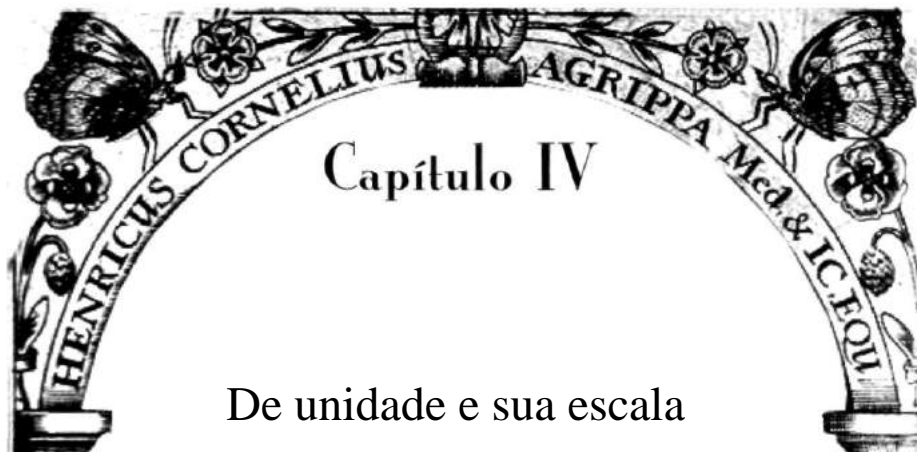
5. Ela [a verbena] é conhecida por ter uma singular força contra as febres terçãs e quartãs: mas você deve observar as regras de mamãe *Bombies* e usar o número exato de nós, ou ramos, e não mais; do contrário, pode lhe fazer mal. Muitas fábulas populares foram escritas acerca da Verbena e sua propensão para a feitiçaria e bruxaria, que podem ser lidas em vários lugares, pois não desejo perturbar o leitor com essas banalidades, que ouvidos honestos não gostam de ouvir (Gerard 1633, 2:246-C:718-9).

Mamãe *Bombie* é uma espécie de figura lendária, como uma rainha das bruxas. Parece que Gerard tinha um pouco de medo do tema da magia.

6. O poder de cura também residia no sétimo filho de um sétimo filho.

7. ... das descobertas feitas por Pitágoras, uma das mais exatas é o fato de que, no nome dado aos bebês, um número ímpar de vogais é portentoso de manqueira, perda de visão ou acidentes semelhantes no lado direito [macho] do corpo e um número par de vogais das mesmas enfermidades no lado esquerdo [feminino]" (Plínio 28.6 [Bostock e Riley 5:287-8]).

8. Apocalipse 13:18.



De unidade e sua escala



rateamos agora, de modo particular, dos números em si e, como o número nada mais é que uma repetição de unidade, consideremos primeiro a unidade em si.

Pois a unidade simplesmente permeia todo número e é a medida comum, a fonte e o modelo original de todos os números; contém todos os números nele unidos integralmente; é o princípio de toda multidão, sempre a mesma, imutável; portanto, também sendo multiplicada por si mesma; produz nada além de si mesma; é indivisível, destituída de todas as partes; mas, embora pareça sempre dividida, não é cortada, mas na verdade multiplicada em unidades; no entanto, nenhuma dessas unidades é maior ou menor que a unidade como um todo, pois uma parte é menos que um todo; não é, portanto, multiplicada em partes, mas em si mesma.¹

É por isso que alguns a chamam de concórdia, alguns de piedade e outros de amizade, pois é tão coesa que não pode ser cortada em partes. Mas *Martianus*, de acordo com a opinião de *Aristóteles*, dizia que era chamada de *Cupido*,² porque sempre fica só e para sempre se lamentará, e além de

si mesma nada tem; mas, sendo desprovida de todo orgulho, ou par, dirige seu próprio calor para si mesma.

Ela é, portanto, o começo e o fim de todas as coisas; ela em si não possui começo nem fim. Nada existe antes do um, e nem depois; e além dele nada existe, e todas as coisas existentes desejam essa unidade, porque todas as coisas dela procedem, e, como todas as coisas podem ser a mesma, é necessário que da primeira coisa façam parte; e como as coisas vieram de uma e se tornaram muitas, também todas as coisas se empenham em retornar àquela primeira de onde vieram. É necessário que retrocedam da multidão de coisas.

Assim nos referimos ao Deus altíssimo que, vendo ser ele um e inumerável, cria, no entanto, coisas inumeráveis a partir de Si mesmo, e em Si mesmo as contém. Existe, portanto, um Deus, um mundo desse um Deus, um Sol desse mundo, também uma fênix no mundo, um rei entre as abelhas,³ um líder entre os rebanhos de gado, um governante entre os rebanhos de animais, enquanto os groux seguem um,⁴ e muitos outros animais prezam a unidade; entre os membros do corpo, há um principal que guia

todos os outros, seja ela a cabeça ou (como alguns acreditam) o coração. Há um elemento dominante e que penetra todas as coisas, ou seja, o Fogo.

Há uma coisa⁵ criada de Deus, objeto de toda a admiração, na Terra ou no céu; é na verdade animal, vegetal e mineral, encontra-se em todo lugar, é conhecida por poucos, e por ninguém chamada pelo nome adequado, mas coberta de figuras e enigmas, sem a qual nem a Alquimia nem a Magia natural podem alcançar seu fim ou sua perfeição.

De um homem, Adão, todos os homens procedem; dele, todos se

tornam mortais; e pelo único *Jesus Cristo* todos são regenerados; e, como disse *Paulo*,⁶ há um Senhor, uma fé, um batismo, um Deus, um Pai de todos, um mediador entre Deus e o homem, um Criador altíssimo, que está acima de todos nós, é por todos nós e existe em todos nós. Pois há um só Pai, Deus, de onde todos provêm, e todos estamos nele; nosso Senhor *Jesus Cristo*, que é por todos e por quem nós somos: um Espírito Santo de Deus, quem vem a todos e ao qual todos nós vamos.

A escala de unidade

No mundo exemplar	☉ Yod	Uma essência divina, a fonte de todas as virtudes e poder, cujo nome é expresso com a letra
No mundo intelectual	A Alma do Mundo	Um intelecto supremo, a primeira criatura, a fonte das
No mundo celestial	O Sol	Um rei de estrelas, a fonte de vidas
No mundo elemental	A Pedra Filosofal	Um sujeito e instrumento de todas as virtudes, naturais e
No mundo menor	O Coração	Um primeiro viver e último morrer
No mundo infernal	Lúcifer	Um príncipe de rebelião, de anjos e das trevas

Notas - Capítulo IV

1. Qualquer coisa, se dividida, produz várias coisas únicas, cada uma sendo também única. E a unicidade de uma coisa não pode ser maior ou menor que a unicidade de outra coisa.

2. O Eros romano que, segundo Hesíodo, era o terceiro nascido:

No princípio era o caos, mas logo em seguida veio
A Terra com seu vasto peito, assegurando a morada
Para todos os deuses que vivem no nevado Monte Olimpo,
E o enevadoo Tártaro, em um recesso
Da vasta e ampla terra, e o Amor, mais belo
De todos os deuses imortais. Ele deixa os homens fracos,
Fortalece a astuta mente e doma
O espírito no peito de homens e deuses.
(Hesíodo, *Teogonia* [Wender, 27])

3. Os antigos tinham a noção errônea de que a única abelha gigante em cada colmeia era o rei, quando na verdade é uma fêmea e rainha. Ver a descrição de Virgílio da guerra entre dois “reis” rivais em *Geórgicas* 4, c. linha 67.

4. “De comum acordo, esses pássaros concordam em que momento deverão partir, voam alto para ver longe, escolhem um líder e estabelecem sentinelas na retaguarda, que se substituem em turnos, emitem gritos altos e com sua voz mantêm toda a frota em voo organizado” (Plínio 10.30 [Bostock e Riley, 501]).

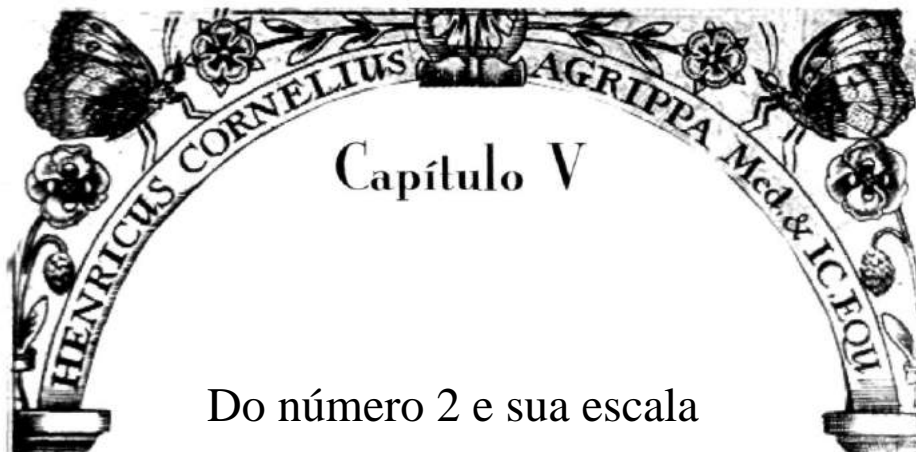
5. O misterioso *Azoth* dos filósofos - uma palavra cunhada pelos alquimistas herméticos a partir da primeira e última letras dos alfabetos latino, grego e hebraico, para significar a essência oculta que permeia o Universo. Paracelso é representado com a palavra - menos a primeira letra - inscrita no pomo de sua espada em uma xilogravura de 1567 (ver página seguinte).

6. I Coríntios 12:4-13.




Paracelso mostrando as últimas letras de Azoth no pomo de sua espada.

Extraído de Astronomica et Astrologica opuscula, de Teofrasto Paracelso (Colônia, 1567)



Do número 2 e sua escala

primeiro número é 2, porque é o primeiro aglomerado. Não pode ser medido por nenhum outro número além da unidade, a medida comum a todos os números; não é composto de números, mas de uma unidade apenas; também é chamado de um número descomposto; mas mais corretamente de não composto; o número 3 é chamado de o primeiro número descomposto; mas o 2 é a primeira ramificação da unidade e a primeira procriação.¹

Daí o termo geração, e *Juno*,² e uma imaginável corporação,³ a prova do primeiro movimento, a primeira forma de paridade: o número da primeira igualdade, extremidade e distância entre os extremos e, portanto, de peculiar equidade e do próprio ato em si porque consiste em dois igualmente dispostos.⁴ E é chamado de o número da ciência, da memória, da luz, e o número do homem, que é chamado de outro e menor mundo:⁵ também é chamado de número de caridade, de amor mútuo, do casamento e da sociedade, como dizia o Senhor, dois se tornarão uma carne.⁶

E *Salomão* dizia:⁷ é melhor dois juntos que um, pois dois têm o benefício da companhia um do outro; se um cair, é apoiado pelo outro. Ai daquele que estiver sozinho, pois, se cair, ninguém o ajudará; e se dois dormirem juntos, se aquecerão. Como pode se aquecer aquele que se deitar sozinho? E se alguém contra um triunfa, dois resistem.

Também é chamado de número do matrimônio e do sexo; pois há dois sexos masculino e feminino. E duas andorinhas⁸ produzem dois ovos, do primeiro, após chocado, nasce um macho e do segundo, uma fêmea. Também é chamado de meio, o que é capaz, bom e mau, divisor, o princípio da divisão, da multidão, distinção, indica a matéria.

Às vezes, esse é também o número da discórdia e da confusão, do infortúnio e da impureza, daí *Santo Hierom* dizer, contra *Jovianus*,⁹ que tal número não foi dito no segundo dia da criação; e Deus disse que era bom, porque o número dois é do mal.¹⁰ Por isso também Deus ordenou que todos os animais impuros entrassem na arca de dois em dois,¹¹ porque, como eu disse, o número dois é um número

de impureza e infeliz nas previsões, principalmente se aquelas coisas de onde se extraem as previsões forem Saturnais ou marciais, pois são explicadas pelos astrólogos como desafortunadas. Também se reporta que o número 2 causa a aparição de fantasmas e temíveis duendes; e atrai as malvezas de espíritos ímpios àqueles que viajam à noite.

Pitágoras (segundo *Eusébio*)¹² dizia que a unidade era Deus e um intelecto bom; e que a dualidade era um diabo e um intelecto mau, no qual existe uma aglomeração material: daí os pitagóricos dizerem que 2 não é um número, mas sim uma confusão de unidades. E *Plutarco* escreve¹³ que os pitagóricos chamavam a unidade de *Apolo* e o 2 de luta e audácia; e o 3,

justiça, que é a mais alta perfeição, e não sem os seus mistérios.

Por isso, existiam duas tábuas¹⁴ da Lei em Sina, dois querubins¹⁵ cuidando do propiciatório em *Moisés*, duas olivas¹⁶ derramando óleo em *Zacarias*, duas naturezas em Cristo, divina e humana; e, assim, *Moisés* viu duas aparições de Deus, ou seja, seu rosto e suas costas,¹⁷ também dois testamentos, dois mandamentos de amor,¹⁸ duas primeiras dignidades,¹⁹ duas primeiras pessoas, dois tipos de espíritos, bons e maus, duas criaturas intelectuais, um anjo e uma alma, duas grandes luzes,²⁰ dois solstícios,²¹ dois equinócios,²² dois pólos, dois elementos produzindo uma alma viva: Terra e Água.²³

A escala do número 2

No mundo exemplar	יהוה Yah		Os nomes de Deus expressos em duas letras
	לניני EINI		
No mundo intelectual	Um Anjo	A Alma	Duas substâncias inteligíveis
No mundo celestial	O Sol	A Lua	Duas grandes luzes
No mundo elementar	A Terra	A Água	Dois elementos que produzem uma alma vivente
No mundo menor	O Coração	O Cérebro	Duas principais sedes da Alma
No mundo infernal	Behemoth	Leviatã	Dois chefes dos diabos
	Choro	Ranger	Duas coisas que Cristo ameaça aos condenados

Notas - Capítulo V

1. Alguns números são chamados de primos absolutos ou números descompostos... são os únicos números indivisíveis; portanto, nenhum dos números além da unidade (mônada) pode dividir o 3 de uma maneira que o 3 resulte de sua multiplicação. De fato, $1 \times 3 \text{ é } 3$. Do mesmo modo, $1 \times 5 \text{ é } 5$, $1 \times 7 \text{ é } 7$, e $1 \times 11 \dots$ Além disso, apenas os números ímpares podem ser primos e descompostos. De fato, os números pares não são primos nem descompostos; não são medidos apenas pela unidade, mas também por outros números. Por exemplo, a díade mede 4 porque $2 \times 2 \text{ é } 4$; 2 e 3 medem 6 porque $3 \times 2 \text{ são } 6$. Todos os outros números pares, com exceção de 2, também são medidos por números maiores que a unidade. O número 2 é o único entre os números pares que é semelhante aos ímpares, tendo só a unidade para sua medida. Por esse motivo, diz-se que o número 2 tem a natureza dos números ímpares porque possui a mesma propriedade dos ímpares (Theon de Smyrna, *Mathematics Useful for Understanding Plato*, 1.6. traduzido para o inglês por R. e D. Lawlor, a partir da edição francesa de 1892 de J. Dupuis [San Diego: Wizards Bookshelf, 1979], 15-6) [daqui em diante citado como Theon].

2. A forma romana de Hera, esposa de Zeus e segunda em importância no Olimpo.

3. Incorporação.

4. “O primeiro aumento, a primeira mudança a partir da unidade, é feito pela duplicação da unidade que se torna duas, na qual se vê a matéria e tudo o que é perceptível, a geração do movimento a multiplicação e adição, a composição e a relação entre uma coisa e outra” (*Ibid.* 2.41 [Lawlor, 66]).

5. Microcosmo.

6. Gênesis 2:24.

7. Eclesiastes 4:8-12.

8. Talvez uma referência aos *Hieroglifos* de Horapolo, 1.8, embora os pássaros mencionados aqui sejam gralhas, ou corvos, e não andorinhas.

9. *Adversum Jovinianum libri II*, escrito por Jerônimo em 393, em Belém, para denunciar a suposta volta das ideias gnósticas de Jovinianus.

10. Gênesis 1:6-8. Quanto ao segundo dia, o grande comentarista judeu Rashi escreve:

E por que a expressão “que era bom” não foi dita no segundo dia? Porque a obra de criar as águas só foi completada no terceiro dia; pois Ele apenas a começou no segundo; e uma coisa que não está completa não atingiu sua perfeição e seu melhor estado; no terceiro dia, contudo, quando a obra de criar as águas se completou e Ele iniciou e completou outra obra da criação, a expressão “que era bom” foi dita duas vezes. Uma para a completude da obra do segundo dia e a outra para a completude da obra do terceiro dia (*The Pentateuch and Rashi's Commentary 1*, “Genesis” [Brooklyn, NJ: S. S. and R. Publishing, 1949], 6).

11. Gênesis 7:9.

12. Em *Praeparatio evangelica*, uma coletânea de citações clássicas e crenças pagãs em 15 livros.

13. “Também chamavam a unidade de Apolo; o número 2, contenção e audácia; e o número 3, justiça, pois se a injúria e ser injuriado são os dois extremos causados por deficiência e excesso, a justiça vem por meio da igualdade no meio”. Plutarco, *Ísis e Osíris*, 76, traduzido para o inglês por William Baxter [Goodwin 4:133]. Os antigos atribuíam erroneamente a origem do nome Apolo a um termo grego que significava “um”. Ver Plutarco, *The E at Delphi* 9 (Goodwin 4:486-7).

14. Êxodo 31:18.

15. Êxodo 25:18.

16. Zacarias 4:11-2.

17. Êxodo 33:11, 33, 23.

18. Mateus 5:43-44.

19. Primeiros princípios, a saber, o céu e a Terra. Ver Gênesis 1:1.

20. Sol e Lua.

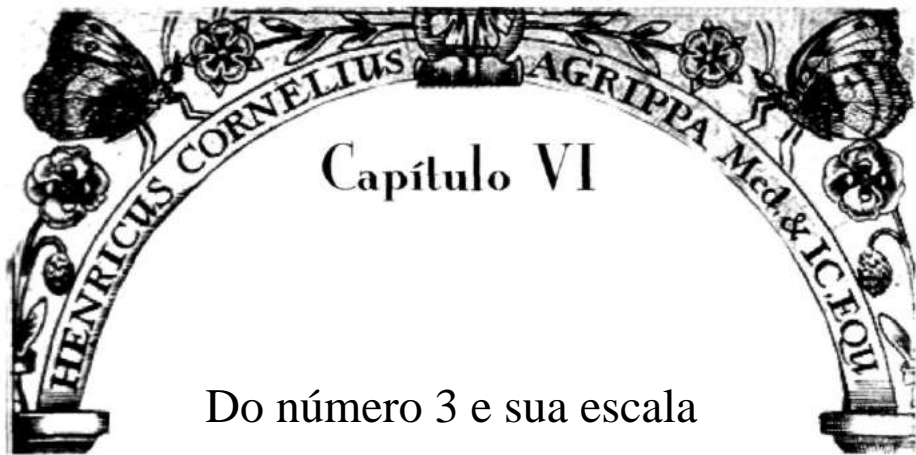
21. Solstício de verão e de inverno.

22. Equinócio de primavera e de outono.


23. Gênesis 2:6-7. A respeito dessa passagem, diz Rashi: “Ele fez as profundezas subirem e as nuvens derramarem água e inundar a terra, e Adão foi criado. Como o padeiro que coloca água na massa, e depois bate a massa, também aqui com água, Ele “formou o homem” (*The Pentateuch and Rashi’s Commentary* 1,20).

Nessa mesma linha, Thomas Vaughan escreve:

Agora falarei da Água. Ela é o primeiro elemento do qual lemos na Escritura, o mais antigo dos princípios e a Mãe de todas as coisas visíveis. Sem a mediação da água, a Terra não recebe nenhuma bênção, pois a umidade é a causa devida da mistura e da fusão (Vaughan “*Anthroposophia Theomagica*”. Em *Waite* 1888, 17).



Do número 3 e sua escala


 número 3 é um número descomposto,¹ um número sagrado,² um número de perfeição, um número poderosíssimo. Pois em Deus há três pessoas, e três são as virtudes teológicas³ na religião. Por isso, esse número conduz às cerimônias de Deus e à religião, e, por sua solenidade, preces e sacrifícios são pronunciados três vezes. Virgílio, aliás, canta:⁴

Números ímpares, que tanto aos deuses aprezem.

E os pitagóricos o usam em suas significações e purificações, enquanto em *Virgílio*:⁵

O qual enxagou e lavou com água pura

Três vezes seus companheiros.

É o número mais apropriado para amarrações ou ligações, como em *Virgílio*:⁶

Caminhei

Primeiro com estes fios, dos quais há

três, e vários, Em volta do altar, três vezes carregarei

tua imagem.

E um pouco mais adiante:⁷

Nós, Amarflis, de três cores feitos E estes elos por mim atados a Vênus se destinam

E de *Medeia*,⁸ lemos:

Ela pronunciava três palavras, que um sono tranquilo provocaram,

O mar revolto, as furiosas ondas com elas se acalmam.

E, em *Plínio*, era costume em toda medicação cuspir⁹ com três deprecações, e, com isso, curar-se.

O número 3 é aperfeiçoado com três acréscimos:¹⁰ longo, amplo e profundo, além dos quais não há progressão de dimensão; por isso, o primeiro número¹¹ é chamado de quadrado. Diz-se que a um corpo que tem três medidas, e a um número quadrado, nada se pode acrescentar. E *Aristóteles*,¹² no início de seus discursos a respeito do céu, considera tal coisa uma lei, de acordo com a qual todas as coisas são dispostas. Pois as coisas corpóreas e espirituais consistem em três coisas, a saber: começo, meio e fim. Pelo três (como dizia Trismegisto),¹³ mundo é aperfeiçoado: harmonia, necessidade e ordem, isto é, concorrência de causas, que muitos chamam de destino, e a execução delas, por muitos chamada de fruto ou

aumento, bem como a devida distribuição desse aumento.

A medida inteira do tempo é concluída no três: passado, presente e futuro; toda magnitude está contida no três: linha, superfícies e corpo; todo corpo consiste em três intervalos: comprimento, largura e espessura. A harmonia contém os três assentamentos no tempo: diapasão,¹⁴ hemiolon,¹⁵ diatessaron.¹⁶ Há três tipos de almas: vegetativa, sensitiva e intelectual. E como dizia o profeta,¹⁷ Deus ordena o mundo pelos números, peso e medida, e o número 3 é delegado às formas ideais do mundo, enquanto o 2 é atribuído à matéria em procriação e a unidade, a Deus, o criador dela.

Os magos constituem os três príncipes do mundo: *Oromasis*,¹⁸ *Mitris*,¹⁹ *Araminis*,²⁰ ou seja, Deus, a Mente e o Espírito. Pelo três ao quadrado ou sólido,²¹ os três números nove das coisas produzidas são distribuídos: das supercelestiais em nove ordens de inteligências; das celestiais em nove orbes; das inferiores em nove tipos de coisas geráveis e corruptíveis. Por fim, nesse orbe trino,²² 27, todas as

proporções musicais se incluem, como *Platão*²³ e *Proclo* explicam em detalhes. E o número 3 tem, em um harmonia de 5, a graça da primeira voz.²⁴

Também nas inteligências há três hierarquias²⁵ de espíritos angelicais. Há três poderes das criaturas inteligentes, memória e vontade. São três as ordens dos bem-aventurados, mártires, Confessores e inocentes. Três são os quadriênios dos signos celestes,²⁶ fixos, móveis e comuns; bem como de casas,²⁷ centros, seguintes e decadentes. Há também três faces e cabeças²⁸ em todo signo e três senhores de cada triplicidade.²⁹

Há três fortunas³⁰ entre os planetas. Três graças³¹ entre as deusas. Três Senhoras do Destino³² entre a população infernal. Três juízes.³³ Três fúrias.³⁴ *Cérbero*³⁵ tem três cabeças. E lemos também da tripla dupla *Hécate*.³⁶ Três bocas da virgem *Diana*. Três pessoas na divindade supersubstancial. Três tempos de natureza, lei e graça. Três virtudes teológicas, fé, esperança e caridade. *Jonas* ficou três dias na barriga da baleia;³⁷ e por três dias ficou *Cristo* na sepultura.³⁸

A escala do número 3

No mundo exemplar	O Pai	שדי Shaddai, o Filho	O Espírito Santo	O nome de Deus com três letras
No mundo intelectual	Supremo	Meio	Mais baixo de todos	Três hierarquias de anjos
	Inocentes	Mártires	Confessores	Três graus dos benditos
No mundo celestial	Móveis	Fixos	Comuns	Três quadriênios de signos
	Cantos	Sucessivos	Decadentes	Três quadriênios de casas
	Diurnos	Noturnos	Compartilhantes	Três senhores das triplicidades
No mundo elemental	Simples	Compostos	Tríplices	Três graus de elementos
No mundo menor	A cabeça, na qual cresce o intelecto, respondendo ao mundo intelectual	O peito, no qual fica o coração, a sede da vida, respondendo ao mundo celestial	A barriga, em que a faculdade da gestação se encontra, e os membros genitais, respondendo ao mundo elemental	Três partes, respondendo ao mundo trino
No mundo infernal	Aleto	Megera	Tesífone	Três fúrias infernais
	Minos	Aeacus	Rhadamancus	Três juízes infernais
	Ímpios	Apostatas	Infiéis	Três graus dos condenados

Notas - Capítulo VI

1. Número primo. Ver nota 1, cap. V, l. II.

2. “Esta é a terceira vez. Eu espero que boa sorte se encontre em números ímpares... Dizem que há divindade nos números ímpares, seja ela no nascimento, no acaso ou na morte” (Shakespeare, *Merry Wives of Windsor*, ato 5, c. 1, linhas 2-5).

3. I Coríntios 13:13.

4. Ver nota 3, cap. LXXIII, l. I.

5. “Ele [Enéas] também trouxe duas vezes aos seus companheiros água limpa, borrifando-os com orvalho suave do ramo de uma frutífera oliveira, e purificou os guerreiros, e pronunciou as palavras de despedida” (Virgílio, *Eneida*, 6, c. linha 230 [Lonsdale e Lee, 164]).

6. Ver nota 3, cap. LXXIII, l. I.

7. *Ibid.*

8. Jasão espirrou nele [no dragão] suco das ervas letaianas e cantou, três vezes, uma canção que chama o sono e acalma até o mais bravo dos mares e estanca a correnteza dos rios. Então o sono chegou àqueles olhos que nunca antes souberam o que era o sono, e Jasão ganhou o espólio de ouro (Ovídio, *Metamorfoses*, p. 137 © Madras Editora, São Paulo).

Como se vê na citação, é Jasão que fala três vezes e faz o dragão dormir e não Medeia. Agrippa confundiu o trecho com a descrição da mesma cena em *Argonautica*, de Apolônio de Rhodes, l. 4, c. linha 156, em que é de fato Medeia que encanta o dragão.

9. Pedimos o perdão dos deuses, por cuspir no colo, para acalantar alguma presunçosa esperança, ou expectativa. Sobre o mesmo princípio, é a prática em todos os casos em que o remédio é empregado, cuspir três vezes no chão e conjurar a doença também três vezes; o objetivo é auxiliar na operação do remédio usado. Também é comum marcar uma bolha, logo que ela aparece, três vezes com o cuspe de alguém em jejum (Plínio 28.7 [Bostock e Riley, 5:289]).

A saliva de alguém que jejuou era considerada mais potente.

10. Três dimensões de espaço: comprimento, largura e altura.

11. Os pitagóricos consideravam o 3 o primeiro número verdadeiro:

A perfeita multiplicidade de formas, portanto, eles indicavam de modo obscuro pela díade; mas os primeiros princípios formais eram indicados pela mônada e díade, como não sendo números; e também pela primeira tríade e tétrade, como sendo os primeiros números, um ímpar e outro par... (Thomas Taylor, *Theoretic Arithmetic*, citado por ele em sua tradução de *Life of Pythagoras (Vida de Pitágoras)* de Jamblichus, p. 219.

12. Uma magnitude divisível uma vez é uma linha, duas vezes, uma superfície, e três, um corpo. Além desses, não há outra magnitude, porque as três dimensões são tudo o que existe, e aquilo que é divisível em três direções é divisível em todas. Pois, como dizem os pitagóricos, o mundo e tudo o que nele existe é determinado pelo número 3, já que começo e meio e fim dão o número de um “todo”, e o número que eles dão é 3. Assim, compreendendo esses três princípios da natureza como, por assim dizer, leis, nós usamos o número 3 na adoração dos deuses. Além disso, nós usamos os termos na prática da seguinte maneira. De duas coisas, ou dois homens, dizemos “ambos”, mas não “todos”: três é o primeiro número ao qual o termo “todo(s)” se tornou apropriado. E com isso, como dissemos, estamos apenas seguindo a lei da natureza (Aristóteles, *De caelo*, 1.1.268 a [McKeon, 398]).

13. Ver apêndice 1, linhas 12-3 da Tábua de Esmeralda.

14. O intervalo de uma oitava em música.

15. O perfeito quinto intervalo.

16. O intervalo de uma quarta.

17. Isaías 40:12.

18. Uma variação de Ormazd (Ahura Mazda), o antigo deus persa da criação, correspondendo na trindade zoroastriana ao Pai.

19. Variação de Mithra, a segunda pessoa da trindade de Zoroastro, o eterno intelecto e o arquiteto do mundo.

20. Variação de Ahriman (Angra Mainyu), a terceira pessoa da trindade zoroastriana, correspondendo a Psique, a alma mundana.

21. Três ao quadrado é 3×3 ; três sólido é $3 \times 3 \times 3$. “Os números compostos, que são o produto de dois números, são chamados *planares*, e são considerados como tendo duas dimensões, comprimento e largura. Aqueles que são o produto de três números são chamados *sólidos*, pois possuem a terceira dimensão. (Theon 1.7 [Lawlor, 16]).

22. Orbe triplo; ou seja, $3 \times 3 \times 3$.

23.

Unidade		1		= ponto
Primo	2		3	= linha
Quadrado	(2x2) 4		9 (3x3)	= superfície
Cubo	(2x2x2)		8	
		1 + 2 + 3 + 4 + 8 + 9 = 27		27 (3x3x3) = sólido

Os pitagóricos formavam uma tétrede com base na multiplicação de números ímpares e pares unidos na unidade, a soma dos quais era 27. Este, somado à tétrede de adição ($1+2+3+4 = 10$), simbolizava as proporções musicais, geométricas e aritméticas sobre as quais o Universo é baseado. Ver *Timaeus*, de Platão, 24-6; também Theon, 2.38; também a nota na página 80 da tradução de Thomas Taylor de *Life of Pythagoras*, de Jamblichus, 235-9.

24. De acordo com os pitagóricos, o homem é um acorde completo na harmonia maior do mundo, consistindo em uma tônica, sua principal terceira, sua justa quinta e sua oitava.

25. Os nove coros de anjos são divididos em três grupos de três, como é indicado no gráfico que acompanha o cap. VII, livro II.

26.

Comuns = Áries, Câncer, Libra, Capricórnio (Cardinais)

Fixos = Touro, Leão, Escorpião, Aquário

Móveis = Gêmeos, Virgem, Sagitário, Peixe (Mutáveis)

27.

Centros (Angulares) =	I	IV	VII	X
Seguintes (Sucessivos) =	II	V	VIII	XI
Decadentes (Cadentes) =	III	VI	IX	XII

28. Na moderna Astrologia, uma face é uma divisão de cinco graus de arco em um signo do zodíaco. Cada signo tem seis faces. Agrippa usa o termo para indicar uma decania ou divisão de dez graus. Cada signo tem três decanias. O termo cabeça talvez se refira aos senhores das decanias, os 36 espíritos originados com os egípcios e descritos em *Picatrix*.

29. Uma triplicidade é um conjunto de três signos do zodíaco associados a um elemento:

Fogo -	Áries	Leão	Sagitário
Ar-	Libra	Aquário	Gêmeos
Água-	Câncer	Escorpião	Peixes
Terra-	Capricórnio	Touro	Virgem

30. Sol, Júpiter e Vênus.

31. Filhas de Zeus e Eurínome (ou de Dioniso e Afrodite), Eufrosina, Aglaia e Tália. A função delas é conceder civilidade, cortesia, elegância e boas maneiras.

32. Eram filhas de Têmis (Lei) e se afiguravam como três velhas presentes ao nascimento de toda criança. Lachesis atribui à pessoa sua sina; Clotho tece a linha da vida; Átropos corta com suas “tesouras abomináveis” essa linha. Elas são equivalentes às Nornas da mitologia nórdica, e aparecem nos lugares mais variados, como em *Macbeth*, de Shakespeare, e no conto de fadas “A Bela Adormecida”.

33. Aecus, Minos e Rhadamanthys, que formavam o tribunal do Inferno e julgavam as almas dos mortos. Minos, filho de Zeus e Europa, e antigo rei de Creta, era o juiz supremo; Rhadamanthys, seu irmão, antigo rei das Ilhas Cíclades, julgava os asiáticos; Aecus, filho de Zeus e Egina, escolhido para esse posto pelos deuses, julgava os europeus.

34. Aleto, Tisífone e Megera, três aterradoras deusas, com serpentes como madeixas, que puniam com seus ferrões secretos aqueles que de alguma forma escapavam da justiça. Também

chamadas de Erínias (as iradas) e, em eufemismo, Eumênides (as gentis). Foram geradas por Gaia (Terra) e pelo sangue escorrendo de Urano (o céu) castrado.

35. O cão de três cabeças, com rabo de serpente e uma crina ou juba de serpentes que guarda os portões do Inferno.

36. Os gregos chamavam Hécate de Tríceps e Triforme em seu aspecto de Lua, atribuindo a ela três cabeças: uma de leão, uma de cão e uma de égua. As três formas de deusa de Hécate eram Febe (Lua) no céu, Diana na Terra e Prosérpina no inferno. Robert Graves diz:

Como deusa do Submundo, ela se ocupava do Nascimento, da Procriação e da Morte. Como deusa da Terra, ocupava-se das três estações da Primavera, do Verão e do Inverno; animava as árvores e as plantas e regia todos os seres vivos. Como deusa do Céu, ela era a Lua, em suas três fases: Lua Nova, Lua Cheia e Lua Minguante. Isso explica por que ela costumava ser ampliada por nove (Graves [1948] 1973, 386).

Seu animal sagrado era o cachorro, e seu local sagrado era a encruzilhada, na qual estátuas eram erguidas.

37. Jonas 1:17.

38. Lucas 24:21.



Do número 4 e sua escala



Os pitagóricos chamam o número 4 de *tetractys*,¹ e o preferem acima de todas as virtudes dos números, porque ele é a fundação e a raiz de todos os outros números; daí também todas as fundações, tanto nas coisas artificiais quanto nas naturais e divinas, são quatro ao quadrado,² como veremos mais adiante; e esse número significa solidez, que também é demonstrada por uma figura quadrada.³ Pois o número 4 é o primeiro plano de quatro ao quadrado, que consiste em duas proporções, sendo a primeira de 1 para 2, a segunda de 2 para 4,⁴ o que se procede por uma dupla processão e proporção, isto é, de 1 para 1 e de 2 para 2, começando em uma unidade e terminando em uma quaternidade: proporções que nisso se diferem de acordo com a aritmética, sendo desiguais; de acordo com a geometria, porém, são iguais.⁵

Portanto, um 4 ao quadrado é atribuído a Deus Pai e também contém o mistério de toda a Trindade; pois por sua proporção única, pela primeira de 1 para 1,⁶ a unidade da

substância paternal é indicada, da qual procede um Filho igual a ele; pela proporção seguinte, também simples, de 2 para 2,⁷ indica-se a partir da segunda processão o Espírito Santo de ambas, sendo o Filho igual ao Pai pela primeira processão; e o Espírito Santo é igual a ambos pela segunda processão.

Por isso o superexcelente e grandioso nome⁸ da divina trindade de Deus é escrito com quatro letras, i.e., *Yod, He e Vau*; He, aspirado, significa a procedência do espírito de ambos; pois He sendo duplicado termina ambas as sílabas e o nome todo; mas é pronunciado *Jove*, segundo alguns, daí o *Jovis*⁹ dos pagãos, que os antigos retratavam com quatro orelhas, sendo então o número 4 a fonte e a cabeça da divindade total.

E os pitagóricos o chamam de fonte perpétua da natureza:¹⁰ pois há quatro graus na escala da natureza: ser, viver, ser sensível, compreender. Há quatro movimentos na natureza: ascendente, descendente, para a frente, circular. Há quatro posições¹¹ no céu: nascente, poente, meio do céu e

fundo dele. Quatro são os elementos sob o céu, i.e., Fogo, Ar, Água e Terra; de acordo com eles são quatro as triplicidades¹² no céu; também são quatro as primeiras qualidades sob o céu, i.e., frio, calor, secura e umidade, das quais se originam os quatro humores: sangue, fleuma, cólera, melancolia. Também o ano é dividido em quatro partes, que são primavera, verão, outono e inverno; também o vento é dividido em leste, oeste, norte e sul. Há quatro rios do paraíso,¹³ e o mesmo número de infernais.

O número 4 também compõe todo o conhecimento: primeiro, ele preenche todo progresso simples de números com quatro termos, isto é, 1, 2, 3 e 4, constituindo¹⁴ o número 10. Ele preenche toda diferença de números, o primeiro par, contendo em si o primeiro ímpar.¹⁵ Na música, ele tem diatessaron, a graça da quarta voz. Também contém o instrumento de quatro cordas¹⁶ e um diagrama pitagórico,¹⁷ no qual se encontram as primeiras de todas as melodias e toda a harmonia da música. Pois dupla, tripla, quatro vezes dupla, uma e meia, uma e uma terça parte, uma concórdia de todas, uma dupla concórdia de todas, de cinco, de quatro, e toda consonância, se restringe aos limites do número 4.

Ele também contém toda a matemática em quatro termos: ponto, linha, superfície e profundidade. Compreende toda a natureza em quatro termos: substância, qualidade, quantidade e movimento. Também toda Filosofia natural, na qual se inserem as virtudes seminais da natureza, o broto natural, a forma em crescimento e o composto. Também a Metafísica é compreendida em

quatro limites: ser, essência, virtude e ação. A Filosofia moral é compreendida entre quatro virtudes: prudência, justiça, fortitude, temperança. Ele tem ainda o poder de justiça; daí a existência de uma lei quádrupla: da providência, de Deus; fatal, da Alma do Mundo; da natureza, do céu; da prudência, do homem. Também quatro são os poderes judiciários em todas as coisas: intelecto, disciplina, opinião e senso.

Esse número tem também grande poder em todos os mistérios. Por esse motivo, os pitagóricos ratificavam o número 4 com um juramento, como se ele fosse a mais forte base de sua fé, para confirmar sua crença. Era chamado de juramento pitagórico,¹⁸ que se expressa nestes versos:

Eu, com a mente pura pelo número quatro, juro;

Aquele que é sagrado, e a fonte da natureza

Eterno, pai da mente.

Também são quatro Evangelhos recebidos de quatro Evangelistas¹⁹ por toda a Igreja. Os hebreus receberam o principal nome de Deus²⁰ escrito com quatro letras. Também os egípcios, árabes, persas, magos, maometanos, gregos, toscanos, latinos, escrevem o nome de Deus com apenas quatro letras, da seguinte forma: *Thet*,²¹ *AM*,²² *Sire*,²³ *Orsi*, *Abdi*, *06Ó8*,²⁴ *Esar*,²⁵ *Deus*. Os lacedemônios costumavam pintar *Júpiter* com quatro asas. Também a divindade de *Orfeu*,²⁶ e dizem que as carruagens de *Netuno* são puxadas por quatro cavalos.²⁷ Há também quatro espécies de fúrias divinas,²⁸ procedentes de várias deidades: das Musas, de *Dioniso*, de *Apolo* e de *Vênus*.

Também o profeta *Ezequiel* viu quatro animais²⁹ às margens do Rio Cobar e quatro Querubins³⁰ em quatro rodas. Também em *Daniel*,³¹ quatro grandes animais subiram do mar, e quatro ventos lutavam. E no Apocalipse de São João quatro animais

eram cheios de olhos,³² na frente e atrás, em volta do trono de Deus; e quatro anjos,³³ aos quais foi dado poder de ferir a Terra, segurando os quatro ventos, os quais eles não deveriam soprar sobre a Terra, nem sobre o mar, nem sobre qualquer árvore.

Notas - Capítulo VII

1. Palavra grega que significa quatro. O tetractys costuma ser representado graficamente por um arranjo triangular de dez pontos:



É formado a partir da adição de $1+2+3+4=10$. “A importância do quaternário obtido pela adição (ou seja, 1, +2, +3, +4) é grande em música, porque todas as consoantes são encontradas nele. Mas não é só por esse motivo que todos os pitagóricos o estimam tanto: é também porque ele parece sublinhar a natureza total do Universo” (Theon 2.38 [Lawlor, 62]). Ver a figura no fim do cap. XIII, l. II para o *tetractys*, formada a partir do Tetragrammaton.

2. Quatro é o primeiro número quadrado (2×2).

3. Isto é, o quadrado.

4. $1:2 : 4$ é a dupla proporção referida, em que 1 está para o ponto, 2 para a linha e 4 para o plano.

5. Em particular, o meio aritmético é aquele no qual o meio termo é maior que um extremo e menor que o outro pelo mesmo número, como na proporção 3, 2, 1. Na verdade, o número 2 é maior que 1 por uma unidade e é menor que 3 por uma unidade... O meio geométrico, também chamado a proporção em si, é aquele no qual o meio termo é maior que um extremo e menor que o outro por uma razão múltipla ou superparcial (do primeiro termo para o segundo ou do segundo para o terceiro), como na proporção 1, 2, 4. Quatro é de fato o duplo de 2, e 2 é o duplo da unidade, e, do mesmo modo, a diferença $2 - 1$ é 1, e a diferença $4 - 2$ é 2. Esses números, comparados um com o outro, estão, portanto, em razão dupla (Theon 2.55-6 [Lawlor, 76]).

6. $1 : 2$, onde 2 é 1 mais que 1.

7. $2 : 4$, onde 4 é 2 mais que 2.

8. Tetragrammaton, especificamente a forma escrita hebraica \aleph .

9. Jove (Júpiter), o Zeus romano, pai dos deuses.

10. Ver o juramento pitagórico, nota 18 deste capítulo.

11. Respectivamente, as posições do Sol ao nascer, no poente, ao meio-dia e à meia-noite.

12. Ver tabela deste capítulo.

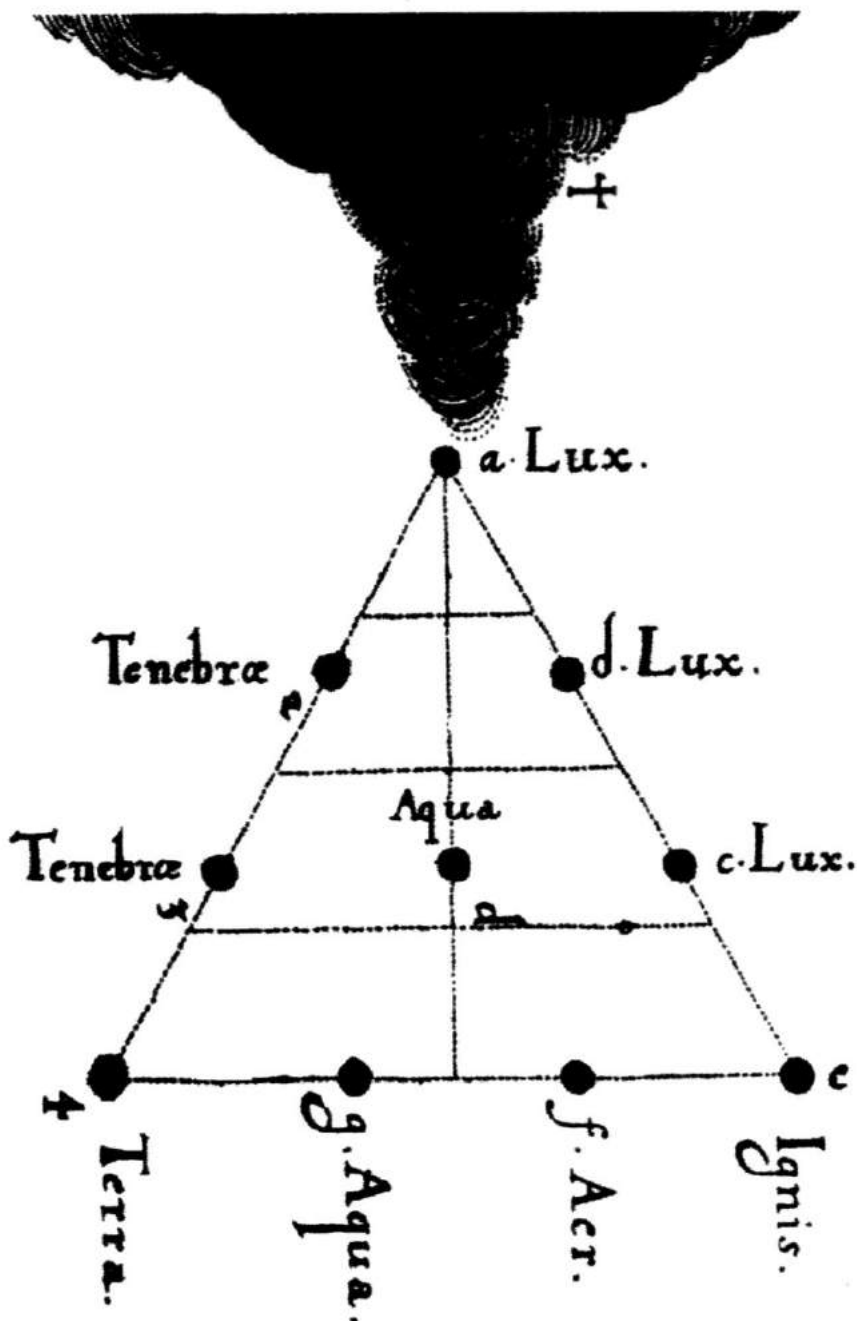
13. Pisom, Giom, Tigre e Eufrates. Ver Gênesis 2,10-4.

14. Por adição. Ver nota 1 deste capítulo.

15. Ver nota 11, cap. VI, l. II.

16. A cítara, um tipo de harpa originalmente constituída de quatro cordas que, ao ser tocada, era acompanhada pelo “cântico em tetracórdio”, como define Euclides.

17. O quaternário, 1, 2, 3, 4, inclui todas as consoantes, pois contém aquelas da quarta, da quinta, da oitava e quinta, e da dupla oitava, que são as razões sesquitércia, sesquialtera, dupla, tripla e quádrupla (ou seja, $4/3$, $3/2$, 2, 3 e 4)” (Theon 2.12 a [Lawlor, 39]).



Tetractys

Extraído de *Philosophia sacra et vere Christiana Seu Meteorologia Cosmica*, de Robert Fludd

(Frankfurt, 1626)

A escala do número 4

No mundo original, origem da Lei da Providência					O nome de Deus com quatro letras
No mundo intelectual, origem da Lei Fatal	Serafim	Dominações	Potentados	Inocentes	Quatro
	Querubim	Poderes	Arcanjos	Mártires	triplicidades de
	Tronos	Virtudes	Anjos	Confessores	hierarquias inteligíveis
	 Miguel	 Rafael	 Gabriel	 Uriel	Quatro anjos governando os cantos do mundo
	 Seraph	 Cherub	 Tharsis	 Ariel	Quatro regentes dos elementos
	O leão	A águia	Homem	Um bezerro	Quatro animais consagrados
	Dan Asher Naftali	Judá Isacar Zebulum	Manases Benjamim Efraim	Rubem Simeão Gade	Quatro triplicidades das tribos de Israel
	Matias Pedro Jacó, o Mais Velho	Simão Bartolomeu Mateus	João Filipe Tiago, o Mais Jovem	Tadeu André Tomé	Quatro triplicidades dos apóstolos
Marcos	João	Mateus	Lucas	Quatro evangelistas	

A escala do número 4 (cor'd.)

No mundo celestial, onde está a Lei da Natureza	Áries Leão	Gêmeos	Câncer	Touro	Quatro triplicidades de signos
	Sagitário	Libra	Escorpião	Virgem Capricórnio	
	Marte e o Sol	Júpiter e Vênus	Saturno e Mercúrio	As estrelas fixas e a Lua	As estrelas, os planetas relacionados aos elementos
	Luz	Diafaneidade	Agilidade	Solidez	Quatro qualidades dos elementos celestes
No mundo elemental, onde está a Lei de Geração e Corrupção	אש Fogo	אוויר Ar	מים Água	אדמה Terra	Quatro elementos
	Calor	Umidade	Frio	Secura	Quatro qualidades
	Verão	Primavera	Inverno	Outono	Quatro estações
	O Leste	O Oeste	O Norte	O Sul	Quatro cantos do mundo
	Animais	Plantas	Metais	Pedras	Quatro tipos perfeitos de corpos
	Andar	Voar	Nadar	Rastejar	Quatro tipos de animais
	Sementes	Flores	Folhas	Raízes	0 que responde aos elementos nas
	Ouro e Ferro	Cobre e Estanho	Mercúrio	Chumbo e Prata	Nos metais
	Brilhante e incandescente	Luminoso e transparente	Claro e gelado	Pesado e escuro	Nas pedras

A escala do número 4 (cor'd.)

No mundo menor, ou seja o homem, de onde vem a Lei da Prudência	A Mente	O Espírito	A Alma	O Corpo	Quatro elementos do homem
	Intelecto	Razão	Fantasia	Sentido	Quatro poderes da alma
	Fé	Ciência	Opinião	Experiência	Quatro poderes judiciários
	Justiça	Temperança	Prudência	Fortitude	Quatro virtudes morais
	Visão	Audição	Paladar e Olfato	Tato	Os sentidos que respondem
	Espírito	Carne	Humores	Ossos	Quatro elementos do corpo
	Animal	Vital	Generativo	Natural	Um espírito quádruplo
	Cólera	Sangue	Fleuma	Melancolia	Quatro humores
	Violência	Paralisia	Torpor	Lentidão	Quatro modos de compleição
No mundo infernal, onde está a Lei da Ira e da Punição	סמל Samael	אזazel Azazel	אזazel Azael	מחזאל Mahazael	Quatro príncipes dos demônios
	Phlegethon	Cocytus	Estíge	Aqueronte	Quatro rios do inferno
	Oriens	Paymon	Egyn	Amaymon	Quatro príncipes dos espíritos, sobre os quatro

18. “Eu juro por aquele que em nossos corações gravou a sagrada Tétrade, símbolo imenso e puro, Fonte da Natureza e modelos dos Deuses” (*Golden Verses of Pythagoras*, trad. de Fabre d’Olivet [1813] [Nova York: Weiser, 1975], 7 e 112). Theon dá a fórmula: “Eu juro por aquele que conferiu o *tetraktys* às futuras gerações, fonte da eterna natureza, em nossas almas” (Theon 2.38 [Lawlor, 62]). Note que, nessas versões, o juramento é feito para o conferente do *tetractys*, enquanto na versão de Agrippa ele é dirigido ao próprio *tetractys*. D’Olivet, Theon e na verdade Thomas Taylor eram da opinião de que o juramento se refere aos pitagóricos quando fala do conferente, mas eu não tenho tanta certeza disso.

19. Mateus, Marcos, Lucas e João.

20. יהוה

21. Talvez a referência seja a Tet, um símbolo na forma de um pilar representando a árvore na qual o corpo de Osíris fora escondido por Isis. A montagem do *tet* como Busíris era uma reconstrução cerimonial dos membros cortados de Osíris, em Busíris, este era chamado Tet (Budge 1904, 2:139). Entretanto, na *Opera* latina, a forma Theut é usada, de modo que Theutus, ou Thoth, são termos mais prováveis.

22. Alá.

23. Sire, ou Soru, do persa *kohr*, significa o Sol. O título era usado pelo fundador do império persa, Ciro, cujo nome real era Kobad.

24. Θεῶδ - Θεόδ: TheOS.

25. *Aesar*, um nome coletivo para os deuses etruscos, assim como (Aesir) para os deuses nórdicos.

26. O mais antigo relato sobre os deuses gregos é fornecido por Hesíodo, em sua *Teogonia*, por volta do século VIII a.C. Do século VI a.C. até o tempo de Cristo, uma série à parte de mitos se desenvolveu dentro da religião de mistérios órfica. Nunca se tornou tão popular quanto a de Hesíodo.

27. O cavalo era sagrado para Netuno (Posêidon), e as corridas de cavalo eram realizadas em homenagem a ele. No hino órfico a Netuno são mencionados os cavalos do deus, mas não numerados: “A ti eu invoco, cujos corcéis a espuma dividem” (“Hymns of Orpheus”, 16, trad. Thomas Taylor. Em *Thomas Taylor the Platonist: Selected Writings*, ed. Kathleen Raine e George Mill Harper [Princeton: Princeton University Press, 1969], 232) Entretanto, a carruagem do Sol é puxada por quatro cavalos: “Ao som do chicote, quatro corcéis são por ti guiados...” (*Ibid.* 7 [Taylor, 219]. Também a carruagem de Plutão tem quatro cavalos: “Puxada por um carro de quatro animais, com as rédeas frouxas...” (*Ibid.* 17 [Taylor, 233]).

28. A loucura divina inspirada das Musas se manifestava nas várias formas de expressão artística; de Dioniso, a fúria assassina das bacantes; de Apolo, o poder da verdadeira profecia; de Vênus, a luxúria desenfreada.

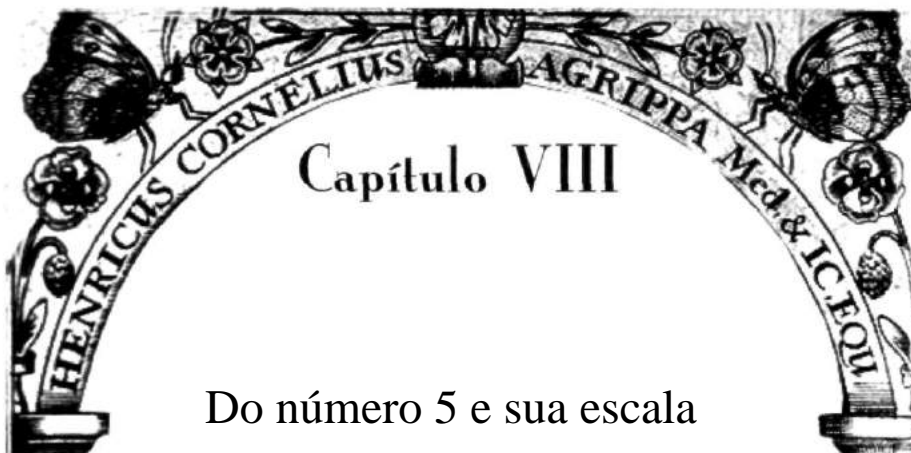
29. Ezequiel 1:10.

30. Ezequiel 1:21.

31. Daniel 7:2-7.

32. Apocalipse 4:6-7.

33. Apocalipse 7:1.



número 5 não tem pouca força, pois ele é constituído pelo primeiro número par e pelo primeiro número ímpar, como de uma fêmea e um macho; pois um número ímpar é macho e o par é fêmea. Os aritméticos, por sua vez, chamam a um de o pai e a outro de a mãe.¹ Portanto, a perfeição do número 5 não é pequena, nem sua virtude, que procede da mistura desses números: ele é também o meio justo do número universal, 10. Pois, se você divide o número 10, haverá 9 e 1, ou 8 e 2, ou 7 e 3, ou 6 e 4, e toda coleção compõe o número 10, e o meio exato é sempre o 5, sendo equidistante; e, portanto, ele é chamado pelos pitagóricos de número do matrimônio,² bem como da justiça,³ porque ele divide o número 10 em uma escala par.

O homem tem cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato; cinco poderes na alma: vegetativo, sensitivo, concupiscível, irascível, racional; cinco dedos da mão; cinco planetas vagando nos céus, de acordo com os quais existem termos quántuplos⁴ em todo signo. Nos elementos, há cinco tipos de corpos mistos: pedras, metais, plantas,

animais-planta, animais; e o mesmo número de tipos de animais, tais como homens, animais de quatro patas, rastejantes, nadadores e voadores. E há cinco espécies pelas quais todas as coisas são feitas de Deus: essência, o mesmo,⁵ outro,⁶ sentido, movimento.

A andorinha gera cinco filhotes, que ela alimenta de maneira igual, começando com o mais velho e passando pelo resto, de acordo com as idades.

Além disso, esse número tem grande poder em expiações: pois nas coisas sagradas ele afasta os demônios. Nas coisas naturais, ele expulsa venenos. Também é chamado de o número da boa fortuna e do favor, e é o selo do Espírito Santo e um vínculo que une todas as coisas, além de ser o número da cruz,⁷ eminente com as principais chagas⁸ de Cristo, uma vez que ele prometeu manter as cicatrizes em seu corpo glorificado. A filosofia pagã dedicava esse número como sagrado para *Mercúrio*,⁹ estimando sua virtude em muito superior à do número 4, uma vez que um ser vivo excede uma coisa inanimada.¹⁰

Nesse número, o pai *Noé* caiu nas graças de Deus e foi preservado no dilúvio.¹¹ Na virtude desse número,

Abraão,¹² tendo 100 anos de idade, teve um filho com Sara, que tinha 90 anos e era estéril, já incapaz de engravidar, gerando assim um grande povo.

Assim, no tempo de graça, o nome da onipotência divina é invocado com cinco letras. Pois no tempo da natureza, o nome de Deus era invocado com três letras, **שדי** *Sadai*;¹³

no tempo da Lei, o nome inefável de Deus era expresso com quatro letras, **יהוה**, que os hebreus exprimem **יהוה** *Adonai*; no tempo da graça, o nome inefável de Deus tinha cinco letras, **יהוה** *Ilhesu*,¹⁴ que é invocado com não menos mistério que o nome de três letras, **ישו**.¹⁵

Motas - Capítulo VIII

1. Masculino 3 e Feminino 2.

2. Theon diz que 6 é o número do matrimônio, porque é um número perfeito, igual à soma de suas partes (1+2+3=6), explicando: “Por isso é chamado de casamento, pois a tarefa do casamento produz filhos semelhantes aos pais” (Theon 2.45 [Lawlor, 67-8]). Uma vez que 5 é produzido pela adição de 2 e 3, enquanto 6 é produzido pela multiplicação de 2 e 3, parece-me que 5 pode ser chamado de número do amor, ou união, enquanto 6 é o número da geração, pois a multiplicação gera mais que a soma de suas partes.

3. Os pitagóricos chamam o pentaedro de providência e justiça, porque iguala as coisas desiguais, sendo a justiça um meio entre excesso e falta, assim como o 5 é o meio dos números que são igualmente distantes dele dos dois lados até o decaedro, parte superando, parte sendo superada pelos outros, como se pode ver na seguinte disposição:

1.	4.	7.
2.	5.	8.
3.	6.	9.

Pois aqui, estando no meio, o 5 não se afasta da linha do equilíbrio enquanto uma escala é elevada e a outra desce (Thomas Taylor, *Theoric Arithmetic*, 194, citado por Taylor em sua nota [p. 240-1 e p. 98 de sua tradução de Jamblichus, *Life of Pythagoras*).

Uma explicação praticamente igual do 5 como número da justiça ocorre em Theon 2.44 (Lawlor, 67).

4. Termos astrológicos são divisões desiguais do arco de 30° de cada signo do zodíaco em cinco partes, atribuídos aos planetas Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno em variadas ordens. Ptolomeu cita o egípcio, o caldeu e o sistema dele mesmo (que ele alega ter descoberto em um antigo manuscrito) de termos em *Tetrabiblos* 20 e 21. Termos não muito usados na Astrologia moderna.

5. Similaridade.

6. Diferença.

7. Um para cada um dos quatro braços e um para o ponto de interseção.

8. Principais, porque a sexta, causada pelos espinhos da coroa de Cristo, não está incluída.

9. Meursius, em seu *Denarius Pythagoricus*, que é baseado na *Aritmética teológica* de Nicômaco, o Pitagórico, e outros filósofos platônicos, diz que 4 é o número de Mercúrio. Ver a introdução de Thomas Taylor a *Hymns to Orpheus* (Raine e Harper, 202).

10. O 4 significa os quatro elementos inertes; portanto, o quinto número deve ser algo além, algo espiritual.

11. Havia cinco membros na família de Noé. Ver Gênesis 7:13.

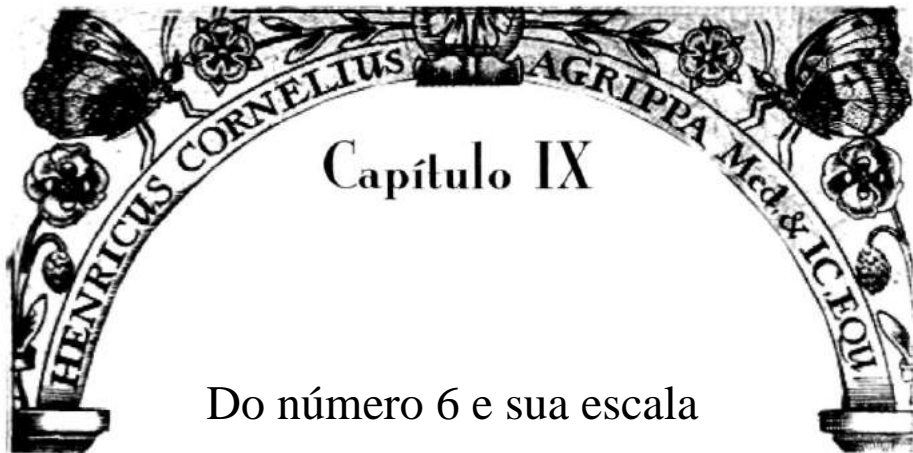
12. Pode ser uma referência à partilha do pão entre Abraão, sua esposa e os três anjos de Deus (Gênesis 18:6), ou ao uso por Deus do nome El Shaddi (**אל שדי**), um nome de cinco letras para descrever a si mesmo quando ele proclama o nascimento por vir de Isaac (Gênesis 17:1), ou a troca de Deus do nome de Abrão (**אברם**) para Abraão (**אברהם**), aumentando-o para cinco letras com a adição de He (**ה**), a quinta letra do alfabeto hebraico (Gênesis 17:5).

13. Sendo hoje mais comum a forma Shaddi.

14. Geralmente transcrito em inglês como Yeheshuah.

15. Jesu.

No mundo exemplar	אליון Elion אלהים Elohim יהשה Jhesuh					Os nomes de Deus com cinco letras
						O nome de Cristo com cinco letras
No mundo intelectual	Espíritos da primeira hierarquia, chamados de Deuses, os Filhos de Deus	Espíritos da segunda hierarquia, chamados de Inteligências	Espíritos da terceira hierarquia, chamados de Anjos que são enviados	Almas de corpos celestes	Heróis, ou almas abençoadas	Cinco substâncias inteligíveis
No mundo celestial	Saturno	Júpiter	Marte	Vênus	Mercúrio	Cinco astros errantes, senhores dos termos
No mundo elemental	Água	Ar	Fogo	Terra	Um corpo misto	Cinco tipos de coisas
	Animal	Planta	Metal	Pedra	Planta-animal	Cinco tipos de corpos mistos
No mundo menor	Paladar	Audição	Visão	Tato	Olfato	Cinco sentidos
No mundo infernal	Amargura mortal	Uivo horrível	Escuridão terrível	Calor insaciável	Um fedor penetrante	Cinco elementos



Do número 6 e sua escala



eis é o número da perfeição, porque é o mais perfeito na natureza, em toda a série de números de 1 a 10; e só ele é tão perfeito que, na junção de suas partes, o resultado é o mesmo, não faltando nem excedendo. Pois se suas partes - o meio, a terça e a sexta parte, que são 3, 2, 1 - forem ajuntadas, elas preenchem perfeitamente todo o corpo de 6, cuja perfeição nenhum dos outros números tem:¹ por isso, os pitagóricos dizem que ele é um número aplicado ao mesmo tempo à geração e ao casamento,² e é chamado de a escala do mundo.

Pois o mundo é feito do número 6, que não prolifera nem falta. Tanto que foi feito por Deus em seis dias. Pois no sexto dia³ Deus viu todas as coisas que tinha feito, e que eram boas. Portanto, o céu, a Terra e toda a hoste dele foram feitos.

Ele também é chamado de o número do homem, porque no sexto dia o homem foi criado;⁴ ele é também o número de nossa redenção, pois no sexto dia Cristo sofreu⁵ por ela; daí a grande afinidade entre o número 6 e a cruz, o labor, a servidão;

é determinado na Lei que por seis dias o trabalho⁶ deve ser feito, por seis dias o maná⁷ deve ser apanhado, por seis dias o solo⁸ deve ser semeado, e o servo hebreu⁹ deve servir seu mestre por seis dias; durante seis dias a glória do Senhor apareceu sobre o monte Sinai,¹⁰ cobrindo-o com uma nuvem: os querubins tinham seis asas;¹¹ seis círculos no firmamento, ártico, antártico, dois trópicos,¹² equinocial¹³ e eclíptico,¹⁴ seis planetas errantes, Saturno, Júpiter, Marte, Vênus, Mercúrio e a Lua, atravessando a latitude do Zodíaco, dos dois lados da eclíptica.

Há seis qualidades substanciais nos elementos,¹⁵ a saber: agudeza, finura, movimento, e os opostos destas: entorpecimento, grossura, repouso. Há seis diferenças de posição: para cima, para baixo, diante, atrás, do lado direito, do lado esquerdo. Seis são os officios naturais, sem os quais nada existe: magnitude, cor, figura, intervalo, postura, movimento. Também uma figura sólida de qualquer quatro ao quadrado tem seis superfícies.¹⁶ Há seis tons¹⁷ de harmonia, ou seja, cinco tons e dois meio-tons, que compõem um tom, que é o sexto.

No mundo exemplar	<p style="text-align: center;"> אלגבור El Gebbor אלוהים Elohim </p>						Nomes das seis letras
No mundo inteligível	Serafins	Querubins	Tronos	Dominações	Potestades	Virtudes	Seis ordens de anjos, que são enviadas aos inferiores
No mundo celestial	Saturno	Júpiter	Marte	Vênus	Mercúrio	A Lua	Seis planetas vagando pela latitude do zodíaco desde o Eclíptico
No mundo elemental	Descanso	Fineza	Agudez	Estagnação	Grossura	Movimento	Seis qualidades substanciais de elementos
No mundo menor	Intelecto	Memória	Senso (sentido)	Movimento	Vida	Essência	Seis graus de homens
No mundo interno	Acteus	Magalesius	Ormenus	Lycus	Nicon	Mimon	Seis demônios, autores de todas as calamidades

Notas - Capítulo IX

1. “Os sacrifícios também devem ser feitos a Vênus no sexto dia, porque esse número é o primeiro que participa de todos os números e, quando dividido de todas as maneiras possíveis, recebe o poder dos números subtraídos e dos que restam” (Jamblichus, *Life of Pythagoras*, 28 [Taylor, 81]). Comentando a respeito dessa definição de Pitágoras, Taylor diz:

Como o 6 é constituído de 1, 2, e 3, os dois primeiros são os princípios de todos os números, e também porque 2 e 3 são os primeiros números dentre os pares e ímpares, por sua vez a fonte de todas as espécies de números; pode-se dizer que o número 6 participa de todos os números. No que Jamblichus acrescenta em seguida, suponho que ele esteja fazendo uma alusão ao 6 como um número perfeito e, portanto, igual a todas as suas partes. (*Ibid.* 240)

2. Ver nota 2, cap. VIII, l. II.

3. Gênesis 1:31.

4. Gênesis 1:27.

5. Marcos 15:42; Lucas 23:54; João 19:31.

6. Êxodo 20:9.

7. Êxodo 16:5.

8. Êxodo 23:10.

9. Êxodo 21:2.

10. Êxodo 24:16.

11. Apocalipse 4:8.

12. Trópico de Câncer; Trópico de Capricórnio.

13. O equador.

14. O plano que passa pelo centro da Terra e é definido pela órbita aparente do Sol. A eclíptica.

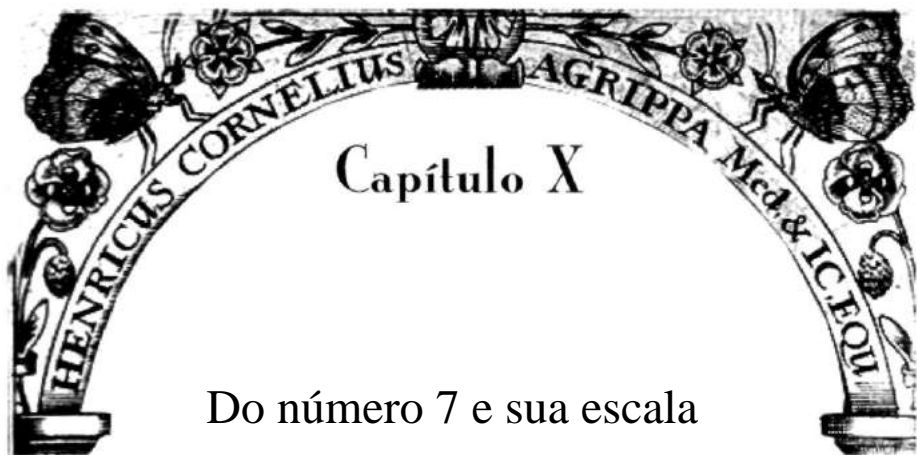
15. Ver *Timaues*, de Platão, 61d-63d; também Apêndice III.

16. Um cubo tem seis lados.

17. Um dos cinco tons expressados no quaternário, ver nota 17, cap. VII, l. II. O quarto intervalo é composto de dois tons e um excesso, ou excedente (leimma); o quinto, de três tons e um leimama. Sobre esse excedente, escreve Theon:

O meio-tom não é designado como tal, porque é a metade do tom, no sentido de que o meio-cúbito é a meia divisão do cúbito, como defende Aristóxenes; mas porque é um intervalo musical menor que o tom, da mesma maneira que nós chamamos certas letras de semivogais, não porque é indicada a metade de um som, porque não compõe completamente o som em si. Pode, de fato, ser demonstrado que o tom, considerado na proporção sesquioitava (9/8), não pode ser dividido em duas partes iguais, não mais que qualquer outra sexta parte, uma vez que 9 não é divisível por 2 (Theon 2.8 [Lawler, 36]).

A respeito da prova de Theon, ver 2.16, na qual ele diz: “Quanto ao tom ideal, podemos conceber que ele pode ser dividido em duas partes iguais” (Lawlor, 47).



número 7 tem variado e múltiplo poder, pois é constituído de 1 e 6, de 2 e 5 ou de 3 e 4, e tem uma unidade, como se fosse a união de dois 3: portanto, se considerarmos suas várias partes e suas uniões, sem dúvida reconheceremos que ele é majestoso, seja pela união de suas partes ou por sua plenitude. E os pitagóricos o chamam de o veículo da vida do homem, a qual ele não recebe em partes, mas no todo, perfeita, contendo corpo e alma; pois o corpo consiste em quatro elementos e é dotado de quatro qualidades; também o número 3 diz respeito à alma, por motivo de seu poder triplo, a saber: racional, irascível e concupiscível. O número 7, portanto, constituído de 3 e 4, une a alma ao corpo, e a virtude desse número se relaciona à geração de homens e faz com que o homem seja recebido, formado, trazido à luz, alimentado, e viva e subsista.

Pois, quando a semente genital é recebida no ventre da mulher, se lá permanecer por sete horas após sua efusão, com certeza lá habitará definitivamente. E nos primeiros sete dias é coagulada e preparada para receber a forma de um homem; em seguida,

produz bebês maduros, que são chamados bebês do sétimo mês, porque nascem no sétimo mês.¹ Após o nascimento, a sétima hora define se o bebê viverá; pois aquilo que recebe o sopro do ar após essa hora vive.

Depois de sete dias, o bebê perde o resto do cordão umbilical. Depois de duas semanas (duas vezes sete), a visão começa a acompanhar a luz. No terceiro período de sete dias, o bebê vira os olhos e o rosto inteiro com facilidade.

Depois de sete meses, surgem os dentes;² após o segundo sétimo mês, o bebê se senta sem medo de cair; após o terceiro sétimo mês, começa a falar; após o quarto sétimo mês, ele fica de pé com confiança e anda; após o quinto sétimo mês o bebê começa a não querer mais mamar.

Sete anos depois, seus primeiros dentes caem e novos nascem, mais apropriados para mastigar carne mais dura, e sua fala é aperfeiçoada; depois do segundo sétimo ano, os meninos amadurecem³ e é o começo da geração; e no terceiro sétimo ano tornam-se homens em estatura e começam a desenvolver pelos,⁴ e eles se tornam aptos para gerar; no quarto sétimo, começam a se polir,⁵ e sua altura se estabiliza.⁶ No quinto sétimo

ano, eles atingem a perfeição de sua força; no sexto sétimo ano, eles conservam a força; no sétimo sétimo ano, eles desenvolvem sua suprema discricção, sabedoria e a idade perfeita do homem. Mas quando chegam ao décimo sétimo ano, quando o número 7 é considerado um número completo, eles atingem o período comum da vida, pois, segundo o profeta,⁷ nossa idade é 70 anos.

A maior altura do corpo de um homem é 7 pés. Há também sete graus no corpo, que completam a dimensão de debaixo para cima: tutano, osso, nervo, veia, artéria, carne, pele. São sete os que os gregos chamam de membros negros:⁸ a língua, o coração, os pulmões, o fígado, o baço e os dois rins. Sete são também as principais partes do corpo: a cabeça, o peito, as mãos, os pés, e as partes íntimas.

É fato conhecido a respeito da respiração e da carne que sem o sopro da respiração a vida não dura mais que sete horas; e aqueles que sofrem com a fome não vivem mais que sete dias.⁹ As veias e as artérias (dizem os médicos) também são impelidas pelo sétimo número. As considerações acerca das doenças¹⁰ são tecidas com maior precisão após o sétimo dia, que os médicos dizem ser crítico, ou seja, judicial.

E também de sete porções Deus cria a alma, como o ilustre *Platão* atesta em *Timaeus*.¹¹ A alma também recebe o corpo por sete graus. Toda diferença entre as vozes procede até o sétimo grau, após o que ocorre a mesma revolução.¹² Novamente, há sete modulações¹³ de vozes, diatônica, semiditono, diatessaron, diapente com um tom, diapente com um meio-tom e diapasão.

Há também nos celestiais uma poderosíssima força do número 7. Pois existem quatro cantos no céu diametralmente opostos, o que é de fato um aspecto de plenitude, muito poderoso,¹⁴ e consiste no número 7. Pois é feito do sétimo signo¹⁵ e forma uma cruz,¹⁶ a mais poderosa de todas as figuras, sobre a qual falaremos no momento apropriado. Mas disso você não deve ficar ignorante, pois o número 7 tem uma grande comunhão com a cruz.

Por meio da mesma radiação e número, o solstício está distante do inverno, e o equinócio do inverno está distante do verão, tudo determinado pelos sete signos.¹⁷ Também existem sete círculos¹⁸ no céu, de acordo com a longitude da árvore axial.¹⁹ Sete são as estrelas em torno do Pólo Ártico, maiores e menores, chamadas de Charles' Wain,²⁰ de acordo com sete dias, constituindo uma semana.

A Lua é o sétimo dos planetas e o mais próximo de nós, observando esse número mais que os outros, sendo que dele derivam seu movimento e sua luz. Pois em 28 dias a Lua percorre todo o compasso do zodíaco novamente.²¹

Com os mesmos sete dias, a luz é emitida, por meio de mudança; para os primeiros sete dias até o meio do mundo dividido, há um aumento; nos segundos sete dias, todo o orbe de luz é preenchido; para o terceiro grupo de sete dias, ocorre nova diminuição e contração, dividindo-se o orbe; mas após o quarto, renova-se com a última diminuição de sua luz.²² Pelos mesmos sete dias, ocorre o aumento e a diminuição do mar, pois nos primeiros sete do aumento da Lua, o mar

abaixa, ou diminui; nos segundos sete dias, há aumento; mas o terceiro grupo de sete dias é como o primeiro, e o quarto grupo tem o mesmo efeito que o segundo.²³

Esse número também se aplica a Saturno que, ascendendo do inferior, é o sétimo planeta, denotando descanso, o qual se atribui ao sétimo dia,²⁴ que indica o sétimo milésimo, quando o dragão, que é o Diabo (segundo *João*),²⁵ com Satanás aprisionado, os homens terão paz e viverão com tranquilidade.

Além disso, os pitagóricos chamam o 7 de o número da virgindade, porque o primeiro é aquele que não gera nem é gerado,²⁶ tampouco pode ser dividido em duas partes iguais para ser gerado de outro número repetido ou ser duplicado para gerar qualquer outro número de si que esteja contido nos limites do número 10, que é explicitamente o primeiro limite de números; e é por isso que eles dedicam o número 7 a *Palas*.²⁷

Também na religião ele tem os poderosos sinais de sua estima e é chamado de o número de um juramento. Por isso, entre os hebreus, o ato de jurar é chamado de *septenare*,²⁸ isto é, protegido por 7. De fato, quando *Abraão* fez uma aliança com *Abimeleque*, ele escolheu sete ovelhas²⁹ como testemunhas. Também é chamado de o número da bênção, ou do descanso, daí:

O três vezes, quatro vezes abençoado!

Isto é, em alma e em corpo. No sétimo dia, o Criador descansou³⁰ de sua obra, por isso esse dia era chamado por *Moisés* de Sabá,³¹ o dia do descanso; também por isso Cristo descansou no sétimo dia no

sepulcro.³² Esse número tem uma grande comunhão com a cruz, como vimos acima, bem como com o Cristo. Pois em Cristo repousa toda a nossa bênção, o nosso descanso e a nossa felicidade.

Ademais, ele é muito conveniente nas purificações. Por isso Apuleio diz:³³ E eu me banhei no mar para ser purificado e pus a cabeça sete vezes sob as ondas. E a pessoa leprosa que seria curada foi borrifada sete vezes com o sangue de um pardal;³⁴ e o profeta *Elias*, como se lê no Segundo Livro dos Reis, disse a tal indivíduo: vai e lava-te sete vezes no Jordão e tua carne será restaurada, tu serás purificado, e, pouco depois, quando o indivíduo seguiu o recomendado, lavando-se sete vezes no rio Jordão, foi realmente curado.³⁵

É ainda um número de arrependimento e de remissão: assim, por exemplo, decretou-se o arrependimento por todos os pecados no sétimo ano, de acordo com a opinião do sábio, que diz:³⁶ pagará sete vezes tanto: também no sétimo ano eram concedidas remissões e depois de sete anos uma remissão plena era concedida, como se lê em *Levítico*.³⁷ e Cristo com sete pedidos³⁸ completa a oração que nós dirigimos ao Pai; o 7 é ainda chamado de o número da liberdade, porque no sétimo ano o servo hebreu³⁹ desafiou para si a liberdade. E o número apropriado para o louvor divino. O profeta diz: “sete vezes no dia eu te louvo pela justiça dos teus juízos”.⁴⁰

Além disso, é chamado de o número da vingança, como se lê na Escritura, e *Caim* será vingado sete vezes.⁴¹ E o Salmista diz: Retribui, Senhor, aos nossos vizinhos, sete vezes

tanto o opróbrio com que te vituperaram.⁴² E sete são as maldades,⁴³ como diz *Salomão*, e sete espíritos ímpios⁴⁴ são mencionados no Evangelho. Ele indica o tempo do presente círculo,⁴⁵ porque termina no espaço de sete dias.

Também é um número consagrado ao Espírito Santo, que o profeta Isaías descreve como sendo sétuplo,⁴⁶ de acordo com seus dons, isto é, o espírito da sabedoria e entendimento, o espírito do conselho e fortaleza, o espírito de ciência e piedade, e o espírito de temor do Senhor, os quais encontramos em Zacarias, que os chama de os sete olhos de Deus.⁴⁷

Existem também sete anjos, espíritos que se colocam na presença de Deus, como lemos em Tobias⁴⁸ e no Apocalipse;⁴⁹ sete lâmpadas⁵⁰ ardião diante do trono de Deus, e sete candeeiros de ouro,⁵¹ e no meio deles havia um que era semelhante ao Filho do Homem, e tinha na mão direita sete estrelas.⁵² Também havia sete espíritos diante do trono de Deus, e sete anjos se apresentavam diante do trono de Deus e a eles foram dadas sete trombetas.⁵³ E ele viu um cordeiro com sete chifres e sete olhos⁵⁴ e viu o livro selado com sete selos⁵⁵ e, quando o sétimo selo foi aberto, fez-se silêncio no céu.⁵⁶

Ora, diante de tudo o que foi dito aqui, é evidente que o número 7, dentre todos os números, pode ser justamente considerado o mais eficaz. Além disso, o número 7 tem uma grande conformidade com o número 12, pois como 3 e 4 são 7, 3 vezes 4 são 12, que são os números dos planetas celestiais e dos signos, resultando da

mesma raiz e, por meio do número 4, da natureza das coisas inferiores.

Há também na Escritura Sagrada uma grande observância desse número, acima de todos os outros, e muitos e grandiosos são os seus mistérios; muitos dos quais nós mencionamos aqui, citando-os da Escritura Sagrada, o que parece indicar que o número 7 significa uma certa plenitude de mistérios sagrados.

Pois lemos em Gênesis que o sétimo dia foi o do descanso do Senhor;⁵⁷ e que *Enoch*, um homem piedoso, santo, foi o sétimo desde *Adão*, e que havia outro sétimo homem desde *Adão*,⁵⁸ um homem ímpio chamado *Lameque*,⁵⁹ que tinha duas esposas; e que o pecado de *Caim* deveria ser abolido até a sétima geração; pois está escrito que *Caim* será punido sete vezes, e que aquele que matar *Caim*⁶⁰ será vingado sete vezes, pelo que, entende o mestre da História,⁶¹ havia sete pecados de *Caim*. Também de todos os animais limpos havia sete,⁶² e sete foram levados à arca, bem como as aves; e depois de sete dias o Senhor fez chover sobre a Terra e no sétimo dia as fontes das profundezas⁶³ jorraram e as águas cobriram a Terra. Também *Abraão* deu a *Abimileque* sete ovelhas;⁶⁴ e Jacó serviu sete anos por *Léa* e mais sete por *Raquel*;⁶⁵ e por sete dias o povo de Israel lamentou a morte de *Jacó*.⁶⁶ Além disso, lemos no mesmo lugar sobre sete espigas de milho, sete anos de abundância e sete anos de escassez.⁶⁷

E, em Êxodo, determina-se o sabá dos sabás,⁶⁸ o descanso sagrado para o Senhor, que ocorre no sétimo dia. Também no sétimo dia, Moisés parou de rezar.⁶⁹ No sétimo dia haverá

uma solenidade do Senhor;⁷⁰ no sétimo ano, o servo se tornará liberto;⁷¹ por sete dias ficará a cria sem a mãe;⁷² no sétimo ano, o solo que foi cultivado por seis anos descansará;⁷³ o sétimo dia será um sabá sagrado e dia de descanso: o sétimo dia, porque é o sabá, será chamado de sagrado.⁷⁴

Em Levítico, o sétimo dia⁷⁵ também será mais observado e mais sagrado, e o primeiro dia do sétimo mês será uma sabá memorial.⁷⁶ Por sete dias, serão oferecidos sacrifícios ao Senhor,⁷⁷ por sete dias os dias santos do Senhor serão celebrados, sete dias por ano para sempre em todas as gerações.⁷⁸ No sétimo mês, deve-se celebrar com banquetes e também se deve habitar nos tabernáculos sete dias⁷⁹ sete vezes deve, diante do Senhor, ungir-se aquele que mergulhou o dedo em sangue;⁸⁰ aquele que se livrou da lepra deve mergulhar sete vezes no sangue de um pardal;⁸¹ por sete dias aquela que está menstruada deve se lavar com água corrente;⁸² sete vezes deverá mergulhar o dedo no sangue de um boi;⁸³ tornarei a castigá-los sete vezes mais por causa dos vossos pecados.⁸⁴

Em Deuteronômio, sete pessoas possuíam a terra prometida.⁸⁵ Também se fala de um sétimo ano de remissão⁸⁶ e sete velas⁸⁷ colocadas no lado sul dos candeeiros.

E lemos em Números que os filhos de Israel ofereceram sete ovelhas⁸⁸ sem manchas e que, por sete dias, comeram pão não fermentado,⁸⁹ e que o pecado foi expiado com sete cordeiros e um bode,⁹⁰ e que o sétimo dia era sagrado e de celebração,⁹¹ e o primeiro dia⁹² do sétimo mês era observado e mantido sagrado e o sétimo mês da festa dos tabernáculos,⁹³ e sete

novilhos⁹⁴ eram oferecidos no sétimo dia, e *Baalam* ergueu sete altares;⁹⁵ por sete dias *Maria*, irmã de *Aarão*, ficou leprosa;⁹⁶ por sete dias aquele que tocasse uma carcaça⁹⁷ ficava impuro.

E em Josué sete sacerdotes carregavam a arca da aliança diante da hoste e por sete dias percorreram as cidades, e sete trombetas eram levadas por sete sacerdotes, e no sétimo dia os sete sacerdotes soaram as trombetas.⁹⁸

E, no livro dos Juízes, *Abessa*⁹⁹ reinou em Israel por sete anos, *Sansão*¹⁰⁰ observou suas núpcias por sete dias e no sétimo dia ele apresentou um enigma à sua esposa e foi amarrado com sete tendões,¹⁰¹ sete cachos de seus cabelos foram cortados,¹⁰² por sete anos os filhos de Israel foram oprimidos pelo rei dos midianitas.¹⁰³

E nos livros dos Reis, *Elias* rezou sete vezes e, na sétima vez, viu uma nuvem!¹⁰⁴ por sete dias os filhos de Israel se puseram defronte aos sírios, e no sétimo dia a batalha foi travada;¹⁰⁵ por sete anos a fome ameaçou *Davi* pelo murmúrio do povo;¹⁰⁶ e sete vezes a criança espirrou, aquele que foi criado por *Eliseu*;¹⁰⁷ e sete homens foram crucificados¹⁰⁸ juntos nos dias da primeira colheita. *Naamã* foi mergulhado sete vezes na água por *Eliseu*;¹⁰⁹ e no sétimo mês *Golias* foi morto.¹¹⁰

E em Ester, lemos que o rei da Pérsia tinha sete eunucos;¹¹¹ e em Tobias sete homens copularam com *Sara*,¹¹² a filha de *Raquel*; e em Daniel, a fofalha de *Nabucodonosor* foi aquecida sete vezes,¹¹³ e sete leões¹¹⁴ se encontravam no covil, e no sétimo dia chegou *Nabucodonosor*.

No livro de *Jó*, há menção dos sete filhos de *Jó*,¹¹⁵ e por sete dias e sete

noites os amigos de Jó¹¹⁶ sentaram-se com ele na terra; e no mesmo lugar, de sete angústias¹¹⁷ te livrará e o mal não te tocará.

Em *Esdra*s, lemos que *Artaxerxes* tinha sete conselheiros;¹¹⁸ e no mesmo lugar souo a trombeta;¹¹⁹ o sétimo mês da festa dos tabernáculos ocorreu na época de *Esdra*s,¹²⁰ enquanto os filhos de Israel estavam nas cidades; e no primeiro dia do sétimo mês, *Esdra*s leu a Lei¹²¹ ao povo.

E, nos Salmos, *Davi* louvava o Senhor¹²² sete vezes ao dia; a prata é amarrada sete vezes;¹²³ e retribui, Senhor, aos nossos vizinhos, sete vezes tanto o opróbrio com que te vituperam.¹²⁴

E Salomão dizia que a sabedoria estava gravada em sete pilares;¹²⁵ sete homens¹²⁶ que sabem responder bem, sete abominações aos olhos do Senhor, sete abominações¹²⁷ no coração de um inimigo,¹²⁸ sete capatazes, sete olhos contemplando.

Isaiás enumera sete dons do Espírito Santo,¹²⁹ e sete mulheres lançarão mão de um homem.¹³⁰

E, em *Jeremias*, aquela que der à luz sete filhos¹³¹ perecerá.

Em *Ezequiel*, o profeta permaneceu triste por sete dias.¹³²

Em *Zacarias*, sete lâmpadas, e sete tubos para essas sete lâmpadas,¹³³ e sete olhos olhando por toda a Terra,¹³⁴ e sete olhos sobre uma pedra,¹³⁵ e o jejum de sete dias que será um regozijo.¹³⁶

E em *Miqueias*, sete pastores¹³⁷ se voltam contra os assírios.

Também no Evangelho, lemos sobre sete bênçãos¹³⁸ e sete virtudes,¹³⁹ às quais se opõem sete vícios;¹⁴⁰ sete pedidos¹⁴¹ na oração do Senhor (o Pai-Nosso), sete palavras de *Cristo*¹⁴²

na cruz, sete palavras da bem-aventurada *Virgem Maria*,¹⁴³ sete pães¹⁴⁴ distribuídos pelo Senhor, sete cestos¹⁴⁵ do que sobrou, sete irmãos¹⁴⁶ tendo a mesma esposa, sete discípulos¹⁴⁷ do Senhor, que eram pescadores, sete jarros de água¹⁴⁸ em Caná de Galileia. Sete ais¹⁴⁹ com que o Senhor ameaça os hipócritas, sete demônios¹⁵⁰ expulsos da mulher impura, e sete demônios piores,¹⁵¹ que entram após os primeiros serem expulsos. Também por sete anos *Jesus* ficou no Egito¹⁵² e na sétima hora a febre deixou o filho do governador.¹⁵³

E nas Epístolas Católicas, *Tiago* descreve sete graus de sabedoria¹⁵⁴ e *Pedro*, sete graus de virtude.¹⁵⁵

E nos Atos são reconhecidos sete decanos¹⁵⁶ e sete discípulos¹⁵⁷ escolhidos pelos apóstolos.

Também no Apocalipse há mistérios em mesmo número; pois lemos dos sete candelieiros,¹⁵⁸ sete estrelas,¹⁵⁹ sete coroas,¹⁶⁰ sete igrejas,¹⁶¹ sete espíritos diante do trono,¹⁶² sete rios do Egito,¹⁶³ sete selos,¹⁶⁴ setes marcas,¹⁶⁵ sete chifres, sete olhos,¹⁶⁶ sete espíritos de Deus,¹⁶⁷ sete anjos com sete trombetas,¹⁶⁸ sete chifres do dragão,¹⁶⁹ sete cabeças do dragão, com sete diademas,¹⁷⁰ também sete pragas¹⁷¹ e sete taças¹⁷² que foram dadas aos sete anjos,¹⁷³ sete cabeças da besta escarlate,¹⁷⁴ sete montanhas,¹⁷⁵ e sete reis¹⁷⁶ sentados sobre elas, e sete trovões¹⁷⁷ emitidos por suas vozes.

Além disso, esse número também tinha muito poder tanto nas coisas naturais quanto nas sagradas, cerimoniais e outras; portanto, aqui se relacionam os sete planetas, as estrelas chamadas Plêiades, as sete eras do mundo,¹⁷⁸ as sete mudanças do homem,¹⁷⁹ as sete artes

liberais,¹⁸⁰ e o mesmo número de artes mecânicas e proibidas, sete cores,¹⁸¹ sete metais,¹⁸² sete orifícios na cabeça do homem,¹⁸³ sete pares de nervos,¹⁸⁴ sete montanhas¹⁸⁵ na cidade de Roma, sete reis romanos,¹⁸⁶ sete guerras civis, sete sábios na época do profeta *Jeremias* e sete sábios da Grécia.¹⁸⁷ Roma também ardeu em chamas por sete dias por causa de *Nero*.¹⁸⁸ Dez mil mártires foram mortos por sete reis. Havia sete adormecidos, sete igrejas principais de Roma e o mesmo número de mosteiros construídos por *Gregório*; também sete filhos deu à luz Santa Felicidade; sete eleitores do Império,¹⁸⁹ e sete atos solenes na coroação do Imperador;¹⁹⁰ as leis do Testamento requerem sete testemunhas,¹⁹¹ são sete as punições civis e sete canônicas, também são sete as horas canônicas,¹⁹² o sacerdote faz sete reverências na missa; sete sacramentos e sete ordens do clero,¹⁹³ e um menino de sete anos pode ser ordenado pela

menor e obter um benefício *finis cura*.¹⁹⁴

Há sete Salmos penitenciais¹⁹⁵ e sete mandamentos da segunda tábua,¹⁹⁶ e por sete horas ficaram Adão e Eva no Paraíso, e sete homens foram anunciados por um anjo antes de nascer: *Ismael*, *Isaque*, *Sansão*, *Jeremias*, *João Batista*, *Tiago*, irmão do Senhor e Cristo *Jesus*.

Por fim, esse número é o mais potente de todos, tanto para o bem quanto para o mal; a esse respeito, cantava *Lívio*,¹⁹⁷ o mais antigo poeta:

A sétima luz é chegada, e assim O pai de toda a luz começa a absolver todas as coisas, A sétima de todas as coisas originais,

O primeiro sétimo, o sétimo sete chamamos

De perfeito, com estrelas errantes o céu se envolve.

E nos mesmos círculos se deixa cercar.

A escala do número 7

No mundo original	<p style="text-align: center;">ארריתא Ararita</p> <p style="text-align: center;">אשר איה Asher Eheieh</p>							O nome de Deus com sete
No mundo inteligível	צפקיאל Zaphkiel	צדקיאל Zadkiel	כמאל Camael	רפאל Rafael	האיל Haniel	מיכאל Miguel	גבריאל Gabriel	Sete anjos que se colocam na presença de Deus
No mundo celestial	שבתאי Saturno	צדק Júpiter	מאדים Marte	שמש O Sol	בונה Vênus	כוכב Mercúrio	לבנה A Lua	Sete planetas
No mundo elemental	Abibe	Águia	Abutre	Cisne	Pomba	Cegonha	Coruja	Sete pássaros dos planetas
	Choco	Delfim	Pega	Lobo-do-mar	Thymallus	Tainha	Peixe-gato	Sete peixes dos planetas
	Toupeira	Veado	Lobo	Leão	Bode	Macaco	Gato	Sete animais dos planetas
	Chumbo	Estanho	Ferro	Ouro	Cobre	Mercúrio	Prata	Sete metais dos planetas
	Ônix	Safira	Diamante	Carbúnculo	Esmeralda	Ágata	Cristal	Sete pedras dos planetas

A escala do número 7

No mundo menor	Pé direito	Cabeça	Mão direita	Coração	Partes íntimas	Mão esquerda	Pé esquerdo	Sete membros integrantes distribuídos entre os planetas
	Ouvido direito	Ouvido esquerdo	Narina direita	Olho direito	Narina esquerda	Boca	Narina direita	Sete orifícios da cabeça distribuídos entre os planetas
No mundo infernal ¹⁹⁸	יהנם Inferno	צלמיה Os portões da morte	ירעשתום A sombra da morte	כארשדת O poço de destruição	מימדון A argila da morte	אברון Perdição	שאל A profundidade da morte	Sete habitantes dos infernos; o que o rabino José de Castela, o Cabalista, descreve no Jardim das Nozes.

Notas - Capítulo X

1. “Também no sétimo mês o feto pode nascer, vivo” (Theon 2.46 [Lawlor, 69]).
2. “As crianças desenvolvem os dentes a partir do sétimo mês após o nascimento, e a dentição se completa em sete anos...” (*Ibid.*). Ver também Plínio 7.15 (Bostock e Riley, 2:153).
3. “... o sêmen e a puberdade surgem aos 14 anos de idade...” (Theon 2.46 [Lawlor, 69]).
4. “... é no terceiro período, aos 21 anos de idade, que a barba começa a crescer. É também nessa idade que o homem atinge sua altura total...” (*Ibid.*).
5. Ficar robustos.
6. “... é só no quarto período, 28 anos de idade, que ele adquire a robustez” (*Ibid.*).
7. Davi, no Salmos 90:10.
8. “Há sete vísceras, a língua, o coração, os pulmões, o fígado, o baço e os dois rins” (Theon 2.46 [Lawlor, 69]).
9. Talvez seja desnecessário acrescentar que essas estimativas de resistência estão totalmente erradas. A maioria das pessoas provavelmente morreria se ficasse sete minutos sem ar; e já foi demonstrado em experiências que o homem pode viver mais de um mês sem comida, embora não sem água, que é necessária após uma semana ou pouco mais.
10. “Sete dias são necessários para se diagnosticar uma doença, e todas as febres periódicas, mesmo em febre de três e quatro dias, o sétimo dia é sempre o mais sério” (*Ibid.*).
11. E ele prosseguiu com a divisão, da seguinte maneira: primeiro, tirou uma parte do todo [1], depois separou uma segunda parte, que era o dobro da primeira [2]; em seguida, pegou uma terceira parte, que era uma vez maior que a segunda e o triplo da primeira [3]. Depois, pegou uma quarta parte que era o dobro da segunda [4] e uma quinta parte, que era o triplo da terceira [9], e uma sexta parte, que era oito vezes maior que a primeira [8], e uma sétima parte, que era 27 vezes maior que a primeira [27]. (Platão *Timaeus* 35b [Hamilton and Cairns, 1165]).
12. Em música, toda oitava nota é repetida, formando uma oitava, que é o mesmo tom separado por uma proporção 2:1.
13. Dítono; terceira maior; semiditono: terceira imperfeita; diatesseron: quarta; diapente: quinta; diapasão: oitava.
14. Chamado em Astrologia de aspecto da oposição, quando dois planetas ou pontos significativos estão a 180° de distância, resultando em máxima tensão e polarização entre os dois.
15. “De um solstício do Sol a outro há sete meses, e os planetas também são sete. De modo semelhante, sete meses são contados de um equinócio ao outro”(Theon 2.46 [Lawlor, 69]). Lembremo-nos de que os antigos contavam a partir do primeiro elemento em uma série, enquanto nós contamos a partir do segundo. Pela classificação moderna, há apenas seis signos entre os equinócios e os solstícios.
16. A Grande Cruz da Astrologia é formada quando quatro planetas ou pontos significativos como os nodos da Lua estão a 90° um para o outro, e é a constelação de tensão máxima.
17. Agrippa parece parafrasear Theon aqui (ver nota 15 deste capítulo), mas as palavras não são claras, e talvez fosse uma melhor explicação: “Pela mesma radiação e número, o solstício de verão é distante do solstício de inverno, e o equinócio de outono do equinócio da primavera, todos os quais determinados pelos sete signos”.
18. Como Agrippa fala de longitude, ele deve estar se referindo aos círculos das casas da Astrologia, que definem as casas do zodíaco. Há seis que giram em torno da Terra, de norte a sul, intersectando nos pólos. Não me parece claro como Agrippa chegou aos sete círculos, a menos que seja pelo mesmo sistema de contar que lhe dá sete signos em 180 graus (ver nota 15 deste capítulo).
19. Eixo da Terra, que antigamente era considerado o eixo do Universo.
20. A constelação da Ursa Maior, que é formada de sete estrelas brilhantes.
21. $1+2+3+4+5+6+7 = 28$. A Lua atravessa o plano da eclíptica duas vezes a cada revolução em torno da Terra. Essas interseções são chamadas de nodos da Lua. Por 14 dias, a Lua está acima da eclíptica e, por outros 14, abaixo.

22. “O mês é composto de quatro semanas (quatro vezes sete dias); na primeira semana, a Lua parece dividida em duas; na segunda, torna-se cheia; na terceira, é novamente dividida; e, na quarta, volta a se encontrar com o Sol para iniciar um novo mês e aumentar, ou crescer, no decorrer da semana seguinte” (Theon 2.46 [Lawlor, 68]).
23. “As marés são altas na lua cheia e na lua nova porque nessas fases a lua e sol se alinham e suas forças de maré se complementam; nas fases minguante e crescente, o sol e a lua se digladiam, e o efeito de maré do sol cancela uma parte do efeito de maré da lua.”
24. Sábado é o Sabá dos judeus.
25. Apocalipse 20.
26. Entre os números contidos na década, alguns criam e alguns são criados. Por exemplo, 4 multiplicado por 2 cria 8 e é criado por 2. Outros são criados, mas não criam, como 6, que é o produto de 2 e 3, mas que não cria nenhum dos números da década. Outros criam, mas não são criados, como 3 e 5, que não são criados por nenhuma combinação de números, mas criam: 3 produz 9, e 5 multiplicado por 2 produz 10.
O 7 é o único número que, multiplicado por outro, não cria nenhum dos números na década, e que não é produzido pela multiplicação de nenhum número (Theon 2.46 [Lawlor, 68]).
27. Outro número da década, o 7, é dotado de uma notável propriedade: é o único que não gera nenhum outro número contido na década e que não nasce de nenhum deles, fato que levou os pitagóricos a lhe dar o nome de Atena, pois essa deusa não nasceu de uma mãe e não teve filhos (*Ibid.*). Palas Atena nasceu da cabeça de Deus, sem sexo, e permaneceu virgem.
28. A palavra hebraica *saba*, da raiz SBAA (שבת), “sete”, um dos tipos de juramentos feitos pelos judeus, sendo o outro *alah* (maldição), que invoca a maldição de Deus caso o juramento seja violado.
29. Gênesis 21:29-31.
30. Gênesis 2:2.
31. Êxodo 20:8-11.
32. Mateus 28:1.
33. “... Mergulhei sete vezes na água do mar, sendo o número 7 conveniente e apropriado para as coisas sagradas e divinas, como declarou o digno e sábio filósofo Pitágoras” (Apuleio, *O asno de ouro*, 47).
34. Levítico 14:7. Na Bíblia, o tipo de pássaro não é especificado, mas Rashi diz: “Uma vez que as pragas vêm da má língua, que é o ato de tagarelar, conseqüentemente eram necessários para a sua purificação pássaros que gorjeiam continuamente com seus chilros” (Rashi 1949, 3:129).
35. II Reis 5:10-4.
36. O sábio é Salomão. Ver Provérbios 6:31.
37. Levítico 25. Sete anos totais são 7 x 7.
38. Mateus 6:9-13.
39. Ver nota 9, cap. IX, l. II.
40. Salmos 119:164.
41. Gênesis 4:15.
42. Salmos 79:12.
43. Provérbios 6:16-9
44. Mateus 12:45.
45. Semana.
46. Isaías 11:2. Presumivelmente a santidade do Espírito é indicada na frase bíblica “do Senhor”.
47. Zacarias 4:10.
48. Livro apócrifo [presente nas Bíblias católicas] de Tobias 12:15.
49. Apocalipse 8:2.
50. Apocalipse 4:5.
51. Apocalipse 1:12.
52. Apocalipse 1:16.
53. Ver nota 49 deste capítulo.
54. Apocalipse 5:6.
55. Apocalipse 5:1.

56. Apocalipse 8:1.
57. Gênesis 2:2.
58. Gênesis 5:24. Enoch era a sexta geração, pelos cálculos modernos.
59. Gênesis 4:19. Lameque era descendente de Caim.
60. Gênesis 4:24
61. Talvez uma referência a Josephus, *Antiquities of the Jew*, 1.2.2.
62. Gênesis 7:2-3.
63. Gênesis 7:10-1.
64. Gênesis 21:29-31.
65. Gênesis 29:18-28.
66. Gênesis 50:10.
67. Gênesis 41.
68. A raiz de sabá é SBTh [שבת], que significa “teste”. Portanto, “o sabá do descanso” - Êxodo 31,15 e 35,2 - em que [שבתו] indica intensidade, um grande sabá ou um sabá solene.
69. Êxodo 24:16.
70. Êxodo 31:15.
71. Ver nota 9, cap. IX, 1. II.
72. Êxodo 22:30.
73. Êxodo 23:11.
74. Ver nota 68 deste capítulo.
75. Levítico 23:8.
76. Levítico 23:24.
77. Levítico 23:36.
78. Levítico 23:41.
79. Levítico 23:42.
80. Levítico 4:6.
81. Ver nota 34 deste capítulo.
82. Levítico 15:19, no contexto de 15:13.
83. Levítico 4:6.
84. Levítico 26:18.
85. Talvez Deuteronômio 27:3, com referência a Josué 18:6.
86. Deuteronômio 15:1.
87. Parece uma referência a Números 8:2.
88. Números 28:11. Mas não há menção aqui de ovelhas; na verdade, Rashi diz que os cordeiros são machos (Rashi 1949, 4:300). Agrippa pode ter se confundido com Gênesis 21:29, em que sete cordeiros são, na verdade, ovelhas.
89. Números 28:17.
90. Números 28:21-2.
91. Números 28:25.
92. Números 29:1.
93. Números 29:12.
94. Números 29:32. Bezerros. Ver 29:17.
95. Números 23:1
96. Miriam, em Números 12:14.
97. Números 19:11.
98. Josué 6:3-4.
99. Os abiezritas, o clã de Gideão, que expulsou o rei dos midianitas, que havia governado Israel por sete anos. Ver Juízes 6:1-11-34. A referência de Agrippa é confusa.
100. Juízes 14:12-17.
101. Um tendão é um rebento verde, flexível, usado para amarrar e plantar; varas de salgueiro. Ver Juízes 16:8.
102. Juízes 16:19.
103. Ver nota 99 deste capítulo.
104. I Reis 18:44.

105. I Reis 20:29.
106. Provavelmente II Reis 8:1.
107. II Reis 4:35.
108. II Samuel 21:9.
109. II Reis 5:14.
110. Gedalias. II Reis 25:25.
111. Ester 1:10.
112. Tobias 3:8.
113. Daniel 3:19.
114. Daniel foi jogado no covil dos leões por Dario (Daniel 6:16). A referência é Daniel 14:31-39.
115. Jó 1:2.
116. Jó 2:13.
117. Jó 5:19.
118. Esdras 7:14.
119. Esdras 3:10. Ver também Neemias 12:35.
120. Esdras 3:1-4.
121. Neemias 13:1.
122. Salmos 119:164.
123. Salmos 12:6.
124. Salmos 79:12.
125. Provérbios 9:1.
126. Provérbios 26:16.
127. Provérbios 6:16-9.
128. Provérbios 26:25.
129. Ver nota 46 deste capítulo.
130. Isaías 4:1.
131. Jeremias 15:9.
132. Ezequiel 3:15.
133. Zacarias 4:2.
134. Zacarias 4:10.
135. Zacarias 3:9.
136. Zacarias 8:19.
137. Miquéias 5:5.
138. Mateus 5:3-11. Mas eu conto nove.
139. Mateus 19:18-21.
140. Mateus 15:19.
141. Mateus 6:9-13.
142. Lucas 23:46.
143. Talvez, João 2:5.
144. Mateus 15:36.
145. Mateus 15:37.
146. Mateus 22:25-6.
147. João 21:2.
148. João 2:6. Na verdade, eram seis.
149. Mateus 23:13-29.
150. Lucas 8:2.
151. Mateus 12:45.
152. Mateus 2:14-5.
153. João 4:52.
154. Tiago 3:17.
155. II Pedro 1:5-7.
156. Atos 20:4.
157. Tavez Atos 20:4.
158. Apocalipse 1:12.
159. Apocalipse 1:16.

160. Apocalipse 12:3.
161. Apocalipse 1:11.
162. Isaías 1:4, não Apocalipse.
163. Isaías 11:15, não Apocalipse.
164. Apocalipse 5:1.
165. Talvez Apocalipse 13:16.
166. Apocalipse 5:6.
167. Apocalipse 8:2.
168. Apocalipse 8:2.
169. Apocalipse 12:3. Mas os chifres são dez. Talvez Agripa tenha confundido essa passagem com Apocalipse 5:6.
170. Apocalipse 12:13.
171. Apocalipse 15:1.
172. Apocalipse 15:7.
173. Apocalipse 17:1.
174. Apocalipse 17:3.
175. Apocalipse 17:9.
176. Apocalipse 17:17.
177. Apocalipse 10: 4.
178. Hesfodo cita cinco idades: (1) do ouro, (2) da prata, (3) do bronze, (4) dos heróis e (5) do ferro. Ovídio omite a quarta idade, talvez ofendesse seu senso de simetria poética. Lucrécio cita três, que são aquelas ainda consideradas nos tempos modernos: (1) da pedra, (2) de bronze e (3) do ferro. A divisão em sete idades, ou eras, começou com Nenius, um historiador galês que viveu no fim do século VIII e escreveu *Historia Britanum*. São elas: (1) Adão a Noé, (2) Noé a Abraão, (3) Abraão a Davi, (4) Davi a Daniel, (5) Daniel a João Batista, (6) João Batista ao Dia do Juízo Final, (7) A Segunda Vinda de Cristo. Quanto a esse tema, consultar Graves [1948] 1973, 266-8.
179. A primeira, o bebê, choramingando e vomitando nos braços da ama. Depois, o menino a resmungar, indo para a escola carregando sua bolsa. Com o rosto brilhante, logo de manhã, rastejando como um caracol. Depois, vem o enamorado, Suspirando como uma formalha, com sua aflita balada, Que fala das sobranceiras de sua amada. Em seguida, o soldado, Cheio de estranhas imprecações, barbado como um menestrel, de honra impecável, intempestivo e pronto para a briga. Atrás da efêmera reputação Ainda que na frente do canhão a disparar. E depois, o juiz, com sua grande barriga, coberta pela fina toga, Com olhos severos, barba formal, Cheio de sábios pensamentos e modernos ditados; Interpretando seu papel. A sexta idade, então, muda Para a das calças largas e os chinelos. Com óculos caindo sobre o nariz e a bolsinha de rapé ao lado, Suas longas meias guardadas desde a juventude, agora um pouco largas Para suas canelas mais delgadas; e sua forte voz masculina Regredindo então ao timbre infantil, a fala cheia de assobios. Última cena de todas, A encerrar essa estranha história acidentada É a segunda infância, em mero oblévio sem dentes, sem visão, sem gosto, sem tudo o mais. (Shakespeare, *As You Like It*, ato 2, s. 7, linhas 143-66)
180. Descendentes das nove *disciplinae* de Varro, as sete artes liberais eram reconhecidas por Santo Agostinho e Martianus Capella. Na Idade Média, elas eram divididas em um *Trivium* de Gramática, Lógica e Retórica e um *Quadrivium* de Música, Aritmética, Geometria e Astronomia.
181. Preto, branco, vermelho, verde, amarelo, azul, roxo.
182. Ver tabela deste capítulo.
183. Ver tabela deste capítulo.
184. Os nervos foram reconhecidos como sete por Celsus em sua *De Medicina*, obra escrita no início do século I. Na verdade, existem 12 pares reconhecidos.
185. Roma foi construída sobre sete colinas: (1) Mons Palatinus, (2) Mons Capitolinus, (3) Mons Quirinalis, (4) Mons Caelius, (5) Mons Aventinus, (6) Mons Viminalis, (7) Mons Esquilinus. Por isso era chamada Urbs Septicilis.

186. (1) Romulus (753-716 a.C), Numa Pompilius (716-673 a.C), Tullus Hostilius (673-641 a.C), (4) Ancus Marcius (640-616 a.C), (5) L. Tarquinius Priscus (616-578 a.C), (6) Servius Tullius (578-534 a.C), (7) L. Tarquinius Superbus (534-510 a.C).

187. (1) Sólon de Atenas, (2) Chilo de Esparta, (3) Tales de Mileto, (4) Bias de Priene, (5) Cleobulos de Lindos, (6) Pittacos de Mitilene, (7) Periander de Corinto.

188. “Por seis dias e sete noites, ele [Nero] se regozijou dessa maneira, criando confusão e tumulto e forçando os cidadãos a abandonar suas moradas e se abrigar entre as tumbas e os monumentos aos mortos” (Suetônio “Nero Claudius Caesar” 38. Em *History of the Twelve Caesar* [Holland, 290]).

189. Sete príncipes alemães que tinham o ofício de eleger o imperador alemão sob a autoridade do papa entre os séculos XIII e XIX. Eles possuíam considerável poder na época de Agrippa. Quando o Santo Império Romano foi dissolvido em 1806, os eleitores deixaram de existir.

190. Antes de Maximiliano I (até 1440), a coroação do imperador alemão era realizada em Roma pelo papa. O futuro imperador era recebido diante das portas plateadas da igreja de São Pedro, na qual a primeira oração era recitada. Em seguida, ele era conduzido para dentro, onde uma segunda oração era feita. Ele ia, então, ao confessionário de São Pedro e era ungido no braço direito e entre os ombros. Subindo até o grande altar, o papa entregava-lhe uma espada, que ele brandia e guardava na bainha. O papa, em seguida, entregava-lhe o cetro. A coroa era colocada na cabeça do imperador pelo pontífice. A cerimônia era concluída com uma missa de coroação, rezada pelo papa.

191. Gênesis 21:30.

192. Ver nota 47, cap. XVIII, I, III

193. Eram divididas em Maiores (bispo, padre, diácono [com subdiácono] e Menores (porteiro, leitor, exorcista e acólito). Essa ordem foi estabelecida no início do século III.

194. Literalmente, “no fim dos cuidados”. Um benefício é um modo de viver eclesiástico. A circunstância ocorria com o Venerável Bede (ver nota biográfica).

195. Salmos 6, 32, 38, 51, 102, 130 e 143 da versão *King James*; 6, 31, 37, 50, 101, 129 e 142 da Vulgata. São usados cerimonialmente; por exemplo, na consagração de altares.

196. Existe um mito de que três mandamentos se encontravam em uma tábua de pedra que Moisés trouxe do monte Sinai e sete, na outra. Ver prancha no início de *The Sixth and Seventh Books of Moses*, publicado por De Laurence, Chicago.

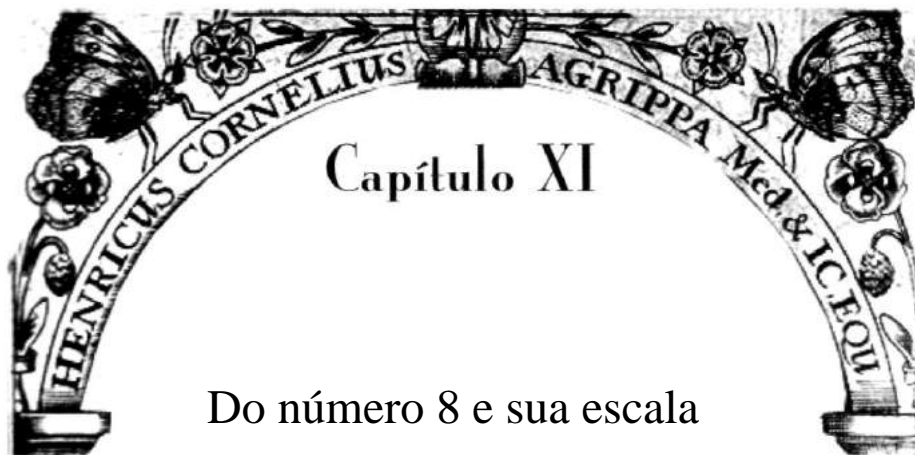
197. Livius Andronicus. Ver nota bibliográfica.

198. Muitas dessas grafias hebraicas parecem ser erros de impressão, que remontam à edição original em latim. Desde então, elas têm sido copiados fielmente por imitadores, incluindo Francis Barrett em *The Magus* (1810), que as corrompeu mais ainda. Houve um esforço por parte de MacGregor ou Aleister Crowley, no século XIX, para restaurar parte delas; a versão deles tem ao menos a vantagem de apresentar palavras hebraicas verdadeiras:

Vale de Hinoma, Gevena (Josué 15:8)
 (Fogo do Inferno [Mateus 5:22]) Portões
 da Morte (Salmos 9:13) Sombra da
 Morte (Salmos 23:4) Poço de destruição
 (Salmos 55:23) Argila lodosa (Salmos
 40:2) Destruição (Salmos 88:11)
 Sepultura, inferno (Salmos 9:17)

Muitas dessas expressões aparecem mais de uma vez na Bíblia, algumas (שׂוֹרֵל) em vários

lugares. Outras (JTT7 CaTS) ocorrem apenas uma vez. Citei simplesmente o primeiro uso, nos Salmos, quando ocorre.



Do número 8 e sua escala



s pitagóricos dizem que o 8 é o número da justiça e da plenitude: primeiro, porque ele é antes de mais nada dividido em números igualmente pares, ou seja, em quatro, e essa divisão é, pelo mesmo motivo, feita em duas vezes 2: duas vezes 2 duas vezes; e por causa dessa igualdade de divisão,¹ o número pegou para si o nome da Justiça, mas o outro² recebeu o nome da Plenitude, por causa do contexto da solidez corporal, uma vez que o primeiro faz um corpo sólido.

Daí o costume de *Orfeu* de jurar por oito divindades³ se a qualquer instante ele implorasse à justiça divina, cujos nomes são: Fogo, Água, Terra, Céu, Lua, Sol, Phanes e Noite. Há também apenas oito esferas visíveis⁴ dos céus: também esse número indica a natureza corpórea, que *Orfeu* inclui em oito de suas canções do mar.⁵ A isso também se chama aliança de circuncisão, que deve ser feita pelos judeus no oitavo dia.⁶ Também havia na velha Lei oito ornamentos

dos sacerdotes:⁷ um peitoral, uma cota, um cinto, um mitra, uma túnica, um éfode, um cinto do éfode, uma placa dourada; ele também consiste no número da eternidade,⁸ e indica o fim do mundo, pois segue o número 7, que é o mistério do tempo;⁹ é também o número da benção; pois Cristo ensina oito graus de benção, como você poderá constatar em *Mateus*;¹⁰ ele também é chamado de o número da segurança e da conservação, pois oito eram as almas dos filhos de *Jessé*,¹¹ dos quais *Davi* era o oitavo. Também *Zacarias*, pai de *João*, voltou a falar no oitavo dia.¹²

Dizem ainda que esse número era dedicado a *Dioniso*,¹³ pois este nasceu no oitavo mês, e em cuja memória eterna a Ilha de Naxos foi dedicada, obtendo a prerrogativa de que apenas as mulheres de Naxos deveriam dar à luz no oitavo mês, e as crianças viveriam, enquanto os bebês de oito meses em outras nações morreriam, e suas mães correriam perigo imediato.

Notas - Capítulo XI

1. 2x4.

2. 2 x 2 x 2.

3. Algumas pessoas dizem que há oito deuses principais no Universo, e isso também se encontra nos juramentos de Orfeu: “Pelos criadores das coisas para sempre imortais: fogo e água, terra e céu, a Lua e o Sol, a grande tocha e a noite negra” (Theon 2.47 [Lawlor, 69]).

Ver os Hinos de Orfeu: 2, “À Noite”; 3, “Ao Céu”; 4, “Ao Fogo”; 5, “A Protoponus” (Phanes); 7, “Ao Sol”; 8, “A Lua”; 21, “Ao Mar, ou Tethys”; 25, “À Terra”.

4. Sete esferas dos planetas e a oitava do zodíaco. A nona era Deus e invisível. “Timóteo também relata o provérbio ‘oito é tudo’, porque as esferas do mundo que giram em volta da terra são em número de 8” (Theon 2.47 [Lawlor, 69-70]).

5. No hino órfico “Ao Oceano”, o mar era venerado como “o maior purificador dos deuses” e era chamado por Pitágoras, segundo Porfírio, de “uma lágrima de Saturno”, porque, como diz Thomas Lawlor, Saturno representa o puro intelecto (Taylor 1875, 108). Os hinos órficos mais intimamente associados ao mar são: 16, “A Netuno”; 21, “Ao Mar, ou Thetys”; 22, “A Nereu”; 23, “As Nereidas”; 24, “A Proteu”; 73, “A Leucothea”; 74, “A Palemon”; 82, “Ao Oceano”. Agrippa pode estar se referindo a outros hinos.

6. Gênesis 17:12.

7. Êxodo 28:4.8.36.

8. O número 8, de lado, forma a lemniscata (∞), símbolo da eternidade.

9. Porque o 7 não surge de outros números nem os faz surgir (ver nota 26, cap. X, l. II); portanto, não começa nem termina.

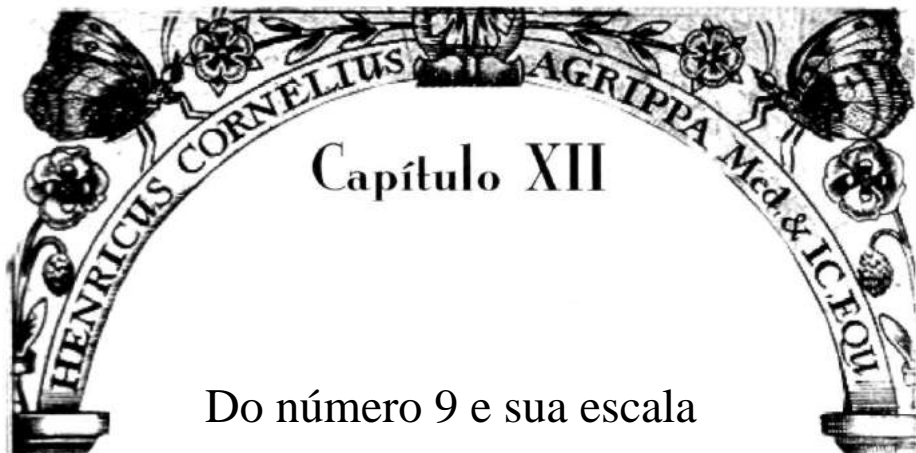
10. Ver nota 138, cap. X, l. II.

11. I Samuel 16:10-3.

12. Lucas 1:59-64.

13. Dioniso era o filho de Zeus e da princesa de Tebas, Semele. Apaixonado por Semele, Zeus fez a promessa desmedida de que faria qualquer coisa que ela pedisse. Instigada pela ciumenta Hera, Semele solicitou ver Zeus em todo o seu esplendor. Zeus não podia recusar, pois havia jurado pelo Rio Estige, e, quando levantou o véu e descobriu o rosto, Semele foi consumida por seu fogo devorador, mas Zeus tirou do ventre dela o feto ainda em desenvolvimento e o colocou em segurança sobre sua coxa, onde ele vingou.

No mundo original	<p style="text-align: center;">אלוה ודעת Eloha Vedaath יהוה ודעת Jehovah Vedaath</p>								Os nomes de Deus com oito letras
No mundo inteligível	Herança	Incorruptibilidade	Poder	Vitória	A visão de Deus	Graça	Um reino	Alegria	Oito recompensas dos abençoados
No mundo celestial	O céu estrelado	O céu de Saturno	O céu de Júpiter	O céu de Marte	O céu do Sol	O céu de Vênus	O céu de Mercúrio	O céu da Lua	Oito céus visíveis
No mundo elemental	A secura da terra	O frio da água	A umidade do ar	O calor do fogo	O calor do ar	A umidade da água	A secura do fogo	O frio da terra	Oito qualidades particulares
No mundo menor	Os amantes da paz	Fome e sede de justiça	Os humildes	Aqueles que são perseguidos por serem justos	Puros de coração	Misericordiosos	Pobres em espírito	Os que choram	Oito tipos de homens bem-aventurados
No mundo infernal	Prisão	Morte	Julgamento	A ira de Deus	Trevas	Indignação	Tribulação	Angústia	Oito recompensas dos condenados



Do número 9 e sua escala



número 9 é dedicado às Musas por meio da ajuda da ordem das esferas celestiais e dos espíritos divinos; portanto, há nove esferas móveis e, de acordo com elas, são nove as Musas,¹ a saber:

Calíope, Urânia, Polímnia, Terpsícore, Clio, Melpômene, Erato, Euterpe, Tália; musas estas que são atribuídas às nove esferas, de modo que a primeira se assemelha à esfera suprema, chamada de *primum móbile*, e descendo por graus, de acordo com a ordem escrita, até a última, que se assemelha à esfera da Lua. Assim, *Calíope* é atribuída à *primum móbile*, *Urânia* ao céu estrelado, *Polímnia* a Saturno, *Terpsícore* a Júpiter, *Clio* a Marte, *Melpômene* ao Sol, *Erato* a Vênus, *Euterpe* a Mercúrio, *Tália* à Lua.

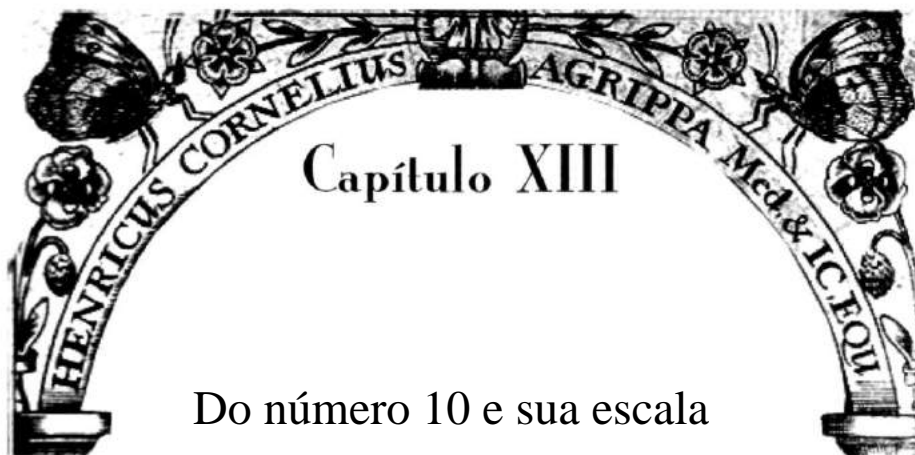
Há também nove ordens de anjos abençoados, a saber: Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Potestades, Virtudes, Principados, Arcanjos, Anjos, as quais Ezequiel associa a nove pedras,² que são: a safira, esmeralda, carbúnculo, berilo, ônix,

crisólita, jasper, topázio, sárdio; esse número tem também um grande mistério oculto da cruz; pois na nona hora, nosso Senhor *Jesus* Cristo entregou seu espírito.³ E em nove dias os antigos sepultavam seus mortos,⁴ e, no mesmo número de anos, dizem que *Minea* recebeu as leis de *Júpiter* em uma caverna;⁵ de fato, esse número era particularmente respeitado por Homero, quando as leis tinham de ser passadas ou respostas tinham de ser dadas, quando a espada estava prestes a ser brandida. Os astrólogos também observam o número 9 nas idades dos homens, não diferente do que fazem com o número 7, que eles dizem ser os anos climatéricos, eminentes para alguma notável mudança. Entretanto, o número às vezes indica imperfeição e incompletude, porque não atinge a perfeição do 10, mas é inferior por um, sem o qual é deficiente, como *Agostinho* interpreta na história dos dez leprosos:⁶ tampouco é a longitude de nove côvados de *Ogue*,⁷ rei de Basã, que é um tipo de diabo, sem um mistério.

Notas - Capítulo XII

1. Calíope, poesia épica; Urânia, Astronomia; Polímnia, poesia sagrada; Terpsícore, dança coral e canto; Clio, história; Melpômene, tragédia; Erato, poesia de amor; Euterpe, poesia lírica; Tália, comédia.
2. Ezequiel 28:13.
3. Mateus 27:46. Essa exclamação de Cristo tem nove palavras na Bíblia *King James*.
4. Isso vem de Homero e se refere ao mito de Níobe, cujos filhos e filhas foram mortos pelos deuses para puni-la por seu orgulho e vaidade: “Por nove dias, eles ficaram prostrados sobre o próprio sangue; e não havia ninguém para sepultá-los, pois o filho de Kronos transformara as pessoas em pedra; mas no décimo dia os deuses uranianos os sepultaram” (*Iliada* 24, linhas 610-2 [Lattimore, 491]). O mesmo mito é relatado com um colorido poético por Ovídio em *Metamorfoses* 6.2. Ovídio diz que os filhos e filhas eram em número de 7. É provável que os nove dias reflitam algum antigo costume e sepultamento ou mistério de religião.
5. Homero fala de “Knossos, a grande cidade, o lugar onde Minos foi rei por períodos de nove anos, e conversava com o grande Zeus” (*Odisseia* 19, linhas 178-9) [Lattimore, 286].
6. Lucas 17:12-9.
7. Deuteronômio 3:11.
8. Agrippa cita o termo hebraico para Gibor como GIBR (גיבר), que não bate com a ortografia moderna GBVR (גבר).
9. O nome desse anjo provavelmente deveria ser Jofiel. Entretanto, ele aparece nessa forma tanto na edição inglesa quanto na latina.

No mundo original	<p style="text-align: center;">יהוה צבאות Jehovah Sabaoth</p> <p style="text-align: center;">יהוה צדקנו Jehovah Zidkenu</p> <p style="text-align: center;">אלהים גיבור Elohim Gibor⁸</p>									Os nomes de Deus com nove letras
No mundo inteligível	Serafins	Querubins	Tronos	Dominações	Potestades	Virtudes	Principados	Arcanjos	Anjos	Nove cores de anjos
	Metatron	Ofaniel ⁹	Zaphkiel	Zadkiel	Camael	Rafael	Haniel	Miguel	Gabriel	Nove anjos que governam os céus
No mundo celestial	Primum móbile	Céu estrelado	Esfera de Saturno	Esfera de Júpiter	Esfera de Marte	Esfera do Sol	Esfera de Vênus	Esfera de Mercúrio	Esfera da Lua	Nove esferas móveis
No mundo elemental	Safira	Esmeralda	Carbúnculo	Berilo	Ónix	Crisólita	Jaspe	Topázio	Sárdio	Nove pedras representando os nove cores de anjos
No mundo menor	Memória	Cogitativo	Imaginativo	Senso comum	Ouvir	Ver	Cheirar	Degustar	Tocar	Nove sentidos internos e externos juntos
No mundo infernal	Espíritos falsos	Espíritos mentirosos	Recipientes de iniquidade	Vingadores de perversidade	Ilusionistas	Poderes do ar	Fúrias, espalhando malignidade	Separadores ou divisores	Tentadores ou sedutores	Nove ordens de diabos



número 10 é chamado de todo número ou de número universal, completo, significando todo o curso da vida, pois, além dele, não, se pode enumerar exceto por replicação; e ele ou implica todos os números dentro de si ou explica por si, multiplicando-os;¹ por isso, ele é atribuído a uma múltipla religião e poder e é aplicado à purgação das almas. Por isso os antigos chamavam as cerimônias de denário,² pois aqueles que seriam expiados ou que ofereceriam sacrifícios precisavam se abster de certas coisas por dez dias. Entre os egípcios, por exemplo, era costume que aquele que ia oferecer sacrifício a 7o³ jejuasse dez dias antes, o que *Apuleio* afirma ter feito, dizendo que fora instruído para se abster de toda carne e jejuar por dez dias.⁴

Há dez partes sanguíneas do ser humano, o menstruo, o esperma, o espírito plasmático,⁵ a massa,⁶ os humores, o corpo orgânico, a parte vegetativa, a parte sensitiva, a razão e a mente. Há também dez partes integrantes simples que constituem o homem: osso, cartilagem, nervo, fibra, ligamento, artéria, veia, membrana,

carne, pele. Também são dez as partes das quais o homem é intrinsecamente constituído: o espírito, o cérebro, os pulmões, o coração, o fígado, a Vesícula, o baço, os rins, os testículos, a matriz.

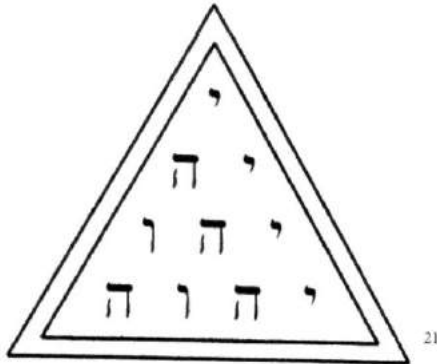
Havia dez cortinas no templo,⁷ dez cordas no Saltério e⁸ dez instrumentos musicais com os quais os Salmos eram cantados, cujos nomes eram: neza, no qual as odes eram cantadas; nablum, o mesmo que os órgãos; mizmor, onde se cantavam os Salmos; sit, os cânticos; tehila, as exortações; beracha, as bênçãos; hallel, os louvores; hodaia, as graças; asre, a felicidade de uma pessoa; aleluia,⁹ só para os louvores a Deus e contemplações. Eram dez também os cantores dos Salmos: *Adão, Abraão, Melquisedeque, Moisés, Asaph, Davi, Salomão* e os três filhos de *Coré*;¹⁰ há ainda os dez mandamentos; e, no décimo dia¹¹ após a ascensão de Cristo, ocorreu a vinda do Espírito Santo. Nesse número, *Jacó* venceu o anjo, após lutar com ele a noite toda, e ao nascer do Sol foi abençoado e chamado pelo nome de *Israel*.¹² Nesse número, *Josué* venceu 31 reis,¹³ e *Davi* venceu *Golias*¹⁴ e os

filisteus, e Daniel escapou do perigo dos leões.¹⁵

Esse número também é tão circular como uma unidade porque, se for separado e somado,¹⁶ retorna a uma unidade, de onde se originou, e ele é o fim e a perfeição de todos os números, e o começo das dezenas. Assim como o número 10 volta à unidade de onde proveio, tudo o que flui retorna àquilo de onde iniciou o fluxo. A água retorna ao mar, onde se originou; o corpo retorna à terra, de onde foi tirado; o tempo retorna à eternidade, de onde começou a fluir; o espírito retornará a Deus, que o enviou; e por fim, toda criatura retorna ao nada, de onde foi criada, não tendo apoio senão o da palavra de Deus, em quem todas as coisas se ocultam; e todas as coisas com o número 10, e

pelo número 10, formam um círculo, como dizia *Proclo*, começando em Deus e nele terminando.

Deus, portanto, a Primeira Unidade, ou o Um, antes de se comunicar aos inferiores, difundiu-se no primeiro dos números, o número 3,¹⁷ depois no número 10, como em dez ideias e medidas para todos os números, e todas as coisas, que os hebreus chamam de dez atributos¹⁸ e consideram dez nomes divinos; causa pela qual não pode haver mais um número. Assim, todas as dezenas têm alguma divindade em si e, segundo a Lei, são de Deus,¹⁹ junto com seus primeiros frutos,²⁰ como as coisas originais e o começo dos números; e toda décima parte é com o fim que é dado a ele, que é o princípio e o fim de todas as coisas.



Notas - Capítulo XIII

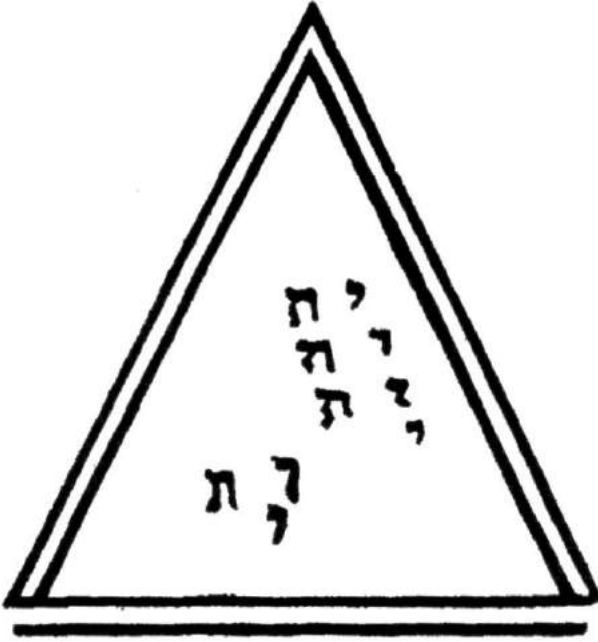
1. “A década completa a série de números, contendo em si a natureza de par e ímpar, daquilo que se movimentava e daquilo que se encontra estático, do bem e do mal” (Theon 2.49 [Lawlor, 70]).
2. Do número 10.
3. Na mitologia grega, Io era filha de Inachus e Zeus, que a transformou em uma bezerra para escondê-la da ciumenta Hera. Para se vingar, Hera fez com que Io fosse atormentada por uma mutuca, até que ela nadou pelo mar Jônico até o Egito e fugiu. Ela era representada como uma mulher com cabeça de vaca, confundida com Hathor.
4. Os sumos sacerdotes de Ísis ordenaram a Apuleio que “jejuasse por dez dias contínuos, sem comer carne animal nem beber vinho” (O *asno de ouro*, cap. 48 [Adlington]).
5. O espírito que dá forma ou molde.
6. A quantidade total de sangue ou fluido no corpo.
7. Êxodo 26:1.
8. Um instrumento musical como um santir, descrito como tendo dez cordas. Ver Salmos 33:2 e a tradução de Knox (Salmos 32:2), em que a descrição é mais exata de uma “harpa de dez cordas”.
9. Não um instrumento, mas uma exclamação de louvor a Deus: hebraico (ללהל) de *halal*, “brilhar”, mais yah (יָהּ), forma abreviada de Jeová.
10. Coré se rebelou contra Moisés e foi morto por Deus (Números 16:32), mas seus filhos foram poupados (Números 26:11). Seus descendentes formaram um dos coros dos levitas, que são mencionados nos títulos de quase 12 Salmos (por exemplo, Salmos 44-9), como os “filhos de Coré”.
11. Atos 2:4.
12. Gênesis 32: 24-8. Rashi diz que o mesmo número de horas que o Sol se apressou em se pôr para Jacó em Berseba (Gênesis 28:11) agora se apressava em brilhar (Gênesis 32:31), mas não especifica o número de horas (Rashi 1949, 1:332-3). Em Berseba, Jacó prometeu uma décima parte de sua riqueza a Deus (Gênesis 28:22).
13. Josué 4:19.
14. I Samuel 17:17-8.
15. Talvez o número de horas que Daniel tenha ficado no covil dos leões, segundo uma versão da história. Ver Daniel 6,16-9, em que, porém, o número de horas não é especificado.
16. $1 + 0 = 1$; também $1 + 2 + 3 + 4 + 5 + 6 + 7 + 8 + 9 + 10 = 55$, $e5 + 5 = 10$, e $1 + 0 = 1$.
17. “O número 2 somado à unidade produz 3, que é o primeiro número que tem um começo, um meio e um fim. Por isso, esse número é o primeiro ao qual o nome *aglomerado* se aplica, pois todos os números menores que esse não são chamados de aglomerado (ou de muitos), mas de um ou um e outro; enquanto o 3 é chamado de aglomerado” (Theon 2.42 [Lawlor, 66]). Ver notas cap. VI, I. II.
18. O sefiroth cabalístico do hebraico “*sapphire*” (ספיר) (ספיר), e não como se afirma *saphar* (ספיר), “enumerar”. São descritos como recipientes esféricos que contêm as emanações do Ain Soph (אין סוף), o Ilimitado. Aparecem na tabela no fim do capítulo. Ver também apêndice VI.
19. O dízimo. Ver Gênesis 28:22 e Número 18:21.
20. Êxodo 13:2 e 23:19.
21. Nesse diagrama, as letras do Tetragrammaton são escritas de um modo que formam o *tetractys* de Pitágoras. Essas mesmas letras, escritas lado a lado, compõem o nome de “Jeová com dez letras juntas” que aparece na tabela no fim do capítulo. Na *Ópera*, esse diagrama aparece do modo correto; entretanto, na edição inglesa de 1651, é grosseiramente distorcido a ponto de se tornar irreconhecível e representa um verdadeiro desafio para aqueles que tentam resolvê-lo, como eu fiz, antes de ver a versão correta. Francis Barrett copiou essa versão distorcida da edição inglesa e a incluiu em seu *Magus* (1801), aparentemente sem a menor ideia do que ele significa.

A escala do

No mundo original	יהוהיהויה			יהוה	
	o nome de Jeová (Javé) com dez letras juntas			O Nome de Jeová	
	אדה Eheie	יהוה Iod Jehovah	יהוה אלהים Jehovah Elohim	אל El	אלהים גיבור Elohim Gibor
	כתר Kether	הכמה Hochmach	בינה Binah	חסד Hesed	גבורה Geburah
No mundo inteligível	Serafins	Querubins	Tronos	Dominações	Potestades
	Haioth ha-Kados	Ofanim	Aralim	Hasmalim	Serafim
	Metatron	Jofiel	Zaphkiel	Zadkiel	Camael
No mundo celestial	Rashith ha-Gallalim Primum Mobile	Masloth Esfera do Zodíaco	Sabbathi Esfera de Saturno	Zedeck Esfera de Júpiter	Madim Esfera de Marte
No mundo elemental	Pomba	Leopardo	Dragão	Águia	Cavalo
No mundo menor	Espírito	Baço	Fígado	Vesícula	Coração
No mundo infernal	Deuses falsos	Espíritos mentirosos	Recipientes de iniquidade	Vingadores de perversidade	Ilusionistas

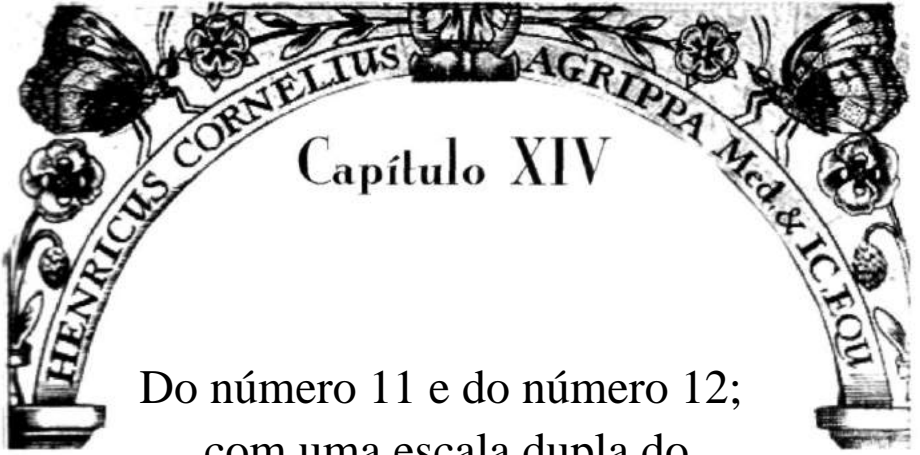
número 10

יודהא		אלהים צבאות			Os nomes de Deus com dez letras
com dez letras juntas		O nome Elohim Sabaoth			
אלה Eloha	יהוה צבאות Jehovah Sabaoth	אלהים צבאות Elohim Sabaoth	שדי Shaddai	מלך ארנ Adonai Malekh	Dez nomes de Deus
תפארת Tiphereth	נצה Netzach	הור Iesod	יסוד Iesod	מלכות Malchuth	Dez Sephiroth
Virtudes	Principados	Arcanjos	Anjos	Almas abençoadas	Dez ordens dos bem-aventurados segundo Dionísio
Malachim	Elohim	Beni Elohim	Querubim	Issim	Dez ordens dos bem-aventurados de acordo com as tradições dos homens
Rafael	Haniel	Miguel	Gabriel	A alma do Messias	Dez anjos governantes
Shemes Esfera do Sol	Noga esfera de vênus	Cochab esfera de mercúrio	Levanah esfera da lua	Holom Jesodoth Esfera dos Elementos	Dez Esferas do Mundo
Leão	Homem	Serpente	Touro	Cordeiro	Dez animais consagrados aos deuses
Coração	Rins	Pulmões	Genitais	Matriz	Dez animais consagrados aos deuses
Poderes do ar	Fúrias, as disseminadoras do mal	Separadores ou divisores	Tentadores ou sedutores	Almas ímpias querendo governar	Dez ordens dos condenados



Nome de Jeová (Javé) de dez letras juntas

Extraído de The Magus, de Francis Barrett (Londres, 1801)



Do número 11 e do número 12; com uma escala dupla do número 12 cabalística e órfica



número 11, excedendo o número 10, que é o número dos mandamentos, é um antes do número 12, que é o da graça e perfeição; por isso, é chamado de o número do pecado e do penitente. Assim, no tabernáculo, foi ordenado que se fizessem 11 capas de pelos,¹ que é o hábito daqueles que são penitentes e lamentam por seus pecados. Por isso, o número não tem comunhão com coisas divinas ou celestiais nem a menor atração ou escala com tendência para as coisas do alto, e tampouco traz qualquer recompensa; entretanto, às vezes, ele recebe uma graça de Deus, como aqueles que chegaram na hora undécima² à vinda do Senhor e receberam a mesma recompensa daqueles que haviam carregado o fardo e suportado o calor do dia.

Quanto ao número 12, é divino e por ele os celestiais são medidos; ele é o número dos signos no zodíaco sobre os quais há 12 anjos³ como chefes, sustentados pela irrigação do grande nome de Deus.⁴ Em 12 anos,

também Júpiter aperfeiçoa seu curso,⁵ e a Lua atravessa diariamente 12 graus. Há também 12 juntas principais no corpo do homem, i.e., nas mãos, cotovelos, ombros, coxas, joelhos e Vértebras dos pés.

Há também um grande poder do número 12 nos mistérios divinos. Deus escolheu 12 famílias⁶ de Israel, sendo regidas por 12 príncipes;⁷ o mesmo número de pedras⁸ foi colocado no meio do Jordão, e Deus ordenou que a mesma quantidade fosse colocada no peito do sacerdote;⁹ 12 leões sustentavam o mar de fundição¹⁰ feito por *Salomão*; e havia o mesmo número de fontes em Helim,¹¹ e de espiões¹² enviados à terra prometida, e de apóstolos de Cristo¹³ espalhados pelas 12 tribos, e 12 mil pessoas foram separadas e escolhidas,¹⁴ e a Rainha do Céu foi coroada com 12 estrelas,¹⁵ e no Evangelho 12 cestos¹⁶ dos restos foram coletados, anjos¹⁷ guardam os 12 portões da cidade e 12 pedras¹⁸ da Jerusalém celestial.

Nas coisas inferiores, muitos seres se procriam segundo esse número; a lebre e o cunículo,¹⁹ sendo os mais prolíferos, dão cria 12 vezes por ano, e o camelo gera no mesmo número de meses, e a pavoá bota 12 ovos.²⁰

A escala do

No mundo original	הַקְרוּשׁ בְּרוּדְהוּא אֵב כּוֹ דְדִיָּה הַקְדֵּשׁ					
	יְהוּה	יְהוּוֹ	יְהוּה	הוּדִי	הוּיָה	הוּיָה
No mundo inteligível	Serafins	Querubins	Tronos	Dominações	Potestades	Virtudes
	Malchidiel	Asmodel	Ambriel	Muriel	Verchiel	Hamelial
	Dã	Rúben	Judá	Manasés	Aser	Simeão
	Malaquias	Ageu	Zacarias	Amós	Oséias	Miqueias
	Matias	Tadeu	Simão	João	Pedro	André
No mundo celestial	Áries	Touro	Gêmeos	Câncer	Leão	Virgem
	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto
No mundo elemental	Salva	Verbena reta	Verbena curva	Comfrey	Lady's Seal	Calamita
	Sardônia	Cornalina	Topázio	Calcedônia	Jaspe	Esmeralda
No mundo menor	A cabeça	O pescoço	Os braços	O peito	O coração	A barriga
No mundo infernal	Deuses falsos	Espíritos mentirosos	Recipientes de iniquidade	Vingadores de perversidade	Ilusionistas	Poderes do ar

número 12

Bendito seja ele Pai, Filho, Espírito Santo						Os nomes de Deus com 12 letras
יהוה	יהוה	יהוה	יהוה	יהוה	יהוה	O grande nome de volta em 12 bandeiras ²¹
Principados	Arcanjos	Anjos	Inocentes	Mártires	Confessores	12 ordens dos espíritos abençoados
Zuriel	Barbiel	Adnachiel ²²	Hanael	Gabriel ²³	Barchiel	12 anjos regendo os signos
Jonas	Obadiah	Zefanias	Naum	Habacuc	Joel	12 profetas
Bartolomeu	Filipe	Tiago, o mais velho	Tomé	Mateus	Tiago, o mais jovem	12 apóstolos
Libra	Escorpião	Sagitário	Capricórnio	Aquário	Peixes	12 signos do zodíaco
Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	12 meses
Erva de escorpião	Flor-de- diana	Pimpinela	Bardana	Erva de dragão	Aristolóquia	12 plantas
Berilo	Ametista	Jacinto	Crisópraso	Cristal	Safira	12 pedras
Os rins	Os genitais	As coxas	Os joelhos	As pernas	Os pés	12 membros principais
Fúrias, as disseminador as do mal	Separadores, ou divisores	Tentadores, ou sedutores	Bruzas	Apóstatas	Infiéis	12 graus dos condenados e de diabos

A escala órfica do

No mundo inteligível	Palas	Vênus	Febo	Mercúrio	Júpiter	Ceres
No mundo celestial	Áries	Touro	Gêmeos	Câncer	Leão	Virgem
	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto
No mundo elemental	Coruja	Andorinha	Galo	Íbis	Águia	Pardal
	Cabra	Bode	Touro	Cão	Veado	Porca
	Oliveira	Murta	Loureiro	Aveleira	<i>Aesculus</i> (Castanheiro)	Macieira
No mundo menor	A cabeça	O pescoço	Os braços	O peito	O coração	A barriga

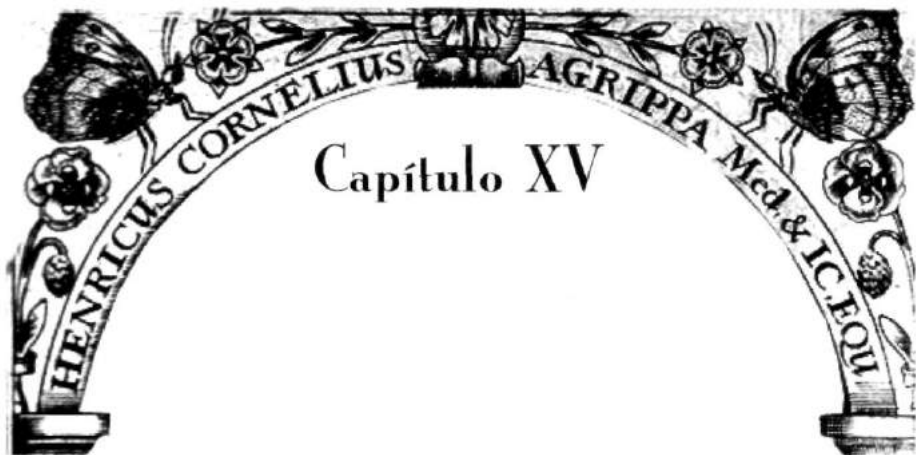
número 12

Vulcano	Marte	Diana	Vesta	Juno	Netuno	12 deidades
Libra	Escorpião	Sagitário	Capricórnio	Aquário	Peixes	12 signos do zodiaco
Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	12 meses
Cabra	Bode	Touro	Cão	Veado	Porca	12 pássaros consagrados
Asno	Lobo	Corsa	Leão	Ovelha	Cavalo	12 animais consagrados
Buxo	Corniso	Palmeira	Pinheiro	Espinho-de-carneiro	Olmo	12 árvores consagradas
Os rins	Os genitais	As coxas	Os joelhos	As pernas	Os pés	12 membros do homem distribuídos entre os signos

Notas - Capítulo XIV

1. Na verdade, “cortinas de pelo de cabra” (Êxodo 26:7). Mantos de pelo de camelo, chamados *adderet*, eram usados pelos profetas como uma espécie de distinção de ofício; ver Zacarias 13:4.
2. Mateus 20:9.
3. Ver tabela no fim do capítulo.
4. As 12 permutações do Tetragrammaton listadas na tabela.
5. O ciclo de Júpiter é de 11 anos, 315 dias.
6. Gênesis 49:28.
7. Números 1:5-16.
8. Josué 4:5.
9. Êxodo 28:15-20.
10. Na verdade, bois. I Reis 7:25.
11. Elim. Ver Números 33:9.
12. Números 13:4-15.
13. Mateus 10:2-6.
14. Talvez os 12 mil de cada tribo, em Apocalipse 7:5-8.
15. Apocalipse 12:1.
16. Mateus 14:20.
17. Apocalipse 21:12.
18. Apocalipse 21:19-20.
19. Nesse caso, coelho.
20. “A pavoia raramente bota mais que cinco ou seis ovos neste clima antes de se sentar. Aristóteles a descreve botando 12...” (Goldsmith [1774] 1849, 3:3:396).

A pavoia produz com três anos [meses?] de idade. No primeiro, ela bota um ou dois ovos, no seguinte, quatro ou cinco e, nos demais anos, 12, mas nunca mais que isso. Ela os bota por três ou quatro dias, em intervalos, e gera três vezes por ano, se for tomado o cuidado de colocar os ovos sob uma galinha comum (Plínio 10.79 [Bostock e Riley, 2:538]).
21. Na edição inglesa, essa ordem dos nomes é mostrada: (1) יהוה, (2) יהוה, (3) יהוה, (4) יהוה, (5) יהוה, (6) יהוה, (7) יהוה*, (8) יהוה*, (9) יהוה* (10) יהוה, (11) יהוה, (12) יהוה. A *ôpera* latina apresenta esta ordem: (1) יהוה, (2) יהוה, (3) יהוה, (4) יהוה, (5) יהוה, (6) יהוה, (7) יהוה, (8) יהוה*, (9) יהוה*, (10) יהוה, (11) יהוה, (12) יהוה. Ambas obviamente estão incorretas, baseadas na estrutura numérica da sequência. Eu apresento na tabela a ordem correta. Para compreender melhor os 12 nomes e a atribuição que faço deles aos signos do zodíaco, com base nos trinos elementais, consulte meu livro *The New Magus* (1988) 1:17:169-71.
22. Talvez seja Advachiel. Ver nota 13, cap. XXIV, l. III.
23. A *Ôpera* latina diz Gabriel, mas talvez o certo fosse Cambiel. Ver nota 13, cap. XXIV, l. III.



s outros números que, estão acima de 12 também são dotados de vários efeitos, cujas virtudes você deve compreender a partir de seu original e de suas partes,

uma vez que eles são feitos da junção de números simples ou por multiplicação. Às vezes seus significados advêm da diminuição ou do excedente de um número anterior, particularmente mais perfeito, e eles contêm destes os sinais de certos mistérios divinos.

Você vê, por exemplo, que o terceiro número acima de 10 mostra os mistérios da aparição de Cristo aos gentios, pois no 13ª dia após seu nascimento, uma estrela guiou os reis magos.¹

O 14º dia representa Cristo, que no 14º dia do primeiro mês, foi sacrificado por nós; dia também que os filhos de Israel foram instruídos pelo Senhor para celebrar a Páscoa.² Esse número é cuidadosamente observado por *Mateus*, a ponto de ele passar por cima de algumas gerações para que pudesse observar em todo lugar esse número nas gerações de Cristo.³ O 15º número é um marco de ascensões espirituais, portanto o

cântico dos graus é aplicado nesse sentido em 15 Salmos.⁴ Também 15 anos foram acrescentados à vida do rei *Ezequias*;⁵ e o 15ª dia do sétimo mês era observado e santificado.⁶

O número 16 é chamado pelos pitagóricos de número da felicidade. Ele também compreende todos os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos e evangelistas do Novo.

Os números 18 e 20 são interpretados pelos adivinhos como infelizes, pois no primeiro Israel serviu a *Eglom*, rei dos moabitas;⁷ e no outro *Jacó* serviu,⁸ e *José* foi vendido.⁹ E, por fim, entre as criaturas que têm muitos pés, nenhuma delas tem mais de 20.¹⁰

O 22 significa a plenitude da sabedoria, e são 22 os caracteres das letras hebraicas, e 22 livros contidos no Antigo Testamento.

Ao número 28 o favor da Lua é atribuído, pois o movimento dela¹¹ é distante do curso de outros astros e, como se estivesse sozinha, completa o 28ª dia, quando retorna ao mesmo ponto do zodíaco de onde veio: portanto, 28 mansões da Lua, tendo singular virtude e influência, são enumeradas no céu.

O número 30 é memorável por muitos mistérios. Nosso Senhor *Jesus* Cristo foi batizado¹² no 30º ano de idade e começou a fazer milagres e a ensinar sobre o reino de Deus. Também *João Batista* tinha 30 anos de idade quando começou a pregar no deserto¹³ preparar os caminhos do Senhor. Também Ezequiel, na mesma idade, começou a profetizar,¹⁴ e *José* foi tirado da prisão¹⁵ no 30º ano de idade e recebeu o governo do Egito das mãos do Faraó.

O número 32 é atribuído, pelos médicos hebreus, à sabedoria, e são 32 os caminhos da sabedoria descritos por *Abraão*.¹⁶ Mas os pitagóricos chamam-no de o número da justiça, porque ele é sempre divisível em duas partes, até a unidade.¹⁷

Ao número 40 os antigos prestavam grande respeito, motivo pelo qual celebravam o festival Tessarosten.¹⁸ Dizem que esse número conduz ao nascimento, pois nessa quantidade de dias a semente é preparada, transformada no ventre até o momento certo, e as proporções harmônicas se convergem em um corpo orgânico perfeito, estando pronto para receber uma alma racional. E no mesmo número de dias, dizem, após dar à luz, as mulheres se recuperam e são purificadas,¹⁹ e também durante 40 dias os bebês não sorriem, ficam enfermos e vivem correndo grande risco. Na religião, ele é também um número de expiação e penitência, significando grandes mistérios. Pois na época do dilúvio, o Senhor fez chover por 40 dias²⁰ e noites sobre a Terra: os filhos de Israel vagaram por 40 anos²¹ no deserto: por 40 dias a destruição de Nínive²² foi adiada. O mesmo número era considerado sagrado nos jéjuns

dos santos: pois *Moisés*,²³ *Elias*²⁴ e Cristo²⁵ jejuaram 40 dias. Cristo demorou 40 dias em Belém até ser apresentado no templo: ele pregou por 40 meses em público: permaneceu por 40 horas morto no sepulcro: no 40ª dia²⁶ após sua ressurreição, ele ascendeu ao céu. Segundo os adivinhos, nada disso foi feito sem alguma propriedade oculta e sem o mistério desse número.

O número 50 significa remissão dos pecados, das servidões e também da liberdade. De acordo com a Lei, no 50ª dia, eram perdoadas as dívidas, e a todos eram devolvidas suas posses. Por isso, o ano do Jubileu²⁷ e o Salmos de arrependimento²⁸ mostram um sinal de indulgência e arrependimento. A Lei e o Espírito Santo são declarados no mesmo número: pois no 50º dia após a saída de Israel do Egito, a Lei foi dada a *Moisés* no Monte Sinai: no 50ª dia²⁹ após a ressurreição, o Espírito Santo desceu³⁰ sobre os apóstolos no Monte Sião; por isso esse número é chamado de o número da graça e atribuído ao Espírito Santo.

O número 60 era sagrado para os egípcios, sendo o número do crocodilo, pois a fêmea bota 60 ovos,³¹ em 60 dias, e a mesma quantidade de dias ela passa sentada sobre eles, e dizem que vive também 60 anos, e tem 60 dentes, e durante 60 dias, todos os anos, esse animal descansa, solitário, sem comer.

O número 70 também tem seus mistérios, pois durante 70 anos o fogo do sacrifício no cativeiro na Babilônia ficou sob água e permaneceu vivo, e no mesmo número de anos *Jeremias* previu a destruição do templo,³² e o cativeiro na Babilônia³³ durou 70 anos, e no mesmo número de anos a desolação de Jerusalém³⁴ acabou.

Também havia 70 palmas³⁵ no lugar em que os filhos de Israel se postaram defronte às tendas. Os Pais desceram ao Egito com 70 almas.³⁶ Também 70 reis com dedos e artelhos cortados fora juntaram carne debaixo da mesa de *Adonibezeque*;³⁷ 70 filhos vieram de *Joas*, 70 homens, todos filhos de *Jero*;³⁸ 70 pesos³⁹ de prata foram dados a *Abimeleque*, e o mesmo número de homens *Abimeleque* matou sobre uma pedra;⁴⁰ *Abdon* teve 70 filhos e sobrinhos, que cavalgaram 70 jumentos;⁴¹ Salomão tinha 70 mil homens⁴² carregando fardos. Setenta filhos do rei Ahabe foram decapitados em Samaria; 70, segundo o Salmista, é a idade do homem.⁴³ *Lameque* será vingado 70 vezes sete vezes;⁴⁴ tu deverás perdoar teu irmão 70 vezes sete vezes⁴⁵ se ele cometer injúria contra ti.

Também o número 72 era famoso por serem em tal número línguas, os anciãos da sinagoga,⁴⁶ os intérpretes do Antigo Testamento, os discípulos de Cristo;⁴⁷ ele também tem uma grande comunhão com o número 12; no firmamento, por exemplo, todos os signos são divididos em seis partes,⁴⁸ o que resulta em 72 divisões de cinco, a quantidade de anjos governantes; e a quantidade de nomes de Deus;⁴⁹ e cada 5 rege um idioma com tal eficácia que os astrólogos e os fisionomistas identificam de qual idioma as pessoas se originam.

Correspondente a isso são as juntas manifestas no corpo do homem, das quais em cada dedo e artelho há três que, somadas às 12 principais, antes reconhecidas no número 12, compõem um total de 72.⁵⁰

O número 100, no qual a ovelha encontrada⁵¹ foi colocada, que também passa do lado esquerdo para o direito, é considerado sagrado: e como ele consiste em dezenas, mostra uma perfeição completa.

Mas o complemento de todos os números é 1.000, que é medida quadrada⁵² do número 10, significando uma perfeição completa e absoluta.

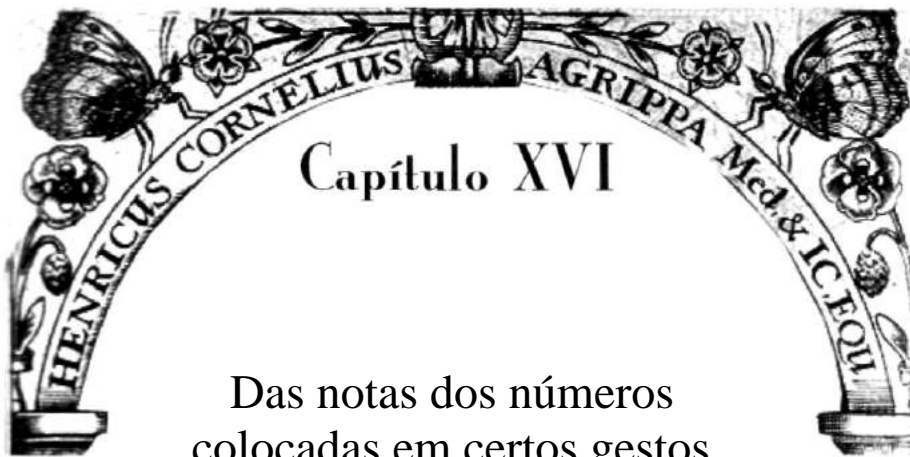
Há também dois números⁵³ especialmente celebrados por *Platão* em sua República e não desconsiderados por *Aristóteles* em sua Política, pelos quais grandes transformações nas cidades são previstas: são eles o quadrado de 12 e a medida quadrada deste, isto é, o 44 acima de 100, e acima de 1.000, número que é fatal: pois toda cidade ou principado que nele chega deverá depois, com uma medida quadrada completa, sofrer a queda: mas em quadrados, passa por uma mudança, porém para melhor, desde que governada com prudente disciplina, quando então não cairá pelo destino, mas só por imprudência.⁵⁴

E que isso baste para números, em particular.

Notas - Capítulo XV

1. Mateus 2:2. Herodes pergunta aos reis magos a que horas a estrela apareceu (Mateus 2:7), mas a hora não é dita.
2. Simbolicamente apropriado, uma vez que o 14º dia do primeiro mês judaico era o da Páscoa, quando o cordeiro pascal era imolado e comido (Êxodo 12: 2-7). A última ceia ocorreu um dia antes para não entrar em conflito com as regras do Sabá, segundo o costume dos fariseus, embora fosse a festa de Páscoa.
3. Mateus 1:17.
4. Salmos 120-134.
5. II Reis 20:6.
6. Levítico 23:34.
7. Juízes 3:14.
8. Gênesis 31:41.
9. Gênesis 37:28.
10. A centopeia tem 21 pares de pernas, sendo o último maior, e talvez desconsiderado pela fonte de Agrippa. Presumivelmente ele não conhecia a milípeia ou não achava que ela tivesse pés.
11. A Lua se distingue dos outros planetas pela rapidez de seu movimento e por sua acentuada ascensão e queda por meio do plano da eclíptica, que é definida pela aparente revolução do Sol em volta da Terra. Os limites desse desvio marcam as fronteiras do zodíaco, uma faixa que se estende nove graus acima e nove graus abaixo da eclíptica.
12. Lucas 3:23.
13. João Batista nasceu seis meses antes de Cristo. Ver Lucas 1:36.
14. Ezequiel 1:1.
15. Gênesis 41:46.
16. “Os trinta e dois Caminhos da Sabedoria” é um tratado cabalístico anexo ao *Sepher Yetzirah*. Os caminhos citados são os dez *Sephiroth* e as 22 letras hebraicas, geralmente representados em um único glifo como uma árvore com dez frutas e 22 galhos. Abraão foi o famoso autor do *Sepher Yetzirah*: “E, depois que nosso pai Abraão o percebera e compreendera, registrando todas essas coisas, o Senhor altíssimo Se revelou e o chamou de Seu amado” (*Sepher Yetzirah* 6.4 [Westcott diz em sua introdução a essa obra: “O velho título tem, em acréscimo, as palavras As Letras de nosso Pai Abraão’ ou ‘atribuído ao patriarca Abraão’, e mencionado assim por muitas autoridades medievais...”] (*Ibid.*, 13).
17. 32, 16, 8, 4, 2, 1.
18. Do grego *tessarakonta* (quarenta).
19. O período de purificação para uma mulher após o oitavo dia da circuncisão de seu filho era de 33 dias, quando então um sacrifício era oferecido na porta do tabernáculo. Ver Levítico 8.2.
20. Gênesis 7:12.
21. Deuteronômio 8:2.
22. Jonas 3:4.
23. Êxodo 34:28.
24. I Reis 19:8.
25. Mateus 4:2.
26. Atos 1:3.
27. Levítico 25:10.
28. Salmos 50 da edição vulgata, mas 51 da versão James.
29. Possivelmente calculado de Êxodo 19:1.16.
30. Calculado de Atos 1:3.12 e 2:1.
31. Aristoteles (*History of Animals* 5) diz que o crocodilo traz na frente 60 ovos e senta sobre eles 60 dias.
32. Jeremias 7:14.
33. Jeremias 25:11.

34. Jeremias 25:18.
35. Êxodo 15:27.
36. Gênesis 46:27, que parece discordar de Atos 7:14.
37. Adoni-bezek, Juízes 1:7.
38. Jerubaal. Juízes 9:2.
39. Juízes 9:4.
40. Juízes 9:5.
41. Juízes 12:14.
42. I Reis 5:15.
43. Ver nota 7, cap. X, l. II.
44. Gênesis 4:24.
45. Mateus 18:22. Na verdade, Cristo diz “70 vezes sete”.
46. Números 11:16. Dizia-se que havia 70 anciãos.
47. Lucas 10:1. Os discípulos em número de 70.
48. Na Astronomia, cada divisão de 5 graus dos signos zodiacais é ligada a uma fisionomia específica, totalizando 72 faces distintas, como são chamadas hoje em dia.
49. Schemhamphoras, um conjunto de 72 nomes de Deus, formados cabalisticamente a partir de Êxodo 14:19-21. Ver apêndice VII.
50. Nem precisaríamos explicar que o polegar e o dedão do pé só têm duas juntas, prejudicando o exemplo de Agrippa.
51. Lucas 15:4.
52. Dez ao cubo: $10 \times 10 \times 10$.
53. Doze ao quadrado ($12 \times 12 = 144$) e ao cubo ($12 \times 12 \times 12 = 1.728$).
54. É difícil abalar um Estado constituído desse modo. Todavia, como tudo o que nasce está sujeito à corrupção, nem uma constituição como essa permanecerá para sempre, mas há de dissolver-se. A sua dissolução será do seguinte modo: não só para as plantas da terra, mas também para os animais que sobre ela vivem, há períodos de fecundidade e de esterilidade de alma e corpo, quando uma revolução completa fecha para cada espécie os limites dos seus círculos, que são curtos para os que têm a vida breve e longos para os que a têm dilatada... Para a raça divina, há um período delimitado por um número perfeito; para a humana, o número é o primeiro em que a multiplicação das raízes pelos quadrados, abrangendo três dimensões e quatro limites de elementos que causam a igualdade e a desigualdade, o desenvolvimento e a atrofia, torna todas as coisas acessíveis e suscetíveis de ser expressas uma em relação à outra. Desses, quatro e três aliados os cinco dão duas harmonias quando, multiplicados por três, um igual um número igual de vezes, e cem vezes cem, ao passo que a outra é em parte da mesma extensão, em parte mais longa: de um lado, de cem quadrados das diagonais racionais de cinco, menos um em cada, ou de cem quadrados de diagonais irracionais, menos dois; por outro lado, de cem cubos de três. (Platão, *A República*, 8.546).



Há li com frequência em livros de magos, de suas obras e experimentos, a respeito de certos gestos¹ fantásticos e, a meu ver, ridículos, e cheguei a pensar que faziam parte de certos pactos ocultos com demônios, motivo que me levou a rejeitá-los. Mas, depois de um apurado exame da questão, compreendi que eles nada tinham a ver com demônios; mas que estavam, isso sim, relacionados a números, motivo pelo qual os antigos moviam para a frente e para trás as mãos, os dedos, representando números, gestos pelos quais os magos indicavam em silêncio palavras desconhecidas em sons, variadas em números e de grande virtude, juntando os dedos, e, às vezes, mudando as posições, venerando, assim, no sagrado silêncio, os deuses que governam o mundo.

Martianus também faz menção de tais ritos em sua *Aritmética*,² dizendo que os dedos da virgem, movendo-se de todas as maneiras e expressando 717 vezes com os dedos curvados, invocam *Júpiter*.

Mas, para que essas coisas sejam mais bem compreendidas,

apresentarei algumas palavras de *Beda*, que dizia: para expressar 1, dobre o dedinho da mão esquerda e comprima-o no meio da palma; para expressar 2, coloque o dedo seguinte ao dedilho no mesmo lugar; 3, o dedo do meio no mesmo lugar; 4, erga o dedilho; 5, o seguinte a ele, no mesmo gesto; 6, o dedo do meio, e aquele que é chamado de anular, fixos no meio da palma;³ para expressar 7, coloque só o dedilho acima da raiz⁴ da palma, enquanto os demais se erguem; e do mesmo modo, ao expressar 8, o dedo anular; 9, coloque o dedo do meio contrário⁵ a eles.

Quando quiser expressar 10, comprima a unha do dedo indicador no meio do polegar. Para expressar 20, coloque a ponta do dedo do meio bem entre as juntas do polegar e do indicador.⁶ Para expressar 30, junte levemente as unhas do polegar e indicador. Ao expressar 40, encoste a parte interna do polegar à externa do indicador, ambos levantados. Se quiser expressar 50, dobre o polegar com a junta externa, como a letra grega gama,⁷ contra a palma. Para 60, compasse o polegar, dobrado como an-

tes, com o indicador dobrado sobre ele. Para expressar 70, use o indicador dobrado como antes, com o polegar estendido, cuja unha se erguerá além da junta mediana do indicador. Quando quiser expressar 90, encoste a unha do indicador dobrado na raiz do polegar estendido. É só para a mão esquerda.

Agora você pode fazer o número 100 com a mão direita, como fez o 10 com a esquerda; e 200 também com a mão direita, como fez o 20 com a esquerda; 2.000 com a direita, como 2 com a esquerda, e assim por diante até 9.000. Além disso, quando quiser expressar 10.000, coloque a mão esquerda para cima sobre o peito, com os dedos ligeiramente levantados para o céu.⁸ Para expressar 20.000, espalme⁹ a mesma mão sobre o peito. Para expressar 30.000, coloque o polegar da mesma mão voltado para baixo,¹⁰ sobre a cartilagem do meio do

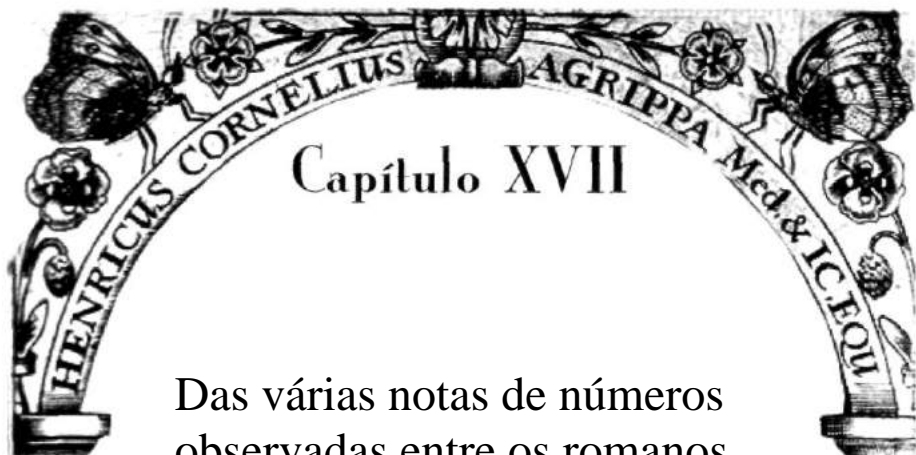
peito. Para dizer 40.000, faça o mesmo, porém para cima,¹¹ estendida até o umbigo. Para expressar 50.000, coloque o polegar da mesma mão voltado para baixo sobre o umbigo.¹² Se quiser expressar 60.000, segure a coxa esquerda com a mesma mão, voltada para baixo. Já para 70.000, faça o mesmo com o polegar voltado para cima.¹³ Para expressar 80.000, faça o mesmo, com o polegar voltado para baixo, sobre a coxa.¹⁴ Quando quiser dizer 90.000, segure o lombo com a mesma mão, o polegar voltado para baixo.¹⁵ Mas, para expressar 100.000 ou 200.000 e até 900.000, você deve, na mesma ordem que explicamos, usar a parte direita do corpo. Para expressar 1.000.000, junte as mãos e cruze os dedos um dentro do outro.¹⁶

Que baste o que observamos de *Beda*; você pode encontrar mais referências na grande Aritmética¹⁷ do irmão *Lucas* dos Santos Sepulcros.

Notas - Capítulo XVI

1. No ocultismo oriental, os gestos rituais são chamados de *mudra* e costumam se concentrar nas mãos, expressando em miniatura a postura do corpo inteiro. Esses gestos das mãos são numerosos no início da arte cristã. Ver Ward [1928] 1969 para vários exemplos.
2. Martianus Minneus Felix Capella, *Satyricon l. 7*. Ver sua nota bibliográfica.
3. Ou seja, erguer o dedo do meio e descer o anular.
4. Talvez isso signifique manter a ponta do dedo no ar acima do lugar onde junta com a palma. Ver citação na nota da *Encyclopaedia Britannica*, mais adiante nas notas.
5. Junto com (*comporto*).
6. Ou seja, pressionar o segmento final do polegar, do indicador e do anular juntos.
7. Γ.
8. Colocar a mão esquerda espalmada sobre o peito diagonalmente com o polegar e os outros dedos juntos, apontando para cima.
9. Separar o polegar dos outros dedos.
10. Acomodar o polegar debaixo da palma, fora de vista.
11. Colocar a palma sobre o umbigo, com o polegar separado e apontando para cima.
12. Acomodar o polegar debaixo da palma.
13. Ou seja, colocar a mão esquerda espalmada sobre a coxa, com o polegar separado dos outros dedos.
14. Acomodar o polegar debaixo da palma.
15. Provavelmente, apenas colocar a mão sobre as virilhas, todos os dedos juntos (inclusive o polegar), uma vez que não é necessário distinguir o gesto nessa posição.
16. Esse fascinante e prático sistema de contar nos dedos também foi descrito por Nicholaus Rhabda de Smirna no século VIII:

A mão esquerda se voltava para cima com os dedos juntos. As unidades de 1 a 9 eram expressas por várias posições do terceiro, do quarto e do quinto dedo, estando um ou mais deles fechados sobre a palma ou simplesmente dobrados na junta do meio, de acordo com o número desejado. O polegar e o indicador ficavam, portanto, livres para expressar as dezenas por meio de variadas posições relativas; ou seja, para 30, os pontos se aproximavam e se estendiam para a frente; para 50, o polegar se dobrava como a letra grega e se aproximava da base do indicador. O mesmo conjunto de sinais, se executados com o polegar e o indicador da mão direita, indicava centenas em vez de dezenas, e os sinais de unidade, se realizados na mão direita, indicavam milhares (*Encyclopaedia Britannica* 1910, 19:866).
17. A *Summa de arithmetica geometria proportioni etproportionalita* (1494), de Lucas Pacioli. Ver nota bibliográfica.



Das várias notas de números observadas entre os romanos



As notas dos números são feitas de diversas maneiras em diferentes nações. Os romanos as representavam por meio dessas diferentes notas, que *Valério Probo* descreve acerca das antigas letras e que ainda se encontram em uso:¹

Um	Cinco	Dez	Cinquenta
I	V	X	L
Cem	Duzentos		Quinhentos
C	CC		D
Mil			Cinco mil

	Dez mil	
	Cinquenta mil	
	Cem mil	
	Duzentos mil	

Quinhentos mil	Um milhão	

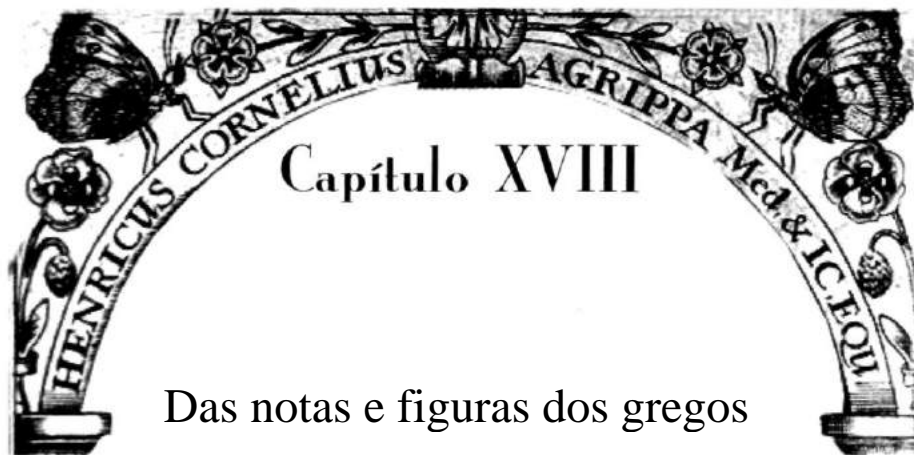
Há também outras notas de números atualmente usadas pelos arit-

méticos e calculadores o que, de acordo com a ordem dos números, são feitas assim: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, às quais se acrescenta uma nota de privação assinada com a marca 0 que, embora não denote um número, faz os outros denotar ou dezenas ou milhares, como bem sabem os aritméticos.

Alguns também marcam o número 10 com uma linha para baixo, e outra atravessando-o; e 5 por meio dessa linha que toca a outra, mas não a atravessa, e uma unidade por aquela que se coloca por si, como você pode ver neste exemplo: significa 10; significa 10 e 5; significa 16; 10 e 7; e a redonda) colocada por si significa 100; mas, juntada às outras, significa tantas centenas quanto os números à qual se coloca, ou seja, OO ou ||OO significa 200, assim OOO ou |||O, 300, 500, 1.000. E essas notas costumam ser vistas como acrescidas em caracteres mágicos.

Notas – Capítulo XVII

1. O sistema romano de numerais não se baseia em letras, como se costuma presumir, mas em um sistema mais antigo de símbolos simples. A barra vertical (|) indica 1. O círculo dividido horizontalmente (⊖) mostra o número 100 e, quando dividido verticalmente (⊕), 1.000. Isso costuma ser representado em caracteres antigos CIO, e dessa divisão surgiu a romana D, indicando meio círculo, ou 500. A letra romana L, equivalendo a 50, é meia centena e antigamente costumava ser escrita \perp ou \lperp . Do mesmo modo, a letra romana V, com valor de 5, é metade da romana X, ou 10. Na verdade, X não é uma verdadeira letra romana. Observe que no sistema descrito no fim do capítulo, a cruz também representa 10. O S deitado é formado de dois Cs ligados e equivale a 200. A barra horizontal significa 1.000, a letra ou as letras abaixo, o seu multiplicador. Portanto, $\overline{\text{S}}$ significa 200.000. Além disso, cada vez que um C é acrescido, o valor dos símbolos é aumentado por um fator de 10. Portanto, IC ou DC equivale a 500, enquanto ICCC equivale a 50.000. O S de pé sugere as duas metades unidas do símbolo do círculo dividido verticalmente, ou seja, D mais D , ou 500 mais 500. O q multiplica o valor por 1.000 – IC ou DC equivale a 500, mas qq equivale a 500.000. Quanto aos dois curiosos símbolos, cada barra pode indicar um fator de 10 ($10 \times 10 \times 10 \times 10 \times 10$), com a barra transversal da segunda figura de pé para duas barras separadas.



Das notas e figuras dos gregos



s gregos usam as letras alfabéticas, para suas notas de números, de três maneiras; da primeira, por meio de todo elemento de acordo com a série do alfabeto significando o

instituída por imitação dos hebreus.¹ Ora, como seu alfabeto prescinde de três letras, é necessário acrescentar três figuras² e entrelaçá-las com as letras, por meio das quais explicam, por exemplo, o 6º, o 90º e 900º, como se observa nas seguintes classes:³

número de seu lugar. Pois na ordem da qual qualquer número possui o lugar no alfabeto, assim é representado o número, como você pode ver aqui:

1	2	3	4	5	6
A	B	Γ	Δ	E	Z
7	8	9	10	11	12
H	Θ	I	K	Λ	M
13	14	15	16	17	18
N	Ξ	O	Π	P	Σ
19	20	21	22	23	24
T	Υ	Φ	X	Ψ	Ω

1	2	3	4	5	6
A	B	Γ	Δ	E	ς
7	8	9			
Z	H	Θ			
10	20	30	40	50	60
I	K	Λ	M	N	Ξ
70	80	90	100	200	300
O	Π	Ϟ	P	Σ	T
400	500	600			
Υ	Φ	X			
700	800	900			
Ψ	Ω	Ϸ			

E essa é a primeira ordem de números entre os gregos.

Pela segunda maneira, os gregos dividem todo o alfabeto em três classes, a primeira das quais, começando de alfa, é de unidades. A segunda, que começa de iota, é das dezenas. A terceira, iniciando de rô, é das centenas; e essa última ordem dos gregos foi

Se a qualquer uma dessas letras for subscripto um sinal de acento agudo,⁴ ela indica os milhares, como nestes exemplos:

1000	10.000	100.000
A	I	P

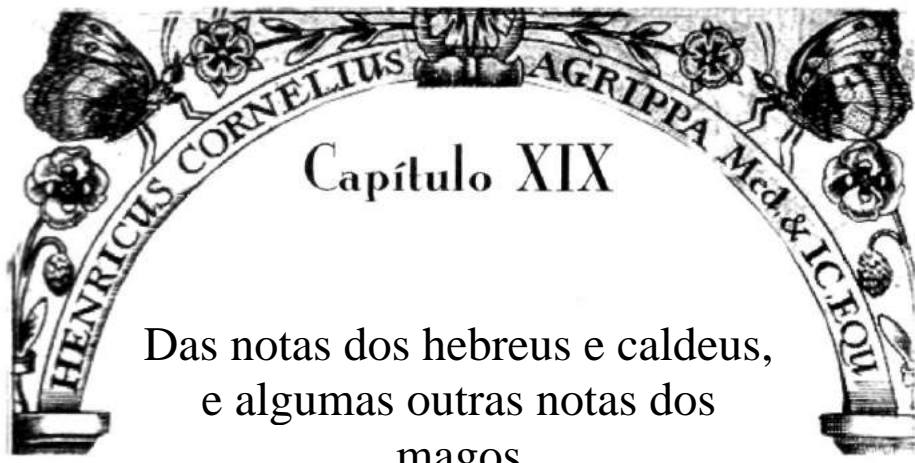
Pela terceira maneira,⁵ os gregos usam apenas seis letras para indicar seus números, ou seja, I para uma unidade, p para o número 5, porque ele é a cabeça da palavra pente,⁶ isto é,

5, D⁷ para o número 10, de deka,⁸ H para 100, da palavra ùkaton,⁹ X para 1000, da palavra χιλια, M para 10.000, de μύρια.¹⁰ Essas seis letras somadas em números formam quatro exemplos:

1	2	3	4	5	6	7	8	9
I	II	III	IIII	Π	VI	VII	VIII	IIIIII
10	11	12	13	14	15	16	20	21
Δ	ΔI	ΔII	ΔIII	ΔIIII	ΔVI	ΔVII	ΔΔ	ΔΔI
50	60	100	200	500	1000	5000	10000	50000
					X		M	

Notas - Capítulo XVIII

1. O primeiro uso grego desse sistema de numeração aparece em moedas do reinado de Ptolomeu II, do Egito, no século III a.C., enquanto o primeiro uso em moedas judaicas é da época dos hasmoneus, século II a.C. Essa evidência contradiz a afirmação de Agrippa.
2. Foram acrescentadas duas antigas letras fenícias, não usadas na escrita (ζ ou F, e Ϙ), chamadas *digamma* e *koppa*, e uma antiga forma da letra San (Ϻ), chamada em tempos modernos de *sampi*.
3. Eu mostrei os números neste capítulo em letras gregas de forma, mas eles podiam ser escritos em letras de forma ou manuscritas.
4. Ou seja, escritas com um acento agudo no canto inferior esquerdo.
5. Esse sistema é, na verdade, mais antigo que o anterior, e era chamado de herodiano, em homenagem ao gramático que o descreveu por volta de 200 d.C. Diz-se que ele remonta aos tempos de Sólon (século VII a.C.).
6. Pente.
7. Deka.
8. Hekaton.
9. Chilia.
10. Myria.
11. Um número-letra colocado em *pi* (II) é multiplicado a cinco vezes o seu valor.



Capítulo XIX

Das notas dos hebreus e caldeus, e algumas outras notas dos magos



As letras hebraicas também possuem marcas de números, mas de uma maneira muito mais elaborada que em qualquer outra língua, uma vez que os maiores mistérios se escondem nas letras hebraicas, como se observa naquela parte da Cabala¹ chamada Notaricon.²

Ora, as principais letras hebraicas são em número de 22, das quais cinco possuem diversas outras figuras no fim de uma palavra, que eles chamam, assim, de cinco letras finais que, acrescentadas às supracitadas, compõem 27, as quais, por sua vez, divididas em três graus,³ indicam as unidades, que são o primeiro grau; as dezenas são o segundo grau e as centenas são o terceiro. Ora, cada uma delas, se marcada com um grande caractere, indica milhares, como aqui:

3000	2000	1000
נ	ב	א

As classes dos números hebraicos são as seguintes:

9	8	7	6	5	4
ט	ח	ז	ו	ה	ד

3	2	1			
ג	ב	א			
90	80	70	60	50	40
צ	כ	ע	מ	נ	ד
30	20	10			
ל	ב	י			
900	600	700	600	500	400
ץ	ף	ן	ם	ך	ת
300	200	100			
ש	ר	ק			

Há algumas, porém, que não usam essas letras finais, mas os escrevem desta maneira:

1000	900	800	700	600	500
א	קחה	הה	שה	הר	קה

E essas figuras simples, todas acrescentadas, descrevem todos os números compostos, tais como 11, 12, 110, 111, acrescentando ao número 10 aqueles que são de unidades; e do mesmo modo aos outros, à sua maneira. Entretanto, descrevem o 15º número não por 10 e 5, mas por 9 e 6, portanto טז, e em honra ao nome divino יה,⁴ o que implica 15, para que o nome sagrado não seja atribuído a coisas profanas.

Também os egípcios, etíopes, caldeus e árabes têm suas marcas de números, que também costumam ocorrer entre caracteres mágicos. Quem, portanto, desejar conhecê-los deve procurar aqueles que são peritos nessas letras. Pois os caldeus marcam os números com as letras de seu alfabeto, assim como os hebreus. Nós apresentamos esse alfabeto no fim do primeiro livro.⁵

Além disso, eu encontrei em dois livros muito antigos de Astrologia e Magia certas elegantíssimas marcas de números, que achei de bom-tom incluir neste livro, em ambos os volumes, apresentadas da seguinte maneira:

1	2	3	4	5	6	7	8	9
⌈	⌈	⌈	⌈	⌈	⌈	⌈	⌈	⌈

Com esses números virados para a esquerda, são obtidas dezenas, da seguinte maneira:

10	20	30	40	50	60	70	80	90
⌈	⌈	⌈	⌈	⌈	⌈	⌈	⌈	⌈

E com as marcas viradas para baixo, no lado direito, são obtidas centenas, desta maneira:

100 200 300 400 500 600 700 800 900

⌈ ⌈ ⌈ ⌈ ⌈ ⌈ ⌈ ⌈ ⌈

1000 2000 3000 4000 5000

⌈ ⌈ ⌈ ⌈ ⌈

6000 7000 8000 9000

⌈ ⌈ ⌈ ⌈

E pela composição e mistura dessas marcas outros números compostos e misturas também são elegantemente feitos, como você pode perceber por estes:

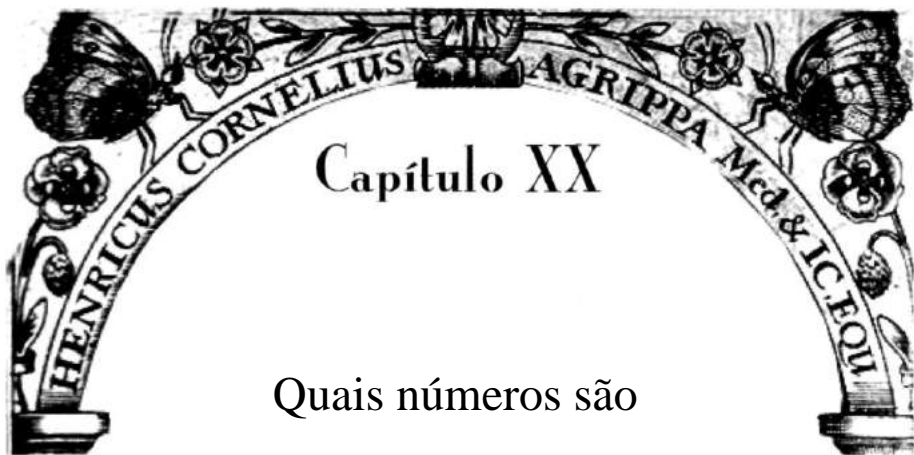
1510 1511 1471 1486 2421

⌈ ⌈ ⌈ ⌈ ⌈


De acordo com o exemplo do qual podemos proceder em outros números compostos; e basta, então, para as marcas dos números.

Notas - Capítulo XIX

1. *Qabbalah*,
2. Ver apêndice VII
3. Ver a tabela do alfabeto hebraico no apêndice VII
4. Jah, metade do Tetragrammaton (יהוה), geralmente traduzível como Jeová/Javé.
5. Ver cap. LXXIV, l. I.



Quais números são atribuídos às letras; e da adivinhação por meio destes

 s pitagóricos dizem (*Aristóteles* e *Ptolomeu* são da mesma opinião) que os próprios elementos das letras têm alguns números divinos pelos quais, coletados dos nomes próprios das coisas, podemos tecer conjeturas a respeito de coisas ocultas futuras. Por isso chamam a esse tipo de adivinhação aritmomancia,¹ ou seja, feita por meio de números, como *Terentianus* menciona nestes versos:²

Os nomes são feitos de letras, algumas das quais

Fatalidade preveem; enquanto outras o sucesso

auspiciam: e assim Heitor derrotou Pátroclo,

tornando-se, porém, presa de Aquiles.

Também *Plínio* dizia³ que podia se acrescentar ao que Pitágoras tinha inventado um número ímpar de vogais de números impostos, que indicavam claudicação, falta de visão e outros infortúnios semelhantes, se

atribuídos às partes do lado direito, mas um número par, ao lado esquerdo. E *Alexandrinus*,⁴ o filósofo, ensinava que, de acordo com o número de letras, se pode descobrir o astro regente de qualquer pessoa nascida e se o marido ou a esposa morrerá primeiro, além de conhecer os eventos prósperos ou infelizes do resto de nossas obras. Suas tradições, que não foram contraditas por *Ptolomeu*,⁵ o astrólogo, nós acrescentaremos aqui. Mas os números atribuídos a cada letra nós mostramos anteriormente, em grego e hebraico, sendo o alfabeto dividido em três classes, das quais a primeira é de unidades, a segunda, de dezenas, e a terceira, de centenas. E vendo que no alfabeto romano faltam quatro para compor o número de 27 caracteres, seus lugares são compensados com I e V, consoantes simples, como nos nomes *John* e *Valentine*, e *hi* e *hu*, consoantes aspiradas, como em *Hierom* e *Huilhelme*, embora o alemão correspondente a *hu* aspirado seja um duplo *vv*;⁶ os verdadeiros italianos e franceses, por sua

vez, em sua linguagem oral vulgar, usam G e U, escrevendo, portanto, *Vuillhelmus* e *Guilhelmus*.

1 2 3 4 5 6 7 8 9
A B C D E F G H I

10 20 30 40 50 60 70 80 90
K L M N O P Q R S

100 200 300 400 500 600 700 800 900
T V X Y Z I V HI HV

Mas, se você quiser saber o astro regente de qualquer pessoa nascida, calcule o nome dela⁷ e dos pais, através de cada letra, de acordo com o número acima escrito, e divida a soma do todo por 9, subtraindo-o o quanto for possível; se o resultado for uma unidade, ou 4, ambos indicam o Sol; se for 2 ou 7, o astro é a Lua; mas, se for 3, é Júpiter; 5, Mercúrio; 6, Vênus; 8, Saturno; 9, Marte;⁸ e os motivos para tal são explicados mais adiante.

Se, do mesmo modo, você desejar saber o horóscopo⁹ de uma pessoa nascida, calcule o nome dela e da mãe e do pai e divida o todo por 12; se o resultado for uma unidade, indica Leão; se for o 2 de Juno, Aquário; o 3 vestal,¹⁰ Capricórnio; se for 4, Sagitário; 5, Câncer; o 6 de Vênus, Touro; o 7 do Paládio,¹¹ Áries; o 8 de *Vulcano*, Libra; o 9 de Marte, Escorpião; se for 10, Virgem; 11, Peixes; o 12 de *Febo*

representa Gêmeos; e os motivos para tal serão explicados mais adiante.

Que ninguém, se surpreenda diante do fato de pelos números dos nomes, muitas coisas podem ser prognosticadas, pois em tais números (também segundo o testemunho dos filósofos pitagóricos e dos cabalistas hebreus) se encerram certos mistérios, que poucos compreendem: pois o Altíssimo criou todas as coisas por número, medida e peso,¹² dos quais a verdade das letras e dos nomes se origina; letras e números estes que não foram instituídos por acaso, mas por determinada regra (embora desconhecida por nós). Por isso, *João*, no Apocalipse, diz que aquele que tiver entendimento que calcule o número do nome da besta, que é o número de um homem.¹³

Isso não pode se aplicar, contudo, àqueles nomes que as noções divergentes e seus diversos ritos, de acordo com as causas dos lugares ou sua educação, colocaram nos homens;¹⁴ mas sim àqueles que foram inspirados a todos no momento do nascimento, pelo próprio céu com a conjunção de astros, bem como àqueles que os sábios entres os hebreus e egípcios desde muito tempo ensinam a todas as gerações dos homens.

Notas - Capítulo XX

1. Numerologia.

2. Talvez Spence tenha em mente esta passagem, quando escreve: “Os gregos examinavam o número e o valor das letras nos nomes de dois combatentes e previam que aquele cujo nome contivesse mais letras, ou letras de maior valor, seria o vitorioso”(Spence [1920] 1968, 36).

3. Ver nota 7, cap. III, I. II.

4. Talvez Alexandre de Afrodísia. Ver nota biográfica.

5. Ptolomeu parece desdenhar a Numerologia celestial, quando escreve: “Investigaremos, porém, o que se admite de previsões não por meio de sortilégios e números, para os quais não há explicação razoável, mas apenas pela ciência dos aspectos das estrelas...” (*Tetrabiblos* 3.3 [Robbins, 237]). Mas possivelmente Agrippa está se referindo a uma das obras apócrifas atribuídas a Ptolomeu - talvez sobre as aparições das estrelas fixas e uma coletânea de prognósticos.

6.W.

7. Agrippa não especifica se só os nomes pessoais ou pessoais e de família devem ser usados. No entanto, na Numerologia moderna, tanto o nome pessoal quanto o de família são calculados juntos.

8. Se o 9 for dividido igualmente na soma dos valores das letras dos nomes, indica Marte.

9. O signo no ascendente.

10. Termo derivado de Vesta, a forma romana de Héstia, deusa grega do fogo, cuja chama sagrada era mantida acesa por sacerdotisas virgens, culto que segundo Lívio teve origem em Alba e foi trazido para Roma por Numa: “As sacerdotisas eram pagas com a verba pública para poderem dedicar seu tempo ao serviço do templo, e eram investidas de uma santidade especial pela imposição da virgindade” (Lívio, *Early History of Rome* [de Selincourt, 55]). As Vestais eram originalmente escolhidas pelo rei entre garotas de 6 a 10 anos de idade que tivessem os pais ainda vivos, não tivessem nenhum defeito físico ou mental e que fossem filhas de residentes nascidos livres na Itália. Serviam por 30 anos, quando então eram livres para casar. A princípio sendo quatro, o número delas aumentou para seis, por determinação de Tarquino I ou Sêrvio Túlio, e, bem no fim de sua história, uma sétima foi acrescentada. Para se informar mais sobre as vestais, consultar Plutarco, *Lives...*: “Numa Pompilius”.

11. O Paládio era o mais sagrado dos sete objetos guardados pelas virgens Vestais, dos quais, acreditava-se, dependia a segurança de Roma. Ele ficava escondido dos olhos profanos, mas consistia em uma estátua rudimentar de Palas Atena, que teria sido trazido a Roma após a queda de Troia por Enéas. É representado em uma moeda cunhada por Antonino Pio em homenagem à sua esposa, Faustina.

12. Ver nota 18, cap. VI, I. II.

13. Ver Apocalipse 13:18. A teoria há muito aceita é que a Besta se refere ao imperador romano Nero. César Nero escrito em grego é *NERON KESAR*, que, traduzido em letras hebraicas, se lê:

N (⚡) = 50

R (⚡) = 200

O (1) = 6

N (⚡) = 50

K (⚡) = 100

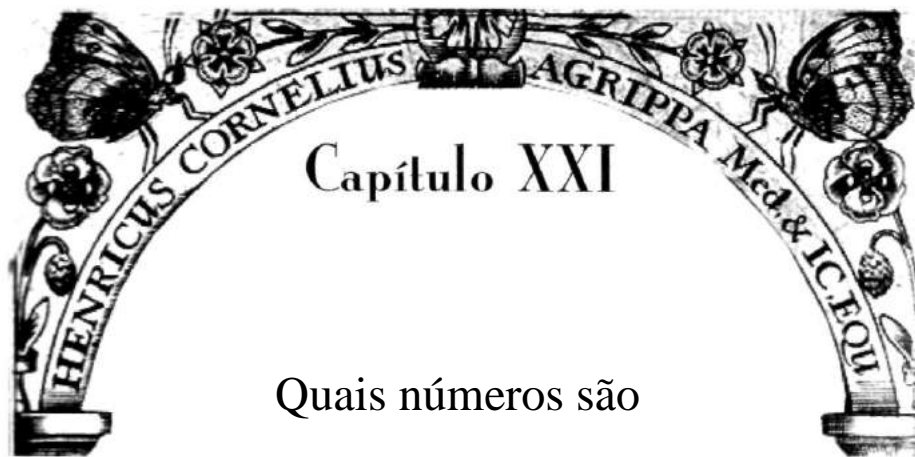
S (⚡) = 60

R (⚡) = 200

666

Essa é a solução tradicional e aceita. O estudioso clássico Robert Graves levanta a objeção de que Qoph, ou Koph (⚡), deveria ser Kaph (⚡) = 20, que reduziria a soma a 586. Ele oferece uma interessante solução alternativa baseada no acrônimo D.C.L.X.V.I., numerais romanos que somam 666 e que alega representar as palavras *Domitius Caesar Legatos Xti Violenter Interfecit* (Domício César matou cruelmente os enviados de Cristo). Domício era o nome original de Nero. Ver Graves [1948] 1973, 345-6.

14. Aqueles nomes que passaram por tradução de uma língua para outra, que surgiram a partir do local de residência ou ainda que foram conferidos como títulos honorários não são passíveis de exame numérico.



Quais números são consagrados aos deuses, quais são atribuídos e a quais elementos



s pitagóricos, além do mais, dedicaram aos elementos e às divindades do céu números sagrados; ao Ar eles atribuíram o número 8; ao Fogo, o número 5; à Terra, o número 6; e à Água o número

12.

Além desses, a unidade¹ é atribuída ao Sol, que é o único rei dos astros, no qual Deus colocou seu tabernáculo, e também a Júpiter, uma vez que o poder causativo de sua espécie ideal e intelectual atesta que é a cabeça e o pai dos deuses, e a unidade é o começo e o pai de todos os números.

O número 2² é atribuído à Lua, que é a segunda grande luz, e se afigura como a Alma do Mundo, chamada *Juno*, pois entre esse número e a unidade há a primeira conjunção e proximidade; o mesmo número é atribuído a Saturno e a Marte, dois planetas desfavoráveis entre os astrólogos.

O número 3³ é atribuído a Júpiter, ao Sol e a Vênus, três planetas favoráveis, e deputado a *Vesta*, *Hécate* e *Diana*; por isso, diz-se:⁴

Trina é Hécate, três bocas
Tem Diana, a virgem

O número 3, portanto, é dedicado a essa virgem, a qual dizem que é poderosa no céu e no inferno.⁵

O número 4⁶ é do Sol, que por meio desse número constitui os cantos dos céus e distingue as estações: também é atribuído a Cilênio, pois só ele é chamado de deus quatro ao quadrado.⁷

O número 5,⁸ que consiste no primeiro par e no primeiro ímpar, como de fêmea e macho, ambos os sexos,⁹ é atribuído a Mercúrio e também ao mundo celestial, que, além dos quatro elementos, é em si, sob outra forma, o quinto.¹⁰

O número 6,¹¹ que consiste de dois 3, como uma mistura¹² de ambos os sexos, é atribuído aos pitagóricos, à geração e ao casamento; e pertence a *Vênus* e *Juno*.

O número 7¹³ é do descanso e pertence a Saturno; é o número do qual provêm o movimento e a luz da Lua, e, por isso, é chamado pelo nome de *Tritonia*, a Virgem,¹⁴ porque ele

nada gera. É um número atribuído a *Minerva*,¹⁵ porque procede do nada; também a *Palas* a *Virago*,¹⁶ pois consiste em números, como de macho e fêmea. Plutarco também o atribui¹⁷ a *Apolo*.

O número 8,¹⁸ por conter o mistério da justiça, é atribuído a Júpiter; é também dedicado a *Vulcano*, pois consiste no primeiro movimento e no número 2, que é *Juno* multiplicada por si; ele também é associado a *Cibeles*,¹⁹ mãe dos deuses, à qual todo quatro ao quadrado²⁰ é atribuído. *Plutarco* o associa a *Baco*, ou *Dioniso*, que teria nascido no oitavo mês: outros, considerando que os bebês do oitavo mês não sobrevivem, atribuem-no a Saturno e às três Senhoras do Destino.

O número 9²¹ pertence à Lua, o maior receptáculo²² de todas as influências e virtudes celestiais, sendo também dedicado às nove Musas, bem como a *Marte*, do qual vem o fim²³ de todas as coisas.

O número 10²⁴ é circular²⁵ e pertence ao Sol, assim como a unidade; também é atribuído a *Jano*,²⁶ porque é o fim da primeira ordem e no qual começa a segunda unidade. É um número também associado ao mundo.

Do mesmo modo, o número 12 distribui o ano em 12 meses, já que o Sol passa por 12 signos, e é atribuído ao mundo, ao céu e ao próprio Sol.

O número 11, sendo semicircular,²⁷ é atribuído à Lua e também deputado a *Netuno*.

Notas - Capítulo XXI

1. A mônada era chamada pelos filósofos órficos e pitagóricos de Sol, Júpiter, Amor, Proteu e Vesta.
2. A díade era chamada de Phanes, Natureza, Justiça, Rhea, Diana, Cupido, Vênus, Destino e Morte.
3. A tríade era chamada de Juno, Latônia, Thetis, Hécate, Diana, Plutão, Tritogena e Minerva.
4. A mesma referência aparece no cap. VI, l. II.
5. Ver nota 37, cap. VI, l. II.
6. A tétrade era chamada de Hércules, Vulcano, Mercúrio, Baco, Bassário, Pã, Harmonia, Justiça, o de Duas Mães e Guardião-chave da Natureza.
7. Hermes nasceu no Monte Cilene, daí a ser chamado de Cilênio; ele era chamado de quatro ao quadrado, porque suas estátuas, que decoravam os jardins, consistiam em um bloco oblongo de pedra com uma base quadrada encimada por uma cabeça esculpida, ou cabeça e torso.
8. A quinta era chamada de Natureza, Palas, Imortal, Providência, Nêmesis, Vênus e Justiça.
9. Fêmea 2 mais macho 3.
10. Quintessência.
11. Um grupo de 6 era chamado de Vênus, Saúde, o Mundo, o Arremesso Distante, Perseia, Triforme e Anfritrite.
12. 2 x 3.
13. Um grupo de 7 era chamado de Fortuna, Minerva e Marte.
14. Segundo uma versão, a deusa Atena era filha de Posêidon e o Lago Tritonis, motivo pelo qual era chamada de Tritogenia (nascida de Tritão). Segundo uma versão cretense, que tenta explicar esse epíteto e conciliá-lo com a noção mais comum de que a deusa surgiu da testa de Zeus, este teria batido a cabeça em uma nuvem, na qual Atena se escondia, derrubando-a perto do Rio Tritão.
15. A versão romana de Atena.
16. Uma virago é uma mulher masculinizada ou heroica que descreve Atena, a deusa guerreira. Nessa capacidade, ela matou o gigante Palas e fez de sua pele a famosa égide. Em termos menos poéticos, o epíteto Palas derivaria de um termo grego para “golpear”, ou possivelmente “garota”.

17. Não se deve entusiasticamente fazer oposição a esses jovens quanto a tais coisas, exceto para se dizer que não são poucos os elogios que se podem extrair de cada um dos números. E que necessidade haveria de se falar dos outros? Pois o número 7, sagrado para Apolo, ocupa o espaço de um dia antes que alguém descreva com palavras seus poderes (Plutarco, “The E at Delphi”. *Em Moralia* 17 [Kippax, 4:493]).

18. Um grupo de 8 era chamado de Rhea, Amor, Netuno e Lei.

19. Originalmente uma deusa frígia das cavernas e da Terra, ao se estabelecer na Grécia, fundiu-se com Rhea. Os romanos a chamavam de Grande Mãe, porque, sendo a esposa de Cronos, ela era a mãe de todos os deuses do Olimpo. Ela usa uma coroa guarnecida na forma de uma cidade fortificada, o que lhe conferira o título de Mater Turrata. Outro de seus símbolos era o chicote decorado com ossos de juntas, com os quais seus frenéticos adoradores, os Coribantes, se autoflagelavam ao som de tambores, flautas e címbalos. Esses eram os lunáticos que Apuleio assim descreve:

No dia seguinte, eu vi um grande número de pessoas usando indumentárias das mais diversas cores, com o rosto pintado, mitra na cabeça, roupas da cor de açafraão. Sobrepelezes de seda e sapatos amarelos nos pés, eles adornavam a deusa em púrpura e a colocavam sobre as costas. E com os braços desnudos até os ombros, eles marchavam em frente, portando grandes espadas e pesados machados, dançando em frenesi... Com os pés e as mãos, faziam mil gestos; e se mordiam, até que, por fim, cada um puxava a arma e se feria nos mais diversos lugares.

Entre todos, havia um mais enlouquecido que os outros. Ele apanhou um chicote e açoitou o próprio corpo, fazendo jorrar sangue em profusão, o que me encheu de temor, vendo que a mesma deusa desejava de tanto sangue do homem apreciaria também o sangue de um asno (*O asno de ouro*, 36).

20. Todo número cúbico, neste caso: $2 \times 2 \times 2$.

21. Um grupo de 9 era chamado de Oceano, Prometeu, Vulcano, Apolo, Juno e Prosérpina.

22. Sendo a Lua o corpo celeste mais próximo da Terra, ela é a intermediária final entre Deus e a Terra.

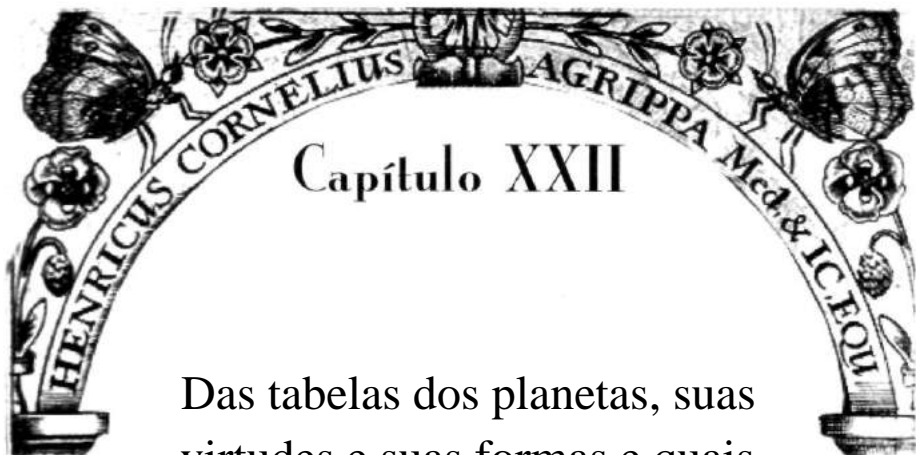
23. A morte, trazida por Marte.

24. A década era chamada de Céu, o Sol, Incansável, Destino, Phanes e Necessidade. A respeito de todas essas designações dos dez números, ver a introdução de Thomas Taylor à sua tradução dos *Hymns of Orpheus*, em que ele se baseia em *Denarius Pythagoricus* de Meursius.

25. Porque retorna à unidade. Ver nota, cap. XIII, l. II.

26. Uma das poucas divindades completamente romanas, esse deus de duas faces era a deidade das portas, governando todas as entradas e saídas. Originalmente era um dos Numes - os poderes nebulosos que foram as primeiras divindades de Roma -, chamado de o deus dos bons começos.

27. Os gregos conheciam pela fração $22/7$, que é a proporção - aproximada - do diâmetro de um círculo à sua circunferência. Talvez por isso o 11 (metade de 22) seja chamado de semicircular: “... pois a circunferência do círculo equivale ao triplo do diâmetro mais uma sétima parte desse diâmetro. Se o diâmetro for 7, a circunferência é 22” (Theon 3.3 [Lawlor, 85]).



Das tabelas dos planetas, suas virtudes e suas formas e quais nomes divinos, inteligências e espíritos são a eles associados



firmam os magos que existem determinadas tabelas de números, distribuídas entre os planetas, chamadas de tabelas sagradas dos planetas, sendo dotadas de muitas e grandiosas virtudes dos céus. Elas representam aquela ordem divina de números celestiais, impingidos sobre os celestiais pelas Ideias da Mente Divina, por meio da Alma do Mundo e pela doce harmonia desses raios celestiais, indicando, de acordo com a proporções das efígies,¹ inteligências superficiais que não poderiam ser expressas de nenhuma outra maneira senão pelas marcas dos números e dos caracteres.

Pois os números materiais e as figuras nada podem fazer nos mistérios das coisas ocultas, exceto por meio da representação de números formais e figuras, sendo governados e informados por inteligências e numerações divinas, as quais unem os extremos da matéria; e o espírito se curva à vontade da alma elevada,

recebendo, por grande afetação e por meio do poder celestial do operador, um poder oriundo de Deus, aplicado por intermédio da Alma do Universo e de observações de constelações celestes a uma matéria apropriada para uma forma passível de uso pela habilidade do operador e pela destreza do mago. Mas apressemo-nos agora a explicar as diversas tabelas.

A primeira delas é atribuída a Saturno e consiste em um quadrado de um 3 contendo os números particulares de 9, em toda linha 3, em todo sentido e através de cada diâmetro,² compondo 15. Ora, a soma total de números é 45. Daí se formam nomes divinos que correspondem a números com uma inteligência para o que é bom, com um espírito para o que é mau,³ e desses mesmos números se extrai o selo, ou caractere de Saturno, e de seus espíritos, como mostraremos a seguir na tabela. Dizem que, se essa tabela estiver gravada com Saturno favorável⁴ em uma placa de chumbo, isso ajuda no trabalho de

parto e traz segurança e poder a um homem, além de promover o sucesso de seus pedidos feitos a príncipes e potentados; se feita, porém, com Saturno desfavorável, impede construções, plantio e outras coisas do gênero, e demove o homem de suas honrarias e dignidades, além de causar discórdia e brigas e desordenar um exército.

A segunda é chamada tabela de Júpiter, que consiste em 4 multiplicado por si,⁵ contendo 16 números particulares, e em toda linha e diâmetro 4, compondo 34. Ora, a soma de todos é 136. E dele advêm nomes divinos com uma inteligência para o bem, um espírito para o mal, daí se extraindo o caractere de Júpiter e seus espíritos. Dizem que, se essa tabela for impressa em uma placa de prata com Júpiter em poder e regendo, ela conduz a ganhos e riquezas, privilégios e amor, paz e concórdia, além de aplacar inimigos, confirmar honrarias, dignidades e conselhos; ela dissolve encantamentos, se for gravada em coral.

A terceira tabela pertence a Marte e é feita de um quadrado de 5, contendo 25 números, e destes em todo lado e diâmetro 5, o que resulta em 65, sendo a soma total 325. Dela advêm nomes divinos com uma inteligência para o bem, um espírito para o mal, e se extrai o caractere de Marte e seus espíritos. Estes, com Marte favorável, gravados sobre uma placa de ferro ou espada, tornam um homem poderoso na guerra, nos julgamentos e em suas petições, além de ser terrível contra os inimigos, sendo vitorioso sobre eles; a tabela gravada em cornalina⁶ faz estancar o sangue e o mênstruo; mas, se for gravada em uma placa de bronze vermelho,

impede as construções, derruba os poderosos de suas dignidades, honrarias e riquezas e causa discórdia, querelas e ódio entre os homens e os animais, espanta abelhas, pombos e peixes e paralisa moinhos; também traz má sorte a quem for caçar ou lutar, além de causar infertilidade em homens e mulheres, e outros animais; infunde terror em todos os inimigos e os impele a se render.

A quarta tabela é do Sol e é feita de um quadrado de 6, contendo 36 números, dos quais 6 em todos os lados e no diâmetro produzem 111, e a soma total é 666. Dela advêm nomes divinos com uma inteligência para o bem e espírito para o mal, e se extraem os caracteres do Sol e de seus espíritos. Gravada sobre uma placa de ouro com o Sol favorável, ela torna seu portador um homem reconhecido, amável, aceitável, poderoso, em todas as suas obras, e equipara-o aos reis e príncipes, elevando-o a grandes fortunas, permitindo-lhe fazer o que quiser. Mas, com o Sol desfavorável, ela faz de seu portador um tirano, um homem orgulhoso, ambicioso, insaciável, que terá um fim triste.

A quinta tabela é de Vênus, consistindo em um quadrado de 7 multiplicado por si, ou seja, de 49 números, dos quais 7 de cada lado e diâmetro compõem 175, e a soma total é 1.225. Dela advêm nomes divinos com uma inteligência para o bem e espírito para o mal, e se extrai o caractere de Vênus e de seus espíritos. Essa tabela gravada em uma placa de prata, com Vênus favorável, gera concórdia, acaba com as brigas, atrai o amor das mulheres, conduz à concepção, é boa contra infertilidade, promove habilidade para gestação, dissolve

encantamentos e paz entre os homens e entre as mulheres, além de tornar todas as espécies de animais e de gado férteis; se colocado em um pombal, causa um aumento de pombas. Ela conduz à cura de todos os temperamentos melancólicos e gera alegria; carregada por viajantes, traz-lhes boa sorte. Mas, se for formada em bronze com Vênus desfavorável, ela causa as coisas opostas a tudo o que foi citado.

A sexta tabela é de Mercúrio, resultando do quadrado de 8 multiplicado por si, contendo 64 números, dos quais 8 em todo lado e ambos os diâmetros compõem 260, com a soma total de 2.080. Dela advêm nomes divinos com uma inteligência para o bem e espírito para o mal, e se extrai o caracteres de Mercúrio e de seus espíritos. Com Mercúrio favorável, se gravada em prata ou estanho ou bronze amarelo ou se escrita em pergaminho virgem,⁷ ela torna o portador grato e afortunado para fazer o que quiser; produz ganhos e impede a pobreza, conduz à memória, à compreensão e à adivinhação, bem como ao entendimento de coisas ocultas por meio de sonhos; e com Mercúrio desfavorável, provoca o contrário de tudo isso.

A sétima tabela é da Lua, de um quadrado de 9 multiplicado por si, tendo 81 números, em todo lado e diâmetro 9, produzindo 369, com a soma total de 3.321. Dela advêm nomes divinos com uma inteligência para o bem e espírito para o mal, e se extraem os caracteres da Lua e de seus espíritos. A Lua favorável gravada em prata torna o portador grato, amável, agradável, alegre, honroso e remove toda maldade e má vontade. Traz segurança nas viagens, aumento das ri-

quezas e saúde do corpo; afasta os inimigos e outras coisas malignas do lugar que se quiser; a Lua desfavorável, porém, gravada em placa de chumbo e enterrada, fará de tal lugar um local desafortunado, bem como seus habitantes, e também barcos, rios, fontes e moinhos que se encontrarem nas proximidades. Propositamente feita contra alguém, este sofrerá má sorte, sendo obrigado a abandonar sua terra, sua morada, se a placa nela estiver enterrada. Ela atrapalha os médicos e oradores, e qualquer homem em seu ofício, se contra ele, ela for preparada.

Agora, quanto aos selos e caracteres dos astros⁸ e dos espíritos extraídos desses selos, o sábio explorador e aquele que souber discernir essas tabelas as compreenderá com facilidade.⁹

Nomes divinos que respondem aos números de Saturno.

3	Ab	אב
9	Hod	הד
15	Jah	יה
45	Jeová estendido	יהוה ואהיה
	A Inteligência de Saturno.	
45	Agiel	אגיאל
	O Espírito de Saturno.	
45	Zazel	זאזל

Nomes divinos que respondem aos números de Júpiter.

4	Aba ¹⁰	אבא
16	-	הה
16	-	ארי
34	El Ab	אלאב
	A Inteligência de Júpiter.	
136	Johphiel	יהפאל
	O Espírito de Júpiter.	
136	Hismael	הסמאל

<i>Nomes divinos que respondem aos números de Marte.</i>		A Inteligência de Vênus. 1.225 ¹³ Bne Serafim	בני שרפים
5	He, a letra do nome sagrado, ה	<i>Nomes divinos que respondem aos números de Mercúrio.</i>	
25	- יד	8	Asboga, ¹⁴ 8 estendido. אזבוגה
65	Adonai ארני	64	Din דיין
A Inteligência de Marte.		64	Doni דני
325	Graphiel גראפאל	A Inteligência de Mercúrio.	
O Espírito do Marte.		260	Tiriel מיראל
325	Barzabel ¹¹ ברצבאל	O Espírito de Mercúrio.	
<i>Nomes divinos que respondem aos números do Sol.</i>		2.080	Taphthartharath תפתרתת
6	Vau, a letra do nome sagrado ו	<i>Nomes divinos que respondem aos números da Lua.</i>	
6	He estendido		
a letra do nome sagrado. הא		9	Hod דוד
36	Eloh אלה	81	Elim אלים
A Inteligência do Sol.		O Espírito da Lua.	
111	Nachiel נביאל	369	Hasmodai השמודאי
O Espírito do Sol.		O Espírito dos Espíritos da Lua.	
666	Sorath סודת	3321	Schedbarschemoth
<i>Nomes divinos que respondem aos números de Vênus.</i>		Schartathan שרברשהמעת שרתתן	
7	אדה	Inteligência da Inteligência da Lua.	
A Inteligência de Vênus.		3321 Malcha betharsithim hed	
49	Hagiel הגיאל	beruah schehakim ער ברוה שהקים	
O Espírito de Vênus.		מלבא בתרשתים	
175 ¹²	Kedemel קרמאל	p. 321/322/323	

SATURNO

A tabela de Saturno em seu

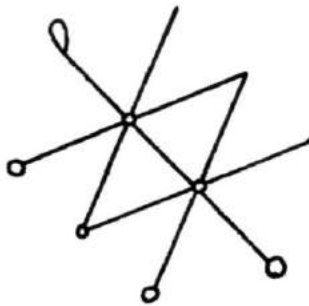
Compasso

4	9	2
3	5	7
8	1	6

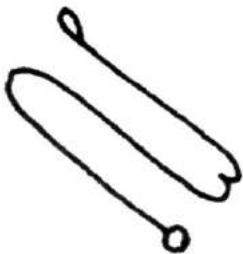
Em notas hebraicas

ד	ט	ב
ג	ה	ז
ח	א	ו

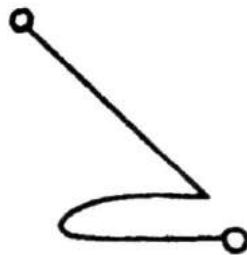
Os Selos ou Caracteres



De Saturno



Da Inteligência de Saturno



Do Espírito de Saturno

JÚPITER

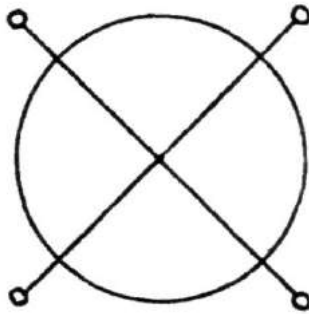
A tabela de Júpiter em seu Compasso

4	14	15	1
9	7	6	12
5	11	10	8
16	2	3	13

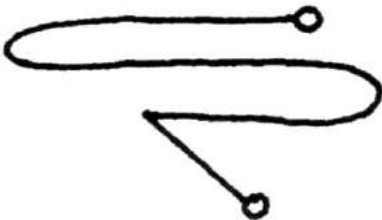
Em notas hebraicas

ד	ד'	טו	א
טז	ז	ו	ו'
ח	א'	י	ח
י'	ב	ג	יג

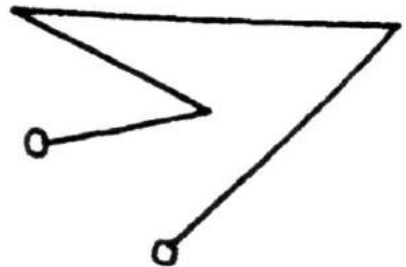
Os Selos ou Caracteres



De Júpiter



Da Inteligência de Júpiter



Do Espírito de Júpiter

MARTE

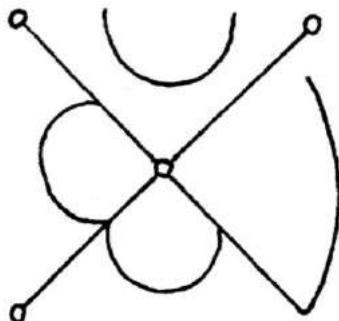
A tabela de Marte em seu Compasso

11	24	7	20	3
4	12	25	8	16
17	5	13	21	9
10	18	1	14	22
23	6	19	2	15

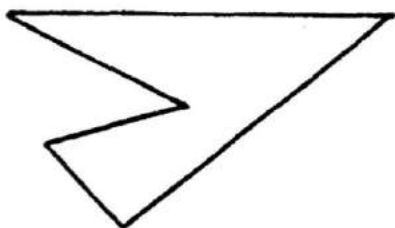
Em notas hebraicas

א	כ	ז	ח	ג
ד	ב	ה	ה	ו
ז	ה	ג	א	ט
י	ח	א	ד	כ
כ	ו	ט	ב	ה

Os Selos ou Caracteres



De Marte



Da Inteligência de Marte



Do Espírito de Marte

SOL

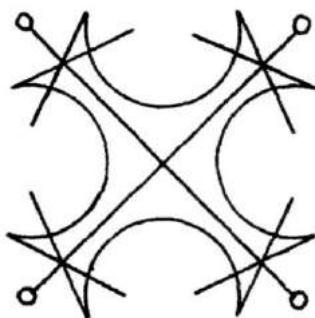
A tabela do Sol em seu Compasso

Em notas hebraicas

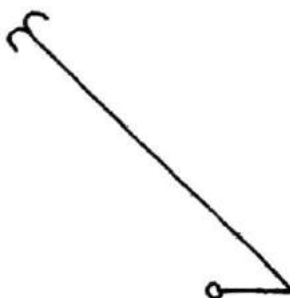
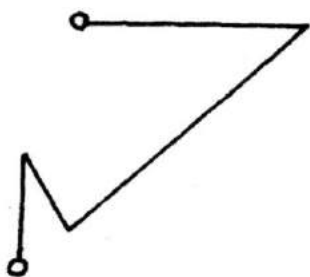
6	32	3	34	35	1
7	11	27	28	8	30
19	14	16	15	23	24
18	20	22	21	17	13
25	29	10	9	26	12
36	5	33	4	2	31

ו	לב	ג	לד	לה	א
ז	א	כו	כה	ח	ל
ש	ד	יו	יה	כג	ט
יח	כ	כב	טז	יז	יג
כה	כט	י	ט	כו	יב
לד	ה	לג	ד	ב	לא

Os Selos ou Caracteres



Do Sol



Da Inteligência do Sol

Do Espírito do Sol

VÊNUS

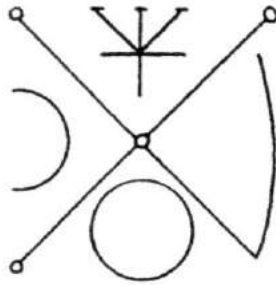
A tabela de Vênus em seu Compasso

Em notas Hebraicas

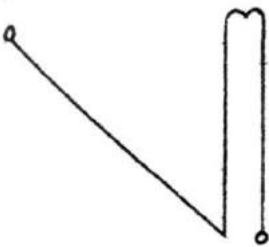
22	47	16	41	10	35	4
5	23	48	17	42	11	29
30	6	24	49	18	36	12
13	31	7	25	43	19	37
38	14	32	1	26	44	20
21	39	8	33	2	27	45
46	15	40	9	34	3	28

ד	ל	ה	י	מ	א	ו	ז	כ	ב
כ	ט	א	מ	ב	ז	י	ח	מ	ט
י	ב	ל	ו	י	ח	מ	ט	כ	ד
ל	ז	י	ט	מ	כ	ה	ז	א	ג
ח	מ	ד	ל	ב	א	כ	ו	ל	ח
מ	ה	כ	ז	ב	ל	ג	ח	ט	כ
כ	ה	ג	ל	ט	ט	מ	י	ה	מ

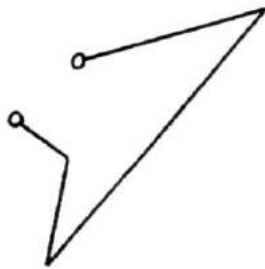
Os Selos ou Caracteres



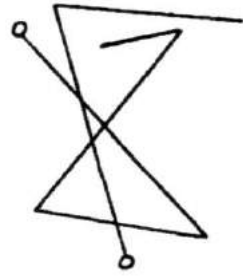
De Vênus



Da Inteligência de Vênus



Do Espírito de Vênus



Das Inteligências de Vênus

MERCÚRIO

A tabela de Mercúrio em seu

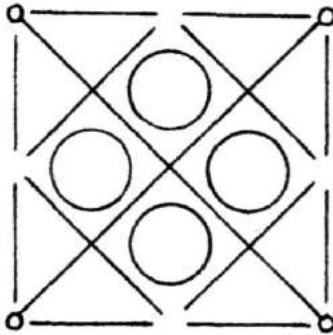
Em notas hebraicas

Compasso

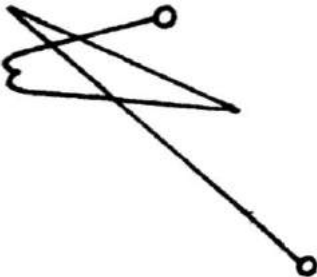
8	58	59	5	4	62	63	1
49	15	14	52	53	11	10	56
41	23	22	44	45	19	18	48
32	34	35	29	28	38	39	25
40	26	27	37	36	30	31	33
17	47	46	20	21	43	42	24
9	55	54	12	13	51	50	16
64	2	3	61	60	6	7	57

ח	נח	ה	ד	סב	א	ג	ז
מט	יה	יד	נב	נג	יא	י	נו
מא	כג	מכ	מז	מח	יש	יח	מח
לב	לד	לח	כח	כש	לה	לד	לח
מ	כו	לו	לז	לז	לז	לא	לג
ז	מז	כ	מז	מז	מז	מז	מז
ט	נה	נד	יב	יג	נא	נ	ז
סד	ב	ג	סא	ס	ו	ז	ז

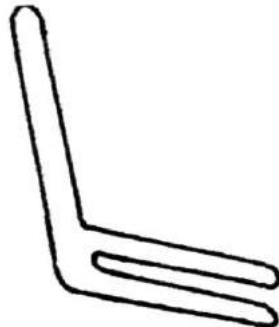
Os Selos ou Caracteres



De Mercúrio



Da Inteligência de Mercúrio



Do Espírito de Mercúrio

LUA

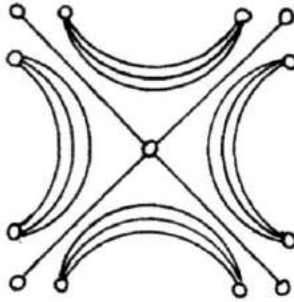
A tabela da Lua em seu Compasso

37	78	29	70	21	62	13	54	5
6	38	79	30	71	22	63	14	46
47	7	39	80	31	72	23	55	15
16	48	8	40	81	32	64	24	56
57	17	49	9	41	73	33	65	25
26	58	18	50	1	42	74	34	66
67	27	59	10	51	2	43	75	35
36	68	19	60	11	52	3	44	76
77	28	69	20	61	12	53	4	45

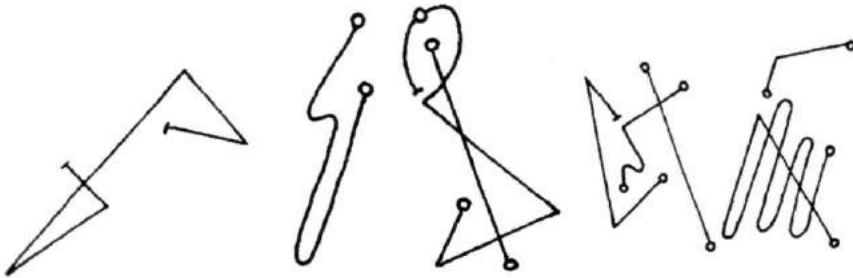
Em notas hebraicas

ל	ו	ע	ח	ל	ז	ט	כ	ס	נ	ד	ה
ו	ו	ל	ע	ל	ז	ט	כ	ס	נ	ד	ה
ז	ז	ל	ע	ל	ז	ט	כ	ס	נ	ד	ה
ח	ח	ל	ע	ל	ז	ט	כ	ס	נ	ד	ה
ט	ט	ל	ע	ל	ז	ט	כ	ס	נ	ד	ה
כ	כ	ל	ע	ל	ז	ט	כ	ס	נ	ד	ה
ס	ס	ל	ע	ל	ז	ט	כ	ס	נ	ד	ה
נ	נ	ל	ע	ל	ז	ט	כ	ס	נ	ד	ה
ד	ד	ל	ע	ל	ז	ט	כ	ס	נ	ד	ה
ה	ה	ל	ע	ל	ז	ט	כ	ס	נ	ד	ה

Os Selos ou Caracteres



Da Lua



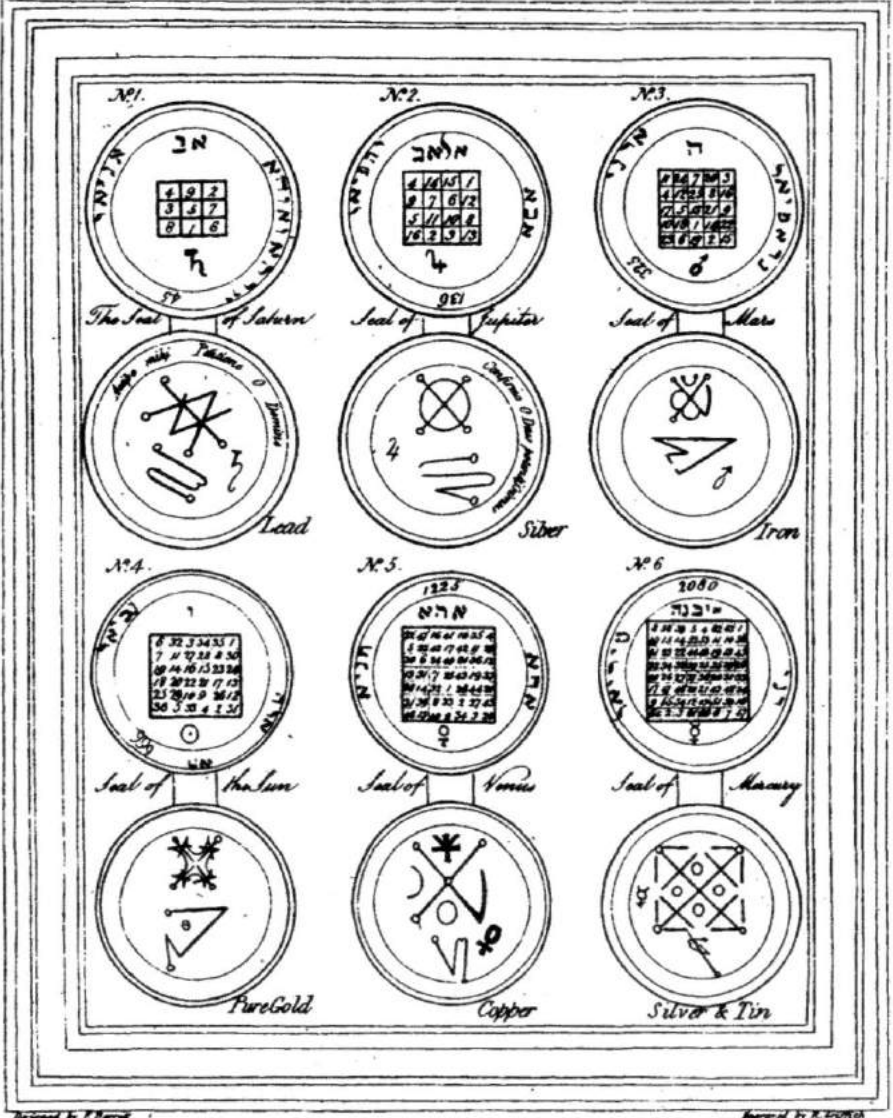
Do Espírito da Lua

Do Espírito ou dos
Espíritos da Lua

Da Inteligência ou das
Inteligências da Lua

Selos Mágicos ou Talismãs

Plate. Engr.



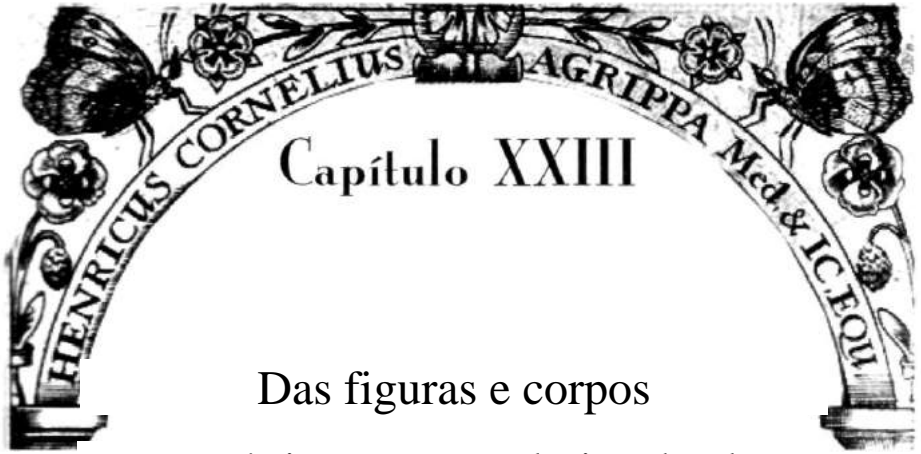
Talismãs

Extraído de The Magus, por Francis Barrett (Londres, 1801)

Notas - Capítulo XXII

1. Sigilos (sinetes).
2. Diagonal.
3. Agrippa usa o termo inteligência para indicar um ser sobrenatural bom e espírito para um ser sobrenatural malévolo.
4. No momento em que Saturno ocupa uma posição astrológica favorável no firmamento, tendo, portanto, influência benigna.
5. 4 x 4.
6. Pedra preferida de Plínio para anéis de selo, que supostamente gera concórdia, acalma os ânimos irritados, afasta pensamentos malignos e torna inofensivos os ataques de bruxaria e de mau-olhado. A descrição usada aqui pertence ao coral, que, segundo Gerard: “Essa pedra [coral] é um excelente remédio para secar, estancar e resolver todos os problemas relacionados a sangue, em homens e mulheres” (Gerard 1633, 3:166:1578). Sendo o coral a pedra de Marte, por causa de sua cor vermelha e poder sobre o sangue, com certeza um erro foi cometido por Agrippa ou um de seus copistas, e a cornalina deveria ser colocada com Júpiter, enquanto o coral deveria aparecer com Marte.
7. É necessário pergaminho genuinamente virgem para muitas operações mágicas, e ele deve ser devidamente preparado e consagrado. Há dois tipos: um chamado virgem e outro, inato. O pergaminho virgem é aquele tirado de um animal que não atingiu a idade de gestação, seja carneiro, cabrito ou outro.

O pergaminho inato refere-se a um animal tirado prematuramente do útero da mãe (*The Greater Key of Solomon* 2.17, traduzido para o inglês por S.L. MacGregor Mathers [Chicago: De Laurence Company, 1914 ([1889]), 114).
8. Planetas.
9. Ver apêndice V.
10. Esse nome divino de Júpiter é soletrado como “Abab”, na edição inglesa, e “Abba”, na *Ópera* latina.
11. Por algum motivo inexplicável, esse nome aparece como **ברצחבאל** tanto na edição inglesa quanto na latina. A letra Aleph (**א**) no meio é supérflua.
12. Citado incorretamente como “157” tanto na edição inglesa quanto na latina.
13. Citado incorretamente como “1252” em ambas as edições; mas, por estranho que pareça, o nome divino corresponde com precisão a esse número errado. Ver apêndice V, a explicação numérica detalhada do nome.
14. A versão hebraica desse nome aparece com apenas cinco letras tanto na edição inglesa quanto na latina, embora devesse ter seis - isso é explicado no fim do apêndice V.



Das figuras e corpos
geométricos, por qual virtude eles
são poderosos na magia e quais
combinam com cada elemento e o céu



As figuras geométricas formadas a partir de números também são igualmente poderosas. Destas, a primeira é o círculo, que responde à unidade e ao número 10; pois a unidade é o centro e a circunferência de todas as coisas; e o número 10, somado sobre si, retorna à unidade de onde se originou, sendo o fim e o complemento de todos os números. Um círculo é chamado de uma linha infinita na qual não há *terminus a quo* nem *terminus ad quem*,¹ cujo começo e fim estão em todos os pontos, de onde também um movimento circular é chamado de infinito não de acordo com o termo, mas com o lugar; portanto, sendo o círculo a maior² e mais perfeita de todas as figuras geométricas, é considerado o mais apropriado para amarrações e conjurações; e, pelo mesmo motivo, aqueles que adjuram espíritos malignos costumam se cercar com um círculo.³

Também um pentagrama,⁴ pela virtude do número 5, tem um grande poder sobre os espíritos do mal, graças à sua linearidade, que lhe dá cinco ângulos obtusos, cinco ângulos agudos⁵ e cinco triângulos duplos⁶ pelos quais é cercado. O pentagrama interior contém em si grandes mistérios, o que também deve ser investigado e compreendido nas outras figuras: triângulo, quadrângulo, sexângulo, septângulo, octângulo e as demais, das quais muitas, sendo feitas de diversas divisões,⁷ obtêm variados significados e virtudes, de acordo com as mais diversas maneiras de desenhar, com as proporções de linhas e números.

Os egípcios e árabes confirmaram que a figura da cruz tem de fato grande poder, e que ela é o mais firme receptáculo de todos os poderes e inteligências celestiais, pois é a figura mais exata de todas, contendo quatro ângulos retos, e é a primeira descrição das superfícies, possuindo

longitude e latitude:⁸ e dizem que ela é inspirada com a fortitude dos celestiais, pois tal fortitude resulta da retidão de ângulos e raios: e os astros são, portanto, mais potentes quando possuem quatro cantos na figura do céu e formam uma cruz⁹ pela projeção mútua de seus raios. Além disso (como já mostramos), ela tem grande correspondência com os números 5, 7, 9, poderosíssimos. A cruz também era considerada pelos sacerdotes egípcios, desde o começo da religião, entre as letras sagradas, significando aleatoriamente a vida da salvação futura.¹⁰ Foi impressa na imagem de *Serapis*, e era figura de grande veneração entre os gregos. Mas o pertencente à religião nós discutiremos em outro momento.

É preciso observar que, quaisquer que sejam as maravilhas que as figuras realizam, quando as traçamos em papel, placas ou imagens, elas só o fazem graças à virtude adquirida de figuras mais sublimes, sendo por essas afetadas por aptidão natural ou por semelhança, uma vez que são configuradas à sua maneira exata, assim como o eco é a reprodução exata em uma parede oposta, ou, como a reprodução em um vidro oco,¹¹ dos raios solares refletidos sobre um corpo oposto de madeira ou outro material combustível que o faz queimar; ou como uma harpa que causa ressonância em outra harpa, fenômeno tão comente possível pela figura igual e apropriada, pois quando duas cordas são tocadas em uma, com igual intervalo de tempo e moduladas à

mesma intenção, a outra também se agita.¹² O mesmo se passa com as figuras de que falamos e quaisquer caracteres que digam respeito às virtudes das figuras celestiais devidamente impressas sobre coisas, governando segundo a afinidade e expressando umas às outras. E, ainda a respeito das figuras, o mesmo deve ser compreendido acerca dos corpos geométricos: esfera, tetraedro, hexaedro, octaedro, icosaedro, dodecaedro e outros do gênero.

Tampouco devemos ignorar as figuras que *Pitágoras* e seus seguidores *Timeu*, *Locrus* e *Platão* atribuíam aos elementos¹³ e aos céus: pois, em primeiro lugar, atribuíam à Terra um quadrado de quatro e um quadrado de oito ângulos sólidos, de 24 planos¹⁴ e seis bases na forma de um dado; ao Fogo, uma pirâmide de quatro bases triangulares e o mesmo número de ângulos sólidos, de 12 planos; ao Ar, o octaedro, de oito bases triangulares e seis ângulos sólidos, de 24 planos; e, por fim, à Água eles atribuíam o icosaedro, com 20 bases, 12 ângulos sólidos; ao céu eles atribuíam o dodecaedro, de 12 bases, com cinco cantos e 20 ângulos sólidos e 70 planos.

Aquele que conhecer os poderes, as relações e as propriedades dessas figuras e corpos será capaz de realizar muitas coisas extraordinárias em magia natural e matemática, especialmente em vidros. E eu sei como fazer, por meio disso, coisas maravilhosas, nas quais qualquer pessoa pode ver o que quiser e a uma grande distância.¹⁵

Notas - Capítulo XXIII

1. *Terminus a quo* é um termo escolástico latino que significa “termo do qual”, portanto, o ponto de partida; *terminus ad quem* significa “termo ao qual”, ou seja, o ponto final.
2. Um círculo de uma determinada circunferência compreende uma área maior que qualquer outra figura plana com o mesmo perímetro.
3. Em evocação ritual, na qual os espíritos malignos ou perigosos são chamados ao mundo, o mago coloca-se dentro de um círculo protetor. Isso funciona como uma barreira mágica e impede a entrada do espírito ou de sua influência.
4. *Pentagrama*:



5. Os cinco ângulos obtusos são os de dentro do centro aberto do pentagrama; os ângulos agudos são os de dentro das pontas.
6. “Duplos” no sentido de correspondência ou correlação, indicando que os cinco triângulos em volta são todos iguais.
7. Depressões ou indentações.
8. Um plano é descrito por duas dimensões: comprimento e largura.
9. Ver nota 16, cap. X, l. II.
10. O ankh é um hieróglifo egípcio que significa vida e ressurreição:



11. Isto é, um espelho côncavo. Esse método de fazer fogo era usado pelas virgens Vestais no ritual de manter acesas as chamas de Vesta, uma vez que o fogo obtido diretamente do Sol era considerado mais primordial, e, portanto, mais sagrado do que o fogo gerado por meio dos modos comuns. Sobre o fogo perpétuo de Vesta, escreve Plutarco:

... era considerado ato ímpio acendê-lo a partir de centelhas ou chamas comuns ou de qualquer outra maneira além dos raios puros e impolutos do Sol, o que se conseguia com o auxílio de espelhos côncavos, de uma figura formada pela revolução de um triângulo retângulo isósceles, com todas as linhas da circunferência se encontrando no centro, expondo-a à luz do Sol para coletar e concentrar todos os seus raios nesse ponto de convergência; onde o ar se tornará, então, rarefeito, e qualquer matéria leve, seca, combustível se acenderá sob o efeito dos raios, que adquirem aqui a substância e a força ativa do fogo (Plutarco, “Numa Pompilius”. In *Lives* [Dryden, 82]).

12. Esse fenômeno é chamado de vibração simpática.
13. Ver apêndice III.
14. Vinte e quatro ângulos planos.

15. Parece muito a descrição de um telescópio. O momento e o local exatos de sua invenção são temas de grande controvérsia. É evidente que Roger Bacon, que morreu no fim do século XIII, conhecia pelo menos a teoria do telescópio:

Vidros [espelho] ou corpos diáfanos [lentes] podem ser formados de uma maneira que os mais remotos objetos pareçam próximos, e o contrário, de modo que possamos ler as menores letras a uma distância incrível e enumerar coisas, por menores que sejam, também fazem as estrelas [planetas] parecerem tão próximas quanto desejarmos (Bacon, *Epístola ad Parisiensem*).

Giambattista della Porta, que escreve não muito tempo após Agrippa, diz: “Se você souber juntar os dois (isto é, os vidros côncavo e convexo) da maneira correta, verá objetos remotos ou próximos maiores que o normal e perfeitamente distintos” (*Magia Naturalis*, 1558).



ampouco a harmonia musical é destituída dos dons dos astros; pois ela é uma poderosa criadora de imagens de todas as coisas, ao mesmo tempo seguindo oportunamente os corpos celestes e atraindo de modo extraordinário a influência celeste, mudando assim as afeições, intenções, gestos, movimentos, ações e disposições de todos os ouvintes, atraindo-os às suas propriedades, sejam elas de alegria, lamentação, coragem, descanso ou outras; também atrai os animais, serpentes, pássaros, delfins ao ouvir seus agradáveis sons. Os pássaros são atraídos com flautas e os veados,¹ do mesmo modo. Os peixes no lago de Alexandria² se deleitam com um barulho. A música promove amizade entre os homens e os delfins.³ O som da harpa conduz para cima e para baixo os cisnes hiperbóreos.⁴ Vozes melodiosas domam os elefantes da Índia; e os próprios elementos se deliciam com música. A fonte Halesiana,⁵ normalmente plácida e calma ao som de uma trombeta, levanta-se em júbilo e inunda as margens. Existem na Lídia as chamadas Ilhas das Ninfas,⁶ que ao

som de uma trombeta se movem para o meio do mar e, voltando-se, iniciam uma dança para depois retornar às praias; *M. Varro* afirma tê-las visto.

E há coisas ainda mais fantásticas, pois na costa da Ática o som do mar é como o de uma harpa. Uma certa pedra de Megaris⁷ produz um som como de harpa sempre que a corda desse instrumento é tocada; tão grande é o poder da música que acalma a mente, eleva o espírito, incita os soldados à luta, renova as forças dos exauridos, dá alento aos desesperados e descanso aos viajantes. E os árabes dizem que os camelos carregando seus fardos ficam aliviados quando seus líderes cantam. De modo semelhante, aqueles que carregam grandes pesos cantam e, assim, se sentem fortalecidos e renovados; pois cantar traz deleite e força, aplaca os inimigos, modera a ira de homens enfurecidos, afasta a vã imaginação.⁸

Nesse contexto, afirmam *Demócrito* e *Teofrasto* que algumas doenças do corpo e da mente podem ser curadas e causadas.⁹ E lemos que *Therpander* e *Aríon* de Lesbos curaram os lésbios e jônicos por meio da música;

e Ismênia¹⁰ de Tebas curava diversas doenças graves com a música; além disso, *Orfeu, Amphion, Davi, Pitágoras, Empédocles,*” *Asclepiades e Timóteo* eram capazes de realizar muitas coisas fantásticas com os sons: às vezes, conseguiam animar espíritos apáticos com sons familiares; às vezes, aplacavam espíritos encolerizados, furiosos, zangados, com sons mais graves. E Davi, com uma harpa, reprimiu Saulo, em fúria.¹² E foi assim também que Pitágoras curou um rapaz de uma luxúria imoderada.¹³ E *Timóteo* incitou *Alexandre* à ira, para depois novamente reprimi-lo.¹⁴

Saxo, o Gramático, em sua História dos Dinamarqueses, fala de um certo músico que se gabava de enlouquecer todos com sua música; e quando foi convocado pelo rei para realizar

tal feito, empenhou-se de várias maneiras para afetar os humores. Primeiro, com um tom musical grave, ele encheu os ouvintes de tristeza e insensibilidade; depois, com um som mais vivo, ele os fez se alegrar e dançar; e, por fim, com uma música mais intensa, reduziu-os à fúria e à loucura. Também lemos que em Apúlia aqueles que eram tocados por uma espécie de aranha perigosa¹⁵ ficavam como em torpor até ouvir determinado som, quando então se levantavam para dançar. E acredita-se (e *Gellius* é testemunha) que aqueles que sofrem de dor ciática¹⁶ encontram alívio ao som de uma flauta. *Teófrasto* também relata que o som da flauta cura picada de aranha, e o próprio *Demócrito* confessa que o trabalho de flautistas é cura para muitas doenças.

Notas - Capítulo XXIV

1. A respeito da proclividade dos veados, Plínio diz: “Eles são atraídos pela flauta do pastor e sua canção...” (Plínio 8.50 [Bostock e Riley, 2:300]).
 2. Mareotis, localizado pouco atrás da cidade. Um canal conduzia do Eunostos, um dos dois portos de Alexandria, até o lago. Talvez Plínio se refira a ele quando escreve: “Os peixes não têm órgãos de audição nem sequer o orifício exterior. E, no entanto, é evidente que eles ouvem; pois é fato bem conhecido que em algumas lagoas os peixes têm o hábito de se aproximar para comer quando alguém bate palmas” (Plínio 10.89 [Bostock e Riley, 2:547]).
 3. “O delfim é um animal não só amistoso para com o homem, mas também um amante da música; ele se encanta com concertos harmoniosos e, particularmente, com as notas do órgão hidráulico” (Plínio 9.8 [Bostock e Riley, 2:371-2]).
 4. Termo aplicado a tudo que seja mais extremo ao norte. Segunda as lendas, Hiperbórea era uma terra “além do vento norte”, habitada por um povo abençoado que desfrutava o perpétuo brilho do Sol, vivia livre de doenças, fome, preocupação, sofrimento e guerra. Os hiperbóreos veneravam Apolo, que os tinha visitado pouco após nascer, e eram uma raça alegre, que se regozijava em música e dança. A princípio, Hiperbórea fora provavelmente associada à terra ao norte da Tessália, mas, à medida que o conhecimento de Geografia se aperfeiçoava, ela foi jogada mais para o norte, sendo identificada com a Europa Ocidental e com os celtas e, posteriormente, com a região no litoral do lendário Oceano Hiperbóreo, para além dos míticos Grypes e Arimaspi, que habitavam o norte da Cítia.
 5. Talvez localizada na planície Halesiana, na terra que cercava Troia, com suas termas salgadas e quentes.
 6. “Existem algumas pequenas ilhas no Nymphaeus [na Ilíria], chamadas de as Dançarinas, porque, quando se cantam coros, elas se movem...” (Plínio 2.96 [Bostock e Riley, 1:123]).
 7. Ver nota 3, cap. X, l. I.
 8. Não é por esse motivo, Glauco, que a educação pela música é capital, porque o ritmo e a harmonia penetram mais fundo na alma e afetam-na mais fortemente, trazendo consigo a perfeição, e tornando aquela perfeita, se se tiver sido educado? E, quando não, o contrário? E porque aquele que foi educado nela, como devia, sentiria mais agudamente as omissões e as imperfeições no trabalho ou na conformação natural, e, suportando-as mal e com razão, honraria as coisas belas, e, acolhendo-as jubilosamente na sua alma, com elas se alimentaria e tornar-se-ia um homem perfeito (Platão, *A República*, 3.401d).
- E a harmonia, que se assemelha em movimento às revoluções de nossas almas, não é considerada pelo recipiendário das Musas um prazer irreverente, próprio de nossos dias, mas sim como meio de correção da discórdia que pode assolar a alma, e nossa aliada no sentido de a ela trazer harmonia e concórdia. Também o ritmo por elas nos dado, e pelo mesmo motivo, em virtude dos modos irregulares e deselegantes presentes na humanidade, com o intuito de nos livrar deles (Platão, *Timaeus*, 47d [Hamilton e Cairns, 1175]).
9. O músico cretense Taletas foi convidado a ir a Esparta durante uma pestilência, por volta de 620 a.C., a qual ele teria definitivamente acabado.
 10. Apolo era chamado de *Ismênio*, porque um de seus templos era localizado ao lado do Rio Ismenus, que nascia no monte Cithaeron e descia até Tebas. Segundo a lenda, o menino Ismenus foi atingido por uma flecha de Apolo e pulou no rio, dando-lhe o nome.
 11. Quando um certo jovem se precipitou com a espada em punho contra Anquito, anfitrião de Empédocles, que na qualidade de juiz tinha condenado o pai do rapaz à morte, Empédocles mudou a intenção do jovem, cantando e acompanhando na lira este verso de Homero:

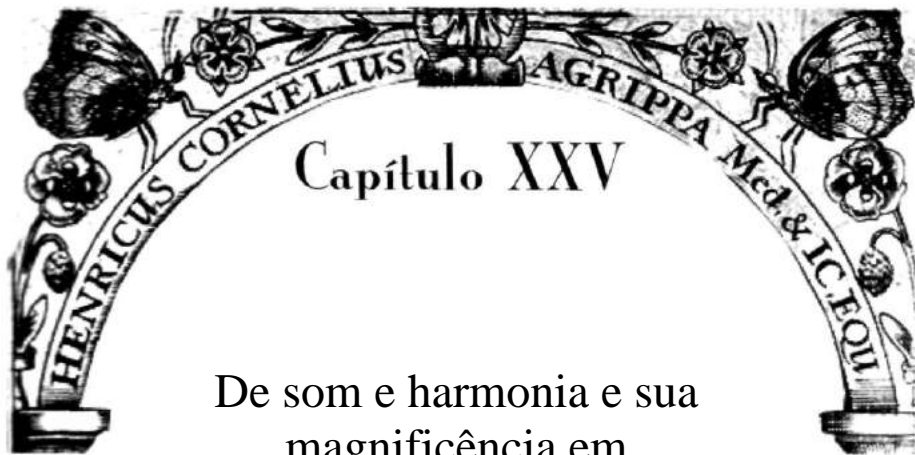
Nepente, sem fel, por todos os males
O oblévio se alastra [*Odisseia*, 4, linhas 793-4],
salvando assim Anquito da morte e o rapaz do crime de homicídio (Iamblicus, *Life of Pythagoras* 25 [Taylor, 60-1]).
 12. I Samuel 16:23.

13. Entre os atos de Pitágoras, diz-se que, certa vez, com a música espondáica de uma flauta, ele apagou a ira do jovem que passara a noite se embriagando e pretendia incendiar o vestibulo de sua amante, após vê-la sair da casa de um rival. O rapaz fora incitado [a esse temperamento intempestivo] por uma canção frígia; a qual Pitágoras, porém, rapidamente suprimiu. Em meio a seus estudos astronômicos, Pitágoras se encontrou com o flautista frígio em uma hora irregular, à noite, e convenceu-o a mudar a canção frígia por uma espondáica. O rapaz, então, tendo seu ataque de fúria imediatamente reprimido, voltou para casa em estado de perfeito juízo, embora pouco antes não pudesse ser impedido, e se recusasse até a ouvir qualquer admoestação, chegando mesmo, em sua estupidez, a insultar Pitágoras ao vê-lo (Iamblicus, *Life of Pythagoras*, 25 [Taylor, 60]).

14. Timóteo era um flautista de Tebas. Quando tocava diante de Alexandre, o Grande, um Nomo a Atena, Alexandre pulou de seu trono e agarrou o músico pelo braço. O episódio deu origem ao poema bem conhecido de Dryden, *Alexander's Feast*, que se baseia em uma passagem de *Life of Alexander*, de Plutarco, no qual, entretanto, Timóteo não é mencionado. Dryden dá ao músico uma lira, talvez o confundindo com Timóteo de Mileto (ver nota biográfica).

15. A picada da tarântula (*Lycosa tarantula*, antes conhecida como *Tarantula apuliae*), uma grande aranha venenosa que proliferava na cidade de Tarento, na região italiana de Apúlia, era considerada a causa do tarantismo, um problema histórico caracterizado por um impulso selvagem de dançar. Dizia-se que o tarantismo era semelhante à dança de São Vito, e foi epidêmico na Apúlia entre os séculos XV e XVII. A tarantela é uma dança típica do sul da Itália, popular desde o século XV, que supostamente curava o tarantismo se a vítima dançasse até cair de exaustão. É possível que essa doença nunca tenha existido, e que toda a dança tenha se originado como um remédio popular contra a picada da aranha.

16. Doença caracterizada por dor nevrálgica nos quadris.



De som e harmonia e sua magnificência em operação



ão negaremos, igualmente, que há nos sons uma virtude para receberem os dons celestiais; se, junto a *Pitágoras* e *Platão*, nós considerarmos que os céus consistem em uma composição harmoniosa, que governa e causa todas as coisas por meio de movimentos e tons harmoniosos.¹

O ato de cantar não pode produzir mais do que o som de um instrumento. Surge de um consentimento harmônico, da concepção da mente e da imperiosa afeição da fantasia² e do coração, e pelo movimento, com ar refratado e bem dosado, penetra com facilidade o espírito aéreo do ouvinte, que é o elo entre a alma e o corpo; e transferindo a amizade e a mente do cantor no ato, afeta o ouvinte com a sua afeição, e a fantasia do ouvinte com a própria fantasia, e a mente com sua própria mente, atinge o coração, perfura até o íntimo da alma, e aos poucos infunde até mesmo humores: além disso, faz mover ou detém os membros e os humores do corpo.

Manipulando assim as afeições, a harmonia confere tanto que não só

a natural, mas também a artificial e vocal concede um certo poder às almas e aos corpos: mas é necessário que todos os consortes³ provenham de fundações apropriadas, tanto em instrumentos de corda quanto de sopro, em cantos vocais, se você conseguir que todos entrem em acordo; pois nenhum homem com que o rugido dos leões, o mugido dos bois, o relincho dos cavalos, o zurro dos jumentos, o grunhido dos porcos sejam harmoniosos: tampouco podem as cordas, feitas de tripas de ovelha e de lobo, entrar em harmonia, pois suas fundações são dissonantes; mas as muitas e variadas vozes dos homens combinam, porque elas têm uma fundação na espécie: também os pássaros combinam, porque são de um único gênio ou espécie e semelhança que vem do alto; também os instrumentos artificiais combinam com vozes naturais, porque a similitude que existe entre eles é verdadeira e manifesta ou tem uma certa analogia.

Mas toda harmonia é ou de sons ou de vozes. O som é um sopro, a voz é um som e um sopro animado; a fala é um sopro pronunciado com som, e

uma voz indicando algo, cujo espírito procede da boca com som e voz; *Chalcidius* dizia que uma voz é enviada desde a cavidade interna do peito e coração pela assistência do espírito. Por esse meio, aliado à língua, e formando e tocando as passagens estreitas da boca, por meio de outros órgãos vocais, são os sons articulados: os elementos da fala, intérprete pela qual os movimentos secretos da mente são esclarecidos. Mas *Lactância*⁴ dizia que a natureza da voz é muito obscura, e não se pode compreender como ela é feita, ou o que é.

Para concluir, toda música consiste em voz, som e audição: som sem ar não pode ser audível, pois, embora seja necessário para a audição, assim como o ar, ele não é audível em si nem perceptível por sentido algum, a

menos que por acidente; pois a visão nada vê senão pelas cores, nem os ouvidos ouvem se não há som; tampouco há o olfato sem odores ou o paladar sem sabor: portanto, embora o som não possa ser produzido sem ar, o som não é da natureza do ar, nem o ar da natureza do som, mas sim o corpo da vida de nosso espírito sensível, não sendo tampouco da natureza de nenhum objeto sensível, mas de uma virtude mais simples e superior; e é fato que a alma sensível vivifica o ar que a ela se une, e no ar vivificado que se une ao espírito, percebe a espécie de objetos colocados em ação, e isso é feito no ar vivente, mas em uma espécie sutil e diáfana e visível, em um ar comum e audível; e no pesado, as espécies dos outros sentidos são percebidos.

Notas - Capítulo XXV

1. Mas, diante de tudo isso, meus amigos, penso que vocês esqueceram o principal, aquilo que torna a música mais majestosa. Pois Pitágoras, Arquitas, Platão e muitos outros filósofos da Antiguidade eram da opinião de que não podia haver movimento do mundo ou deslocamento das esferas sem a assistência da música, uma vez que a Suprema Divindade criou todas as coisas do modo harmonioso (Plutarco, *On Music*, 44, traduzido para o inglês por John Phillips [Goodwin, 1:134]).

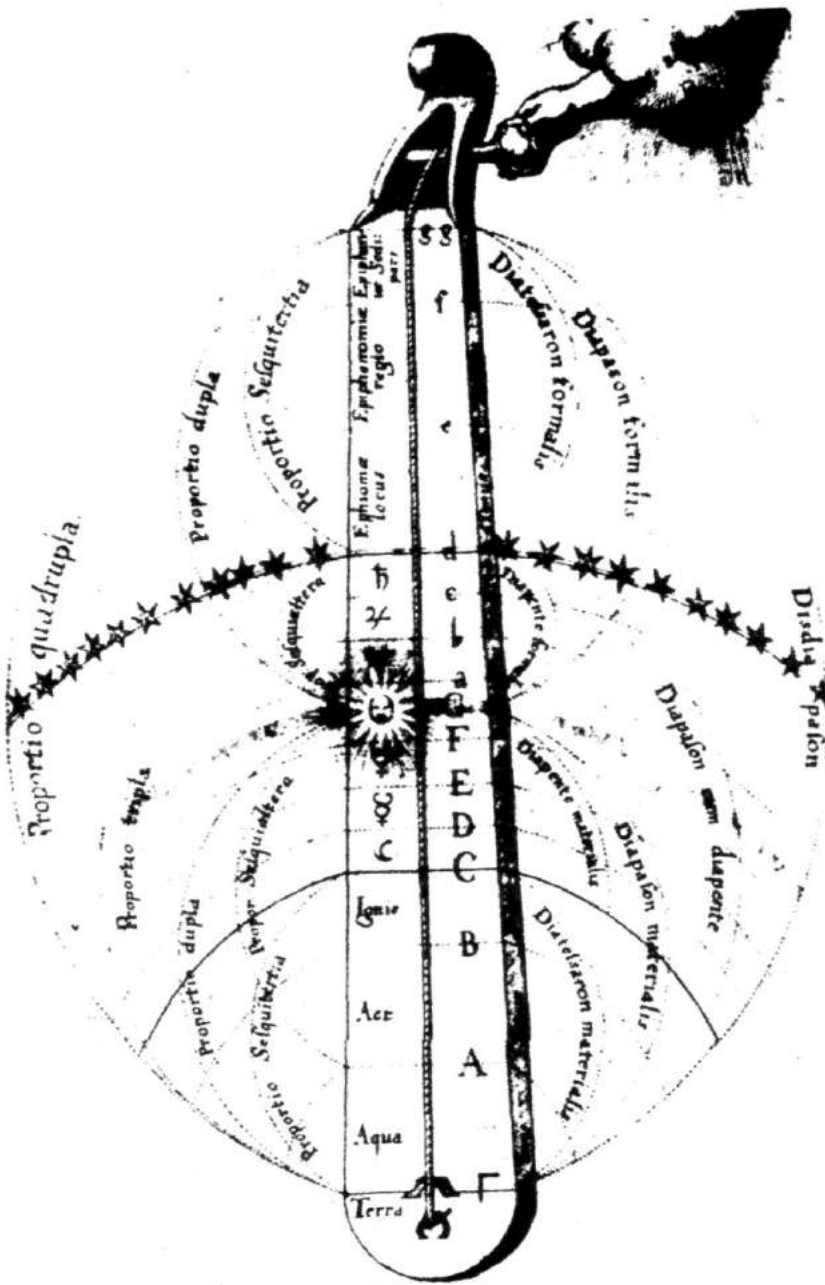
O fuso [do Universo] girava nos joelhos da Necessidade. No cimo de cada um dos círculos, andava uma Sereia que com ele girava e que emitia um único som, uma única nota musical; e de todas elas, que eram oito, resultava um acorde de uma única escala. Mais três mulheres estavam sentadas em círculo, a distâncias iguais, cada uma em seu trono, que eram as filhas da Necessidade, as Parcas, vestidas de branco, com grinaldas na cabeça -Láquesis, Cloto e Átropos -, as quais cantavam ao som da melodia das Sereias, Láquesis, o passado, Cloto, o presente, e Átropos, o futuro (Platão, *A República*, 10.617b-c).

“As sete esferas promovem os sete sons da lira e produzem uma harmonia (ou seja, uma oitava), por causa dos intervalos que as separam entre si” (Alexandre de Etólia, citado por Theon 3.15 [Lawlor, 92]).

2. Imaginação.

3. A combinação harmoniosa de vozes e instrumentos.

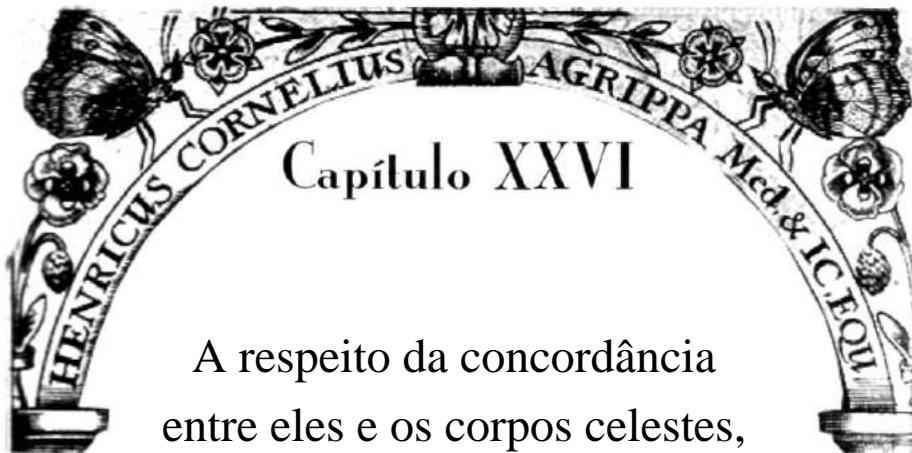
4. Mas como podemos explicar a voz? Na verdade, os gramáticos e os filósofos definem a voz como o ar tocado pela respiração, do qual as palavras [*verba*, presumivelmente de *verbero*: tocar] derivam seus nomes, o que é evidentemente falso. Pois a voz não é produzida fora da boca, mas sim dentro dela, e, portanto, esta opinião é mais plausível: a respiração, sendo comprimida, quando é impulsionada contra o obstáculo apresentado pela garganta, força para fora o som da voz:... Ora, se for de fato assim, Deus, que é o criador, pode ver. Pois a voz parece surgir não da boca, mas do fundo do peito. Na verdade, mesmo quando a boca está fechada, o som possível é emitido pelas narinas. Ademais, a voz não é afetada pelo maior fôlego com que ofegamos, como desejaríamos. Não se compreende, portanto, como isso acontece ou o que significa (Lactâncio, *De opificio dei sive de formatione hominis* [Sobre o ofício de Deus, ou a formação do homem] 15. Em *The Writings*, tradução de William Fletcher, em *Ante-Nicene Christian Library* [Edimburgo: T and T. Clark, 1971], 22:82).



Harmonia do Mundo

Extraído de Utriusque cosmi maioris scilicet et minoris metaphysica, physica atque technica

historia, de Robert Fludd (Oppenheim, 1617)



A respeito da concordância
entre eles e os corpos celestes,
e qual a harmonia e som
correspondentes a cada estrela

Mas compreenda agora que, dos sete planetas, Saturno, Marte e a Lua têm mais da voz que da harmonia. Saturno tem palavras tristes, roucas, pesadas e vagarosas e sons como se fossem pressionados contra o centro; mas Marte possui palavras ásperas, agudas, ameaçadoras, grandiosas e furiosas; a Lua, por sua vez, consiste em um meio entre os dois.

Mas Júpiter, o Sol, Vênus e Mercúrio possuem harmonias. Júpiter tem consortes graves, constantes, fixos, doces, alegres e agradáveis; o Sol, veneráveis, assentados, puros e doces, com uma certa graça; Vênus, lascivos, luxuriosos, delicados, voluptuosos, dissolutos e fluentes; Mercúrio tem harmonias mais lenientes e variadas, alegres e agradáveis, com uma certa audácia, mas o tom de consortes particulares e proporcionados obedece às nove Musas. Júpiter tem a graça da oitava e também da quinta,¹ ou seja, o diapasão² com o diapente.³ O Sol obtém a melodia da voz oitava,

o diapasão; de modo igual por 15 tons, um disdiapasão;⁴ Vênus conserva a graça da quinta; Mercúrio tem diatessaron;⁵ a graça da quarta.⁶

Além disso, os antigos, satisfeitos com quatro cordas,⁷ bem como com o número de elementos, atribuíam a Mercúrio a autoria destes, como relata *Nicômaco*, e, por meio de suas cordas de bronze, representavam a Terra; com os perípatos,⁸ o meio, ou a Água; com a nota *diezeugmenon*, ou hipérbole,⁹ o Fogo; com a *paranate*¹⁰ ou *synemmenon*, ou tripla, o Ar; mas quando *Terpander*, o lésbio, descobriu a sétima corda, equiparou-as todas ao número de planetas.

Ainda, aqueles que seguiam o número dos elementos afirmavam que os quatro tipos de música combinavam, bem como os quatro humores, e acreditavam que a música dórica era consoante com a Água e o fleuma; a música frígia, à cólera e ao Fogo; a lídia, ao sangue e ao Ar; a meio-lídia, à melancolia e à Terra; quanto ao número e à virtude dos céus, outros atribuíam a música dórica ao Sol; a frígia,

a Marte; a lídia, a Júpiter; a meio-lídia, a Saturno; a hipofrígia, a Mercúrio; a hipomeio-lídia, às estrelas fixas.¹¹

Além disso, associam-se esses modos de música às Musas e as cordas, aos céus, mas não nessa ordem, como declaramos acerca das nove Musas, entre nossos números e almas celestiais; pois dizem que *Tália* não tem harmonia, e atribuem-na ao silêncio e à Terra; mas *Clio* com a Lua se move segundo o modo hipodórico, a corda *proslambanomenos*,¹² ou *Ar. Calíope* e Mercúrio possuem o modo hipofrígio e o acorde hypate-hypaton, ou B(si)-Mi. *Terpsícore* com Vênus se move segundo o modo hipolídio, e parahypote, hypaton; e para *Melpomene* e segundo o modo dórico com licanos, hypaton, ou D(ré)-Sol-Ré são aplicados ao Sol. *Erato* com Marte mantém a maneira frígia, e hypátémise, ou E-La-Mi. *Euterpe*, e a música lídia, e pachyparemeson combina com Júpiter, *Polímnia* e Saturno mantêm o modo meio-lídio, e licanos meson D(ré)-Sol-Ré. São atribuídos a Urânia e às estrelas fixas a músico hipolídia e A-La-Mi-Ré,¹³ como vemos nestes versos:

A silenciosa Tália à Terra
comparamos,
Pois pela música ela ninguém aprisiona;
Perséfone, do mesmo modo, toca as
cordas do baixo;
Calíope também o segundo acorde toca,
E usando a música frígia, o mesmo faz
Mercúrio.
Terpsícore toca o terceiro e, embora rara,
A música da Lídia faz Vênus ainda mais
bela,
Melpômene e Titã, com grande graça
Da música dórica, o quarto acorde
produzem.

O quinto, por sua vez, é atribuído a

Marte, Deus da guerra, e a Erato, segundo o

raro estilo Dos frígios, Euterpe também ama A sexta corda, que é da Lídia; assim

como Júpiter. Saturno usa o sétimo acorde com

Polímnia, E cria a melodia misto-lídia. O oitavo acorde é Urânia quem cria, E a música hipolídia eleva.

De mais a mais, alguns descobrem a harmonia dos céus por sua distância entre um e outro. Pois esse espaço que existe entre a Terra e a Lua, 126 mil milhas italianas,¹⁴ faz o intervalo de um tom; mas a distância da Lua a Mercúrio, sendo metade desse espaço, gera meio-tom; e a mesma entre Mercúrio e Vênus outro meio-tom; mas de lá até o Sol se produz um tom triplo e meio, criando um diapene; mas da Lua ao Sol há um diatessaron duplo e meio; novamente do Sol a Marte há o mesmo espaço que da Terra à Lua, criando um tom; de lá a Júpiter, a metade produz meio-tom; o mesmo de Júpiter a Saturno, constituindo meio-tom; e de lá aos firmamentos estrelados também é o espaço de um meio-tom.¹⁵

Há, portanto, do Sol até as estrelas fixas, a distância de um diatessaron de dois tons e meio, mas da Terra há um diapasão perfeito de seis tons perfeitos; além disso, também da proporção dos movimentos dos planetas entre si, e com a oitava esfera, resulta a mais doce de todas as harmonias; pois a proporção dos movimentos de Saturno para os de Júpiter é duas vezes e meia; de Júpiter para Marte, seis vezes; de Marte para o Sol, Vênus e Mercúrio, que de certa forma

completam seu curso ao mesmo tempo, é uma proporção dupla; seus movimentos em relação à Lua têm uma proporção de 12 vezes. Mas a proporção de Saturno para a esfera estrelada é de 1.200, se o que *Ptolomeu* diz é verdade, ou seja, que o céu se move ao contrário do *primum móbile*, em cem anos, um grau.¹⁶

Portanto, o movimento devido¹⁷ da Lua, sendo mais rápido, produz um som mais agudo no firmamento estrelado, que é o mais lento de todos, causando assim o som mais básico; mas pelo movimento violento¹⁸ do *primum móbile*, torna-se o som mais rápido e agudo de todos. O movimento violento da Lua, porém, é lento e pesado, e sua proporção e reciprocidade de movimentos geram uma harmonia muito agradável; não há canções, sons e instrumentos musicais mais poderosos para afetar as emoções de um homem, ou nele introduzir impressões mágicas, que

aqueles que são compostos de números, medidas e proporções, de acordo com o exemplo dos céus.

Também a harmonia dos elementos é oriunda de suas bases e ângulos,¹⁹ dos quais já falamos; pois entre Fogo e Ar há uma dupla proporção nas bases, e uma proporção e meia em ângulos sólidos, e em planos, outra dupla; daí surge, portanto, uma harmonia de um duplo diapasão e um diapente. Entre Ar e Água, a proporção nas bases é tripla e mais uma terça parte; daí surgem diapasão-diapente, diatessaron; mas, nos ângulos, uma proporção e meia,²⁰ novamente constituindo diapente. Para concluir, entre Terra e Fogo, nas bases a proporção é de uma e meia, criando diapente; mas, nos ângulos, dupla, gerando diapasão; entre Fogo e Água, Ar e Terra, há pouquíssima consonância, porque há uma contrariedade perfeita em suas qualidades, mas são unidos pelo elemento intermediário.²¹

Notas - Capítulo XXVI

1. Quinta.
2. Oitava.
3. Quinta.
4. Dupla oitava ou décima quinta.
5. Quarta.
6. Quarta.
7. A citara original possuía quatro cordas. Terpander aumentou esse número para sete e Timotheus, para 11. Ver notas biográficas.
8. Perípato, a nota mais baixa, mas em um dos dois tetracórdios inferiores (ver nota neste capítulo); o som da corda seguida à corda do baixo.
9. Na música grega, as hipérboles eram os tons mais altos da escala; a corda mais alta na citara de quatro cordas.
10. Grego: “vizinho da nete”, sendo a *nete* a corda mais alta; portanto, a segundo corda mais alta.
11. Os antigos gregos usavam seis modos, que são escalas musicais de diferentes diapasões, correspondendo mais ou menos a notas modernas. Eram eles: dórico, frígio, lídio, misto-lídio, iônico e eólio. Os filósofos atribuíam a essas escalas valores morais. Por exemplo, os “modos suaves e conviviais” são “alguns iônicos e também lídios, que são chamados de frouxos”. Os “modos parecidos com cânticos”, que são os “lídios mistos [mixo-lídeos]”, são “inúteis até para as mulheres, que devem dar o melhor de si, e menos ainda para os homens”. Por outro lado, os “dóricos e frígios” são aqueles que “imitariam muito bem a voz e a entonação de um bravo homem engajado em guerra ou qualquer outra atividade de força” e “para o homem engajado em obras de paz, não impostas, mas voluntariamente...” (Platão, *A República*). Sair desses modos estabelecidos não era algo visto com bons olhos, por parecer uma entrega anti-intelectual ao apetite das massas por prazer. Os nomes dos modos gregos eram preservados no sistema da música de igreja, conhecido como música simples, ou canto simples (cantos gregorianos), estabelecido no século VI por Gregório, o Grande, embora estes divergissem completamente dos modos gregos. Outros foram adicionados, totalizando 14, dos quais dois - o 11º e 12º - nunca são usados por não serem práticos. Agrippa devia conhecer esse sistema:

Modos autênticos	Modos plagais
1. Dórico	2. Hipodórico
3. Frígio	4. Hipofrígio
5. Lídio	6. Hipolídio
7. Mixo-lídio	8. Hipomixo-lídio
9. Eólio	10. Hipoélio
11. Loco	12. Hipoloco
13. Iônico	14. Hipoiônico

12. A escala grega consistia em duas oitavas feitas de quatro tetracórdios (derivados da citara de quatro cordas). O primeiro e o segundo tetracórdios partilhavam de uma mesma corda, bem como o segundo e o quarto, resultando em 14 sons. Para completar a dupla oitava, uma 15ª corda, chamada de *proslambanomenos*, era acrescentada ao fim da escala, um tom abaixo do último *hypate*:

Cordas	}	Tetracórdio
1. Nete .		1º tetracórdio (hipérboles)
2. Paranete ou diatônico		
3. Tritono	}	2º tetracórdio (disjuntas)
4. Nete das disjuntas		
5. Paranete ou diatônico		
7. Paramese		
8. Mese		

- | | | |
|-------------------------------|---|--------------------------|
| 9. Lichanos ou diatônico | } | 3° tetracórdio (meses) |
| 10. Parhypate | | |
| 11. Hypate | } | 4° tetracórdio (hypates) |
| 12. Hiper-hypate ou diatônico | | |
| 13. Parhypate | | |
| 14. Hypate | | |
| 15. Proslambanomenos | | |

13.

Planeta	Musa	Corda	Modo
Terra	Tália	Silêncio	-
Lua	Clio	Proslamba-Nomenos	Hipodórico
Mercúrio	Calíope	Hypate-Hypaton (B.Mi.)	Hipofrígio
Vênus	Terpsícore	Parahypate-Hypaton	Hipolídio
Sol	Melpômene	Licanos-Hypaton (D.Sol.Re.)	Dórico
Marte	Erato	Hypatemise (E. La. Mi.)	Frígio
Júpiter	Euterpe	Pachyparemeson	Lídio
Saturno	Polímnia	Lichanos- Meson (D.Sol.Re)	Misto-lídio
Zodíaco	Urânia	Mese (A.La.Mi.Re)	Hipomisto-lídio

As cordas descritas são aquelas na tabela da nota anterior, a partir de baixo, compreendendo os dois tetracórdios inferiores, os *hypates* e meses. Sete sílabas, chamadas solfejos, designam as sete notas da escala: ut (ou dó), ré, mi, fá, Sol, lá e si. Elas derivam de um antigo hino monástico a João Batista, no qual a primeira sílaba de cada linha era cantada um grau mais alto que a primeira sílaba da linha precedente. A primeira pessoa a usar essas sílabas foi Guido de Arezzo, no século XI.

14. Uma milha italiana era quase igual a uma milha romana, sendo a italiana 1/100 mais longa. A milha romana equivalia a 0,9193 de uma milha inglesa. Portanto, 126 mil milhas italianas seriam aproximadamente 116 mil milhas inglesas. Isso nem chega perto da distância verdadeira entre a Terra e a Lua, que é por volta de 240 mil milhas.

15. Esse mesmo arranjo é citado neste verso de Alexandre de Etólia:

A Terra no centro dá o som baixo do *hypate*;
a esfera estrelada dá a nete conjunta;
o Sol, localizado no meio das estrelas errantes, dá a mese;
a esfera de cristal dá a quarta, em relação a tal;
Saturno é mais baixo, por um meio-tom;
Júpiter diverge de Saturno tanto quanto de Marte;
o Sol, gozo dos mortais, é um tom abaixo;
Vênus difere do ofuscante Sol por um tom triplo;
Hermes continua, com um meio-tom mais baixo que Vênus;
e então vem a Lua, que traz à natureza tonalidade tão variada;
e, por fim, a terra no centro dá a quinta, em relação ao Sol...
(Theon 3.15 [Lawlor, 92]).

Pitágoras, empregando os termos usados em música, às vezes chama a distância entre a Terra e a Lua de tom; de lá até Mercúrio ele considera metade desse espaço, e mais ou menos igual entre Mercúrio e Vênus; do Sol a Marte é um tom, sendo o mesmo da Terra à Lua; de lá a Júpiter, meio-tom; de Júpiter a Saturno também meio-tom, e de lá um tom

e meio até o zodíaco. Assim, há sete tons, que ele chama de harmonia em diapasão, referindo-se a todo o compasso das notas. Diz-se, portanto, que Saturno se move no tempo dórico, Júpiter no frígio, e assim por diante com os demais; mas tal arranjo é mais divertido que útil (Plínio 2.20 [Bostock e Riley, 1:52-3]).

Por “tom triplo”, Agrippa se refere a três Semitons. Codificado, o arranjo é o seguinte:

Zodíaco, dando a nete			
Saturno	}meio-tom	} quarta	
Júpiter	}meio-tom		
Marte	}meio-tom		
Sol, dando a mese	}tom	} quarta	
Vênus	}tom triplo		
Merúrio	}meio-tom		
Lua	}meio-tom	} quarta	
Terra, dando o hypate	}tom		

16. O fenômeno referido aqui é a precessão dos equinócios. Como o eixo da Terra oscila, os pontos equinociais - localização do Sol quando dia e noite são iguais - se movem lentamente em volta da eclíptica de leste a oeste; ou seja, contrário à ordem usual dos signos do zodíaco. A revolução completa dos equinócios leva cerca de 25 mil anos. É o que se chama de Ano Platônico. A travessia de cada signo leva 2.120 anos, um Mês Platônico. Uma vez que cada signo tem 30 graus, o período verdadeiro da passagem por cada grau é de cerca de 71 anos.

17. O movimento devido é o movimento verdadeiro de um planeta, oposto ao seu movimento aparente, observado a partir da Terra. Os astrônomos antigos baseavam suas opiniões na teoria das esferas de cristal sólido inseridas uma na outra, com a Terra no centro. Posteriormente, foram elaboradas esferas menores circulando as maiores. Por conseguinte, surgiu confusão quanto ao que era o verdadeiro movimento de um planeta e seu movimento aparente. O movimento planetário era dividido em: (1) *Movimento para a frente* - o movimento aparente de um planeta através do zodíaco de leste a oeste; (2) *Movimento contrário* - o movimento aparente de um planeta através do zodíaco de oeste a leste. Platão considera este o movimento devido, ou verdadeiro; mas Adrasto o considerava um movimento aparente; (3) *Estacionário* - a aparente falta de movimento de um planeta; (4) *Retrógrado* - a aparente volta de um planeta a partir de seu ponto estacionário em direção oposta ao seu movimento anterior, um retrocesso. Ver Theon 3.17-21 (Lawlor 96).

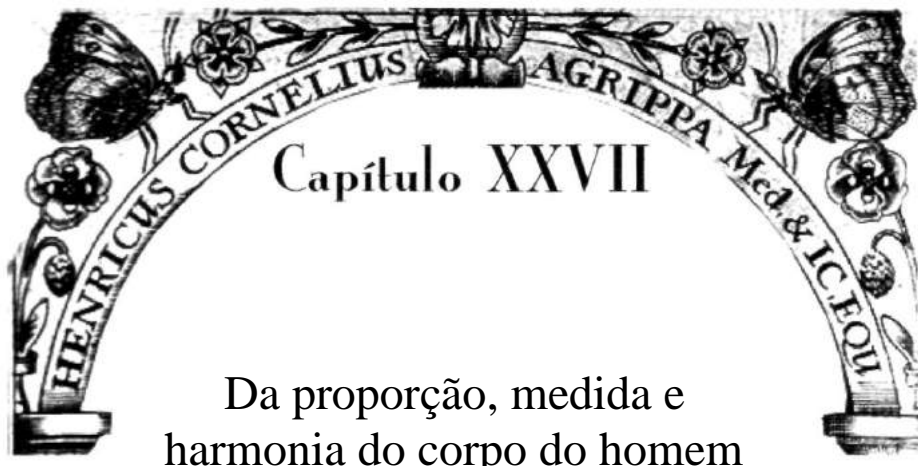
18. O movimento rápido, ou violento, das estrelas resulta da rotação da Terra sobre seu eixo. As estrelas completam a aparente revolução em torno da Terra em aproximadamente 23 horas e 56 minutos - um dia sideral ou estelar. Os planetas seguem esse movimento violento das estrelas, mas a cada noite ficam um pouco para trás, até completarem um círculo contra o fundo estelar. A Lua é a que mais se atrasa, completando seu circuito em apenas 27 dias, o que significa que deve cair para trás das estrelas aproximadamente 13 graus a cada noite.

19.

Elementos	Sólidos	Bases	Ângulos sólidos	Ângulos planos
Fogo	Tetraedro	4	4	12
Terra	Hexaedro	6	8	24
Ar	Octaedro	8	6	24
Espírito	Dodecaedro	12	20	60
Água	Icosaedro	20	12	60
Fogo e Ar		4:8	4:6	12:24
Ar e Água		8:20	6:12	24:60
Água e Terra		20:6	12:8	60:24
Terra e Fogo		6:4	8:4	24:12
Fogo e Água		4:20	4:12	12:60
Ar e Terra		8:6	6:8	24:24
Consonâncias	Proporções			
Diatessaron (4 ^a)	4:3 (Sesquitércia)			
Diapente (5 ^a)	3:2 (Sesquialtera)			
Diapasão (oitava)	2:1 (Dupla)			
Diapasão-diapente	3:1 (Tripla)			
(oitava + 5 ^a = 12 ^a)				
Disdiapasão	4:1 (Quádrupla)			
(oitava dupla = 15 ^a)				

20. Na verdade, duas vezes e meia.

21. O Ar está entre o Fogo e a Água; a Água está entre o Ar e a Terra. Ver apêndice III.



Nma vez que o homem é a mais bela e perfeita obra de Deus, feito a sua imagem e semelhança, o mundo inferior contém e mantém em si, por meio da mais perfeita composição e doce harmonia, a mais sublime dignidade de todos os números, medidas, pesos, movimentos, elementos e todas as outras coisas que são de sua composição; e nele, como que no ofício supremo, todas as coisas obtêm uma determinada alta condição, além da consonância ordinária que elas têm em outros compostos.

Assim, todos os antigos em tempos imemoriais enumeravam com os dedos,¹ e com eles mostravam todos os números; e parecem provar que por meio das juntas do corpo de um homem todos os números, medidas, proporções e harmonias foram inventados; portanto, de acordo com essa medida do corpo, os antigos estruturavam e erguiam seus templos, palácios, casas, teatros; também seus barcos engenhos e toda espécie de artifício, e toda parte e membro de seus edifícios e construções, tais como

Colunas, capitéis de pilares, bases, contrafortes, pés de pilares e coisas do tipo.

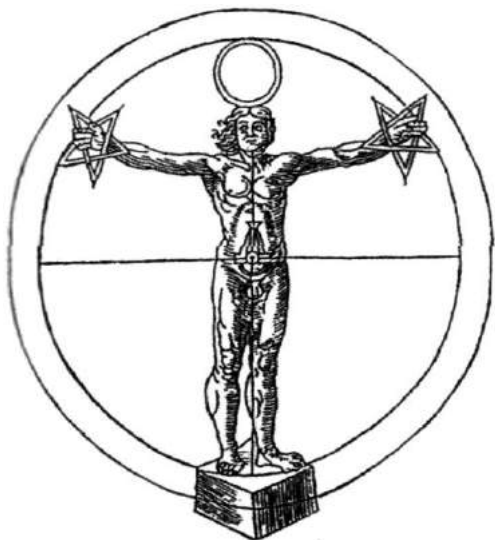
Além disso, o próprio Deus ensinou *Noé*² a construir a arca de acordo com a medida do corpo, e ele fez todo o tecido do mundo proporcional ao corpo do homem, daí a ser chamado de o grande mundo, enquanto o corpo do mundo é menor; portanto, alguns que já escreveram sobre o microcosmo, ou o homem, medem o corpo por seis pés, um pé por dez graus, cada grau por cinco minutos, resultando, assim, em número de 60 graus, que compõem 300 minutos, aos quais são comparados, em mesma quantidade, cúbitos geométricos, por meio dos quais Moisés descreve³ a arca. Pois, assim como o corpo do homem tem 300 cúbitos de comprimento, 50 de largura e 30 de altura, também o comprimento da arca é 300 cúbitos, com 50 de largura e 30 de altura, sendo a proporção do comprimento para a largura um sêxtuplo, para a altura um décuplo, e a proporção da largura para a altura cerca de dois terços.

Do mesmo modo, as medidas de todos os membros são proporcionadas

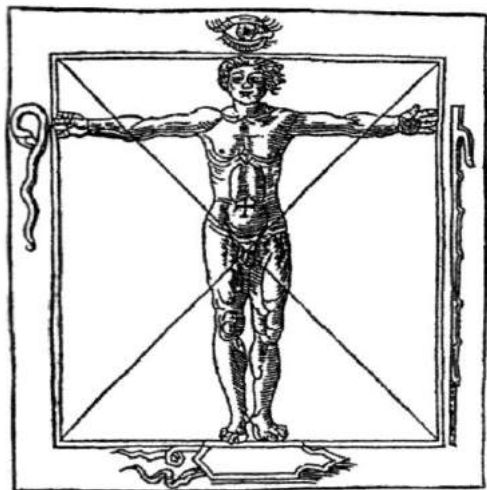
e consoantes tanto com as partes do mundo quanto com as medidas do Arquétipo, e nessa concórdia não há um único membro no homem que não tenha correspondência com algum signo, astro, inteligência, nome

divino, às vezes em Deus, o próprio Arquétipo.

Também a medida quatro ao quadrado é o corpo mais proporcionado; pois, se um homem ficar ereto, com os pés juntos e os braços estendidos para os lados, ele formará uma

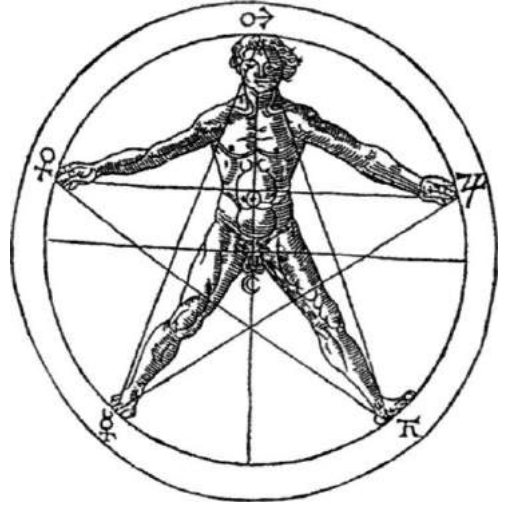


Mas toda a medida do corpo pode ser virada e, procedendo da redondeza, tende para ela novamente.⁴

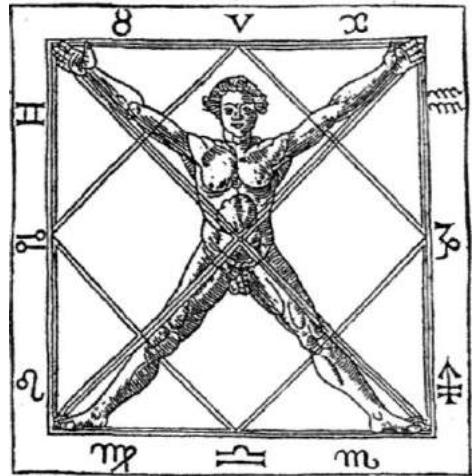


quadratura equilateral, cujo centro está na parte inferior da barriga.⁵

Mas, se no mesmo centro for feito um círculo a partir da coroa da cabeça, com os braços caído, até as pontas dos dedos tocarem a circunferência desse círculo e os pés ficarem virados para fora na mesma circunferência, na mesma distância entre as pontas dos dedos e o topo da cabeça, divide o círculo, que foi desenhado, tendo ao centro a parte inferior da barriga em cinco partes iguais, constituindo assim um perfeito pentágono; e com os calcanhares em referência ao umbigo, faça um triângulo de lados iguais.⁶



Se, porém, os calcanhares não se moverem e os pés se estenderem para os dois lados, direito e esquerdo, e as mãos se erguerem até a linha da cabeça, então as extremidades dos dedos e artelhos farão um quadrado de lados iguais, cujo centro está no umbigo, na cintura do corpo.⁷

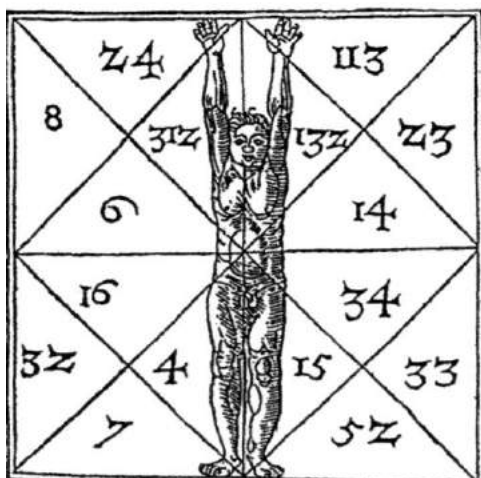


Se as mãos, porém, forem assim elevadas e os pés e as coxas estendidas, deixando o homem aparentemente mais curto pela décima quarta parte de sua estatura ereta, então a distância de seus pés em referência à parte inferior da barriga formará um triângulo equilátero; e o centro, localizando-se no umbigo e formando um círculo, tocará as extremidades dos dedos e dos artelhos.⁸

Mas, se as mãos forem elevadas à máxima altura possível, acima da cabeça, o cotovelo estará à altura da coroa; e se os pés estiverem juntos, um homem de pé em tal posição pode ser inserido em um quadrado equilátero formado pelas extremidades das mãos e dos pés: o verdadeiro centro desse quadrado é o umbigo, que é o meio entre o topo da cabeça e os joelhos.⁹

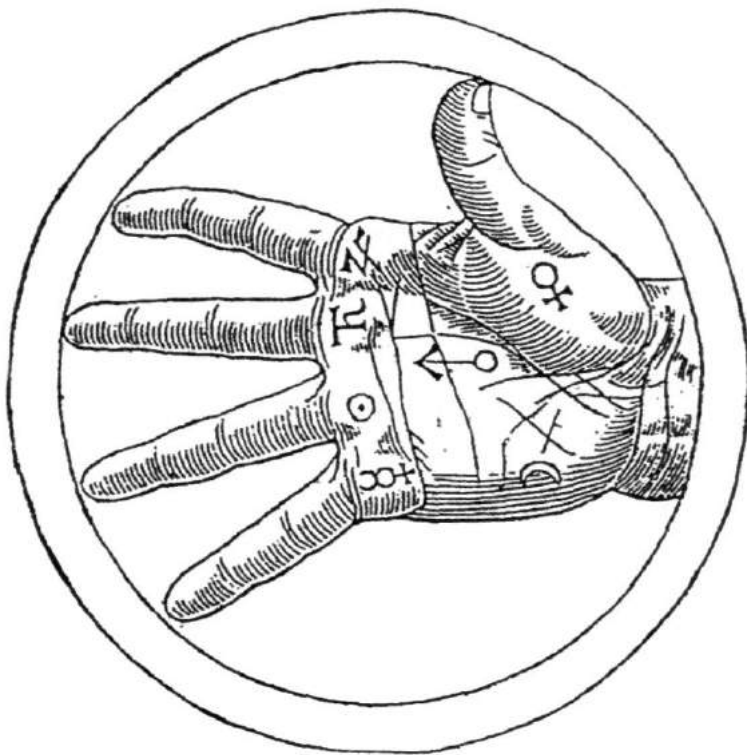


Prossigamos agora para as medidas específicas. O compasso de um homem sob as axilas contém o meio de seu comprimento,¹⁰ cujo meio é a parte mais baixa do peito: e de lá para cima, até o meio do peito, entre as duas mamas,¹¹ e do meio do peito até a coroa da cabeça, a cada lado a quarta parte; também da parte inferior do peito até a mais baixa dos joelhos, e de lá até a parte mais baixa dos tor-



nozelos, a quarta parte de um homem. Também é a mesma latitude¹² das omoplatas de um extremo ao outro: é igual também o comprimento do cotovelo até o fim do dedo mais longo, o que se chama de cúbito. Portanto, quatro cúbitos formam o comprimento do homem, e um cúbito forma a largura entre as omoplatas, mas a largura no compasso é de um pé;¹³ agora, seis larguras de uma mão formam um cúbito,

peito até o topo da testa e a raiz inferior dos cabelos é a sétima parte do comprimento; de um corpo forte e bem proporcionado, um pé é a sexta parte do comprimento, mas de um corpo alto é a sétima. Tampouco (segundo atestam *Varro* e *Gellius*) a altura do corpo do homem excede sete pés. Por último, o diâmetro de seu compasso¹⁵ é a mesma medida entre a mão fechada e voltada para a curva do cotovelo,



quatro, um pé, e a largura de quatro dedos forma a largura da mão, e todo o comprimento do homem é de 24 larguras da mão, de seis pés, de 96 dedos. O ponto inferior do peito até o ponto superior¹⁴ é a sexta parte de seu comprimento, o ponto superior do

e a do peito até as mamas,¹⁶ subindo até o lábio superior ou descendo até o umbigo; e ainda aquela das extremidades dos ossos¹⁷ da parte superior do peito incluindo o esôfago; e a da sola do pé até o fim da barriga da perna, e de lá até o osso no centro do

joelho. Todas essas medidas são cófguas e formam a sétima parte de toda a altura.

A cabeça do homem, desde o extremo do queixo até a coroa, é a oitava parte de sua altura, bem como do cotovelo até o fim da omoplata; do mesmo tamanho é o diâmetro do compasso de um homem alto. O compasso da cabeça desenhado desde o topo da testa e do ponto inferior da parte de trás da cabeça forma a quinta parte de seu comprimento total; o mesmo se diz da largura do peito.

Nove larguras do rosto formam um homem bem proporcionado e dez, um homem alto. O comprimento do homem se divide em nove partes: o rosto, do topo da testa até o extremo do queixo é uma; do ponto inferior da garganta ou superior do peito até o ponto superior do estômago, outra; daí até o umbigo, a terceira parte; daí até o ponto mais baixo da coxa,¹⁸ a quarta; daí, o quadril até a parte superior da barriga da perna, mais duas se formam; daí até a junta do pé, as pernas formam mais duas; ao todo, oito partes. Além delas, o espaço entre o topo da testa até a coroa da cabeça, e entre a junta do pé e a sola do pé, eu digo que esses três espaços unidos formam a nona parte. Em largura, o peito tem duas partes e os dois braços, sete.¹⁹

Mas o corpo com larguras de dez rostos é o que tem as proporções mais exatas. Portanto, a primeira parte dele é da coroa da cabeça à parte inferior do nariz; de lá até o ponto superior do peito, a segunda; e até o ponto superior do estômago, a terceira; daí até o umbigo, a quarta; do umbigo até os membros privados, a quinta, em que se encontra o meio do comprimento do homem; daí até as solas dos pés

são mais cinco partes, que, unidas às primeiras, totalizam dez, pelas quais todo corpo é medido com proporções exatas.

O rosto do homem da extremidade do queixo até o topo da testa e a raiz dos cabelos é a décima parte. A mão do homem, desde a junção com o punho²⁰ até o dedo mais longo, é uma parte; também entre²¹ as duas mamas é outra parte; e de ambas até a parte superior do esôfago é um triângulo equilátero. A latitude da parte inferior da testa de um ouvido a outro é outra parte; a latitude de todo o peito, isto é, de sua parte superior até as juntas das omoplatas, é de ambos os lados²² uma parte, totalizando duas.

O compasso da cabeça de través²³ a partir da distância das sobrancelhas pelo topo da testa até o fim da nuca, onde termina o cabelo, também tem duas partes; do lado de fora dos ombros até a união das juntas da mão, e do lado de dentro das axilas até o começo da palma da mão e dos dedos,²⁴ há três partes. O compasso da cabeça pelo meio da testa tem três partes; o compasso da cintura tem quatro partes em um homem bem proporcionado, mas em um corpo magro tem três partes e meia, ou a mesma medida da parte superior do peito até a inferior da barriga. O compasso do peito pela axila até as costas tem cinco partes, ou seja, metade de todo o comprimento. Da coroa da cabeça até o pomo de Adão, é a 13ª parte de toda a altitude. Se os braços se estenderem para cima, o cotovelo fica paralelo à coroa da cabeça.

Veremos agora até que ponto as demais mensurações são iguais entre si. A distância entre o queixo e a parte

superior do peito é igual à latitude da boca;²⁵ a distância entre a parte superior do peito e o umbigo é igual ao compasso da boca;²⁶ a distância entre o queixo e a coroa da cabeça é igual à latitude da cintura;²⁷ e a distância entre a parte superior do nariz até a inferior é igual à distância entre o queixo e a garganta. Também a cavidade dos olhos, a partir do ponto entre as sobrancelhas até os cantos interiores, e a extensão da parte inferior do nariz e a distância entre ela e o extremo do lábio superior, digo que são os três iguais; assim como a distância entre a ponta da unha do indicador até sua junta inferior.²⁸

E do ponto a mão se junta ao braço pelo lado de fora,²⁹ e pelo lado de dentro da ponta da unha do dedo médio até sua junta inferior;³⁰ e daí até a junção da mão com o punho, digo que são partes iguais. A junta maior do indicador equivale à altura da testa; as outras duas até a ponta da unha equivalem ao nariz, de cima até embaixo; a primeira e a maior junta do dedo médio equivalem ao espaço que há entre a extremidade do nariz e a do queixo; e a segunda junta do dedo médio equivale à distância da extremidade do queixo até a parte superior do lábio superior; a terceira, da boca até a extremidade do nariz; e a mão inteira, ao rosto inteiro. A junta maior do polegar tem a mesma largura da boca e a mesma distância entre a ponta do queixo e a parte superior do lábio inferior; mas a junta menor tem a mesma distância entre a parte superior do lábio inferior e a ponta do nariz; as unhas são a metade daquelas juntas que são chamadas de juntas das unhas.

A distância entre o meio das sobrancelhas e os cantos exteriores dos olhos é a mesma que entre esses cantos e as orelhas. A altura da testa, o comprimento do nariz e a largura da boca são iguais. Também a largura da mão e do pé é a mesma. A distância entre a parte inferior do tornozelo e a superior do pé é a mesma que entre essa parte e a ponta das unhas.³¹ A distância do topo da testa até o ponto entre os olhos, de lá até a ponta do nariz e de lá até a ponta do queixo é a mesma. As sobrancelhas juntas são iguais ao círculo dos olhos, e o meio círculo das orelhas equivale à largura da boca: portanto, os círculos dos olhos, das orelhas e da boca são iguais. A largura do nariz é igual ao comprimento do olho; portanto, os olhos têm duas partes daquele espaço entre suas duas extremidades; uma terceira parte é ocupada pelo nariz, entre os dois.

Da coroa da cabeça até os joelhos, o umbigo fica exatamente no meio; da parte superior do peito até a ponta do nariz, o pomo de Adão fica no meio; da coroa até a ponta do queixo, estão os olhos no meio; do espaço entre os olhos até a ponta do queixo, encontra-se a ponta do nariz no meio; da ponta do nariz até a ponta do queixo, é o extremo do lábio inferior que fica no meio; uma terceira parte da mesma distância é o lábio superior.

Além do mais, todas essas medidas passam por múltiplas proporções e se harmonizam entre si; pois o polegar está para o punho em uma medida circular em uma proporção dupla e meia, contendo-o duas vezes e meia, como 5 está para 2; mas a proporção destes³² para o músculo do

braço perto do ombro é tripla; a proporção da grandeza da perna para a do braço é de 3 para 2; e a mesma proporção é a do pescoço para a perna e da perna para o braço.³³ A proporção da coisa é três vezes a do braço; a proporção de todo o corpo para o tronco³⁴ é oito e meia; do tronco ou peito para as pernas e delas para as solas do pés,³⁵ um terço e meio; do pescoço para o umbigo e até o fim do tronco, o dobro.³⁶ A latitude destes³⁷ à latitude da coxa é metade novamente; da cabeça ao pescoço, o triplo; da cabeça ao joelho, triplo, e o mesmo para com a perna. O comprimento da testa entre as têmporas³⁸ é quatro vezes a sua altura.

Essas são as medidas que existem em todos os lugares;³⁹ medidas estas pelas quais as medidas do corpo de um homem, segundo altura, largura, altura e circunferência, devem concordar, e também entre os celestiais: medidas todas que são divididas por múltiplas proporções ou sobre o que se divide ou sobre o que é misto, e do qual resulta uma múltipla harmonia. Pois uma proporção triplica um diapasão; quadruplica o dobro, duas vezes um diapasão e diapente.⁴⁰

E da mesma maneira são os elementos, as qualidades, as compleições e os humores proporcionados. Pois essas medidas de humores e compleições são atribuídas a um homem são e de compostura, ou seja, as oito medidas de sangue, de fleuma quatro, de cólera duas, de melancolia uma, de modo que dos dois lados haja, por ordem, uma proporção dupla;⁴¹ mas da primeira para a terceira, e da segunda para a quarta, uma proporção quatro vezes dupla;⁴² mas da primeira para a última óctupla.⁴³

Dioscórides dizia que o coração de um homem no primeiro ano tem o peso de duas dracmas,⁴⁴ no segundo ano de quatro, nessa proporção no 50^o ano ter o peso de cem dracmas, a partir de quando os decréscimos novamente atingem um equilíbrio, que no fim pode retornar ao mesmo limite, e não exceder o espaço de vida pelo decaimento de tal membro: cálculo que, em um espaço de cem anos, ele circunscrevia a vida do homem. E isso, segundo *Plínio*,⁴⁵ era a heresia dos egípcios.

Também os movimentos dos membros do corpo humano respondem aos movimentos celestiais, e todo homem tem em si o movimento do coração, que responde ao movimento do Sol,⁴⁶ e difundindo-se através das artérias por todo o corpo, significa para nós, com toda certeza, anos, meses, dias, horas e minutos. Além disso, existe um certo nervo encontrado pelos anatomistas perto do nodo do pescoço que, ao ser tocado, faz mover todos os membros do corpo, cada um de acordo com seu movimento devido; toque este, segundo *Aristóteles*, semelhante àquele pelo qual Deus faz mover todos os membros do mundo. E há duas veias no pescoço que, ao serem seguradas com firmeza, falha a força de um homem, e ele fica sem sentidos até que sejam soltas.

Portanto, o eterno Criador do mundo, quando se preparava para colocar a alma no corpo, como sua habitação, confeccionou primeiro uma moradia adequada e digna de recebê-la, dotando a mais excelente alma do mais belo corpo, o qual, essa mesma alma, conhecendo seu destino, estrutura, adorna-o para nele habitar. Assim, o povo da Etiópia, que era governado pela sabedoria dos

ginosofistas, como atesta Aristóteles, os mais fortes e ricos, mas sim os que eram mais assentados e belos; pois concebiam que o galanteio da mente dependia da excelência do corpo.

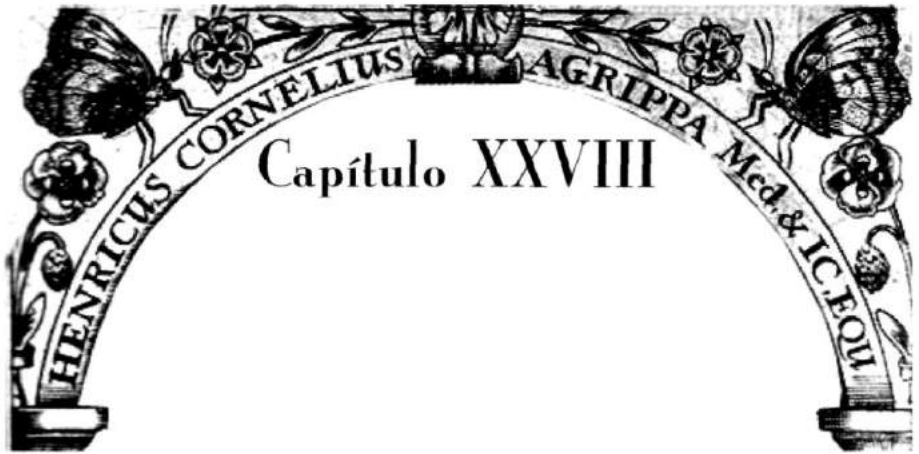
Muitos filósofos antigos e modernos que perscrutavam os

segredos das causas ocultas na verdadeira majestade da natureza insistiam em afirmar que não existem falhas nem desproporções no corpo, que o vício e a intemperança da mente não seguem, pois é certo que estes aumentam, proliferam e operam com o auxílio um do outro.⁴⁷

Notas - Capítulo XXVII

1. Ver cap. XVI, I. II.
2. Gênesis 6:14-6.
3. Moisés é o suposto autor do livro do Gênesis.
4. Na primeira ilustração, a pedra cúbica indica a Terra, assim como o próprio grande círculo. Sobre a barriga da figura se encontra uma ferramenta do construtor medieval para encontrar o prumo - um símbolo do pedreiro. Os pentagramas em volta das mãos estão apontando para baixo, o que no ocultismo do século XIX é um símbolo de satanismo; entretanto, Agrippa não teria feita essa distinção entre o pentagrama voltado para cima e o invertido. A cruz por meio do grande círculo sugere os pontos cardeais. O círculo pequeno acima da cabeça pode representar o Sol.
5. Na segunda ilustração, o centro da figura é a virilha. A cruz sobre o umbigo marca o outro centro usado na ilustração anterior. Na borda, encontra-se a serpente e o cajado nodoso de Esculápio, deus dos médicos, e acima da figura, o olho de Deus.
6. Na terceira ilustração, a Lua se encontra acima do centro inferior da virilha e o Sol, acima do centro superior do plexo solar. Os cinco planetas estão dispostos em torno do perímetro na ordem de sua rapidez, de um movimento aparentemente horário: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno.
7. Na quarta ilustração, os símbolos em torno da borda são os signos do zodíaco, começando por Aries e seguindo em sentido anti-horário.
8. Na quinta ilustração, os planetas mais masculinos - Sol, Júpiter, Marte - espalham-se ao longo do eixo do corpo; os planetas totalmente femininos - Lua, Vênus - encontram-se acima das mãos e aqueles ligeiramente femininos - Mercúrio, Saturno -, sobre os pés.
9. Na sexta ilustração, devo confessar que não pude determinar o significado numerológico dos 16 números em volta da figura, embora me pareça que a explicação seja muito simples.
10. A circunferência em torno da parte superior do tórax é metade da altura.
11. Os dois mamilos.
12. Largura.
13. Talvez a profundidade através do tórax no nível dos mamilos.
14. Do plexo solar até a parte superior dos ombros.
15. Diâmetro da circunferência do peito.
16. A distância entre o nível dos mamilos e lábio superior, descendo ao umbigo.
17. A distância entre as extremidades das clavículas.
18. Parte extrema da coxa.
19. Ou seja, na divisão nômula da distância entre as pontas dos dedos dos braços estendidos.
20. O comprimento da mão entre a base até os dedos.
21. Distância entre os mamilos.
22. A distância entre a coluna e as extremidades dos ombros.
23. Isto é, a medida entre o meio das sobrancelhas acima do topo da cabeça até a base dos cabelos, na nuca.
24. Do ombro até o punho ou da axila até a raiz dos dedos.
25. Largura.
26. Deve ser uma referência à circunferência da cabeça no nível da boca e da base do cabelo.
27. Largura da cintura.
28. Agrippa refere-se aos segmentos dos dedos, quando fala das juntas; assim, provavelmente, da ponta da unha até a junta mediana do dedo indicador.
29. Da junta maior até o punho, no dorso da mão.
30. O lugar em que o dedo se junta à palma.
31. Do calcanhar, passando pelos tornozelos, até o lado interno do pé até o dedão.
32. Isto é, do punho até a parte superior do braço.
33. Talvez o meio do antebraço está para o meio da canela, assim como o meio da canela está para o pescoço.

34. Essa referência não me parece clara; talvez seja a distância entre o umbigo e a virilha em comparação com a altura do corpo.
35. Da parte superior do peito até a virilha é um terço da altura total; da virilha às solas dos pés, metade da altura.
36. Do fundo da garganta até o umbigo é o dobro da distância entre o umbigo e a virilha.
37. Distância de través, ou largura, da cintura.
38. Medindo-se de través.
39. Essas medidas e proporções do corpo humano são muito semelhantes à lista compilada pelo artista italiano e inventor Leonardo da Vinci (ver *Anotações de Da Vinci por ele mesmo*, © Madras Editora, São Paulo). Uma vez que Agrippa viveu tanto tempo na Itália entre 1511 e 1517, quando Leonardo tinha 60 e poucos anos e ainda era muito ativo, não é impossível que os dois se correspondessem ou até tenham se conhecido. Entretanto, a ligação, se existe, parece ter sido o livro *Summa de arithmetica geometria proportioni et proportionalita*, do matemático Lucas Pacioli (ver sua nota bibliográfica), que era amigo íntimo de Da Vinci. Agrippa menciona essa obra no fim do capítulo XVI, l. II, referindo-se a seu autor como “Irmão Lucas dos Santos Sepulcros”.
40. Uma proporção dupla (2:1) produz um diapasão, ou uma oitava; quatro vezes o dobro (4:1) produz um disdiapasão, ou oitava dupla.
41. Sangue e fleuma (8:4), e cólera e melancolia (2:1).
42. Sangue e cólera (8:2), e fleuma e melancolia (4:1).
43. Sangue e melancolia (8:1).
44. Uma dracma equivale a 60 gramas ou cerca de 1/8 de uma onça.
45. Dizem que o coração aumenta a cada ano no homem, e que duas dracmas de peso são acrescentadas anualmente até o 50º ano, após o que ele decresce também anualmente, em proporção semelhante; e é por esse motivo que os homens não vivem além do 100º ano, uma vez que o coração falha. Essa é a noção comum entre os egípcios, cujo costume é embalsamar os corpos dos mortos para preservá-los (Plínio 11.70 [Bostock e Riley, 3:65-6]).
46. Isto é, o coração controla seu tempo pelas batidas, assim como o Sol pelo movimento.
47. Era por causa dessa crença perniciosa que tantas mulheres feias foram executadas por bruxaria e, por uma lógica oposta, exigiam a perfeição física das virgens Vestais de Roma e dos estudantes de Cabala entre os judeus.



Assim como a consonância do corpo consiste em uma medida apropriada e uma proporção dos membros, a consonância da mente também consiste de um temperamento apropriado e da proporção de suas virtudes e operações, que são concupiscíveis, irascíveis e racionais, todos em igual proporção. Em razão da concupiscência, a proporção tem diapasão;¹ da raiva, diatessaron;² e da irascível à concupiscência tem a proporção diapente.³ Assim, quando a alma mais bem proporcionada se une ao corpo mais bem proporcionado, é evidente que tal pessoa é agraciada com um felicíssimo presente, uma vez que a alma se harmoniza com o corpo na disposição dos naturais,⁴ harmonia esta que permanece oculta e, no entanto, é-nos insinuada pelos sábios.

Mas, para nos estendermos à harmonia da alma, devemos investigá-la com os meios pelos quais ela nos é passada, ou seja, pelos corpos celestes e esferas; sabendo, portanto, quais são os poderes da alma aos quais os planetas respondem, nós poderemos,

graças àquelas coisas de que já falamos, conhecer melhor as harmonias entre elas. Pois a Lua rege os poderes de aumentar e de diminuir; a fantasia e a astúcia dependem de Mercúrio; a virtude concupiscível, de Vênus; as vitais, do Sol; as irascíveis, de Marte; as naturais, de Júpiter⁵; as receptivas, de Saturno.⁶

Mas a vontade, como *primum móbile* e o guia de todos esses poderes, unindo-se ao intelecto superior, sempre tende para o bem. O intelectual, de fato, sempre mostra um caminho para a vontade, como uma vela clareando a vista; ela, entretanto, não move a si mesma, mas é a mestra de sua própria operação, daí a ser chamada de vontade livre (*livre-arbítrio*). E embora seja sempre propensa para o bem, como um objeto apropriado para ela mesma, às vezes é cega pelo erro, forçada pelo poder animal, e ela escolhe o mal, acreditando ser o bem. Portanto, a vontade livre é definida como uma faculdade do intelecto, sendo o bem escolhido com a ajuda da graça e o mal, pela ausência desta. A graça, portanto, que os adivinhos chamam de caridade ou amor

infundido, está presente na vontade como o primeiro motivador; na ausência da qual a consonância se converte em dissonância.

De mais a mais, a alma responde à terra pelos sentidos, à água pela imaginação, ao ar pela razão, ao céu pelo intelecto,⁷ e a alma entra em harmonia com eles, conforme são temperados em um corpo mortal.

Os antigos sábios, portanto, sabendo que as disposições harmoniosas de corpos e de almas são diversas, de acordo com a diferença das compleições dos homens, usavam e não em vão sons musicais e cantorias para confirmar a saúde do corpo, e

restaurá-la após perdida, também para colocar a mente em ordem, até tornarem um homem apto para receber a harmonia celestial, e deixá-lo totalmente celestial. Além disso, não há nada mais eficaz para afastar os espíritos malignos que a harmonia musical (pois eles caíram da harmonia celestial, e não suportam nenhuma consonância verdadeira, pois lhes faz mal, e fogem dela), como *Davi*, que com sua harpa curou *Saulo*,⁸ que estava atormentado por um espírito mau. Assim, entre os antigos profetas e Pais, que conheciam esses mistérios harmônicos, os cantos e os sons musicais eram inseridos nos serviços sagrados.

Notas - Capítulo XXVIII

1. 2:1.

2. 4:3.

3. 3:2.

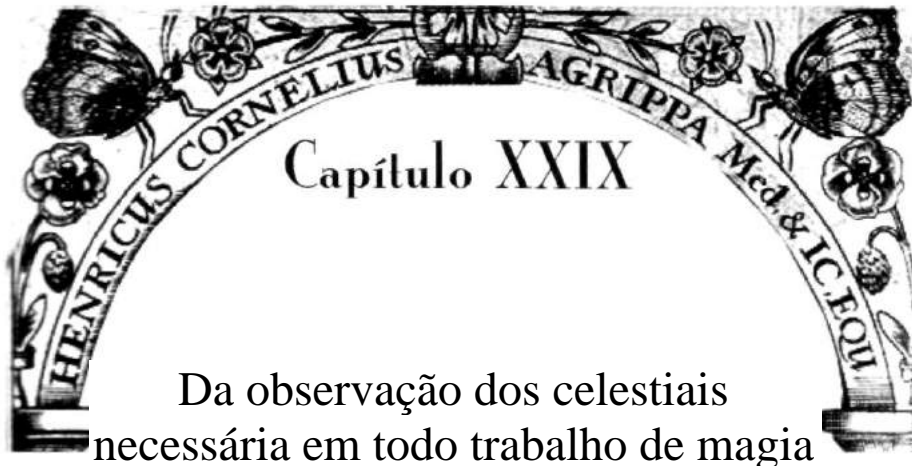
4. Qualidades humanas inatas.

5. As virtudes inerentes - habilidade artística, aptidão atlética, poder pessoal - dependem de Júpiter.

6. As virtudes adquiridas e as habilidades de aprender dependem de Saturno.

7. A esfera moral da mente, que é superior à razão, a esfera lógica.

8. Ver nota 12, cap. XXIV, livro II.



oda virtude natural realiza coisas muito mais extraordinárias quando é composta não só de uma proporção natural, mas também informada por uma observação meticulosa dos celestiais apropriados para isso (quando o poder celestial é mais forte para o efeito que desejamos, além de ser auxiliado por muitos celestiais), submetendo os inferiores aos celestiais, como boas fêmeas fecundadas pelos machos. Também em todo trabalho devem ser observados a situação, o movimento e o aspecto das estrelas e planetas, em sinais e graus, e o modo como estes se colocam em referência ao comprimento e à latitude do clima; pois por meio disso variam as qualidades dos ângulos descritos pelos raios dos corpos celestes, incidindo sobre a figura de algo, de acordo com o que as virtudes celestiais são infundidas. Assim, quando você estiver trabalhando com qualquer coisa que pertença a algum planeta, deve colocá-la em suas dignidades, afortunadas e poderosas, em regência naquele dia, hora e figura do céu.

Tampouco espere que o resultado do trabalho seja poderoso, mas observe a Lua oportunamente direcionada para isso, pois nada deve ser feito sem a assistência da Lua. E se você tiver mais padrões de sua obra, observe-os todos quando estiverem mais poderosos, interagindo uns com os outros em aspecto amistoso:¹ e se não puder usufruir de tais aspectos, será conveniente ao menos observar a angularidade.² Mas siga a Lua, ou quando ela sobreolhar ambos, ou quando estiver unida a um e sobreolhando outro; ou ainda quando passar de uma conjunção ou aspecto para a conjunção ou aspecto do outro; pois considero que tal ação não pode de modo algum ser omitida. Você deverá também, em todas as obras, observar Mercúrio, pois ele é um mensageiro entre os deuses superiores e os deuses infernais; quando passa aos bons, ele lhes aumenta a bondade; quando passa aos maus, tem influência sobre sua maldade.

Dizemos que um signo, ou planeta, é desfavorável quando se encontra no aspecto de Saturno ou Marte, principalmente nos opostos ou

quadrantes;³ pois são aspectos de inimizade; mas uma conjunção, um trino ou sextil são aspectos de amizade; entre estes há uma grande conjunção. Entretanto, se você já o contempla por meio de um trino, e se o planeta for recebido, tal é considerado já co-unido. Ora, todos os planetas têm medo da conjunção do Sol, embora apreciem o trino e o sextil do astro.

Notas - Capítulo XXIX

1. Os principais aspectos da Astrologia são:

Conjunção (σ), quando os planetas estão juntos. Isso os faz agir em uníssono, embora não necessariamente em harmonia.

Oposição (ρ), quando os planetas são separados por 180° de arco. Esse é o aspecto da tensão máxima tendendo para uma polarização de seus poderes.

Quadrado (\square), quando os planetas são separados por 90°. Esse aspecto libera energia e causa eventos.

Semiquadrado (\sphericalangle), quando os planetas são separados por 45°. Esse é o aspecto da tensão menor.

Trino (Δ), quando os planetas são separados por 120°. É o aspecto dos relacionamentos harmoniosos, mas não dinâmicos, e da comunicação igual.

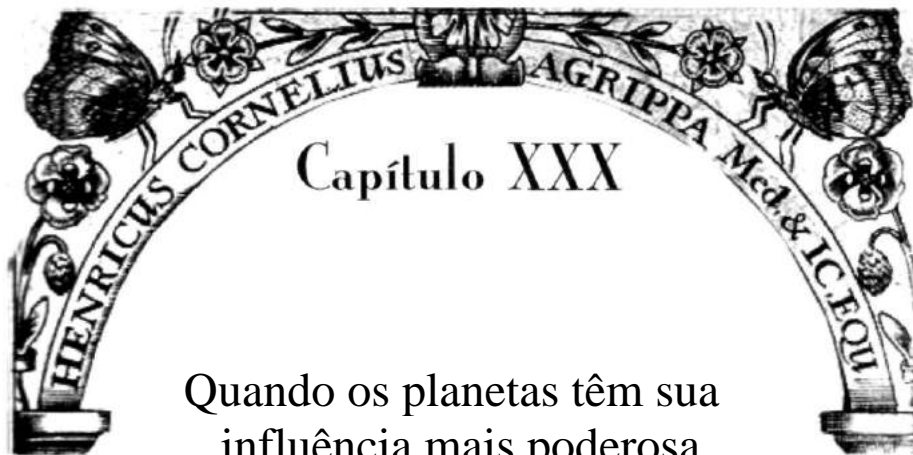
Sextil ($*$), quando os planetas são separados por 60°. É o aspecto que conduz ao entendimento equilibrado.

Semissextil (\sphericalangle), quando os planetas são separados por 30°. É o aspecto dos relacionamentos menores ou parcialmente harmoniosos.

Conjunção, trino, sextil e semissextil têm sido considerados historicamente favoráveis; oposição, quadrado e semiquadrado, desfavoráveis. Mas pode-se dizer que o efeito de um aspecto depende da resposta do indivíduo.

2. Os ângulos, ou cantos, dos céus são ascendente, meio-céu (*Medium Coeli*), descendente e meio-céu inferior (*Imum Coeli*), respectivamente, o horizonte leste, o ponto mais alto no céu, o horizonte oeste e o ponto mais baixo no lado oposto da Terra. Em termos históricos, os planetas nos ângulos eram considerados os mais fortes. As casas angulares (ver nota 28, cap. VI, l. II) dão poder e iniciam novas ações. A Casa I afeta o individual, a Casa IV, o lar; a Casa VII, o parceiro; e a Casa X, a vida mundana. Os sinais angulares no ascendente e meio-céu afetam a psique; o primeiro, o despertar de uma nova autoconsciência ou personalidade; o segundo, a autoconsciência já estabelecida ou ego. Os signos descendentes e do meio-céu inferior complementam seus opostos.

3. Oposição ou quadrado. Ver nota anterior.



Quando os planetas têm sua influência mais poderosa



s planetas estarão mais poderosos quando estiverem regendo uma casa,¹ ou em exaltação,² ou em triplicidade,³ ou em termo,⁴ ou em face⁵ sem combustão⁶ do que está direto na figura dos céus, isto é, quando estão em ângulos,⁷ principalmente ascendente, ou décimo, ou em casas em sucessão,⁸ ou em seus deleites.⁹ Mas devemos estar atentos para que não estejam nos confins e sob o domínio de Saturno ou Marte, pois ficariam em graus escuros, em poços ou vácuos.¹⁰ Observe que os ângulos do ascendente, do décimo e do sétimo são favoráveis,¹¹ ou afortunados, bem como o regente do ascendente¹² e o lugar do Sol e da Lua, e o lugar de parte da Fortuna,¹³ e de seu regente,¹⁴ o senhor da conjunção precedente e da prevenção;¹⁵ mas aqueles do planeta maligno são desfavoráveis, ou desafortunados,¹⁶ a menos que sejam importantes para o seu trabalho, que lhe

ofereçam alguma vantagem; ou se em sua revolução ou no seu nascimento eles tenham sido predominantes; nesses casos, eles não devem ser suprimidos.

A Lua será poderosa se estiver na casa dela,¹⁷ em exaltação, triplicidade ou face, em um grau conveniente para o trabalho desejado, e ainda se tiver uma mansão desses 28 adequada para si e para o trabalho; que não se queime¹⁸ no caminho nem retarde o curso;¹⁹ que não seja eclipsada nem queimada pelo Sol, a menos que esteja em unidade com ele;²⁰ que ela não desça na latitude sul para ser queimada²¹ nem se oponha ao Sol,²² nem se prive de luz;²³ que tampouco seja bloqueada por Marte ou Saturno.

Não mais falarei agora disso, uma vez que esse e outros temas necessários são suficientemente abordados nos volumes dos astrólogos.

Notas - Capítulo XXX

1. Ver nota 3, cap. XVII, l. I.
2. Ver nota 4, cap. XVII, l. I.
3. Os regentes da triplicidade são aqueles planetas que governam a ação dos quatro trinos elementais dos signos do zodíaco (ver nota 3, cap. VIII, l. I). Um planeta deve reger o trino durante o dia e outro à noite, sendo os planetas em maior harmonia com a natureza do trino escolhidos para tais funções. Por exemplo, a triplicidade do Fogo é Áries/Leão/Sagitário. O Sol, que rege Leão, é o regente desses signos durante o dia, enquanto Júpiter, que rege Sagitário, é o regente noturno. Marte, que rege Áries, não é usado por ser lunar e, portanto, discordante dos outros planetas, ambos solares. Como há sete planetas, mas oito regentes, o último planeta não designado, Marte, é atribuído ao último trino, Água, tanto de dia quanto à noite. Vênus é designado co-regente de dia e a Lua à noite, porque esse trino de água é feminino. As triplicidades são citadas por Ptolomeu em sua obra *Tetrabiblos* 1.18 (Robbins, 83-7). Para conveniência, eu apresento a seguinte tabulação:

Triplicidade	Dia	Noite
Fogo (♈, ♌, ♍)	☉	♃
Terra (♉, ♊, ♋)	♀	♄
Ar (♈, ♐, ♑)	♁	♆
Água (♊, ♋, ♌)	♁, ♀	♁, ♃

4. Ver nota 4, cap. VIII, l. II.
5. Há três faces em cada signo e cada uma de dez graus. Na Antiguidade, as faces eram atribuídas aos planetas em sua ordem ptolomaica:

Signo	Face		
	1ª	2ª	3ª
♈	♁	♁	♁
♉	♁	♁	♁
♊	♁	♁	♁
♋	♁	♁	♁
♌	♁	♁	♁
♍	♁	♁	♁
♎	♁	♁	♁
♏	♁	♁	♁
♐	♁	♁	♁
♑	♁	♁	♁
♒	♁	♁	♁
♓	♁	♁	♁

As faces são diferenciadas por Agrippa por decanatos, que tem um sistema diferente pelo qual os planetas são designados como regentes (ver nota cap. XXXVI, l. II). Em outros aspectos, os decanatos e as faces, conforme o uso do termo por Agrippa, parecem indistinguíveis. Ver também nota 3, cap. XXII, l. I.

6. Um planeta dentro de três graus da longitude do Sol é considerado combusto, porque o poder do Sol domina sua operação.
7. Ver nota 2, cap. XXIX, l. II.
 Dizia-se que um planeta é *essencialmente* dignificado quando se encontra em seu próprio signo, exaltação, triplicidade, termo ou face; e *acidentalmente* dignificado quando no

meio-céu, ou ascendente, ou na 7ª, 4ª, 11ª, 9ª, 2ª ou 5ª casa. Um planeta é *acidentalmente forte* quando se encontra em movimento rápido e direto, e próximo à sua maior distância do Sol; é um planeta superior (♄, ♀, ♃), quando oriental ao Sol; inferior (♃, ♁, ♁), quando ocidental.

Um planeta é *essencialmente fraco* quando se encontra em queda ou detrimento. É *acidentalmente fraco* quando está na 12ª, 8ª ou 6ª casa, retrógrado ou com movimento muito lento, dentro de oito graus, 30 minutos do Sol; é planeta superior, quando ocidental ao Sol; inferior, quando oriental.

Embora um planeta fosse considerado fraco dentro de oito graus, 30 minutos do Sol, dizia-se que era forte quando estivesse a 17 minutos ou em conjunção exata com o Sol - "in cazimi", como diziam os antigos (Pearce 1970 [1879], 436).

8. Ptolomeu diz que os planetas são mais poderosos "quando se encontram no meio-céu ou perto dele, e depois quando estão exatamente no horizonte ou no lugar em sucessão..." (*Tetrabiblos* 1.24 [Robbins, 117]). Em sucessão, nesse caso, é a casa imediatamente seguinte - aquela a esquerda da casa em questão. Quanto ao poder relativo das casas, conforme citação de Ptolomeu, ver nota 5, cap. XXVI, l. III.

9. De acordo com Ptolomeu, os planetas "se deleitam" quando estão contidos em um signo do zodíaco que "embora o signo contentor não tenha familiaridade com os astros em si, ele a tem com as estrelas do mesmo grupo..." (*Ibid.* 1.23 [Robbins, 113]). O grupo do Sol contém, além do Sol, os planetas Júpiter e Saturno; o da Lua contém a Lua, Vênus e Marte. Mercúrio pertence a ambos os grupos de acordo com sua posição - quando é visto como estrela matutina (no leste), ele está com o Sol; quando visto como estrela vespertina (no oeste), pertence à Lua. Por exemplo, Vênus se deleitaria em Áries, porque Áries é regido por Marte, e Marte pertence ao grupo da Lua. Se os planetas se encontrarem em signos sob o domínio de planetas do grupo oposto, "uma grande parte de seu devido poder é paralisada, pois o temperamento que surge da dessemelhança dos signos produz uma natureza diferente e adulterada" (*Ibid.*).

10. Ou seja, os poderes de um planeta não devem ser usados quando o planeta está em um signo regido por Saturno ou Marte, ou quando o planeta cai dentro do orbe, ou do domínio, de Saturno ou Marte - em conjunção com esses corpos. Os orbes dos planetas são seus círculos de maior influência: Saturno - 10 graus; Júpiter - 12 graus; Marte - 7 graus, 30 minutos; Sol - 17 graus; Vênus - 8 graus; Mercúrio - 7 graus, 30 minutos; Lua - 12 graus, 30 minutos. Variam muito as opiniões quanto à extensão dos orbes. A influência de Saturno e Marte costuma ser considerada maléfica. Ptolomeu os chama de "astros destrutivos" (*Tetrabiblos* 1.7 [Robbins, 43]).

11. Ou seja, há planetas afortunados (favoráveis) em um arranjo harmonioso na primeira (ascendente), décima (meio-céu) e sétima (descendente) casas do zodíaco.

12. É o planeta que rege o signo sobre o ascendente. A casa que o planeta ocupava era considerada muito importante, principalmente se estivesse em um dos ângulos, ou próxima do meio-céu.

13. A Parte, ou Quinhão, da Fortuna é um ponto hipotético cuja posição determina as aquisições materiais de um indivíduo ou outro objeto de busca. "O objeto material de alguém deve ser ganho a partir da assim chamada 'Parte da Fortuna';... pois quando os planetas que regem a Parte da Fortuna estão no poder, tornam o indivíduo rico, principalmente se tiverem o devido testemunho das luminárias..." (*Ibid.* 4.2 [Robbins, 373, 375]). Sobre o método para se determinar esse ponto, escreve Ptolomeu:

Considere a Parte da Fortuna sempre como a quantidade de números de graus, tanto à noite quanto de dia, que é a distância entre o Sol e a Lua [na ordem dos signos seguintes] e que se estende a uma distância igual do horóscopo [isto é, o Ascendente] na ordem dos signos seguintes, para que, qualquer que seja a relação e o aspecto do Sol para com o horóscopo, a Lua também tenha relação com a Parte da Fortuna, oferecendo como que um horóscopo lunar (*Ibid.* 3.10 [Robbins, 275, 277]).

O que os gregos conheciam como "ordem dos signos seguintes" é o que hoje se considera sua ordem natural - anti-horário de Áries a Touro, a Gêmeos, etc. Pierce descreve o cálculo da Parte da Fortuna de maneira mais concisa: "A Parte da Fortuna é aquele ponto dos céus onde estaria a Lua se o Sol nascesse exatamente" (Pierce 1970 [1879], 438).

14. Qualquer planeta que esteja regendo o signo sobre o qual cai a Parte da Fortuna.

15. Ver nota, 10.

16. Isto é, Marte e Saturno devem estar em uma posição que minimiza sua potência.

17. A casa de Câncer, a 4ª, chamada de Meio-céu Inferior.

18. Entrar em combustão. Ver nota 6.

19. Quanto ao aparente movimento dos planetas de um modo geral, comenta Theon: “Eles não cobrem a mesma distância no espaço na mesma quantidade de tempo; eles se movem mais rápido quando parecem maiores por causa de sua distância menor da Terra, e se movem menos rápido quando parece menores por causa da distância maior” (Theon 3.12 [Lawlor, 90]).

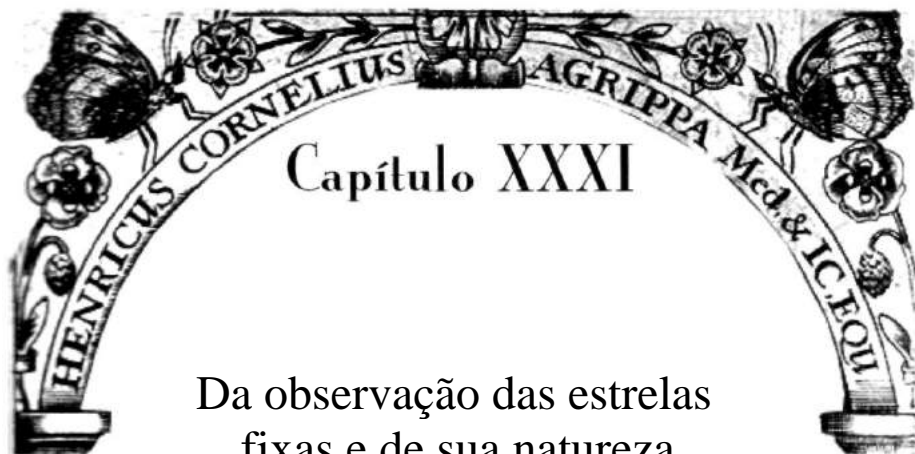
E sobre a Lua, especificamente, escreve Plínio: “Após ficar dois dias em conjunção com o Sol, no 30º dia, ela emerge de novo, lentamente, e segue seu curso costumeiro...” (Plínio 2.6 [Bostock e Riley, 1;32]).

20. Ver nota, 7.

21. Que a Lua não se ponha no horizonte oeste, abaixo do plano da eclíptica, enquanto estiver sob a influência próxima do Sol.

22. Em oposição, quando a Lua estiver cheia.

23. Talvez por eclipse lunar, quando a sombra da Terra cai sobre a face da Lua e a deixa vermelho-pálida ou preta; mas, se o eclipse mencionado no texto é lunar, então esta deve ser uma referência à Lua nova.



Da observação das estrelas fixas e de sua natureza



Devemos considerar ainda todas as coisas acerca das estrelas fixas. Saiba que todas as estrelas fixas são da significação e da natureza dos sete planetas; mas algumas são da natureza de um planeta, e outras, de dois: por isso, tão logo um planeta é unido a qualquer uma das estrelas de sua natureza, a significação dessa estrela adquire maior poder, e a natureza do planeta é aumentada; mas, em se tratando de uma estrela de duas naturezas, a natureza daquele que será o mais forte dominará em significação. Por exemplo, se for da natureza de Marte e Vênus, e se Marte for o mais forte, a natureza deste último dominará; se Vênus, porém, for o mais forte, sua natureza dominará.

Ora, as naturezas das estrelas fixas são descobertas por suas cores,¹ concordando com certos planetas e sendo a eles atribuídas. As cores dos planetas são estas: de Saturno, azul e chumbo, e brilhando; de Júpiter, citrino quase pálido, e claro; de Marte, vermelho e incandescente; do Sol, amarelo e, ao nascer, vermelho, depois reluzente; de Vênus, branco e brilha-

te, branco pela manhã e avermelhado à noite; de Mercúrio, reluzente; da Lua, cor clara.

Saiba também que, em relação às estrelas fixas, quanto maiores e mais brilhantes e visíveis elas forem, maior e mais forte será sua significação; estrelas estas chamadas pelos astrólogos de estrelas de segunda e terceira magnitudes.

Falarei agora de algumas que são as mais potentes nessa faculdade, como, por exemplo, o Umbigo de Andrômeda² no 22º de Áries, da natureza de Vênus e Mercúrio; alguns a chamam de joviana e outras, de saturnina.

A Cabeça de Algol³ no 18º grau de Touro, da natureza de Saturno e Júpiter. As Plêiades⁴ também se encontram no 22º grau, um estrela lunar por natureza e marcial por compleição.

Também no 3º grau de Gêmeos se encontra Aldebarã,⁵ da natureza de Marte e compleição de Vênus; mas Hermes a colocava no 25º grau de Áries. Capela⁶ está no 13º grau da referida constelação de Gêmeos, da natureza de Júpiter e de Saturno.

A estrela do Cão Maior⁷ se encontra no 7º grau de Câncer e é

Venérea; a do Cão Menor⁸ está no 17º grau da mesma constelação e é da natureza de Mercúrio e da compleição de Marte.

A estrela do Rei,⁹ que é chamada de Coração do Leão, está no 21º grau de Leão e é da natureza de Júpiter e Marte.

A Cauda da Ursa Maior¹⁰ está no 19ª grau de Virgem e é venérea e lunar.

A estrela que é chamada Asa Direita do Corvo¹¹ se encontra no 17º grau de Libra, e no 13º grau da mesma fica a Asa Esquerda,¹² ambas da natureza de Saturno e Marte. A estrela chamada Espiga¹³ está no 16º da mesma constelação e é venérea e mercurial. No 17º grau da mesma está Arcturo,¹⁴ da natureza de Marte e Júpiter, do primeiro, quando o aspecto do Sol está voltado para ela, do segundo, quando está contrário a ela.

Elefeia¹⁵ está no 4º grau de Escorpião e é da natureza de Vênus e Marte.

O Coração de Escorpião¹⁶ está no terceiro grau de Sagitário é da natureza de Marte e Júpiter.

O Abutre em Queda¹⁷ encontra-se no 7º grau de Capricórnio, é temperado, mercurial e venéreo.

A Cauda de Capricórnio¹⁸ está no 16º grau de Aquário, é da natureza de Saturno e Mercúrio.

A estrela chamada Ombro do Cavalo¹⁹ está no 3º grau de Peixes e é da natureza de Júpiter e Marte.

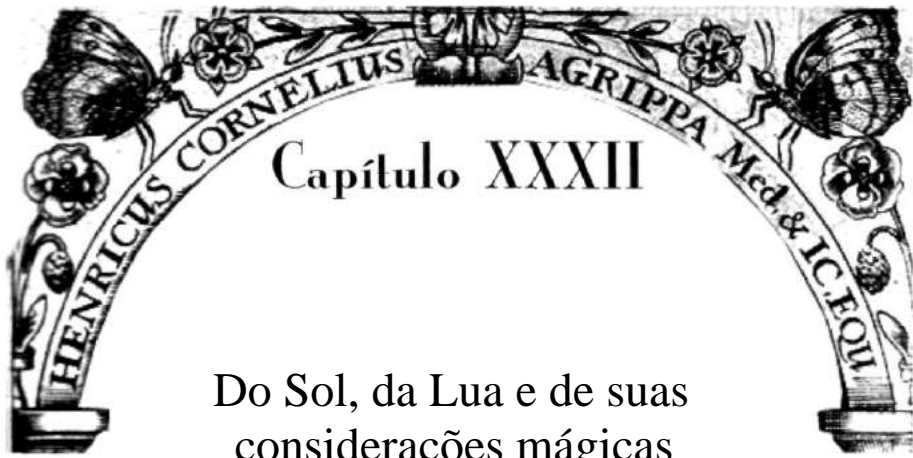
E que seja uma regra geral para você esperar as apropriadas dádivas dos astros regentes, prevenir-se deles, se estiverem desfavoráveis e opostos, como mostrado anteriormente. Pois os corpos celestes, assim como são afetados fortuitamente, também o são de modo desafortunado e em mesmo nível nos afetam e às nossas obras, de modo favorável ou desfavorável. E embora muitos efeitos procedam das estrelas fixas, são no entanto atribuídos aos planetas, uma vez que estes estão mais próximos de nós e são mais distintos e conhecidos, além de executarem tudo o que as estrelas superiores lhes comunicarem.²⁰

Notas - Capítulo XXXI

1. Cada um dos planetas tem sua cor peculiar; Saturno é branco; Júpiter, brilhante; Marte, incandescente; Lúcifer [Vênus no leste], reluzente; Vésper [Vênus no oeste], refulgente; Mercúrio, cintilante; a Lua, temperada; o Sol, ao nascer, é resplandecente, depois se torna radiante. A aparência das estrelas, que são fixas no firmamento, também é afetada por essas causas (Plínio 2.16 [Bostock Riley, 1:50]).
2. Mirach, uma estrela amarela com fama de ser favorável em honrarias e matrimônios.
3. Algol é uma estrela variável que brilha e empalidece, sendo muito visível nos céus do norte. Os árabes a chamavam de Demônio Cintilante. Os hebreus lhe deram o nome de Cabeça de Satanás e Lilith, a amante-demônio de Adão. Já os chineses a chamavam de Pilha de Cadáveres. Em todos os lugares ela era considerada violenta, perigosa e extremamente desafortunada. Al Sufi a descrevia como uma estrela vermelha, e essa vermelhidão ocasional foi observada por um astrônomo chamado Schmidt, em Atenas, em 1841.
4. Esse pequeno aglomerado estelar, chamado de Sete Irmãs, varia em cor desde o branco prateado a um branco lícido, tendendo para o violeta, a um branco intenso. Elas eram associadas às chuvas repentinas e à época do plantio e consideradas um augúrio de cegueira e de acidentes oculares.
5. Aldebarã, de uma coloração rosa-pálida, era uma estrela afortunada que anunciava riqueza e honrarias.
6. Capela é branca e indicava riqueza, honra cívica e fama militar. Ptolomeu a descrevia como uma estrela vermelha, talvez por causa de uma peculiaridade em sua visão das cores.
7. Sírio (Sirius), a estrela mais brilhante no céu, é binária e conhecida na Antiguidade por sua cintilação e suas rápidas mudanças de cor, variando do brilhante branco-azulado a amarelo, e talvez até vermelho, se pudermos crer nos registros antigos. Em épocas remotas, ela era considerada uma estrela maligna que trazia pragas, febres, seca e morte por causa de sua ligação com o calor dos dias de cão do verão, propiciada com sacrifício e cultos. Em séculos mais recentes, acreditava-se que ela prenunciava riqueza e fama.
8. Prócion é uma estrela binária branco-amarelada que, supostamente, prenunciava riqueza, fama e boa sorte.
9. Régulo, ou Cor Leonis, é de cor branca viva, supostamente conferia um destino real de riquezas e poder aos nascidos sob sua influência.
10. Alcaide é uma estrela branca e brilhante, com fama de anunciar com seu brilho a queda de príncipes e o fim de impérios.
11. Giena, a estrela mais brilhante da constelação do Corvo, chamada de Asa Direita, embora nos mapas modernos ela esteja localizada no lado *esquerdo* - talvez dependa de se visualizar o Corvo de cima ou de baixo.
12. Algorabe, uma estrela amarelo-pálida, localizada, nos mapas modernos, na asa *direita* do Corvo - ver nota anterior.
13. De cor branca viva e brilhante, essa estrela era identificada com Virgem e regia as colheitas.
14. Arcturo (ver nota 45, cap. XXXII, l. I), uma estrela dourada brilhante, famosa por provocar tempestades sobre a Terra, mas trazia riquezas e honrarias aos nascidos sob ela. Ptolomeu a descreve como vermelho-dourada.
15. Alfeca (ver nota 47, XXXII, l. I), uma estrela branca brilhante, que, segundo os astrólogos, bem como outras estrelas da constelação de Corona Borealis, conduzia à fertilidade e a uma natureza gentil e amável.
16. Antares, uma estrela brilhante de uma cor vermelha incandescente, intimamente associada, por esse motivo, a Marte. Era uma das quatro Estrelas Reais dos antigos persas (3000 a.C), que a chamavam de Guardiã dos Céus.
17. Veja uma estrela brilhante de cor de safira pálida, um bom augúrio.
18. Deneb Algedi, uma estrela de brilho comum (magnitude 3.1) e algumas associações com o oculto. Ver nota 52, cap. XXXII, l. I.

19. *Menkib* (beta do Pégaso), do termo árabe *Mankíb al Farás*, uma estrela variável irregular com um considerável alcance de brilho, que é de uma coloração amarelo-profunda. Costuma ser chamada de *Scheat*, do árabe *Al Sa'id*, a Parte Superior do Braço, ou possivelmente de *Sa'd*. Sorte. Esse nome também se aplicava a *Markab* (alfa do Pégaso), que possui associações ocultas mais ricas, anunciando perigo de vida, provindo de cortes, facadas ou fogo; entretanto, é uma estrela branca que parece ser de uma cor menos apropriada para as naturezas mistas de Júpiter e Marte.

20. As longitudes zodiacais das estrelas fixas fornecidas por Agrippa são 8 ou 9 graus atrás de suas atuais posições devido à precessão dos equinócios. As posições estavam corretas 240 anos antes de ele escrever *Filosofia Oculta*, o que é uma forte indicação de que Agrippa usou as Tabelas de Alfonso, tabelas astrológicas compiladas em 1253, em Toledo. Ver nota 12, cap. XXVII, l. III. Tenho uma dívida com David Godwin por esses cálculos astrológicos.



Sol e a Lua têm o encargo de reger os céus e todos os corpos sob os céus. O Sol é o senhor de todas as virtudes elementares; e a Lua, por virtude do Sol, é a mestra da geração, aumento ou diminuição. Nesse sentido, diz *Albumasar* que, por meio do Sol e da Lua, a vida é infundida em todas as coisas, o que, *Orfeu* chama de olhos vivificadores do céu.¹ O Sol dá luz a todas as coisas, e a dá em abundância a todas as coisas não só do céu e do ar, mas também da Terra e das profundezas; todo o bem que possuímos, como diz *Iamblicus*, o recebemos do Sol, e somente dele, ou dele através de outras coisas. Heráclito chama o Sol de fonte de luz celestial; e muitos dos platônicos colocam a Alma do Mundo de modo particular no Sol, como se aquilo que preenche todo o globo do Sol e envia seus raios para todos os lados fosse um espírito permeando todas as coisas, distribuindo vida, sentido e movimento ao próprio Universo.

Por esse motivo, os naturalistas chamavam o Sol de o verdadeiro centro do céu; e os caldeus o colocavam no meio dos planetas. Os egípcios

também o colocavam no meio do mundo, isto é, entre os dois cincos do mundo; acima do Sol, colocavam os cinco planetas e abaixo a Lua e os quatro elementos. Pois ele é, entre as outras estrelas, a imagem e a estátua do grande Príncipe dos dois mundos - terrestre e celestial; a verdadeira luz, e a imagem mais exata do próprio Deus; cuja essência se assemelha ao Pai, a Luz ao Filho e o calor ao Espírito Santo. A nada os platônicos associam a Essência Divina, de maneira mais manifesta que a ele. Tão grande é a consonância do Sol com Deus que *Platão* o chama de filho conspícuo de Deus e *Iamblicus*, de imagem divina da inteligência divina. E nosso *Dioniso* o chama de estátua conspícuo de Deus.

Ele se senta como rei no meio de outros planetas, superando todos em luz, grandeza, beleza, iluminando todos, distribuindo-lhes virtude para dispor de corpos inferiores, regulando e dispondo de seus movimentos, de modo que daí vêm os movimentos chamados de diurnos ou noturnos, para o sul ou para o norte, orientais ou ocidentais, diretos ou retrógrados;² e assim como ele afasta com sua

luz toda a escuridão da noite, também despele os poderes das trevas, como lemos em Jó;³ tão logo chega a manhã, pensam na sombra da morte; e o Salmista,⁴ ao falar do leão que se afasta de Deus para devorar diz que o Sol nasce, e todos se reúnem e voltam à cova dos leões; tendo se afastado os leões, o homem poder sair para trabalhar.

O Sol, portanto, possuindo a região mediana do mundo, é como o coração e está no corpo de todo animal; o Sol está no alto do céu e acima do mundo, regendo todo o Universo e as coisas nele contidas, é o verdadeiro autor das estações e de todas as qualidades delas,⁵ como dia e ano, frio e calor, e outras; e, como dizia *Ptolomeu*,⁶ quando ele chega ao lugar de qualquer astro, mexe com o pode que este tem no ar. Com Marte, por exemplo, calor; com Saturno, frio. Nesse sentido, diz *Homero*, sendo substanciado por *Aristóteles*, existe na mente movimentos tais que o Sol, o príncipe e moderador dos planetas, traz-nos todos os dias.

Mas a Lua, mais próxima da Terra, o receptáculo de todas as influências celestes, pela rapidez de seu curso, junta-se ao Sol e aos outros planetas e estrelas todos os meses, como se fosse a esposa de todos os astros, e é a mais frutífera dentre eles, recebendo as emanações e influências de todos os outros planetas e estrelas, como em uma concepção, trazendo-os até o mundo inferior, próximos a ela mesma; pois todos os astros exercem influência sobre ela que, sendo o último recipiente,⁷ comunica por sua vez as influências de todos os superiores a esses inferiores e as faz jorrar sobre a Terra; e dispõe desses

inferiores de maneira mais manifesta que outros, e seu movimento é mais sensível pela familiaridade e proximidade que ela tem conosco; e como um intermediário entre os superiores e inferiores, comunica tudo a todos.

Portanto, o movimento da Lua deve ser observado antes dos demais, sendo ela a mãe de todas as concepções, que ela concede a esses inferiores, de acordo com sua variada compleição, movimento, situação e os diferentes aspectos em relação aos planetas e outros astros. E embora ela receba poderes de todos os astros, o principal é o Sol; estando ela em frequente conjunção com o Sol, é reabastecida com uma virtude vivificante, e de acordo com seu aspecto toma emprestada dele a compleição; pois, no primeiro quarto, como afirmam os peripatéticos, ela é quente e úmida; no segundo, quente e seca; no terceiro, fria e seca; no quarto, fria e úmida.⁸

E embora seja a Lua o mais baixo dos astros, ela promove a concepção dos superiores; pois dela, nos corpos celestes, começa aquela série de coisas que *Platão* chamava de Corrente Dourada,⁹ pelas quais toda coisa e toda causa, ligadas umas às outras, dependem do superior, culminando a Causa Suprema de todas, das quais todas as coisas dependem; por isso, sem a intermediação da Lua, não podemos em momento algum atrair o poder dos superiores.

Assim, *Thebit* nos aconselha, quando quisermos aproveitar a virtude de qualquer astro, a usar a pedra e a erva desse planeta quando estiver sob a Lua favorável, ou quando ela tiver um aspecto bom voltado para ele.

Notas - Capítulo XXXII

1. Em um hino órfico a Júpiter, preservado por Proclo, no qual o deus é descrito como o Universo, aparece a linha: “Seu olhos, o Sol e a Lua com raios emprestados...” (*Hymns of Orpheus*, Introdução, em *Thomas Taylor the Platonist: Selected Writings*, 178). No hino órfico “To the Sun”, está escrito “Ouvi o grande Titã, cujo olho eterno/com grande alcance, ilumina todo o céu...” (*Ibid.*, hino 7, p. 218). Lembra Homero, que se refere ao Sol como: “... um temível deus/Hélios, que vê todas as coisas e ouve todas as coisas” (*Odisséia*, 12, linhas 322-3, [Lattimore, 193], também I. 11, linha 109 [Lattimore, 171]).

2. Ver nota 17, cap. XXVI, I. II.

3. Jó 24:17. Ver também 17:12. Por todo o livro de Jó, há uma persistente imagem das trevas.

4. Salmos 104:21-3.

5. O Sol é levado em meio a estes [planetas], um corpo de grande tamanho e poder, o regente não só das estações e dos diferentes climas, mas também dos próprios astros e dos céus. Quando consideramos suas operações, devemos vê-lo como a vida, ou melhor, como a mente do Universo, o principal regulador e o Deus da natureza; ele também empresta sua luz aos outros astros. Ele é ilustríssimo e excelentíssimo, contemplando todas as coisas e ouvindo todas as coisas, o que, percebo, lhe é atribuído exclusivamente pelo príncipe dos poetas, Homero (Plínio 2.4 [Bostock e Riley, 1:20]).

Pois o Sol, junto ao ambiente [a atmosfera], está sempre afetando algo na Terra, de uma forma ou de outra, não só pelas mudanças que acompanham as estações do ano para gerar os animais, produzir as plantas, fazer fluir as águas e as mudanças dos corpos, mas também por suas revoluções diárias, suprimindo calor, umidade, seca e frio em ordem regular e em correspondência com suas posições relativas ao zênite (Ptolomeu *Tetrabiblos* 1.2 [Robbins, 7]).

6. “Observe, porém, que também de acordo com seus aspectos em relação ao Sol, a Lua e os três planetas [Saturno, Júpiter e Marte] experimentam aumento e diminuição de seus poderes”. (*Ibid.* 1.8 [Robbins, 45]). Em outra fonte, Ptolomeu diz: “... o Sol e Mercúrio, porém, acreditavam eles [os antigos], têm poderes [benéficos e maléficos], porque possuem uma natureza comum, e juntam suas influências àquelas dos outros planetas com os quais se associam” (*Ibid.* 1.5 [Robbins, 39]). O poder ampliador do Sol é mais acentuado no fenômeno de caizimi (ver nota 7, cap. XXX, I. II).

7. A Lua também, como corpo celeste mais próximo da Terra, concede sua efluência de modo mais abundante sobre as coisas mundanas, pois a maioria delas, animadas ou inanimadas, são simpáticas à Lua e mudam, quando em sua companhia; os rios aumentam e diminuem sua correnteza com a luz da Lua, os mares alteram a maré, quando ela surge e desaparece, e as plantas e os animais, de modo total ou parcial, crescem ou minguam com ela (*Ibid.*, 1.2 [Robbins, 7]). Ver Deuteronômio 33:14.

8. “Pois na fase crescente, após a nova até o primeiro quarto, a Lua produz mais umidade; em sua passagem do primeiro quarto para cheia, mais calor; de cheia para o último quarto, seca; e do último quarto para a ocultação, frio” (*Ibid.* 1.8 [Robbins, 45]).

9. Essa imagem se origina com Homero, que assim narra a vanglória de Zeus:

Que do céu desça um cordão de ouro; e

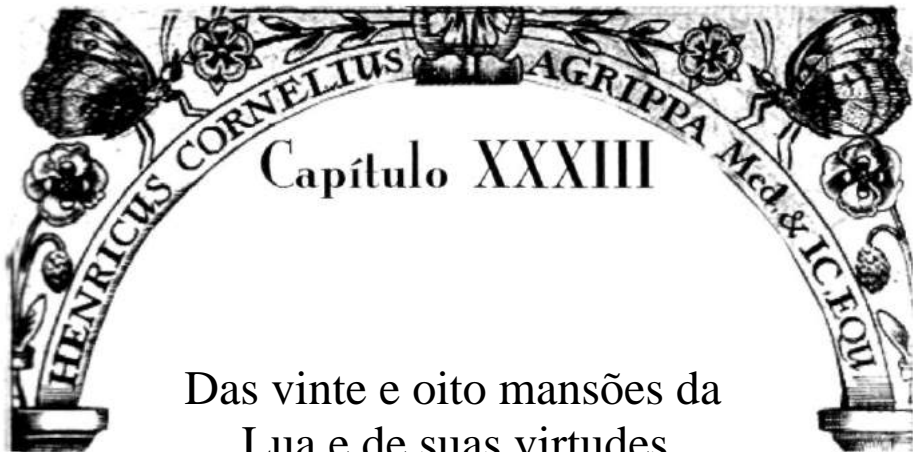
Que dele se apoderem Todos vocês que são deuses e deusas, e ainda assim Nem vocês poderão arrastar Zeus do céu para o chão, não Zeus, o altíssimo senhor do julgamento, ainda que tenham

Até se cansar.

Eu, no entanto, se desejar com minha força arrastá-los, Poderia atrair para o alto todos vocês, a terra e todo o mar e tudo o mais, Para depois puxar de volta a corda dourada, em torno do chifre De Olimpo

E prendê-la com firmeza, para que tudo, mais uma vez, fique suspenso no ar.
(*Ilíada*, 8, linhas 19-26 [Lattimore, 182-3])

Provavelmente Agrippa se refere ao “fuso da Necessidade” de Platão, “estendendo-se desde o alto através de todo o céu e terra, uma luz, direita como uma coluna, muito semelhante ao arco-íris, mas mais brilhante e mais pura” (Platão, *A República*, 10.616b). Ele faz uma alusão um tanto bem-humorada à Corrente Dourada quando compara a corrente dos poetas da Musa a uma corrente de anéis magnetizados dependurados em uma magnetita (*Ion* 533d-534a). A Corrente Dourada inevitavelmente nos faz pensar na escada de Jacó, pela qual os anjos constantemente subiam e desciam (Gênesis 28:12).



Das vinte e oito mansões da Lua e de suas virtudes

E vendo que a Lua mede todo o Zodíaco no espaço de 28 dias, os sábios indianos¹ e antigos astrólogos atribuíram 28 mansões à Lua,² as quais, estando fixas na oitava esfera, desfrutam (como dizia *Alpharus*) de diversos nomes e propriedades, oriundos dos diversos signos e astros nelas contidos, e por meio dos quais a Lua, em movimento, obtém outros poderes e virtudes. Cada uma dessas mansões, porém, segundo a opinião de Abraão, contém 12 graus, 51 minutos e quase 26 segundos, cujos nomes e também seus inícios no Zodíaco³ da oitava esfera são os seguintes. A primeira mansão é *Alnath*, ou seja, os Chifres de Áries; seu início é na cabeça de Áries da oitava esfera; causa discórdia e promove viagens.

A segunda se chama *Allothaim*, ou *Albochan*, a barriga de Áries, e começa no 12º grau do mesmo signo, 51 minutos, 22 segundos completos; ela conduz à descoberta de tesouros e à retenção de prisioneiros.

A terceira é *Achaomazon* ou *Athoray*, ou seja, *Enxurrada* ou *Plêiades*; seu início é aos 25 graus de Áries,

42 minutos completos e 51 segundos. Ela é propícia para os navegantes, caçadores e alquimistas.

A quarta mansão é chamada de *Aldebarã*, ou *Aldelamen*, *Olho* ou *Cabeça de Touro*; começa no 8º grau de Touro, 34 minutos e 7 segundos do mesmo Touro sendo excluído; causa a destruição e a obstrução de construções, fontes, poços, minas de ouro, e provoca o afastamento de coisas rastejantes e gera discórdia.

A quinta se chama *Alchatay* ou *Albachay*. Seu começo é depois do 21º grau de Touro, 20 minutos, 40 segundos; ela ajuda na volta de uma viagem, na instrução dos estudiosos; fortalece a construção de edifícios e traz saúde e boa vontade.

A sexta é *Alhanna*, ou *Alchaya*, a *Pequena Estrela de Grande Luz*; seu início é depois do 4º grau de Gêmeos, 17 minutos e 9 segundos; favorece a caça, a tomada de cidades e a revanche de príncipes; destrói as colheitas e as frutas e atrapalha a operação do médico.

A sétima mansão é *Aldimiach*, ou *Alarzach*, isto é, o *Braço de Gêmeos*, e começa no 17º grau de Gêmeos,

8 minutos e 34 segundos, e dura até o fim do signo. Ela promove ganhos e amizades e é favorável aos amantes, espanta as moscas e destrói magistérios.

E assim um quarto do céu se completa nessas sete mansões; e em igual ordem e número de graus, minutos e segundos, as mansões remanescentes em todos os quartos têm seus diversos inícios; vale salientar que no primeiro signo desse quarto três mansões têm seu começo; nos outros dois signos, duas mansões.

Portanto, as sete mansões seguintes começam em Câncer, e seus nomes são Alnaza ou Anatrachya, isto é, Enevoado ou Nublado, a oitava Mansão; ela promove amor, amizade e companhia entre os viajantes; afasta os ratos e aflige os prisioneiros, reforçando-lhes o aprisionamento.

Em seguida, a nona mansão é chamada de Archamm, ou Arcaph, Olho do Leão; ela atrapalha a colheita e os viajantes e semeia discórdia entre os homens.

A décima é chamada de Algelioche, ou Albgegh, Pescoço ou Testa de Leão. Fortalece as construções, promove amor e benevolência e é uma ajuda contra os inimigos.

A 11ª é Azobra, ou Arduf, o Pelo na Cabeça do Leão; é boa para viagens e para os ganhos comerciais, bem como para a redenção de prisioneiros.

A 12ª mansão é Alzarpha, ou Azarpha, Cauda de Leão; traz prosperidade às colheitas e plantações, mas atrapalha os navegantes. É boa para melhorar o estado dos servos, dos prisioneiros e dos companheiros.

A 13ª é chamada de Alhaire, ou Estrelas do Cão, ou ainda Asas de Virgem; é útil para benevolência,

ganho material, viagens, colheitas e liberdade de prisioneiros.

A 14ª mansão se chama Achureth, ou Arimet, Azimeth ou Alhumech, ou ainda Alcheymech, ou seja, a Espiga de Virgem ou Espiga Voadora. Ela promove o amor das pessoas casadas, cura os doentes, é proveitosa para os navegantes, mas atrapalha as viagens por terra; e com essa o segundo quarto do céu se completa.

Seguem-se as outras sete, cuja primeira começa na cabeça de Libra, a 15ª mansão, e seu nome é Agrapha, ou Algarpha, ou Coberta, ou Voando Encoberta. Ela é útil para a extração de tesouros, para se cavarem buracos; ajuda a acelerar o divórcio, a discórdia e a destruição de casas e de inimigos, e atrapalha os viajantes.

A 16ª é chamada de Azubene, ou Ahubene, isto é, os Chifres de Escorpião. Ela atrapalha as viagens e o matrimônio, a colheita e o comércio; mas ajuda na redenção dos prisioneiros.

A 17ª é chamada de Alchil, a Coroa de Escorpião. Ela melhora a sorte, faz o amor durar, fortalece as construções e ajuda os navegantes.

A 18ª se chama Alchas, ou Altob, Coração de Escorpião; ela causa discórdia, sedição, conspiração, contra príncipes e homens poderosos, e inspira vingança dos inimigos, mas liberta prisioneiros e ajuda nas construções.

A 19ª se chama Allatha, ou Achala, e por outros é chamada de Hycula ou Axala, isto é, a Cauda de Escorpião; ajuda a sitiar e tomar cidades e afasta os homens de seus lugares; também semeia a destruição de navegantes e a perdição dos prisioneiros.

A 20ª mansão é Abnahaya, ou Raio (emanação); ela ajuda a domar animais selvagens, fortalece as prisões, destrói a riqueza das sociedades e impele um homem a ir a determinado lugar.

A 21ª é Abeda, ou Albeldach, que significa uma Derrota. Ela é boa para colheitas, ganhos financeiros, construções e viajantes; e causa divórcio, e assim se completa o terceiro quarto do céu.

Restam as sete últimas mansões completando o último quarto do céu. A primeira destas, a 22ª, começando na cabeça de Capricórnio, se chama Sadahacha, ou Zobeboluch, ou ainda Zandeldena, ou seja, Pastor. Ela promove a fuga de servos e prisioneiros e ajuda na cura de doenças.

A 23ª é chamada de Zabadola, ou Zobrach, que significa Engolir; ela causa divórcio, promove a liberdade de prisioneiros e a saúde dos doentes.

A 24ª se chama Sadabath, ou Chadezoad, a Estrela da Fortuna. Promove o bem das pessoas casadas, a vitória de soldados; mas fere a execução do governo, atrapalhando-o de modo que não consegue exercer o poder.

A 25ª é Sadalabra, ou Sadalachia, isto é, Borboleta ou um Quarto Espalmado. Ajuda a tomar cidades e contra-atacar, destrói os inimigos,

causa divórcio, reforça prisões e construções, apressa os mensageiros, é útil para encantamentos contra copulação, restringindo o membro de um homem de modo que este não consiga cumprir seu dever.

A 26ª é chamada de Alpharg, ou Pragol Mocaden, a Primeira Atração; promove a união e o amor dos homens, a saúde dos prisioneiros e destrói prisões e construções.

A 27ª é chamada Alcharya, ou Alhalgalmoad, ou a Segunda Atração; aumenta as colheitas, as rendas, os ganhos; cura enfermidades, mas atrapalha construções; prolonga a prisão, causa perigo aos navegantes e ajuda a causar o mal a quem você desejar.

A 28ª e última, é chamada de Albotham, ou Alchalcy, ou seja, Peixes. Ela aumenta a colheita e o comércio; dá segurança aos viajantes em lugares perigosos; promove a alegria dos casais, mas fortalece as prisões e provoca perda de tesouros.

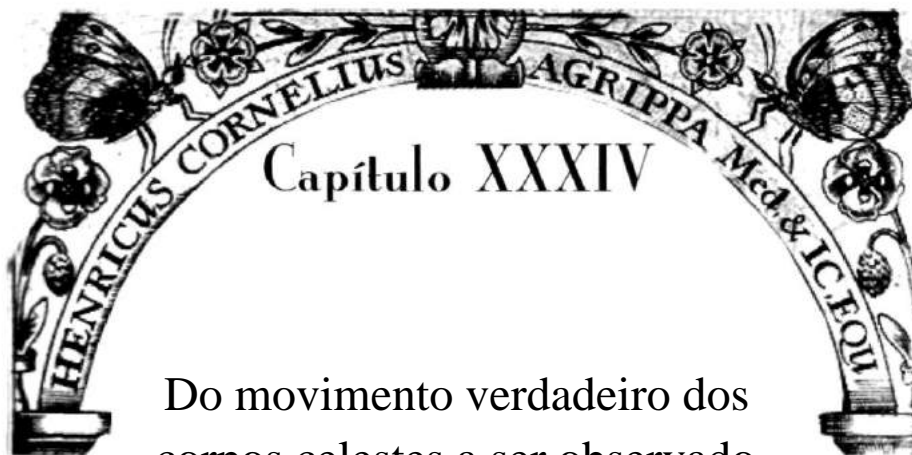
E nessas 28ª mansões se ocultam muitos segredos da sabedoria dos antigos, com a qual eles criavam maravilhas em todas as coisas que se encontram sob o círculo da Lua; e atribuíam a cada mansão suas semelhanças, imagens e selos, bem como sua presidente inteligência; e trabalhavam segundo a virtude delas, das mais diversas maneiras.

Notas - Capítulo XXXIII

1. A Lua é muito mais proeminente na Astrologia hindu que na ocidental.
2. Do árabe *Al Man-azil al Kamr* (Lugares de Descanso da Lua), *manzil* significa o repouso do meio-dia de um homem montado em um camelo no deserto. As mansões talvez sejam a mais antiga divisão dos céus, mais velhas inclusive que o zodíaco. Elas são encontradas na Índia, China, Arábia, Babilônia, Egito, Pérsia e outros locais de antigas civilizações. Os indianos reconhecem 27 mansões e os árabes, 28. A diferença de opinião surge porque a revolução da Lua em torno da Terra leva 27,3 dias. Até a época de Cristo, a lista de mansões começava com as Plêiades no início de Touro, mas depois dessa época foi alterada para as estrelas no início de Áries em decorrência da precessão dos equinócios, sendo essas estrelas associadas à 27ª mansão da série anterior. Três dos nomes das séries chinesa e árabe são os mesmos, pelo menos sugerindo a possibilidade de uma origem comum perdida no tempo. Com típico zelo sincrético, os árabes associavam as mansões com as letras do alfabeto grego (sendo a primeira mansão silenciosa) e com as divisões essenciais do Universo. As mansões eram nomeadas de acordo com as estrelas que ocupavam cada uma - ou talvez fossem as estrelas que recebiam os nomes das mansões.
3. Quando as sete divisões do primeiro quarto do zodíaco são transpostas em segundos de arco, pode-se ver facilmente que elas não são regulares:

1ª Mansão:	46,282''
2ª	46,289''
3ª	46,286''
4ª	46,283''
5ª	46,289''
6ª	46,285''
7ª	46,286''
Total: 324.000 ''	= 90 graus

A medida que Agrippa cita de Abraão ($12^{\circ} 51' 26''$ ou $46,286''$) é, na verdade, muito próxima da 28ª parte do zodíaco: $360^{\circ} \times 3600'' = 1.296.000'' / 28 = 46,285.7''$. E Agrippa diz “quase 26 segundos”, indicando que sabia a medida exata.



Do movimento verdadeiro dos corpos celestes a ser observado na oitava esfera e da base das horas planetárias



quele que quer trabalhar de acordo com a oportunidade celestial deve observar duas coisas, ou uma dentre as duas, a saber: o movimento dos astros ou seus tempos; refiro-me a movimentos quando os astros estão em suas dignidades ou dejeções, essenciais ou acidentais;¹ mas chamo de tempos os dias e as horas distribuídos entre seus domínios. Tudo isso é vastamente ensinado nos livros dos astrólogos; mas aqui nos cabe considerar e observar duas coisas especiais.

Uma é que nós observamos os movimentos e as ascensões e caminhos oscilatórios dos astros,² quando se encontram, na verdade, na oitava esfera, negligência que leva muitos a errar na confecção das imagens celestiais e frustra o efeito desejado.

A outra coisa que devemos observar é o tempo, o momento, de escolher as horas planetárias; pois quase todos os astrólogos dividem todo

o espaço de tempo entre o nascer e o pôr-do-sol, em 12 partes iguais, e as chamam de 12 horas do dia; e o tempo entre o pôr-do-sol e o alvorecer também é dividido em 12 partes iguais, chamadas de 12 horas da noite; e em seguida eles distribuem cada uma dessas horas a um planeta, de acordo com a ordem de suas sucessões, dando sempre a primeira hora do dia ao senhor regente daquele dia, e a cada um por ordem, até o fim de 24 horas.³

E nessa distribuição, os magos concordam com eles; mas na divisão das horas alguns divergem, dizendo que o espaço do nascer e do pôr-do-sol não deve ser dividido em partes iguais, e que essas horas não são chamadas de desiguais porque as diurnas são diferentes das noturnas, mas porque ambas são diferentes mesmo entre si.⁴

Portanto, a divisão de horas desiguais ou planetárias tem um motivo diferente de sua medida

observada pelos magos. Assim como nas horas artificiais, que são sempre iguais entre si, as ascensões de 15 graus⁵ no equinócio⁶ constituem uma hora artificial; também nas horas planetárias

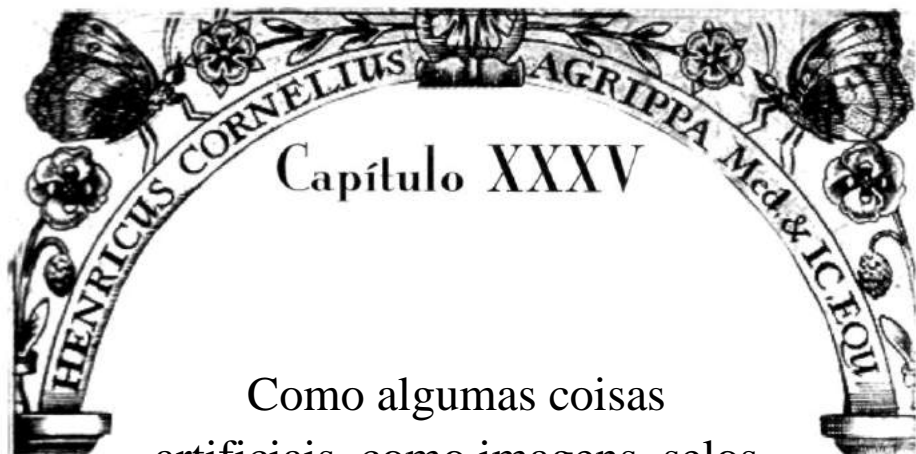
as ascensões de 15 graus na eclíptica constituem uma hora desigual ou planetária, cuja medida devemos investigar e descobrir por meio das tabelas das ascensões oblíquas de cada região.

Dia	Dom.	Seg.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.	Sáb.
1	☉	☾	♂	♁	♃	♅	♁
2	☉+☽	♁	☉	☾	♁	♅+♁	♁
3	♁+♁	♁	☉+☽	♁	☉	☾	♁
4	☾	♁	♁+☽	♁	☉+☽	♁	☉
5	♁	☉	☾	☉	♁+☽	♁	☉+☽
6	♁	☉+☽	♁	☉	☾	♁	☉+☽
7	☉	♁+☽	♁	☉+☽	♁	☉	☉+☽
8	☉+☽	☾	♁	♁+☽	♁	☉+☽	☾
9	♁+☽	♁	☉	☾	♁	♅+♁	♁
10	☾	♁	☉+☽	♁	☉	☾	♁
11	♁	☉	♁+☽	♁	☉+☽	♁	☉
12	☾	☉	☾	♁	♁+☽	♁	☉+☽

Noite	Dom.	Seg.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.	Sáb.
1	♁	♅	♁	☉	☾	♁	♁
2	♁	♅+♁	♁	☉+☽	☾	☉	☾
3	☉	☾	♁	♁+☽	♁	☉+☽	☾
4	☉+☽	☾	☉	☾	♁	♅+♁	♁
5	♁	☉	☉+☽	♁	☉	☾	☉
6	♁	☉+☽	♁	☉	☉+☽	♁	☉+☽
7	☉	♁+☽	♁	☉+☽	☾	♁	☉+☽
8	☉+☽	☾	♁	♁+☽	♁	☉+☽	☾
9	♁+☽	♁	☉	☾	♁	♅+♁	♁
10	☾	♁	☉+☽	♁	☉	☾	♁
11	♁	☉	♁+☽	♁	☉+☽	♁	☉
12	☾	☉	☾	♁	♁+☽	♁	☉+☽

Notas - Capítulo XXXIV

1. Ver nota 7, cap. XXX, l. II.
2. Por causa da inclinação do eixo da Terra, as estrelas e os planetas parecem descrever caminhos que circundam a Terra como oscilações de uma bola de fio, enquanto a Terra segue em sua órbita.
3. Por questão de conveniência, as horas planetárias são especificadas na página seguinte.
4. Isso se deve ao ângulo entre o plano da eclíptica e o plano do Equador, ou equinocial, que resulta da inclinação do eixo da Terra. Metade dos signos do zodíaco - Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário - leva mais de meia hora para ascender. São chamados de signos de longa ascensão. A outra metade do zodíaco - Capricórnio, Aquário, Peixes, Áries, Touro, Gêmeos - leva menos de meia hora para ascender. Esses são chamados de signos de ascensão curta. Essa divisão desigual de tempo se reflete no sistema desigual de casas de Campanus (século XIII), Regiomontanus (século XV) e Plácido (século XVII).
5. Porque $360^\circ : 24 = 15^\circ$.
6. O equador equinocial. Quando o Sol está nesse círculo, ou plano, dia e noite têm exatamente a mesma duração. É o que se chama de equinócio, e, nesses dois dias do ano, as horas artificiais do relógio têm a mesma duração das horas planetárias.



Como algumas coisas artificiais, como imagens, selos e outras, podem obter alguma virtude dos corpos celestes



ão grande é a extensão, o poder e a eficácia dos corpos celestes que não só as coisas naturais, mas também as artificiais, se devidamente expostas a eles, são afetadas por tão poderosos agentes e obtêm uma vida tão maravilhosa que costuma lhes trazer alguma admirável virtude. Aliás, dizia *São Tomás de Aquino*, aquele santo doutor, em seu livro *De Fato*, que até as roupas, as construções e outras obras artificiais recebem alguma qualificação dos astros.

Os magos afirmam que não apenas por meio da mistura e da aplicação das coisas naturais, mas também em imagens, selos, anéis, vidros¹ e outros instrumentos, devidamente elaborados de acordo com certas constelações, alguma ilustração celestial pode ser obtida e alguma coisa maravilhosa e extraordinária pode ser recebida; pois as emanções dos corpos celestes, sendo animadas, vivas, sensuais e trazendo consigo admiráveis dons e um violentíssimo

poder, impingem, ainda que só por um momento e ao primeiro toque, poderes extraordinários nas imagens, embora sua matéria, seja menos apta.²

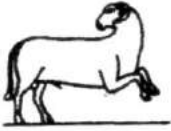
Entretanto, virtudes mais poderosas são conferidas às imagens, se estas forem confeccionadas de determinada matéria, cuja virtude natural e especial seja compatível com o trabalho, desde que a figura da imagem seja igual à da celestial; pois tal imagem, tanto em relação à matéria naturalmente cônica à operação e influência celestial quanto à sua figura ser igual à celestial, é mais bem preparada para receber as operações e os poderes dos corpos e figuras celestiais, e recebe instantaneamente o dom celestial. A partir daí, ela trabalha em caráter constante com as outras coisas, e essas coisas lhe devem obediência.

Por isso, diz *Ptolomeu*, em *Centilóquio*,³ que as coisas inferiores obedecem às celestiais, e não só a elas, mas também às suas imagens; como, por exemplo, os escorpiões obedecem

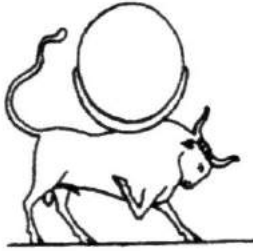
não só ao Escorpião celestial, mas devidamente confeccionada sob sua também à sua imagem, se esta for ascensão e domínio.

Notas - Capítulo XXXV

1. Espelhos mágicos usados para previsões e comunicação com os espíritos. O mais antigo deles é a superfície de um líquido, tal como água, óleo ou tinta. Ver Pausânias (*Guide to Greece* 7.21.5), a respeito do uso de um espelho em adivinhação.
2. Embora a matéria sobre a qual as imagens são formadas seja menos suscetível à influência.
3. Uma obra que consiste em cem aforismos acerca de Astrologia atribuída a Ptolomeu. Às vezes também é chamada de *Fructus librorum suorum*.



Áries



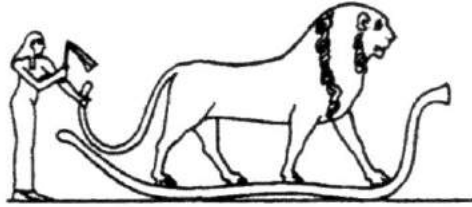
Touro



Gêmeos



Câncer



Leão



Virgem



Libra



Escorpião



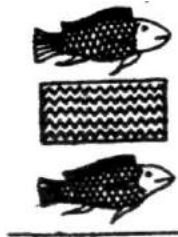
Sagitário



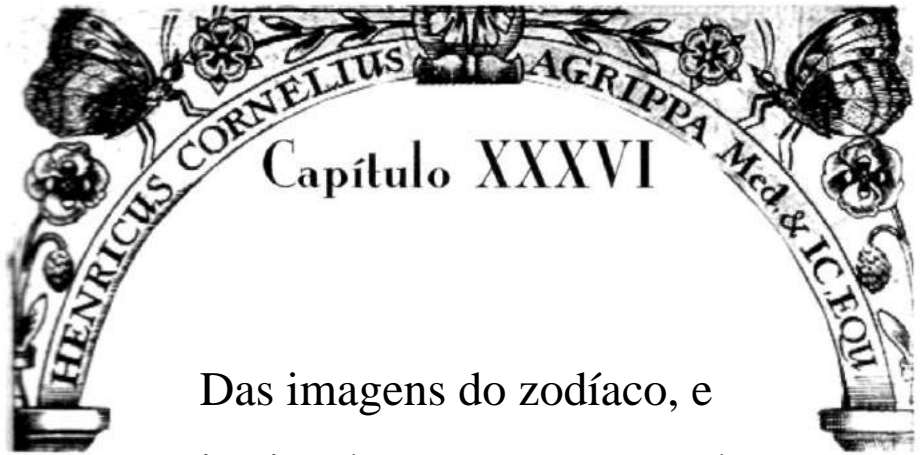
Capricórnio



Aquário



Peixes



Das imagens do zodíaco, e
quais virtudes, uma vez gravadas,
recebem das estrelas



as as imagens celestiais, de acordo com suas semelhanças, são feitas imagens, criam nos céus: algumas visíveis e conspícuas, outras apenas imagináveis, concebidas e elaboradas pelos egípcios, indianos e caldeus; e suas partes são ordenadas de tal forma que até mesmo as figuras de algumas delas são distintas de outras: por esse motivo, colocam-se no círculo do zodíaco 12 imagens gerais,¹ de acordo com o número de signos.

Destas, afirma-se que as que constituem Áries, Leão e Sagitário, por sua triplicidade incandescente e oriental, são² úteis contra febre, paralisia, hidropisia, gota, e todos os resfriados e enfermidades fleumáticas; o indivíduo que porta consigo tais imagens se torna aceitável, eloquente, engenhoso e honorável, porque elas são as casas de Marte, do Sol e de Júpiter. Também se fazia a imagem de um leão contra

hidropisia, peste, febre e para dissipar doenças, na hora do Sol, o primeiro grau do signo de Leão ascendente, que é a face e o decanato³ de Júpiter. Mas contra pedras nos rins e outras doenças renais e ferimentos causados por animais era feita a mesma imagem, quando o Sol está no coração do Leão, no meio do céu.⁴ E, novamente, porque Gêmeos, Libra e Aquário constituem a triplicidade aérea e ocidental, e são as casas de Mercúrio, Vênus e Saturno, acreditava-se que afastavam doenças, conduziam à amizade e à concórdia, prevaleciam contra melancolia e promoviam saúde; e dizem que Aquário particularmente liberta a pessoa da febre quartã.

Também Câncer, Escorpião e Peixes, sendo da triplicidade da água e do norte, prevalecem contra febres quentes ou frias, também contra a hética⁵ e todas as disposições coléricas; mas Escorpião, que rege as partes íntimas, provoca luxúria, com sua

face ascendente, que pertence a Vênus. E o mesmo era feito contra serpentes e escorpiões, venenos e espíritos maus, sua segunda face ascendente, que é a face do Sol⁶ e decanato de Júpiter. E diz-se também que aquele que tal portasse se tornaria sábio e de boa cor;⁷ e dizem que a imagem de Câncer é bastante eficaz contra serpentes e venenos, quando o Sol e a Lua estão em conjunção nesse signo, e ascendem na primeira e terceira face; pois essa é a face de Vênus e o decanato da Lua; mas a segunda face da Lua, o decanato de

Júpiter: informam-nos também que as serpentes são atormentadas quando o Sol está em Câncer.

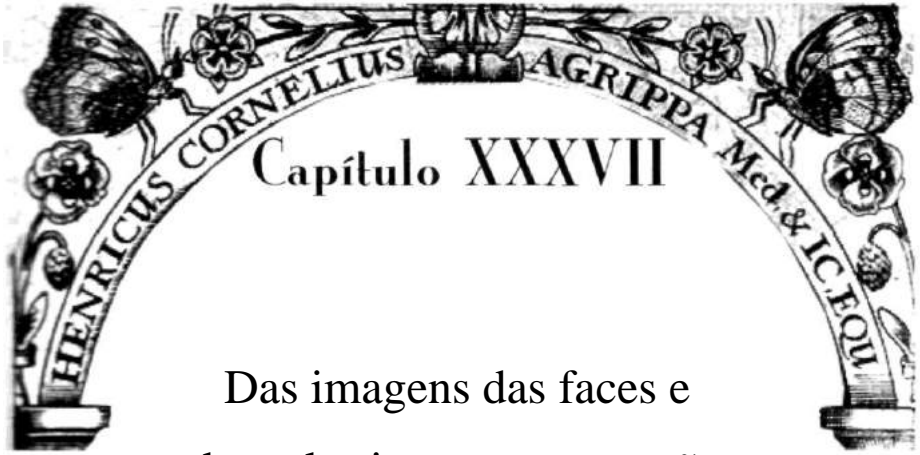
Também Touro, Virgem e Capricórnio, constituindo a triplicidade terrestre e do Sol, cura enfermidades quentes e prevalecem contra a febre sínoca;⁸ torna seu portador um indivíduo grato, aceitável, eloquente, devoto e religioso, porque são eles as casas de Vênus, Mercúrio e Saturno: também se afirma que Capricórnio mantém os homens em segurança e os protege, pois é a exaltação de Marte.

Notas - Capítulo XXXVI

1. Universalmente aceitas e reconhecidas.
2. Isto é, a imagem assim constituída.
3. As decanias são divisões dos signos do zodíaco em três partes, cada qual contendo dez graus. Nesse sentido, são iguais às faces, o termo usado por Agrippa. A primeira decania em cada signo é fortemente da natureza do signo e é regida por seu planeta regente. A segunda decania é regida pelo planeta regente do signo seguinte na triplicidade elemental a que pertence o signo. A terceira decania é regida pelo planeta regente do terceiro signo da mesma triplicidade elemental. A tabela a seguir mostra as decanias (decanatos) e os planetas que as regem.

Signo	1ª	2ª	3ª
♈	♈	♉	♊
♉	♈	♈	♈
♊	♈	♈	♈
♋	♈	♈	♈
♌	♈	♈	♈
♍	♈	♈	♈
♎	♈	♈	♈
♏	♈	♈	♈
♐	♈	♈	♈
♑	♈	♈	♈
♒	♈	♈	♈
♓	♈	♈	♈

4. Ou seja, quando o Sol no decano do meio de Leão estava na décima casa, meio-céu.
5. Consumpção por febre lenta ou tuberculose. É caracterizada por vermelhidão nas bochechas e a pele quente e seca.
6. Ver tabela, nota 5, cap. XXX, l. II.
7. Corado de saúde.
8. Uma febre contínua acompanhada de inflamação.



Das imagens das faces e daquelas imagens que estão fora do zodíaco



O zodíaco, existem ainda 36 imagens,¹ de acordo com o número das faces, das quais (como narra *Porfírio Teucer*, o Babilônio, teria escrito já há muito tempo - como um antigo matemático -, inspirando muitos escritos árabes posteriores.

Diz-se, portanto, que na primeira face de Áries ascende a imagem de um homem negro, de pé, que vestia uma roupa branca e um cinto, de grandioso corpo, com olhos vermelhos e grande força, e com a aparência de estar zangado; e essa imagem significa e promove coragem, fortitude, imponência e intrepidez: na segunda face ascende uma forma de mulher, vestida em roupa vermelha e outra branca por baixo, que espalha sobre seus pés, e essa imagem promove nobreza, poder de um reino e grandeza de domínio: na terceira face sobe a figura de um homem branco, pálido, com cabelos ruivos, e vestindo uma roupa vermelha, carregando em uma das mãos um bracelete dourado e na outra um cajado de madeira,

de aparência incansável e irado, pois não pode realizar o bem que deseja. Essa imagem traz inteligência, humildade, alegria e beleza.

Na primeira face de Touro ascende um homem nu, um arqueiro, um fazendeiro ou um agricultor, que se empenha em semear, arar, construir, cultivar e dividir a Terra, de acordo com as regras da geometria: na segunda face ascende um homem nu, segurando uma chave na mão; a imagem dá poder, nobreza e domínio sobre as pessoas; na terceira face, ascende um homem em cuja mão há uma serpente e um dardo, e é a imagem de necessidade e lucro e também da miséria e escravidão.

Na primeira face de Gêmeos ascende um homem em cuja mão se encontra uma vara, e ele serve a outro homem; a imagem confere sabedoria e o conhecimento dos números e das artes que não envolvem lucro; na segunda face ascende um homem em cuja mão há uma flauta e outro curvado, cavando a terra; e elas indicam agilidade infame e desonesta, como a

dos ilusionistas e bobos da corte; a imagem também significa labor e busca árdua; na terceira, um homem em busca de armas e um tolo segurando na mão direita um pássaro e na esquerda, uma flauta; elas têm o significado de esquecimento, ira, audácia, brincadeiras, piadas e palavras inaproveitáveis.

Na primeira face de Câncer, ascende a forma de uma jovem virgem, vestida com belas roupas e com uma coroa na cabeça; ela promove agudeza dos sentidos, uma inteligência sutil e o amor dos homens; na segunda face ascende um homem elegantemente vestido ou um homem ou mulher sentados à mesa e jogando; promove riquezas, jovialidade, alegria e o amor das mulheres; na terceira face, ascende um homem, um caçador com lança e trompa, chamando cães para a caça; o significado dessa imagem é a contenda dos homens, a perseguição daqueles que fogem, a caça e a tomada de posse das coisas por meio de armas e disputas.

Na primeira face de Leão, ascende um homem montado em um leão; significa audácia, violência, crueldade, maldade, luxúria e um labor a ser realizado; na segunda sobe uma imagem com as mãos voltadas para cima e um homem cuja cabeça é uma coroa; ele tem a aparência de um homem zangado, que ameaça, tendo na mão direita um espada desembainhada e na esquerda um broquel; ela indica contendas ocultas e vitórias desconhecidas, e diz respeito também aos homens plebeus e às ocasiões de brigas e batalhas: na terceira face ascende, um jovem em cuja mão se encontra um chicote e um homem muito triste, de aspecto doentio; as imagens significam amor e

sociedade e a perda do direito de um indivíduo por evitar disputas.

Na primeira face de Virgem, ascende a figura de uma boa donzela e um homem espalhando sementes; a imagem indica obtenção de riqueza, necessidade de dieta, arado, semeadura e cultivo; na segunda face, ascende um homem negro, vestido com uma pele de animal, e um homem com um tufo de cabelos, segurando uma sacola; indicam ganhos financeiros, ganância por riqueza e cobiça: na terceira face ascende uma mulher branca e surda ou um homem velho apoiado em um cajado; o significado disso é mostrar fraqueza, enfermidade, perda de membros, destruição de árvores e despovoação de terras.

Na primeira face de Libra, ascende a forma de um homem zangado, em cuja mão há uma flauta, e a forma de um homem lendo um livro; essa operação justifica e ajuda os agoniados e fracos contra os poderosos e perversos: na segunda face, ascendem dois homens elegantemente vestidos, sentados em uma cadeira; e o significado é mostrar indignação contra o mal e tranquilidade e segurança de vida, com abundância de coisas boas; na terceira face, ascende um homem violento segurando um arco e, diante dele, um homem nu e ainda outro homem segurando pão em uma mão e um cálice de vinho na outra; o significado é mostrar desejos perversos, cantos e esportes ímpios e gula.

Na primeira face de Escorpião, ascende uma mulher de rosto belo e bons hábitos e dois homens batendo nela; tais operações se referem à atração física, beleza e querelas, bem como traições, enganos, difamações e perdições; na segunda face, ascendem um

homem nu e uma mulher nua e um homem sentado sobre a terra e, diante dele, dois cães se mordendo: essa operação indica impudência, engodo e falsidade e a disseminação de maldade e contenda entre os homens; na terceira face, ascende um homem curvado sobre os joelhos e uma mulher batendo nele com um cajado; o significado é de bebedeira, fornicação, ira, violência e contenda.

Na primeira face de Sagitário, ascende a forma de um homem armado, com cota de malha, segurando uma espada desnuda na mão; essa operação é para coragem, astúcia e liberdade; na segunda face, ascende uma mulher chorando, coberta de roupas; seu significado é o de tristeza e medo do próprio corpo; na terceira face, sobe um homem cuja cor parece dourada, ou um homem ocioso brincando com um cajado; e o significado disso é nós seguirmos nossa vontade pessoal, obstinação, atividades do mal, contenções e horríveis problemas.

Na primeira face de Capricórnio, ascende a forma de uma mulher e um homem carregando sacolas cheias; e o significado é ir em frente e regozijar, ganhar e perder, com fraqueza e baixaza: na segunda face, ascendem duas mulheres e um homem olhando para um pássaro em voo; e a imagem indica a necessidade daquelas coisas que nunca podem ser feitas e a busca pelas coisas não pode ser conhecida; na terceira face, ascende um mulher casta de corpo, ábia de obras e um banqueiro contando seu dinheiro sobre a mesa; a imagem indica governo com prudência, cobiça de dinheiro e avareza.

Na primeira face de Aquário, ascende a forma de um homem

prudente e de uma mulher tecendo; o significado é o pensamento e o empenho para se obter ganho financeiro, pobreza e baixaza. Na segunda face, ascende a forma de um homem com barba longa, indicando compreensão, humildade, modéstia, liberdade e boas maneiras; na terceira face, ascende um homem negro e zangado, e o significado dessa imagem é a expressão de insolência e impudência.

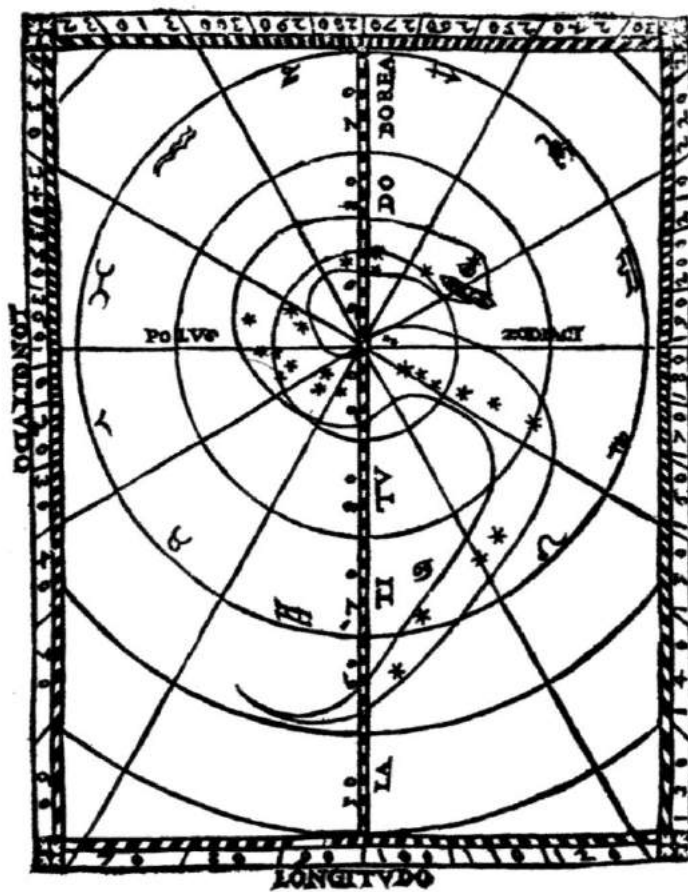
Na primeira face de Peixes, ascende um homem carregando fardos sobre os ombros, bem vestido; ela diz respeito a viagens, a mudança de lugar, e ao cuidado para enriquecer e obter roupas; na segunda face, ascende uma mulher de boa aparência, bem enfeitada; e o significado é o desejo de alguém se colocar em posição de destaque; na terceira face, ascende um homem nu e um jovem, e perto dele uma bonita donzela com a cabeça enfeitada com flores; e a imagem indica descanso, ócio, deleite, fornicação e o carinho das mulheres. E basta, a respeito das imagens das faces.

Além dessas, há no zodíaco 360 imagens, de acordo com o número dos graus, cujas formas *Pedro de Abano* descreveu.²

Fora do zodíaco, há figuras gerais, que *Hyginus* e *Aratus* descrevem para nós, e muito específicas, de acordo com o número de faces e graus, de cuja existência se falássemos nos estenderíamos muito; mas destas as principais são explicadas: Pégaso,³ que prevalece contra as doenças dos cavalos e protege os cavaleiros em batalha: em seguida, há Andrômeda,⁴ que promove o amor entre marido e mulher, famosa até por reconciliar os adúlteros; Cassiopeia⁵ restaura a força aos corpos enfraquecidos e

fortalece os membros; Serpentário⁶ elimina os venenos e cura mordidas de animais venenos; Hércules⁷ dá vitória em guerras; o Dragão⁸ com as Ursas⁹ torna um homem habilidoso, engenhoso, valente, aceitável aos deuses e aos homens; Hidra¹⁰ confere sabedoria e riqueza e oferece resistência aos venenos; Centauro¹¹ confere saúde e vida longa; Ara¹² conserva a castidade e deixa uma pessoa aceitável aos deuses; Baleia¹³ torna a pessoa amável, prudente, feliz, tanto em mar quanto em terra, e a ajuda a recuperar os bens

perdidos; o Navio¹⁴ promove a segurança nos mares; a Lebre¹⁵ prevalece contra a mentira e a loucura; o Cão¹⁶ cura hidropisia, resiste à peste, e também protege contra animais e criaturas ferozes; Órion¹⁷ concede a vitória e a Águia¹⁸ traz novas honrarias; e preserva os velhos; o Cisne¹⁹ elimina paralisia e a febre quartã; Perseu²⁰ liberta da inveja e das feitiçarias e protege contra relâmpagos e tempestades; o Cervo²¹ protege as pessoas frenéticas e enlouquecidas. Agora, já foi dito o suficiente.



Constelação do Dragão

Extraído de Theatrum Mundi, de Giovanni Paolo Gallucci (Veneza, 1588)

Notas - Capítulo XXXVII

1. Descritas em *Picatrix*, um grimório medieval popular.
2. Pedro de Abano fala das imagens astronômicas dos 360 graus dos céus em sua obra *Conciliator*, escrita por volta de 1303. Johannes Ângelus reimprimiu *Astrolabium planum*, de Pedro, em Veneza, em 1488, sob o título de *Opus astrolabii plani in tabulis: a Iohanne Angeli*, e incluiu nessa obra a seção de Abano, que descreveu os 360 espíritos, levando algumas pessoas a atribuir esses espíritos incorretamente a Johannes Ângelus.
3. Constelação boreal do cavalo alado.
4. Constelação boreal de Andrômeda, a filha mítica de Cefeu e Cassiopeia, que foi amarrada a uma rocha como sacrifício a um monstro marinho, mas foi salva pelo herói Perseu.
5. Constelação boreal representando a figura sentada da mãe de Andrômeda. Ela despertou a ira de Netuno, afirmando que era mais bela que as Nereidas. Netuno mandou um monstro marinho contra o reino, que só poderia ser dominado pelo sacrifício de Andrômeda.
6. Serpente, a constelação representando uma serpente.
7. Constelação boreal representando o herói sobre um joelho, puxando um arco, com o pé em cima da cabeça do Dragão.
8. Constelação boreal que se espalha em volta da Ursa Menor e termina perto da Ursa Maior.
9. Ursa Menor e Ursa Maior, também conhecidas em inglês como *Little Dipper* e *Big Dipper*.
10. Uma constelação austral, estendida, representando a serpente marinha do lago Lerna em Árgolis, que foi morta por Hércules em um de seus 12 trabalhos.
11. Constelação austral, que representa um centauro, animal mítico metade cavalo e metade homem. Os centauros eram conhecidos por terem vida longa.
12. Pequena constelação austral que representa um altar.
13. Constelação fundamentalmente austral, que representa uma baleia.
14. Argo, a nau em que Jasão viajou em busca do velo de ouro. Essa constelação austral era tão grande que foi dividida em quatro partes: Carina (proa), Puppis (popa), Vela (as velas) e Pyxis (bússola).
15. Constelação austral (em inglês, também, *Lepus*).
16. Constelação austral do Cão Maior, que contém Sírio (Sirius), a Estrela do Cão.
17. O caçador, o gigante morto por Ártemis e colocado no céu.
18. Constelação boreal de Áquila.
19. Constelação boreal (em inglês, *Cygnus*).
20. Constelação boreal que representa o herói.
21. O Veado era uma constelação egípcia, mostrada por Petosiris, que correspondia mais ou menos à Cassiopeia. Não é mais reconhecida. Era chamada de Cerva (a gazela) pelo astrônomo alemão Johann Bayer (1572-1625), que a descreveu em sua obra *Uranometria* (1603) e a localizava ao sul de Peixes.



Das imagens de Saturno



gora falaremos das imagens que eram atribuídas aos planetas, embora de tais coisas grandes volumes tenham sido escritos pelos antigos sábios, de maneira que não há necessidade de declará-las aqui. Recitarei, porém, algumas delas. Das operações de Saturno, com Saturno ascendendo, em uma pedra que é chamada de magnetita, a imagem de um homem tendo o semblante de um cervo, os pés de um camelo e sentado sobre uma cadeira ou um dragão,¹ segurando na mão uma foice e na esquerda um dardo; imagem que eles esperavam ser útil para o prolongamento da vida; pois *Albumasar*, em seu livro *Sadar*, prova que Saturno conduz ao prolongamento da vida: no qual também ele conta que em certas regiões da Índia, sujeitas a Saturno, há homens de vida muito longa que só morrem em uma idade extremamente avançada.

Outra imagem foi feita de Saturno para a duração de dias em uma safira, na hora de Saturno, com Saturno ascendendo, ou em constituição favorável, cuja figura era um velho sentado em um trono, com as mãos erguidas acima da cabeça, e com elas segurando

um peixe ou uma foice, sob os pés, um cacho de uvas,² a cabeça coberta com um pano preto ou de cor escura, tendo todas as roupas pretas ou também de cor escura: essa imagem também é usada contra pedras³ e outras doenças renais, ou seja, na hora de Saturno, com o planeta ascendendo com a terceira face de Aquário.

Também das operações de Saturno se fazia uma imagem para aumentar poder, com Saturno ascendendo em Capricórnio, cuja forma era um velho apoiado em um cajado, tendo na mão uma foice torta e vestido de preto.⁴

Também se fazia uma imagem de cobre derretido, Saturno ascendendo ao nascer, isto é, no primeiro grau de Áries, ou o que é mais verdadeiro no primeiro de Capricórnio - imagem que, segundo diziam, falava com uma voz de homem.⁵

Das operações de Saturno e de Mercúrio, outra imagem era feita, de metal fundido, de um homem belo, a qual, garantia-se, previa eventos futuros; e era feita no dia de Mercúrio, na terceira hora de Saturno, com o signo de Gêmeos ascendendo na casa de Mercúrio, indicando profetas, como Saturno e Mercúrio, em

conjunção em Aquário no nono lugar do céu, que também é chamado de Deus;⁶ além disso, que Saturno tenha um aspecto trino sobre o ascendente, e a Lua idem, e o Sol um aspecto no lugar da conjunção. Vênus obtendo algum ângulo pode ser poderoso e ocidental;

que Marte seja combusta pelo Sol, mas que não tenha um aspecto voltado para Saturno e Mercúrio; pois diziam que o esplendor dos poderes desses astros era difundido sobre essa imagem e falava com os homens, declarando coisas que lhes seriam úteis.

Notas - Capítulo XXXVIII

1. “A forma de Saturno, na opinião da venerável *Picatrix*, é a de um homem sentado em um trono, tendo cabeça de corvo e pés de camelo”. (*Picatrix*, citado por Sez nec [1940] 1972, 1:2:55)

2. Os manuscritos latinos de *Picatrix* contêm variantes capazes de produzir imagens totalmente diferentes: assim, a figura de Saturno, “de acordo com o douto Mercúrio”, é a de um homem tendo sob os pés, como afirmam alguns textos, “*similem unius lagori id est racam*”; em outros, “*aliquid simile racemo*”. No primeiro caso, um lagarto deve ser visto sob os pés de Saturno; no segundo, um cacho de uvas (Sez nec [1940] 1972, 2:1:182).

3. Pedras nos rins e, talvez, na Vesícula também. “Cortar para tirar as pedras” era um dos menos agradáveis aspectos da vida medieval, uma vez que não havia anestesia. John Evelyn descreve como seria uma operação típica:

O modo de remoção era assim: a pessoa doente tinha sua camisa retirada e era amarrada, pelos braços e coxas, a uma cadeira alta. Dois homens forçavam-lhe os ombros para baixo. Em seguida, o cirurgião procurava com um instrumento curvado até tocar a pedra. Depois disso, sem mover o instrumento - que tinha um pequeno canal para a borda da lanceta passar - e sem ferir nenhuma outra parte, fazia uma incisão de cerca de uma polegada e meia através do escroto. Então, enfiava os dedos para trazer a pedra o mais perto possível do orifício da ferida e, com outro instrumento parecido com o pescoço de um grou, ele a puxava para fora com incrível tortura para o paciente - principalmente porque perscrutava cruelmente a Vesícula, acima e abaixo, com um terceiro instrumento, à procura de outras pedras que poderiam ter sobrado: e a efusão de sangue era grande (*John Evelyn's Diary*, 3 de maio de 1650 [Londres: Folio Society, 1963], 77).

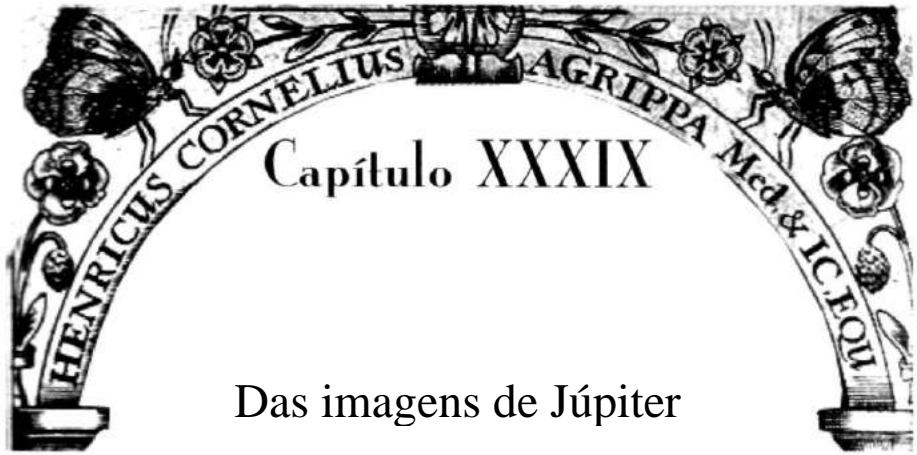
Desnecessário dizer que qualquer meio mágico de evitar a operação era procurado com grande ansiedade — o próprio irmão de Evelyn morreu, não deixando que o cortassem dessa maneira.

4. Ver ilustração 64 em Sez nec ([1940] 1972), em que essa imagem é representada em um manuscrito da biblioteca do Vaticano.

5. Parece a descrição de outra cabeça de bronze oracular, que costumava ser associada a Saturno. Ver notas 22 e 23, cap. I, I.II.

6. As casas do zodíaco tinham nomes antigos, que eram:

I	Horóscopo	VII	Ocidente
II	Portão do Inferno	VIII	Começo da Morte
III	Deusa	IX	Deus
IV	Meio-céu inferior	X	Meio-céu
V	Boa fortuna	XI	Bom demônio
VI	Má fortuna	XII	Mau demônio



Das imagens de Júpiter

Das operações de Júpiter era feita, para a prolongação da vida, uma imagem, na hora de Júpiter, estando ele em sua exaltação felizmente ascendendo, e uma pedra clara e branca, cuja figura era um homem coroadado, vestindo trajes de um tom açafião, montado em uma águia ou dragão, tendo na mão direita um dardo pronto para golpear com o objeto a cabeça da mesma águia ou dragão.¹

Também fizeram outra imagem de Júpiter na mesma conveniente situação, em uma pedra clara e branca, especialmente em cristal, e era um

homem nu coroadado, tendo as mãos juntas e erguidas, como se suplicasse algo, sentado em uma cadeira com quatro pés, que é carregada por quatro meninos alados;² e afirma-se que essa imagem aumenta a felicidade, as riquezas, a honra, confere benevolência e prosperidade e liberta dos inimigos.

Também foi feita outra imagem de Júpiter para uma vida religiosa e gloriosa, um avanço da fortuna; cuja figura era um homem com cabeça de leão, ou carneiro,³ e pés de águia, vestindo roupas em tom de açafião, e ele era chamado de o filho de Júpiter.

Notas - Capítulo XXXIX

1. Ver Seznec 1972 [1940], ilustração 71, que mostra esse Júpiter.
2. Ver Seznec 1972 [1940], ilustração 12. Essa imagem é de *Picatrix*. Seznec explica que é originária da figura de Zeus descrita por Pausânias (*Guide to Greece* 5.11.1-2).
3. Talvez oriunda de Zeus Amon ou até mesmo de Mitra.



Figuras dos Planetas

Extraído de Secrets merveilleux de la magie naturelle et cabalistique, de Petit

Albert (Colônia, 1722)



as operações de Marte se fazia uma imagem na hora de Marte, com ele ascendendo na segunda face de Áries, em uma pedra marcial, especialmente diamante;¹ sua forma era a de um homem armado, montado em um leão, tendo na mão direita uma espada desnuda ereta; na mão esquerda uma imagem desse tipo mostrava um homem poderoso, no bem e no mal, sendo portanto temido por todos; e quem portar tal imagem recebe o

poder do encantamento, tornando-se capaz de aterrorizar os homens com sua aparência, quando estiver zangado, ou deixá-los atordoados.

Outra imagem de Marte foi feita para a obtenção de coragem, audácia e boa sorte nas guerras e contensões, cuja forma era um soldado armado e coroadado, portando espada, carregando na mão direita uma lança longa; e isso era feito na hora de Marte, a primeira face de Escorpião ascendendo com o planeta.

Notas - Capítulo XL

1. O diamante era a pedra de Marte por causa de sua dureza. É difícil imaginar como um diamante podia ser trabalhado na Antiguidade. Os fabricantes de gemas usavam varetas com pontas cobertas de pó de diamante para perfurar outras pedras, mas usar diamante para entalhar diamante, mesmo com máquinas modernas, é um negócio laborioso.



Has operações do Sol era feita uma imagem na hora do Sol, a primeira face de Leão ascendendo com o Sol, cuja forma era a de um rei coroado, sentado em uma cadeira, com um corvo no peito e sob os pés um globo; suas roupas têm cor de açafraão. Dizem que essa imagem torna o homem invencível e honorável e ajuda a trazer um bom resultado final aos seus afazeres, além de afastar sonhos fúteis. Também é útil contra febres e contra a peste; e a imagem era feita de glande,¹ ou rubim,² na hora do Sol, ascendente em sua exaltação.

Outra imagem do Sol era feita em um diamante, na hora do Sol, ascendendo em sua exaltação; essa figura era a de uma mulher coroada com o gesto de quem dança e ri, de pé, em uma carruagem puxada por quatro cavalos, segurando um espelho na mão direita e, na esquerda, um cajado, encostando-se no peito e com uma chama na cabeça; dizem que essa imagem faz um homem afortunado e rico, amado por todos; e tal imagem era feita de cornalina na hora do Sol, ascendendo na primeira face de Leão, contra paixões lunares que procedem da combustão³ da Lua.

Notas - Capítulo XLI

1. Há duas espécies de glandes [“pedra de bolota”], uma de coloração esverdeada e a outra como o bronze de Corinto em aparência; a primeira vem de Coptos e a última, de Troglodítica. Ambas são permeadas por uma veia com aspecto de chama, que parece atravessá-las (Plínio 37.55 [Bostock e Riley, 6:443]).

A *Chambers Cyclopaedia Supplement* de 1753 apresenta a conjetura de que essa pedra pode ser a mesma que a *lapis judaicus*, ou *Jewstone*, da qual também há duas espécies: a espinha fóssil de um grande ouriço-do-mar encontrado na Síria, que tinha uso medicinal, particularmente contra pedras nos rins, e marcassita, que é pirita de ferro de cor prata.

2. Rubi.

3. Ver nota 6, cap. XXX, I. II.



Das imagens de Vênus



As operações de Vênus era feita uma imagem, disponível para o favor e a benevolência, e na hora devida ascendia em Peixes, e cuja torma era a imagem de uma mulher com cabeça de pássaro e pés de águia, segurando um dardo na mão.

Outra imagem de Vênus era feita para se obter o amor das mulheres, de lápis-lazúli, na hora de Vênus ascendendo em Touro, e cuja figura era uma donzela nua com os cabelos soltos, segurando na mão um espelho e com uma corrente em volta do pescoço, e um jovem bonito próximo a ela, segurando-a pela corrente com

a mão esquerda, mas com a direita arrumando-lhe os cabelos; e os dois se entreolham com muito amor, e nas proximidades se vê um menino alado¹ segurando uma espada ou um dardo.

Outra imagem existia também com a primeira face de Touro ou Libra ou Peixes ascendendo com Vênus, cuja figura era uma pequena donzela com os cabelos soltos, vestindo trajes longos e brancos, segurando uma coroa de louros,² uma maçã³ ou flores, na mão direita, e um pente, na mão esquerda. Dizem que ela tornava os homens agradáveis, alegres, fortes, animados e também conferia beleza.



Notas - Capítulo XLII

1. Cupido, filho de Vênus.
2. Uma coroa de louros era oferecida como coroa da vitória nos jogos de Pítia na antiga Grécia. É um símbolo de vitória e, por extensão, de paz.
3. Símbolo de amor erótico, a maçã e outras frutas vermelhas eram consideradas afrodisíacas.



Das operações de Mercúrio era feita uma imagem na hora de Mercúrio, com ele ascendendo em Gêmeos, cuja forma era a de um rapaz bonito, com barba, tendo na mão esquerda uma vara, por onde se enrola uma serpente,¹ e na direita um dardo,² e os pés alados. Dizem que essa imagem confere conhecimento, eloquência, diligência em comércio e lu-

cro; além disso, ela promove paz e concórdia e cura febres.

Outra imagem era feita de Mercúrio: ele ascendendo em Virgem, para a boa vontade, juízo e memória, cuja forma era um homem sentado em uma cadeira ou montado em um pavão, tendo pés de águia, uma crista na cabeça e na mão direita um galo ou um fogo.

Notas - Capítulo XLIII

1. O caduceu, que se tornou o símbolo moderno da Medicina.
2. Talvez uma flauta. Ver Sez nec [1940] 1972, ilustrações 82 e 83.



Das operações da Lua fazia-se uma imagem para os viajantes contra o cansaço, na hora da Lua, este ascendendo em sua exaltação; a figura de um homem apoiado em um cajado, tendo um pássaro sobre a cabeça e uma árvore florescendo diante dele.

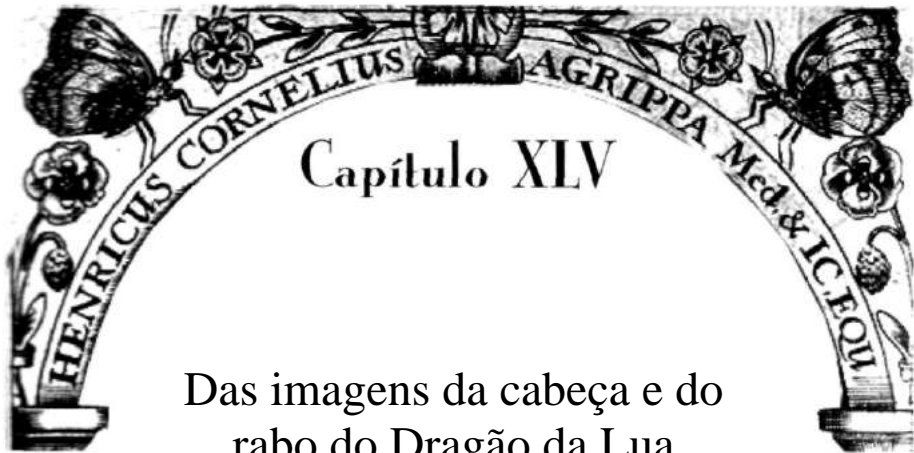
Era feita também outra imagem da Lua para aumentar os frutos da Terra, contra venenos e enfermidades infantis, na hora da Lua, com ela as-

cendendo na primeira face de Câncer, a figura de uma mulher cornífera¹ montada em um touro, ou em um dragão com sete cabeças² ou em um caranguejo;³ na mão direita, ela tem um dardo, na esquerda, um espelho, está vestida de branco ou verde, e tem sobre a cabeça duas serpentes com chifres entrelaçadas e uma serpente enrolada⁴ em cada braço e também uma em cada pé.

E, assim, a conversa a respeito das figuras dos planetas já basta.

Notas - Capítulo XLIV

1. Com chifres.
2. Ver Apocalipse 12:3 e 17:3.
3. A Lua é regente de Câncer, o Caranguejo.
4. Um símbolo conhecido da deusa Ishtar, intimamente relacionado à Lua.



Das imagens da cabeça e do rabo do Dragão da Lua



outra imagem era feita da cabeça e do rabo do Dragão da Lua,¹ a saber, entre um círculo aéreo e incandescente, à semelhança de uma serpente, com a cabeça de um gavião amarrada a eles, como a grande letra teta,² e era feita quando Júpiter com a Cabeça alcançava o meio³ do céu; imagem essa que eles afirmavam garantir boa parte do sucesso das petições e que indicava um gênio bom e afortunado, representado por essa imagem da serpente.

Pois os egípcios e fenícios exaltam essa criatura acima de todas as outras, e dizem que ela é uma criatura divina e tem uma natureza divina; pois nela habita um espírito mais refinado e maior que em qualquer outra, o que se manifesta tanto por seus movimentos rápidos sem pés, mãos

ou outros instrumentos quanto por sempre renovar a própria idade com a pele, tornando-se jovem de novo.⁴ Mas a imagem da Cauda era feita quando a Lua se encontrava eclipsada, na Cauda, ou afetada por Saturno ou Marte, e tinha o intuito de trazer angústia, enfermidade e infortúnio; e eles a chamavam de gênio do mal. Uma imagem assim fora incluída pelos hebreus em um cinturão dourado de joias, que *Blanche*, filha do duque de *Bourbon* (por vontade própria ou ignorando o fato), deu ao seu marido *Pedro*, rei da Espanha, o primeiro desse nome, que quando a usava parecia estar envolto por uma serpente; e posteriormente encontraria uma virtude mágica no cinturão, o que o levou a abandonar a esposa.⁵



Notas - Capítulo XLV

1. Os nodos da Lua são os pontos em espaço nos quais os caminhos da Lua e do Sol intersectam - não há Lua nem Sol nesses pontos, mas os lugares em que seus círculos se cruzam. Quando a Lua surge e sobe além da eclíptica ou do plano do Sol, o ponto de interseção é chamado de nodo de ascensão, ou *Caput Draconis* (Cabeça do Dragão); quando a Lua passa de cima para baixo da eclíptica, o ponto é chamado de nodo de descensão, ou *Cauda Draconis* (Cauda do Dragão). Esses pontos não são fixos, mas se movem em um círculo em volta do zodíaco, formando diferentes aspectos com os planetas e outros pontos astrológicos significativos. Estão sempre localizados a 180° entre si.

2. A letra grega de forma: Θ , diferente da letra manuscrita: θ .

3. Meio-céu.

4. Eu sou a serpente Sata cujos anos são infinitos. Deito-me e morro. Nasço todos os dias. Sou a serpente Sa-en-ta, habitante das partes mais profundas da terra. Deito-me na morte. Nasço, renovo-me, renovo minha juventude todos os dias” (*O Livro dos Mortos* 87, “Of Changing into the Serpent Sata”, traduzido por E. A. Wallis Budge [Nova York: University Books, 1970 ([1913]) 544-5).

Horápolo diz o seguinte dos egípcios:

Quando queriam representar o Universo, eles delineavam uma serpente cravejada de escamas matizadas devorando a própria cauda; as escamas representando as estrelas no Universo. O animal é também extremamente pesado, como a terra, e extremamente escorregadio, como a água; além disso, todos os anos, a serpente renova a própria idade com a pele, assim como o Universo efetua uma mudança correspondente todos os anos e se renova. E o uso do próprio corpo como alimento implica que todas as coisas geradas pela providência divina no mundo sofrem uma corrupção e a ela retornam (Horápolo, *Hieroglyphics*, 1.2 [Cory, 7-8]).

5. Ver nota biográfica para Pedro, o Cruel.



Das imagens das mansões da Lua



ambém são feitas imagens para todas as mansões da Lua.

Na primeira, para a destruição de alguém, era feita em um anel de ferro a imagem de um homem negro trajando uma vestimenta de pelos, usando um cinturão, arremessando uma pequena lança com a mão direita; essa imagem era selada em cera negra e perfumada com estoraque líquido,¹ e sobre ela se desejava que viesse o mal.

Na segunda, contra a ira do príncipe, e para a reconciliação com ele, era selada em cera branca e almécega uma imagem de um rei coroado, perfumada com aloe lenhosa.

Na terceira, era feita uma imagem em um anel de prata, com a parte frontal quadrada e a figura de uma mulher bem vestida sentada em uma cadeira, com a mão direita erguida até a cabeça; era selada e perfumada com almíscar, cânfora e cálamo-aromático (ácoro).² Afirmava-se que tal imagem trazia boa sorte e todas as coisas boas. Na quarta, para vingança, separação, inimizade e má vontade, era selada em cera vermelha a imagem de um soldado sentado sobre um cavalo, segurando uma serpente na mão

direita; era perfumada com mirra vermelha e estoraque.

Na quinta, para se obter o favor de reis e oficiais e um bom entretenimento, era selada em prata a cabeça de um homem, sendo perfumada com sândalo.

Na sexta, para a obtenção de amor entre duas pessoas, eram seladas em cera branca duas imagens se abraçando, sendo perfumadas com aloe lenhosa e âmbar.

Na sétima, para se conseguir alguma coisa boa, era selada em prata a imagem de um homem bem vestido, erguendo as mãos para o céu, como em oração e súplica, perfumada com bons odores.

Na oitava, para vitória em guerra, era feito um selo de estanho com a imagem de uma águia com rosto de homem, perfumado com enxofre.³

Na nona, para causar enfermidades, era feito um selo de chumbo com a imagem de um homem sem suas partes íntimas, cobrindo os olhos com as mãos; e a imagem era perfumada com resina de pinho.

Na décima, para facilitar os trabalhos de parto e curar os doentes, era feito um selo de ouro com uma cabeça de leão, sendo perfumada com âmbar.

Na 11ª, para instilar medo, reverência e veneração, era feito um selo de uma placa de ouro com a imagem de um homem montado em um leão, segurando a orelha esquerda do animal com a mão esquerda e, na direita, portando um bracelete de ouro, e a imagem era perfumada com bons odores e açafraão.

Na 12ª, para separação de amantes, era feito um selo de chumbo preto, com a imagem de um dragão lutando contra um homem, e sendo perfumado com pelos de leão e assa-fétida.⁴

Na 13ª, para promover a concórdia entre os casais e para dissolver encantamentos contra copulação, era feito um selo com as imagens de ambos, do homem com cera vermelha, da mulher com cera branca, abraçados; e a imagem era perfumada com aloe lenhosa e âmbar.

Na 14ª, para provocar divórcio e separação entre homem e mulher, era feito um selo de cobre vermelho com a imagem de um cachorro mordendo a cauda, perfumado com pelos de um cachorro preto e de um gato preto.

Na 15ª, para gerar amizade e boa vontade, era feita a imagem de um homem sentado e escrevendo, perfumada com olíbano e noz-moscada.

Na 16ª, para lucros comerciais, era feito um selo de prata com a imagem de um homem sentado em uma cadeira, segurando uma balança na mão, perfumada com especiarias muito fragrantes.

Na 17ª, contra ladrões e assaltantes, era selada com ferro a imagem de um macaco, perfumada com pelos de macaco.

Na 18ª, contra febres e dores de barriga, era feito um selo de cobre

com a imagem de uma cobra mordendo a cauda acima da cabeça, perfumado com chifres de cervo,⁵ e supostamente o mesmo selo afugentava as serpentes⁶ e todas as criaturas venenosas do lugar onde fosse enterrado.

Na 19ª, para facilitar o parto e provocar menstruação, era feito um selo de cobre com a imagem de uma mulher com as mãos cobrindo o rosto, perfumado com estoraque líquido.

Na 20ª, para caça, era feito um selo de estanho com a imagem de Sagitário, meio homem e meio cavalo, perfumado com a cabeça de um lobo.⁷

Na 21ª, para a destruição de uma pessoa, era feita a imagem de um homem com duas faces,⁸ frontal e traseira, sendo perfumada com enxofre e azeviche, e colocada em uma caixa de bronze, adicionando-se enxofre e azeviche, e cabelos daquele a quem se pretendia ferir.

Na 22ª, para a captura de fugitivos,⁹ era feito um selo de ferro com a imagem de um homem com asas nos pés e um capacete na cabeça,¹⁰ sendo perfumado com argento-vivo (azougue).¹¹

Na 23ª, para destruição e desperdício, era feito um selo de ferro com a imagem de um gato com cabeça de cão, perfumado com pelos da cabeça de um cão e enterrado no lugar onde se pretendia prejudicar.

Na 24ª, para a multiplicação de rebanhos de gato, era usado o chifre de um carneiro, touro ou bode, ou de qualquer animal cujo rebanho se desejava aumentar, selado com um selo de ferro,¹² tendo a imagem de uma mulher amamentando o filho, e o penduravam no pescoço do animal que fosse o líder do rebanho, ou era selado¹³ em seu chifre.

Na 25^a, para a preservação de árvores e colheitas, era selada em madeira uma figura de um homem plantando, perfumada com as flores da figueira e pendurada na árvore.

Na 26^a, para amor e favores, era selada em cera branca e almécega a imagem de uma mulher lavando e penteando o cabelo,¹⁴ perfumada com coisas de bons aromas.

Na 27^a, para destruir fontes, fossos,¹⁵ águas medicinais e banhos, era feita de terra vermelha uma imagem de um homem alado, segurando na mão um vaso vazio e perfurado; após queimada a imagem, eram colocados

no vaso assa-fétida e estoraque líquido, e o receptáculo era fechado e enterrado na lagoa ou fonte que se pretendia destruir.

Na 28^a, para pegar peixes, era feito um selo de cobre com a imagem de um peixe e perfumado com a pele de um peixe do mar, que era em seguida jogado na água da região onde se desejava apanhar peixes.

Além de todas essas imagens, eram escritos ainda os nomes dos espíritos e seus caracteres, após o que se seguiam invocações e orações pelas coisas desejadas.

Notas - Capítulo XLVI

1. Há dois tipos de estoraque: uma goma, que era guardada e vendida em palhetas ocas, chamado de calamita, e uma resina líquida, de que fala Gerard: “... de algumas dessas árvores escorre um certo liquor em goma, que jamais endurece por meios naturais, mas permanece sempre fino, que é chamado de Styraç ou estoraque”) (Gerard [1633] 1975,3:143:1526. Ver também nota 17, cap. XXVI, l. I.

2. Cálamo doce (*Calamus aromaticus*).

3. Sulfur.

4. *Asafoetida*.

5. Os chifres do *Cervus elaphus* eram muito usados na medicina e em outras práticas, sendo uma fonte principal de amônia. Era costume moê-los até formar um pó e tratar o pó, queimando-o ou fervendo-o em água para produzir a cor de sable dos artistas (preto), geleia de chifre, sal de chifre (sal aromático), chá de chifre e gotas de chifre.

6. Os veados eram proverbiais inimigos das serpentes, e acreditava-se que a fumaça do chifre queimado afastava as cobras.

7. O lobo tinha poder sobre o cavalo. Plínio diz: “Na verdade, tão poderosa é a influência desse animal, além do que já afirmamos [8.34], que, se um cavalo pisar em seu rastro, entrará imediatamente em torpor” (Plínio 28.44 [Bostock e Riley, 5:331-2]).

8. Jano, o deus romano que regia as entradas e as saídas.

9. Prender (pegar, ou segurar) escravos em fuga.

10. Uma descrição de Mercúrio.

11. Mercúrio.

12. O selo de ferro era aquecido e deixava sua imagem no chifre.

13. Queimado.

14. Vênus.

15. Poços.



E agora, as operações das estrelas fixas de acordo com a opinião de *Hermes*. Sob a Cabeça de Algol, era feita uma imagem cuja figura era a cabeça de um homem com o pescoço ensanguentado; dizem que ela garantia sucesso às petições, e tornava seu portador corajoso e magnânimo e preservava os membros do corpo; também ajudava contra feitiçaria e refletia tentativas do mal e encantamentos malignos sobre nossos adversários.

Sob a constelação das Plêiades, era feita uma imagem de uma pequena virgem ou a figura de uma lâmpada; dizia-se que ela aumentava a luz dos olhos, invocava espíritos, levantava ventos e revelava coisas secretas e ocultas.

Sob Aldebora,² fazia-se uma imagem à semelhança de Deus ou de um homem em voo; ela promove riquezas e honrarias.

Sob Capela, era feita uma imagem cuja figura era um homem disposto a se divertir com instrumentos musicais; ela torna seu portador aceitável, honroso e exultante diante de

reis e príncipes; e ajuda em casos de dor de dente.

Sob a Estrela do Cão Maior,³ era feita uma imagem de um cão e uma pequena virgem; a imagem traz honra e boa vontade, o favor dos homens e espíritos aéreos e dá poder para pacificar e reconciliar reis e outros homens.

Sob a Estrela do Cão Menor,⁴ fazia-se a imagem de um galo, ou de três pequenas donzelas; ela promove o favor dos deuses, dos espíritos e dos homens; e dá poder contra feitiçaria, além de conservar a saúde.

Sob o Coração de Leão,⁵ era feita uma imagem de um leão ou gato, ou a figura de uma pessoa honorável sentada em uma cadeira; ela trazia bom temperamento aos homens, acalmava a ira e concedia favores.

Sob a Cauda da Ursa Maior,⁶ era feita a imagem de uma pessoa pensativa, ou de um touro, ou a figura de um bezerro; é uma imagem que funciona contra encantamentos e dá segurança aos viajantes.

Sob a Asa do Corvo,⁷ fazia-se a imagem de um corvo, ou cobra, ou de um homem negro vestido de negro;⁸ ela deixa um homem encolerizado,

audacioso, corajoso, cheio de ideias, agressivo e provoca sonhos nefastos; também dá o poder de afastar espíritos malignos e de invocá-los; é útil contra a maldade dos homens, demônios e ventos.

Sob a Espiga,⁹ era feita a imagem de um pássaro ou de um homem carregado de mercadorias; ela traz riquezas e faz uma pessoa superar contendas; afasta a escassez e a malignidade.

Sob Arcturo, era feita a imagem de um cavalo, ou lobo, ou a figura de um homem dançando; ela é boa contra febres, estanca e retém o sangue.

Sob Elphrya,¹⁰ era feita a imagem de uma galinha ou de um homem coroado e de idade avançada; ela concede boa vontade e amor dos homens e promove castidade.

Sob o coração do Escorpião,¹¹ era feita a imagem de um homem armado, com cota de malha ou a figura de um escorpião; ela dá compreensão e memória, produz uma boa cor e ajuda contra os espíritos ímpios, afastando-os e restringindo-os.

Sob o Abutre,¹² era feita a imagem de um abutre, ou galinha, ou de um viajante; ela torna um homem magnânimo e orgulhoso e dá poder contra demônios e animais.

Sob a Cauda do Escorpião,¹³ era feita a imagem de um cervo, ou bode, ou de um homem zangado; ela concede prosperidade e aumenta a ira.

Essas são as imagens de algumas das estrelas fixas que estas requerem que sejam gravadas sobre as pedras por elas regidas.¹⁴

Notas - Capítulo XLVII

1. “Behen” vem do árabe: *bahman* - uma espécie de raiz. Os manipuladores de ervas na Antiguidade adotavam sem saber sua atribuição (ver Gerard [1633] 1975, 679), e assim o significado nunca foi muito claro. Agrippa usa o termo como sinônimo de árabe.

2. Aldebarã.

3. Sírio.

4. Prócion.

5. Régulo.

6. Alcaide.

7. Giena.

8. Não se deve pensar que toda referência a um homem negro trate de um homem de pele negra. Para os europeus medievais, geralmente um homem negro era um caucasiano com pele morena ou cabelos e olhos pretos que trajavam roupas pretas. Isso fica claro a partir de trechos dos julgamentos de bruxas citados por Margaret Murray (1921, 2.2), que descrevem o Senhor das Bruxas. O preto significava o mal e as obras do oculto.

9. Ou Spica.

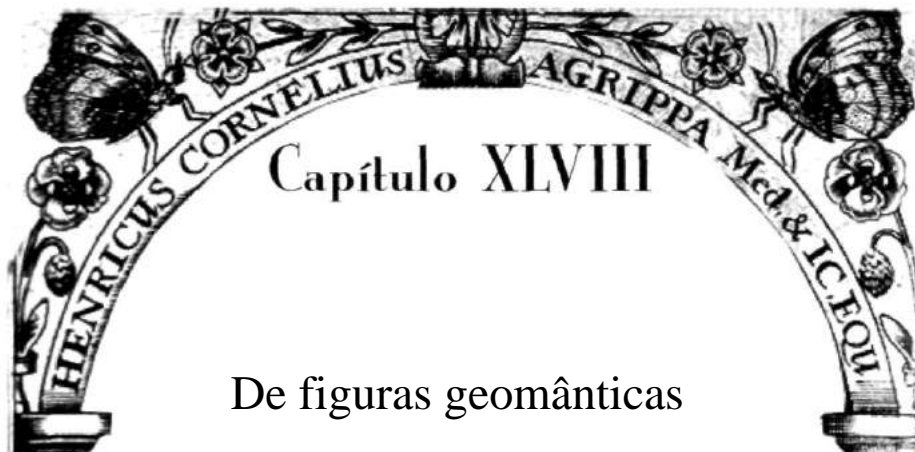
10. Alfeca.

11. Antares.

12. Vega.

13. Deneb Algedi.

14. Ver cap. XXXII, l. I, e cap. XXXI, l. II, para mais referências às estrelas fixas.



De figuras geomânticas intermediárias entre imagens



xistem também algumas outras figuras, estruturadas pelo número e pela situação dos astros, e também alinhadas aos planetas e signos, que são chamadas de geomânticas,¹ e os videntes geomânticos reduzem os pontos de suas projeções, pelo excesso de paridade ou imparidade,² nessas figuras; e, além disso, são gravadas ou imprimidas sob o domínio de seus planetas e

signos, concebendo a virtude e o poder das imagens; e essas figuras são como um intermédio entre imagens e caracteres.³

Mas aquele que desejar saber exatamente a natureza, as qualidades, as propriedades, as condições, os significados e a natividade dessas figuras pode ler os volumes de geomancia;⁴ são em número de 16, cujos nomes e figuras são estes [ver página seguinte]:

Notas - Capítulo XLVIII

1. Sobre a adivinhação geomântica, ver Apêndice VIII.
2. Se há um número par ou ímpar de pontinhos.
3. Entre desenhos e letras.
4. Na tradução inglesa de Robert Turner (1655) de *Of Geomancy* de, Agrippa, há uma obra anexada chamada *Astronomical Geomancy*, de Gerard Cremonensis, que é uma dos apêndices de magia da *Opera latina*.

Figuras geomânticas













Figura	Nome	Elemento	Planeta	Sigmo
	<i>Caminho Jornada</i>	Água	☾	♏
	<i>Povo Congregação</i>	Água	☾	♁
	<i>Conjunção Uma Assembleia</i>	Ar	♃	♍
	<i>Uma prisão Preso</i>	Terra	♁	♁
	<i>Grande fortuna Grande ajuda Maior entrada salvaguardada</i>	Terra	♁	♁
	<i>Fortuna menor Ajuda menor Saida salvaguardada</i>	Fogo	♁	♁
	<i>Obtenção Compreensão interior</i>	Ar	♁	♁
	<i>Perda Compreensão exterior</i>	Fogo	♀	♁
	<i>Alegria, riso, saúde, barba</i>	Ar	♁	♁
	<i>Tristeza Condenado Cruz</i>	Terra	♁	♁
	<i>Uma garota Bela</i>	Água	♀	♁
	<i>Um garoto Amarelo sem Barba</i>	Fogo	♂	♁

Figura	Nome	Elemento	Planeta	Signo
•• •• •• ••	<i>Branco</i> <i>Claro</i>	<i>Água</i>	♀	♊
•• •• •• ••	<i>Avermelhado</i> <i>Vermelho</i>	<i>Fogo</i>	♂	♌
•• •• ••	<i>A cabeça</i> <i>Entrada no limiar</i> <i>Limiar superior</i>	<i>Terra</i>	♁	♍
•• •• ••	<i>A cauda</i> <i>Saida no limiar</i> <i>Limiar inferior</i>	<i>Fogo</i>	♁	♎



De imagens cuja figura não se
parece com nenhuma figura
celestial, mas antes com aquela
que a mente
do trabalhador deseja



á ainda outras espécies de imagens que não estão de acordo com a semelhança de figuras celestiais, mas sim com as coisas que a mente do trabalhador ou operador deseja e das quais são efígies ou representações. Desse modo, para atrairmos o amor, nós fazemos imagens de pessoas se abraçando; para gerar discórdia, pessoas se batendo; para provocar amargura ou destruição, como o prejuízo de um homem ou danos a uma casa ou cidade, ou qualquer coisa assim, fazemos imagens distorcidas, quebradas em membros e partes, à semelhança e figura do objeto que queremos destruir ou danificar.

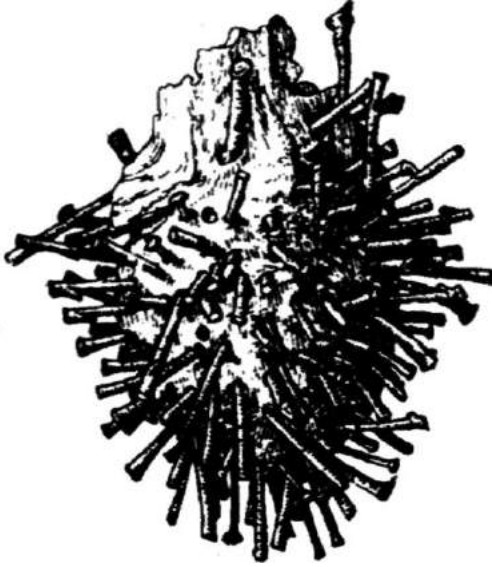
E os magos nos alertam que, ao elaborarmos ou gravarmos imagens, devemos escrever nelas o nome do efeito; nas costas, se for para o mal, a destruição; na barriga, se for para o bem, o amor. Além disso, na testa da imagem¹ deve ser escrito o nome da

espécie ou do indivíduo que ela representa ou para ou contra quem ela é feita. E no peito também deve constar o nome do signo ou da face ascendente, bem como o de seu regente; e ainda os nomes e caracteres de seus anjos. Além de tudo isso, ao ser feita a imagem, eles recomendam que seja feita uma oração para o efeito que se deseja. Tudo isso afirma *Alberto Magno* em seu *Speculo*.²

As imagens feitas são usadas de modos diversos, de acordo com suas virtudes: às vezes, são penduradas ou amarradas ao corpo; às vezes são enterradas debaixo do solo ou no rio; outras vezes, penduradas em uma chaminé acima da saída da fumaça³ ou em uma árvore, para que seja agitada ao vento; às vezes, com a cabeça para cima e outras vezes para baixo; às vezes, elas são colocadas em água quente ou no fogo. Pois dizem que os trabalhadores das imagens a afetam para que ela gere paixões semelhantes naquelas a quem ela é atribuída,

conforme determina a mente do operador. Como lemos em *Nectanabus*, o mago fazia imagens de navios em cera com tal argúcia que, quando as afundava em água, os navios de seus inimigos também soçobravam no mar e afundavam.⁴

Ora, a parte da astrologia escrita acerca das eleições⁵ nos ensina que as constelações também devem ser observadas para a confecção de imagens e coisas do gênero.



Coração de um porco espetado com alfinetes e espinhos brancos

Extraído de The Evil Eye, de Frederick Elworthy (Londres, 1895)

Notas - Capítulo XLIX

1. Ver Apocalipse 7:3 e 13:16.

2. *Speculum Astronomiae*, uma obra atribuída a Alberto Magno.

3. A prática de colocar artefatos mágicos na chaminé devia ser comum, embora não haja um consenso claro quanto ao motivo. Elworthy fala de vários casos em que corações de animais e outros objetos foram descobertos dentro de chaminés no sul da Inglaterra:

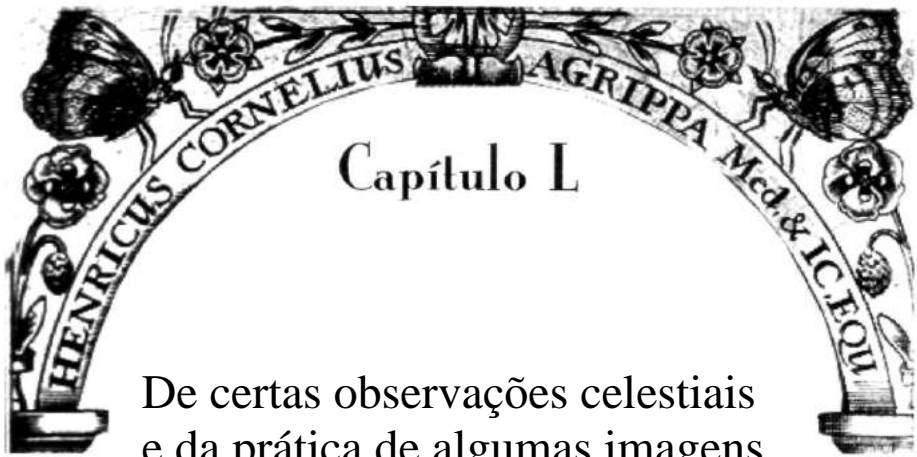
Algumas pessoas idosas declaram que era costume, quando um porco morria pelo “mau-olhado” de uma bruxa, cravejar-lhe o coração de alfinetes e espinhos brancos e colocá-lo na chaminé, na crença de que, assim como o coração secara e murchara, o mesmo aconteceria com a pessoa maldosa que tinha “desejado o mal” do porco. Enquanto ele ali permanecesse, nenhuma bruxa teria poder sobre os porcos pertencentes àquela casa (Elworthy [1895] 1971, cap. 2, n. 79, p. 53).

O texto citado dá duas razões, não uma, por que o fetiche era colocado na chaminé, e uma terceira é sugerida: “... para impedir a entrada de bruxas pela chaminé” (*Ibid.*, 55). Entretanto, também eram colocados fetiches na chaminé por bruxas, para gerar o mal. Elworthy conta o caso de um garoto que trabalhava em uma fazenda e que tinha dor no pé, e descobriu que seus empregadores tinham escondido um boneco no lugar para lhe causar mal. “Era uma coisa feia, e ele sabia que fora feito para ele. O garoto viu que os pés da pequena figura estavam cheios de alfinetes e espinhos!” (*Ibid.*, n. 80, p. 55). Cebolas encontradas em chaminés eram embrulhadas com papel, no qual estava escrito o nome da vítima, e o papel era preso por alfinetes; e na chaminé de uma mulher que tivera filhos de um amante, que depois a largou, foi encontrado um modelo de um pênis ereto cheio de alfinetes (*Ibid.*).

4. Se o inimigo viesse pelo mar, em vez de enviar seus marinheiros para enfrentá-los, ele se retirava a um certo cômodo e, tendo consigo uma tigela guardada para esse fim, enchia de água e, então, tendo feito figuras de cera dos navios e homens do inimigo, também de seus homens e navios, ele os colocava na água da tigela, os seus de um lado e os do inimigo de outro. Ela saía, vestia um manto de profeta egípcio, segurava na mão uma vara de ébano, voltava ao cômodo e, pronunciando palavras de poder, invocava os deuses que ajudavam os homens a trabalhar com magia, ventos, demônios subterrâneos, que imediatamente vinham ao seu auxílio. Com a ajuda deles, as figuras dos homens de cera ganhavam vida e começavam a lutar, e os navios de cera começavam a se mover da mesma maneira; mas as figuras que representavam seus homens derrotavam as figuras dos inimigos, e os navios e homens da frota hostil afundavam na água, até o fundo da tigela, assim como barcos e homens reais afundam em meio às ondas até o fundo do mar (Budge [1901] 1971, cap. 3, 92).

Ver também a nota biográfica sobre Nectanebus.

5. A escolha de um momento astrológicamente apropriado para qualquer ação, como o batismo de uma criança, a partida de um navio ou a abertura de um edifício público. As eleições são observadas até hoje com um zelo fanático no Oriente.



De certas observações celestiais e da prática de algumas imagens

Mostrarei agora a observação de corpos celestes, que são necessários para a prática de algumas dessas espécies de magia.

Assim, para trazer boa fortuna a uma pessoa, fazemos uma imagem na qual se concentram elementos afortunados ou favoráveis, ou seja, seu significador da vida,¹ os doadores de vida,² os signos e os planetas. Além disso, que sejam também afortunados o ascendente, o meio do céu e os seus regentes: também o lugar do Sol e o lugar da Lua; Parte da Fortuna e o regente da conjunção ou prevenção³ antes da natividade, deprimindo os planetas malignos. Mas, se fizermos uma imagem para provocar amargura, devemos agir de modo contrário, e os elementos que antes seriam afortunados devem agora ser desafortunados, contando com astros malignos.

Do mesmo modo, devemos proceder para trazer boa fortuna a qualquer local, região, cidade ou casa. Também, para destruir ou prejudicar qualquer um destes, deve ser feita uma imagem sob a ascensão daquele

homem que se deseja destruir e prejudicar, e deve ser feito desafortunado,⁴ o regente da casa de sua vida, o regente do ascendente e a Lua o regente da casa da Lua, e o regente da casa do regente ascendente e a décima casa e seu regente. Quanto às providências de um lugar, coloque Fortunas⁵ em seu ascendente; e na primeira, décima, segunda e oitava casas, que sejam afortunados o regente do ascendente e o regente da casa da Lua.

Mas, para afastar certos animais de certos lugares, para que não procriem nem vivam lá, que seja feita uma imagem sob a ascensão do animal que você deseja afastar e à sua semelhança; e se você quiser afastar escorpiões de algum lugar, faça uma imagem do escorpião, com o signo de Escorpião ascendendo com a Lua, e faça afortunado o ascendente, seu regente e o regente da casa de Marte; e faça desafortunado o regente do ascendente na oitava casa, e que sejam unidos com um aspecto maligno, oposto ou quadrante; e que seja escrito o nome do ascendente, de seu regente e da Lua e do regente do dia e do regente da hora. Faça também um buraco no meio do

lugar de onde você quer afastá-los; e jogue ali um pouco da terra retirada dos quatro cantos do mesmo lugar e enterre lá a imagem com a cabeça para baixo, dizendo: este é o sepultamento dos escorpiões, para que não venham a esse lugar, e o mesmo do resto.

Para ganhos financeiros, faça uma imagem sob o ascendente da natividade⁶ do homem ou do lugar ao qual quer dirigir o ganho; e o regente da segunda casa, que está na casa de substância, deve se unir ao regente do ascendente no trino ou sextil, e deve haver uma recepção entre eles. Faça afortunados a 11^a casa e seu regente, bem como a oitava; e, se puder, ponha parte da Fortuna no ascendente ou na segunda; e que a imagem seja enterrada no lugar ou levada do lugar ao qual você quer dirigir os ganhos.

Também para concórdia e amor, que seja feita uma imagem no dia de Júpiter sob o ascendente da natividade daquele a quem se deseja que seja amado, e afortunados o ascendente e a décima casa, e que se esconda o mal do ascendente. Faça também o regente da décima e os planetas da 11^a afortunados, unidos ao regente do ascendente, do trino ou sextil, com recepção;⁷ em seguida, faça outra imagem para aquele a quem deseja fazer amar; considere se este será amigo ou companheiro da pessoa que você deseja que seja amada; e então, faça uma imagem sob a ascensão da 11^a casa a partir do ascendente da primeira imagem; se a pessoa em foco for uma esposa ou um marido, que a imagem seja feita sob a ascensão da sétima casa; se irmão ou irmã, ou um primo ou prima, sob a ascensão da terceira, e assim por diante; e coloque o

significador do ascendente da segunda imagem, unido ao significador do ascendente da primeira imagem; e que haja entre eles uma recepção e que o restante seja afortunado, como na primeira imagem; depois, junte as duas imagens em um abraço, ou coloque a face da segunda imagem contra as costas da primeira, embrulhe ambas com seda, jogando-as ou deixando-as espolar.

E para o sucesso de petições, ou para a obtenção de algo negado, ou tirado, ou de posse de outra pessoa, faça uma imagem sob o ascendente daquele que faz a petição; e que o regente do ascendente se una ao regente do ascendente do trino, ou sextil, e que haja entre eles uma recepção, e, se possível, que o regente da segunda esteja no signo obediente e o regente do ascendente, na regência,⁸ faça afortunados o ascendente, e seu regente, e cuide para que o regente do ascendente não seja retrógrado nem combusto, nem cadente ou na casa de oposição, isto é, na sétima a partir de sua casa; que ele não seja impedido pelos malignos, que seja forte e esteja em um ângulo; faça afortunados o ascendente e o regente da segunda e a Lua; e faça outra imagem para aquele a quem a petição se destina; inicie-a sob o ascendente que a ele pertence e, se for rei ou príncipe, comece sob o ascendente da décima casa a partir do ascendente da primeira imagem; se for pai, sob a quarta; se filho, sob a quinta; e assim por diante. E deixe o significador da segunda imagem unido ao regente do ascendente da primeira imagem, de um trino ou sextil. E que haja recepção. E que ambos sejam fortes e afortunados, e que nenhum mal recaia sobre eles. Faça afortunadas a décima e a quarta

casa, se puder, ou qualquer uma delas; e quando a segunda imagem estiver perfeita, una-a à primeira, face a face, e embrulhe-as em um pano de linho limpo e enterre-as no meio da casa do peticionário sob um significador favorável, sendo a Fortuna forte, e deixe a face da primeira imagem voltada para o norte, ou melhor, para o lugar onde o objeto da petição se encontra; ou se por acaso o peticionário pretende se dirigir até o indivíduo a quem se destina a petição, que ele mesmo carregue as imagens consigo.

E que seja feita uma imagem de sonhos, a qual, sendo colocada sob a cabeça daquele que dorme, o faz ter sonhos verdadeiros a respeito de qualquer coisa que tenha antes deliberado: e que tal figura seja a de um homem dormindo no peito de um anjo, que deve ser confeccionado no Leão⁹ em ascensão, com o Sol na nona casa em Áries; escreva no peito do homem o nome do efeito desejado e na mão do anjo o nome da inteligência do Sol. Que a mesma imagem seja feita em Virgem ascendente, estando Mercúrio favorável em Áries na nona casa,¹⁰ ou Gêmeos ascendendo em Mercúrio, com a nona casa em Aquário; e que seja recebido de Saturno, com um aspecto favorável, e que o nome do Espírito de Mercúrio seja escrito. Que o mesmo também seja feito em Libra em ascensão, Vênus sendo recebido de Mercúrio em Gêmeos, na nona casa, escrevendo o anjo de Vênus. Além disso, faça a mesma imagem em Aquário em ascensão, com Saturno favorável possuindo a nona casa em sua exaltação, que está

em Libra; e escreva nela o anjo de Saturno; e, além disso, que seja feita em Câncer ascendendo a Lua, recebida por Júpiter e Vênus em Peixes,¹¹ e em posição afortunada (favorável) na nona casa, e escreva então o espírito da Lua.

Também são feitos anéis de sonhos, de magnífica eficácia; e há anéis do Sol e de Saturno, e a constelação destes é quando o Sol ou Saturno ascendem em sua exaltação¹² na nona casa, nesse signo, que era a nona casa de natividade; e que seja escrito nos anéis o nome do espírito do Sol ou de Saturno.

Que tudo o que foi dito aqui seja suficiente acerca das imagens, pois agora você pode descobrir mais dessa natureza por conta própria. Mas saiba que tais imagens não servem para nada, se não forem vivificadas por uma virtude natural, ou celestial, ou heroica,¹³ ou anímica,¹⁴ ou demoníaca, ou angelical, ou por elas assistidas.

Mas quem pode dar uma alma a uma imagem, ou vida a uma pedra, ou metal, ou madeira, ou cera? E quem pode levantar das pedras filhos para Abraão?¹⁵ Certamente esse arcano não entra em um artista com o pescoço duro nem pode alguém dar algo que não possui. Ninguém tem essas coisas, mas se alguém as tiver (dom de restringir os elementos, dominar a natureza, sobrepujar-se aos céus) transcenderá o progresso dos anjos, e virá ao próprio Arquétipo em si, do qual, se algo for assim feito, um cooperador poderá realizar muitas coisas, das quais falaremos mais adiante.

Notas - Capítulo L

1. O significador é o que Ptolomeu chama de mediador, que os gregos também chamavam de *apheta* e os persas conheciam como *hyleg*. É um planeta ou parte do céu que na hora do nascimento se torna o moderador e significador da vida. De acordo com Ptolomeu, uma vida pode ser comparada com um arco na roda do zodíaco, que começa em seu lugar específico de partida, com uma dose de momento, dependendo de seu lugar mediador e das estrelas que regem a mediação, percorre o zodíaco não mais que um quarto do caminho e é parado por várias posições destrutivas dos planetas. O número de graus atravessados por esse arco, convertido em graus de ascensão certa, dá o número de anos da vida. Ver *Tetrabiblos* 3.10 (Robbins, 271-307).

2. Quanto aos planetas que regem a duração de vida em relação ao mediador, diz Ptolomeu: “Os astros benéficos adicionam e os maléficos subtraem. Mercúrio, mais uma vez, é associado ao grupo com o qual mostra um aspecto. O número da adição ou subtração é calculado por meio da localização nos graus em cada caso” (*Ibid.*, 281). Os planetas benéficos são a Lua, Júpiter e Vênus. Saturno e Marte são maléficos. O Sol e Mercúrio têm uma natureza comum e juntam sua influência aos planetas com os quais se associam.

3. Entretanto, não se deve pensar que esses lugares sempre e inevitavelmente destroem, mas somente quando são afligidos. Pois eles sofrem prevenção se caírem no período de um planeta benéfico e se um dos planetas benéficos projetar seu raio de um quartil, trino ou oposição no próprio grau ou nas partes que o seguem, no caso de Júpiter não mais que 12°, e no caso de Vênus não acima de 8°... (*Ibid.*, 285).

4. Quando Agrippa fala de “fazer afortunado” ou “fazer desafortunado”, ele se refere à escolha de um momento certo para confeccionar a imagem, quando houver um arranjo astrológico favorável (afortunado) ou desfavorável (desafortunado), com referência ao trabalho a ser feito e ao lugar onde será realizado. Ninguém pode “fazer” os planetas afortunados, mas deve esperar para que assim se tornem.

5. Júpiter é a Fortuna Maior; Vênus é a Fortuna Menor. Juntos, eles são chamados de as Fortunas.

6. Quando a natividade ou momento e lugar de nascimento não são conhecidos, o ascendente deve ser estabelecido por correspondência natural.

7. Quando dois planetas estão, cada qual, no signo regido pelo outro, diz-se que se encontram em recepção mútua: por exemplo, Vênus em Áries e Marte em Libra.

8. De modo semelhante, os nomes “que comandam” e os “obedientes” são aplicados às divisões do zodíaco dispostas a igual distância a partir do mesmo signo equinocial, seja ele qual for, porque ascendem em iguais períodos de tempo e se encontram em iguais paralelos. Destes, os que estão no hemisfério de verão são chamados de “os que comandam” e os do hemisfério do inverno, de “obedientes”, porque o Sol faz o dia ser mais longo que a noite quando se encontra no hemisfério de verão, e mais curto no de inverno (Ptolomeu *Tetrabiblos* 1.14 [Robbins, 75, 77]).

Os pares de signos que comandam e obedientes são os seguintes, excluindo o par equinocial Áries-Libra:

Em comando	Obediente
Touro	Peixes
Gêmeos	Aquário
Câncer	Capricórnio
Leão	Sagitário
Virgem	Escorpião

9. Leão ascendendo na primeira casa com o Sol em Áries na nona casa.

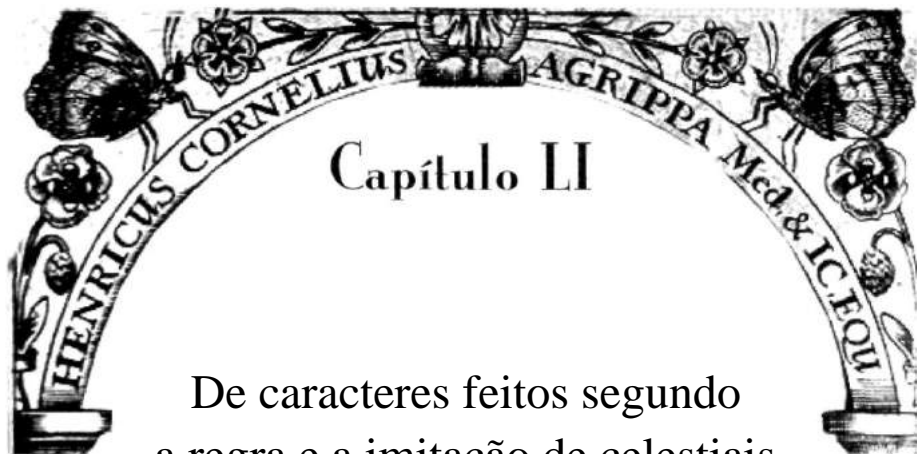
10. Se Virgem estivesse em ascensão, Touro estaria na nona casa.

11. Ou seja, Júpiter em Câncer e a Lua em Peixes, com Vênus também em Peixes.

12. Talvez quando o signo da exaltação do Sol (Áries) ou Saturno (Câncer) estiver em ascensão com o planeta correspondente na nona casa.

13. Exaltada acima do nível humano comum, especialmente aplicado a homens que atingiram um *status* de semideus, como Perseu.

14. Que tem relação com a alma; espiritual. Agrippa (cap. 34, l. III) compara a ordem dos heróis anímicos com os Aishim da Cabala, os “Homens de Deus” (ver Juízes 13:6).
15. Gênesis 28:11-8. Talvez essa seja uma referência velada à lenda do golem. O golem era um escravo formado de argila e infundido de espírito por meios mágicos para proteger os judeus contra seus perseguidores cristãos. Embora o golem do rabino Loew tenha sido criado mais tarde (1580) por ser conhecido por Agrippa, ele tem sua origem no Talmude. “Rava criou um homem e o mandou ao rabino Zera, que falou com ele. Vendo que não respondia, o rabino Zera lhe disse: ‘Você é uma criação da magia, volte ao pó’”(Patai 1980, 239).



Capítulo II

De caracteres feitos segundo a regra e a imitação de celestiais e como, com sua tabela, eles são deduzidos a partir de figuras geométricas



Os caracteres também têm sua comunidade derivada dos raios dos celestiais, distribuídos de acordo com determinado número por uma determinada propriedade peculiar, que os celestiais, nas diversas quedas de seus raios, de diversas maneiras, produziram também diversificadas virtudes: portanto, sendo os caracteres delineados de variadas formas, de acordo com os variados toques desses raios, rapidamente obtêm variadas operações, tornando-se mais eficazes que as propriedades das misturas naturais.

Ora, os verdadeiros caracteres dos céus se encontram na escrita dos anjos, que entre os hebreus é conhecida como escrita dos Malachim,¹ por meio da qual todas as coisas são descritas e indicadas no céu,² para todo homem letrado ser capaz de ler. Mas disso falaremos depois.

Mas hoje são feitos caracteres de figuras geomânticas, unindo as pontas de cada um de diversas maneiras, atribuindo-os de acordo com o estilo de sua figuração àqueles planetas e signos dos quais foram feitos, como veremos na tabela a seguir.³

Caracteres geomânticos
Os caracteres da Lua

Do caminho:



Do povo:



Os caracteres de Mercúrio

Da conjunção:



Do branco:

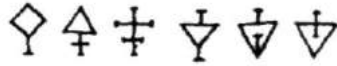


De Perda:



Os caracteres de Vênus

De uma garota.



Os caracteres do Sol

De uma sorte maior:



De uma sorte menor:

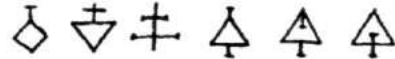


Os caracteres de Marte

Do vermelho:

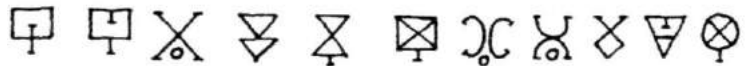


De um garoto:



Os caracteres de Júpiter

Da obtenção:



Do júbilo:



Os caracteres de Saturno

De uma prisão:



Da tristeza:



Os caracteres do Dragão

Da cabeça:



Da cauda:





Escrita nos astros

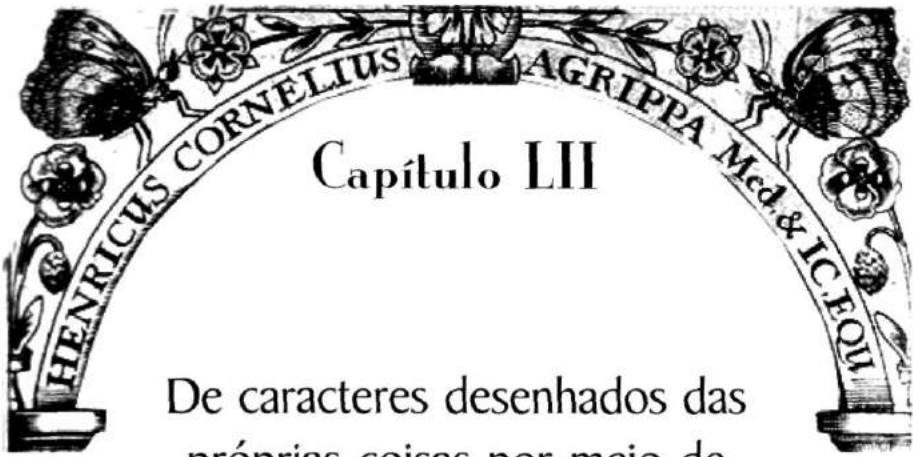
Extraído de Curiosites innouies, de Jacques Gaffarel (1637)

Notas - Capítulo LI

1. Os Malachim são a ordem angelical da sexta Sephirah, Tiphareth. O livro de Malaquias era uma obra anônima, cujo título foi derivado do versículo 3:1, em que o termo hebraico para “meu mensageiro” foi convertido em nome próprio. No versículo 3:16 está escrito: “Os que temiam ao Senhor falavam uns aos outros; o Senhor atentava e ouvia; havia um memorial escrito diante dele para os que temem ao Senhor e para os que se lembram do seu nome”. O termo hebraico para maliku significa “rei” - ou seja, deus. Há uma referência a esse alfabeto celestial na obra *Greater Key of Solomon*: “Vinde, pois, pela virtude destes Nomes pelos quais nós vos exorcizamos; ANAI, ECHHAD, TRANSIN, EMETH, CHAIA, IONA, PROFA, TITACHE, BEM ANI, BRIAH, THEIT; todos escritos no Céu nos caracteres dos Malachim, isto é, a língua dos Anjos” (*Greater Key of Solomon* 1.7 [Mathers, 33]). Mathers acrescenta a nota: “O Alfabeto Místico conhecido como ‘escrita dos Malachim’ é formado a partir das posições dos Astros nos céus, desenhando-se linhas imaginárias de um astro a outro para se obterem as formas dos caracteres desse Alfabeto” (*Ibid.*).

2. A ilustração que acompanha deixa bem claro a que se refere Agrippa. É de uma obra de Jacopo Gaffarelli, também conhecido como James Gaffarelli e Jacques Garrarei (?1601-1681), que era bibliotecário do cardeal Richelieu e foi enviado por ele a uma expedição a Veneza para compra de livros. É possível que ele tenha sido um cabalista, tendo escrito duas obras: (1) *Curiosidades inéditas a respeito da escultura talismânica dos persas e o Horóscopo dos patriarcas* e as *Leituras dos Astros* (1637), escrita em francês, da qual é tirada essa ilustração, e (2) um volume em latim defendendo a Cabala. Ele deve ter sido também um plagiador, mandando imprimir uma nova página-título para *História da Conquista de Constantinopla*, de Girolamo Gaspare (1532-1600), dando-a de presente a Richelieu, afirmando ser obra sua.

3. Muitas das figuras geomânticas estavam erradas e foram corrigidas. O erro mais gritante, que também aparece na *Opera* latina, era a reprodução de todos os caracteres para Puer de cabeça para baixo. Além de corrigi-los e reordená-los para combinarem com as figuras para Puella, eu corrigi também a terceira figura para Tristitia, invertida tanto na edição inglesa quanto na latina, e a segunda figura de Laetitia e a terceira de Albus, erradas em ambas as edições, e a terceira figura de Acquisitio, errada somente na edição inglesa.



De caracteres desenhados das próprias coisas por meio de certa semelhança

Dalamos acima de certas espécies de imagens feitas não só à semelhança de imagens celestiais, mas também de acordo com os a emulação daquilo que a mente do operador deseja. O mesmo pode ser feito com os caracteres; pois tais caracteres nada mais são que imagens mal desarticuladas, que, no entanto, possuem certa semelhança provável com a mente dos desejos do operador, seja da imagem como um todo ou de certas marcas que expressam a imagem total.

Dos caracteres de Áries e Touro, por exemplo, desenhamos os chifres, ♈ , ♉ ; de Gêmeos, o abraço, ♊ ; de Câncer, o progresso e o regresso, ♋ ; de Leão, Escorpião e Capricórnio, suas caudas, ♌ , ♍ , ♎ ; de Virgem, a Espiga, ♏ , ♐ ; de Libra, uma balança, ♑ ; de Sagitário, um dardo, ♒ ; de Aquário, as ondas, ♓ ; e de Peixes, peixes, ♐ .

De modo igual, o caractere de Saturno é feito a partir de uma foice, ♄ ♅ ; de Júpiter, de um cetro, ♃ ♆ ;

do Marte, um raio, ♂ ; do Sol, um brilho redondo e dourado, ♁ , ♃ ; de Vênus, um espelho ♀ ; de Mercúrio, uma varinha; ♁ ♃ da Lua, as formas crescente e decrescente, ☾ .

Além destes, de acordo com a mistura de signos e astros e naturezas, também são feitos caracteres mistos, como da triplicidade do fogo; da terra; do ar; da água.

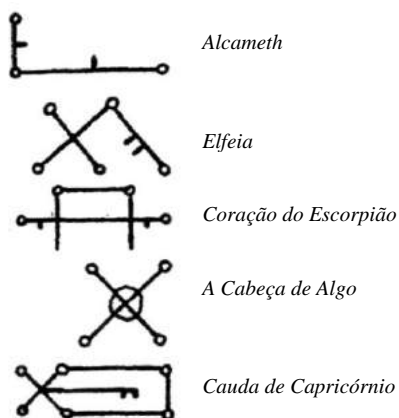
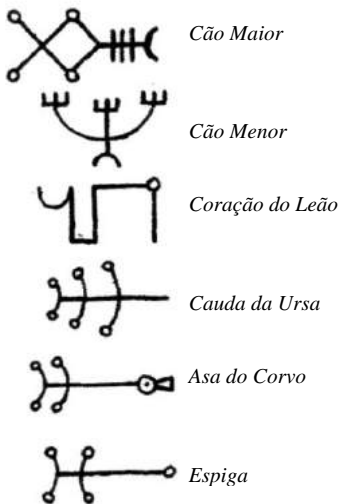
Também, de acordo com as 120 conjunções⁴ de planetas, resultam muitos caracteres compostos de várias figuras, como de Saturno e Júpiter; assim ♄ , ♃ , ou assim, ♄ , ou de Saturno e Marte, ♄ ou ♄ ; de Júpiter e Marte, ♃ ou ♃ ; de Saturno, Júpiter e Marte, E assim como esses são exemplificados por 2 e 3, também os demais o são, podendo, no entanto, ser estruturados a partir de mais.

Do mesmo modo, podem os caracteres de outras imagens celestiais em ascensão em qualquer face ou grau dos signos ser desenhados à semelhança das imagens, como nesses que são feitos de acordo com o modo de imitar aquilo que a mente do operador deseja; como, por exemplo, no caso do

amor, as figuras se aproximando e se abraçando; mas para o ódio, ao contrário, afastando-se uma da outra, em contenda, desiguais e soltas.⁵

Mas agora mostraremos aqui aqueles caracteres que *Hermes* atribuía⁶ às estrelas fixas, e Behenii, a saber:

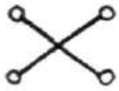
Caracteres das estrelas fixas



5. Com base nesses princípios, são formados os caracteres de espíritos bons e maus no *Quarto Livro de Filosofia Oculta* (pseudo-Agrrippa).

6. Embora Agrippa atribua esses caracteres a Hermes, o mesmo grupo de estrelas e caracteres aparece em um manuscrito do século XV chamado *Livro de Enoch* (© Madras Editora, São Paulo), encontrado na biblioteca Bodleian, em Oxford, e também em um antigo manuscrito do século XIV no Museu Britânico (Harley 1612, 15-18 v.). Os manuscritos estão em latim. Uma tradução francesa de uma obra semelhante se encontra em Trinity College, Cambridge, 1313, 13-15 v. No manuscrito Bodleian, a informação está disposta em cinco colunas, que dão 15 estrelas, e suas relativas pedras, ervas, caracteres e virtudes. Referindo-se ao manuscrito do Museu Britânico, Joan Evans diz: “A exatidão de sua astrologia, a presença de formas linguísticas, como *Gergonsa*, e a diferença entre esse tratado e o costumeiro lapidário ocidental de pedras gravadas fazem parecer improvável que ele seja de origem espanhola” (Evans [1922] 1976, 109). Em uma nota de rodapé, ela diz: “É a fonte do tratado de *Abdul Hassan Isabet ben Cora*, conhecido entre os manuscritos ocidentais como *Thebit de Imaginibus* (ex. B. M. Royal 12, C. xviii, 10v)” (*Ibid.*). Seguem abaixo os caracteres do manuscrito Bodleian (ver Evans [1922] 1976, apêndice G) para comparação com os de Agrippa, com seus nomes no manuscrito e os nomes atribuídos a eles na versão inglesa de Agrippa. Fica logo evidente que Agrippa omitiu (talvez deliberadamente) partes de alguns caracteres.

Caracteres da estrela do Livro de Enoch



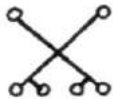
Aldebarā (Aldaboram)



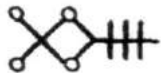
As Plêiades



Capela (Cabeça de Algol)



Alhayhoch (Capela)



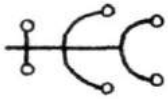
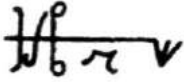
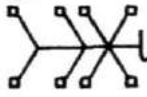
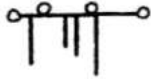
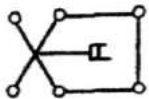
Canis maior (Cão Maior)



Canis menor (Cão Menor)



Cor Leonis (Coração do Leão)

*Ala corvi (Asa do Corvo)**Spica (Espiga)**Arturus (Alcameth = Arcturo)**Cauda urse maioris (Cauda da Ursa)**Lucida corone (Elfeia)**Cor Scorpionis (Coração do Escorpião)**Vultur cadens (Abutre em queda)**Cauda capricorni (Cauda de Capricórnio)*



Nenhuma adivinhação é perfeita sem a Astrologia



Alamos nos capítulos precedentes das diversas formas de adivinhação, mas é preciso ressaltar que todas elas requerem o uso e as regras da Astrologia, como uma chave absolutamente necessária para o conhecimento de todos os segredos; e que todas as espécies de adivinhação têm sua raiz e fundação na Astrologia, de modo que, sem ela, têm pouca ou nenhuma utilidade. Entretanto, a adivinhação astrológica - considerando-se que os celestiais são causas e sinais de todas aquelas coisas que existem, e que são feitas nos inferiores - dá demonstrações certas pela situação e pelo movimento de corpos celestes, daquelas coisas que são ocultas ou futuras;¹ das quais no momento não mais falaremos, uma vez que enormes volumes científicos foram escritos pelos antigos estão disponíveis em todo lugar.

Portanto, quando os fisionomistas examinam o corpo, ou aparência, ou testa, ou mão, ou quando os videntes estudam os sonhos e auspícios,² para terem certeza do bom julgamento, também investigam a

configuração do céu. A partir de tais julgamentos, junto com conjecturas de semelhanças e sinais, são produzidas opiniões verdadeiras dos significadores.

Além disso, caso apareça algum prodígio, a configuração do céu deve ser elevada; também devem ser investigadas aquelas coisas que já se passaram antes nas revoluções de anos de grandes conjunções e eclipses: os nascimentos, entronizações,³ fundações e as revoluções, perfeições, direções de príncipes, nações, reinos, cidades, quando aparecem, e sobre qual lugar da configuração celestial caem; e com tudo isso, conseguimos, por fim, encontrar um significado racional e provável dessas coisas. Do mesmo modo, com menos labor, devemos proceder com os sonhos.

Aqueles que em frenesi⁴ preveem eventos futuros só o fazem sob instigação dos astros, ou instrumentos inferiores destes, quando suas previsões devem por fim ser imputadas aos celestiais, como lemos em *Lucano*, o velho profeta *Tuscus*:⁵

O movimento do relâmpago, e as veias

Que são
Fibrosas, e quentes, e o movimento
de uma pluma

Leve vagando no ar, sendo
ensinado

Depois da visão de toda a cidade⁶ e do sacrifício, a inspeção das entranhas pronunciam finalmente um julgamento⁷ de acordo com as disposições dos corpos celestes.

Também a própria geomancia, a mais exata das adivinhações, que opera segundo os pontos da terra,⁸ ou quaisquer outras superfícies, ou por uma queda,⁹ ou por qualquer outro poder inscrito, os reduz primeiro a figuras celestiais, ou seja, àquelas 16 que mencionamos acima, fazendo julgamentos de acordo com a Astrologia, por suas propriedades e observações; e assim se referem todas as

adivinhações naturais, cujo poder só pode vir do céu e da mente daqueles que as executam.

Pois tudo o que é movido, causado ou produzido nesses inferiores, deve necessariamente imitar os movimentos e as influências dos superiores, aos quais as raízes, causas e sinais se reduzem, e cujo julgamento é mostrado por regras astrológicas. Assim, os dados,¹⁰ tetraedro, hexaedro, octaedro, dodecaedro, icosaedro, sendo feitos segundo certos números, signos e astros em momentos oportunos, sob as influências dos celestiais, e estando inscritos, obtêm uma magnífica virtude de adivinhação e previsão quando são jogados, como nos registros prenestinos,¹¹ nos quais se lê o destino dos romanos.

Notas - Capítulo LIII

1. Mas todas as coisas acontecem de acordo com a Providência, e não há lugar destituído da Providência. Ora, a Providência é o desígnio soberano de Deus, que governa os céus; e esse desígnio soberano coordena dois poderes subordinados, a saber: Necessidade e Destino. Necessidade é a decisão firme e inalterável da Providência, e Destino é subserviente à Providência, de acordo com a Necessidade. E os astros são subservientes ao Destino. Pois nenhum homem pode fugir do Destino ou se proteger da terribilidade dos astros. Pois os astros são os instrumentos do Destino; é de acordo com o Destino que todas as coisas ocorrem no mundo da natureza e dos homens (*Stobaei Hermetica*, excerto 12. In Scott [1924] 1985, 1:435).

O texto original é muito fragmentado. Tomei a liberdade de incorporar as notas de rodapé de Scott no corpo do texto.

2. Especificamente, sinais observados nos voo dos pássaros. Ver nota 3, cap. LIII, l. I. O termo é usado aqui em um sentido mais geral.

3. A indução de um rei, bispo, papa, duque, etc. ao ofício; sentar-se no trono.

4. Em êxtase.

5. Diante de todas essas coisas, parecia uma boa ideia convocar os profetas etruscos, segundo o velho costume. Destes, Aruns, o de idade mais avançada, habitava as muralhas da desértica Luca, era habilidoso no reconhecimento dos movimentos de relâmpagos e nas veias palpantes nas entranhas, bem como nos alertas dos pássaros em voo no céu (Lucano, *Pharsalia*, 1, linha 583 [Riley, 37-8]).

6. Aruns ordenou aos cidadãos de Roma que perambulassem pela cidade, em uma cerimônia de purificação (*Ibid.*, c. linha 592).

7. Agrippa se refere à menção de Lucano da previsão do astrólogo Nigidius Figulus, após a descrição da inspeção oficial das entranhas por parte de Aruns, implicando que ela impunha um selo final às previsões de catástrofes que se abateriam sobre Roma:

Por que as Constelações saíram de curso e por que na obscuridade elas são levadas por todo o Universo? Por que brilha com tanta intensidade o lado de Órion que porta a espada? O frenesi de armas é ameaçador; e o poder da espada se impõe pela força; e por muitos anos, essa loucura prevalecerá. E de que adianta pedir um fim aos Deuses do céu? Essa paz só pode vir com um tirano. Prolonga, Roma, a contínua série de tuas agruras; estende por algum tempo tuas calamidades, só agora livre durante a guerra civil (*Ibid.*, linha 663 [Riley, 43]).

É Figulus que prevê de maneira explícita a guerra, a partir dessa configuração dos céus, enquanto Aruns é ambíguo e se recusa a se comprometer com base na leitura das entranhas.

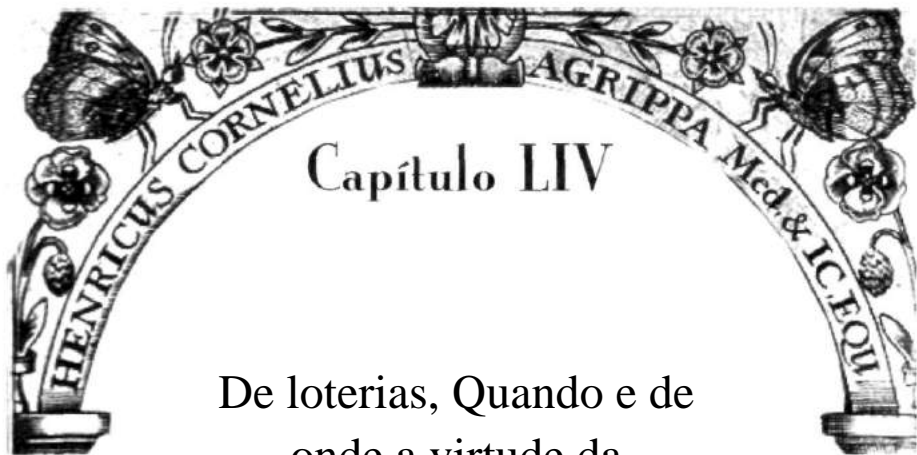
8. Buracos cavados na terra. Ver apêndice VIII.

9. Queda de dados ou outros objetos de adivinhação ou padrões projetados por pedras ou outros objetos jogados para leitura.

10. Provavelmente, os dados foram colocados no início desta lista de corpos regulares porque normalmente são usados dois - ou seja, 2, 4, 6, 8, 12, 20 (ver nota 19, cap. XXVI, l. II). Entretanto, como os dados são cúbicos, o cubo é mencionado duas vezes, a menos que Agrippa se refira a um hexaedro não regular, com seis triângulos equiláteros. Mas isso não parece provável. É possível que por “dados” (*tesserae*), Agrippa se refira a tabletas ou objetos de sorte com duas faces. Isso faria mais sentido.

11. Lemos nos registros dos prenestinos que Numerius Suffucius, um homem de alta reputação e posição, costumava ser comandado pelos sonhos (que acabaram se tornando ameaçadores) a cortar uma pederneira em duas, em determinado local. Extremamente alarmado diante da visão, ele começou a agir em obediência a ela, apesar do escárnio de seus concidadãos; e mal tinha ele dividido a pedra, encontrou em seu interior certos objetos de adivinhação com caracteres gravados em carvalho... Ao mesmo tempo e no mesmo lugar onde o Templo da Fortuna está situado hoje, dizem que escorreu mel de uma oliveira. Diante do fenômeno, os áugures declararam que os objetos lá instituídos receberiam a mais alta honraria e, sob orientação deles, foi trazida uma urna feita da mesma oliveira, e nela eles são guardados, propiciando a leitura de oráculos da Fortuna. Mas como poderia haver, ao menos, o menor grau de informação correta proveniente desses objetos, que sob a direção da Fortuna são manuseados e apanhados pelas mãos de uma criança? Como tais objetos de adivinhação foram levados àquele lugar específico, e que cortou e entalhou o carvalho do qual são compostos?... Só a antiguidade e a beleza do Templo da Fortuna ainda preservam os objetos prenestinos contra o desprezo até dos indivíduos mais vulgares. Pois qual magistrado, ou homem de qualquer reputação, ainda recorre a eles? E em todos os outros lugares, são completamente desconsiderados (Cícero, *De Divinatione* 2.41 [Yonge, 235-6]).

Esses objetos eram placas de carvalho com frases inscritas. Eram tirados do estojo especial, embalhados e apanhados por uma criança, que observava e esperava pelo assentimento da cabeça da estátua da Fortuna, que tinha a forma de uma mulher amamentando dois bebês. Ver nota geográfica sobre Preneste.



De loterias, Quando e de onde a virtude da adivinhação é a elas incidente



Quaisquer adivinhações e previsões de eventos humanos que forem feitas por loteria devem necessariamente ter alguma causa oculta; que na verdade não será accidental, como *Aristóteles* descreve ser o caso da fortuna.¹ Pois vendo que em uma série de causas, segundo os platônicos, uma causa accidental nunca pode ser a primeira e suficiente, devemos então procurá-la mais alto e encontrar uma à qual possamos atribuir o efeito.² Não podemos colocá-la em natureza corpórea, mas sim imaterial e em substâncias que realmente administrem a loteria e expõem o significado da verdade, seja nas almas dos homens em espíritos separados em inteligências celestiais, ou no próprio Deus.

Ora, como há na alma do homem poder e virtude suficientes para direcionar esse tipo de loteria, ela é manifesta, pois há em nossa alma uma divina virtude, e semelhança, e apreensão, e poder de todas as coisas. E, como dissemos no primeiro livro,³ todas as coisas têm uma obediência

natural a ela, um ímpeto e uma eficácia para com aquilo que a alma deseja com muita força; e todas as virtudes e operações das coisas naturais e artificiais lhe obedecem quando ela se lança ao excesso do desejo, e todas as predições dessa espécie satisfazem ao apetite de uma mente assim e adquirem para si virtudes maravilhosas de presságios, aproveitando a oportunidade celestial naquela hora em que o excesso de tal apetite quase excede⁴ a tudo.

E essa é a base e a fundação de todas as questões astrológicas pela qual a mente elevada ao excesso de qualquer desejo se permite uma hora e uma oportunidade mais conveniente e eficaz, de acordo com a configuração do céu, para que o astrólogo então possa julgar e saber sem dúvida aquilo que alguém deseja e quer descobrir.

Mas como as predições nem sempre são direcionadas pela mente do homem, mas também, como já dissemos, com a ajuda de outros espíritos - tampouco a mente de um profeta está sempre disposta ao excesso de

paixão de que falamos - era costume entre os antigos realizar certos ritos sagrados, antes da prática da adivinhação, nos quais invocavam inteligências divinas e espíritos para direcionar a loteria.

Qualquer tipo de presságio, portanto, que essas formas de adivinhação trazem, não deve ser por acaso ou por sorte, mas sim de origem espiritual, por virtude da fantasia⁵ ou da mão daquele que move os objetos de adivinhação, quer esse poder provenha da alma do operador por excesso de sua afeição, quer provenha de determinada divindade ou espírito auxiliador, ou operando do alto, seja a predição proveniente da leitura de ossos,⁶ ou de dados, ou ainda da interpretação de versos,⁷ como foi o caso de *Homero* e *Virgílio*, os quais, conforme nos informa *Aetlius* de Esparta, *Adriano* já investigava, e que teriam afetado o imperador *Trajano*.⁸

Quem é aquele que teria ido tão longe com o ramo da oliveira
Para apresentar oferendas? Seu queixo
grisalho nós já conhecemos,

Um rei de Roma, cujas leis governaram a cidade pela primeira vez,

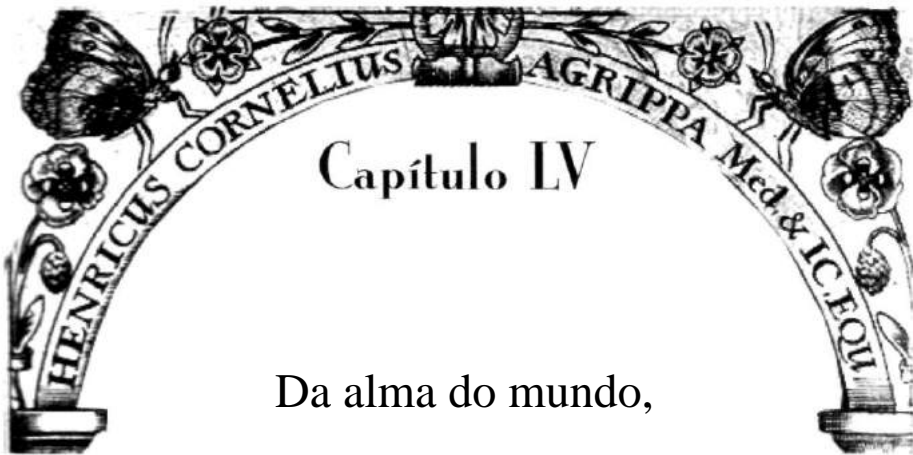
E com o auxílio das Curas um solo pobre se recupera
Sob o grande comando -

Versos pelos quais ele não teve esperanças vãs de possuir o Império. Também entre os hebreus, e mesmo entre nós cristãos (embora alguns adivinhos desaprovem), são feitas previsões a partir dos versículos dos Salmos.⁹

Há mais e variados tipos de loteria, os quais não eram praticados na Antiguidade, mas que são observados por nós na escolha de magistrados¹⁰ para prevenir contra inveja, dos quais *Cícero* faz menção contra *Verres*:¹¹ mas não são de nosso propósito aqui. Aqueles, porém, que são divinos e sagrados, concernem a oráculos e à religião, os quais abordaremos no livro seguinte: apenas explico por ora que, por maior que seja o poder de pressagiar, adivinhar ou prever o futuro, os objetos de loteria nada têm em si, exceto por virtude de uma operação do alto neles manifesta.

Notas - Capítulo LIV

1. Ver *Metafísica*, 5.30 e todo o livro 6, para o exame que Aristóteles faz do acaso.
2. O amante do intelecto e do conhecimento deveria em primeiro lugar explorar as causas da natureza inteligente e, em segundo lugar, daquelas coisas que, sendo movidas por outras, são impelidas por sua vez a mover outras. E é isso o que todos nós devemos fazer também. Ambas as espécies de causas devem ser por nós reconhecidas, mas há que se fazer uma distinção entre aquelas que são dotadas de intento e propiciam coisas boas e belas, e as que são desprovidas de inteligência e sempre produzem efeitos casuais, sem ordem ou intento. (Platão *Timaeus* 46e [Hamilton & Cairns, 1174])
3. Ver cap. LXVII, LI.
4. Supera.
5. Imaginação.
6. O astrágalo, ou osso do tarso, geralmente de uma ovelha, marcado dos quatro lados e jogado como dado. Os gregos e romanos tinham dois jogos: *ludus talorum*, com o astrágalo; e *ludus tessararum*, com dados. “Como funciona? Igual ao jogo de mora, ou dados [ou com ossos], no qual a sorte e a fortuna são tudo, e a razão e habilidade não têm valor algum” (Cícero, *De Divinatione*, 2.41 [Yonge, 235]). Em latim, lê-se *quod talos jacere, quod tesseras*, traduzido erroneamente como “dados”. Morra, ou mora, é um jogo que consiste em um jogador tentar adivinhar o número de dedos mostrados pelo outro.
7. Rapsodomancia, meio de adivinhação no qual o livro de um poeta é aberto e um verso lido aleatoriamente, como um oráculo.
8. A citação é de *Eneida*, de Virgílio, l. 6, c. linha 808. Refere-se a Numa, o segundo rei de Roma. Como Trajano ficara prematuramente grisalho, ele aceitou o verso como um augúrio pessoal de grandeza. As Curas, ou Sabinas, mencionadas no trecho, eram famosas por sua simplicidade e austeridade.
9. Existe uma forma de adivinhação conhecida como bibliomancia; entretanto (segundo Spence, 1920), tratava-se de um meio de descobrir bruxos e bruxas, que consistia em a pessoa acusada ter seu peso comparado com o da grande Bíblia da Igreja. Se a pessoa fosse mais leve que a Bíblia, era considerada inocente - prática que remonta ao hábito de pesar o coração dos mortos entre os antigos egípcios.
10. Há ainda uma sétima espécie de regra favorecida pelo céu e pela fortuna, por assim dizer. Os homens são expostos ao jogo de sorte, e aquele que obtiver o mais aprazível arranjo dos objetos jogados deverá imperar sobre os outros, e o que perder se retirará em submissão. (Platão, *Leis*, 3.690c [Hamilton & Cairns, 1285]).
11. *Divination in Q. Caecilium* em *De Oratore*, de Cícero. Ver a nota biográfica sobre Verres.



Da alma do mundo,
dos celestiais, de acordo com as
tradições dos poetas e dos filósofos



necessário que o céu e os corpos celestes, desde que tenham um poder, influência e operação manifesta sobre esses inferiores, sejam animados, pois uma operação não pode proceder de um mero corpo.¹ Todos os famosos poetas e filósofos afirmam, assim, que o mundo e todos os corpos celestiais devem ter uma alma e também inteligência:² nesse sentido, canta *Marco Manílio* em sua *Astronomia a Augusto*:³

O grande mundo corpóreo, que aparece
Em diferentes formas, de ar, terra, mar e fogo,
Uma divina alma governa, uma deidade Sabiamente impera-

E *Lucano*:⁴

A Terra pesada no ar é sustentada
Pelo grande Júpiter

E *Boécio*:⁵ Tu conferes ao mundo uma alma, que move

Todas as coisas de natureza trina, e essa alma

Tu espalhas pelos membros destas,
E em dois orbes de movimento ela Divide, e se apressa em retornar a si-

E *Virgílio*,⁶ repleto de filosofia, canta:

A princípio, o céu, a Terra e as planícies,

O globo reluzente da Lua, e as estrelas titânicas

Vivificadas com um espírito, se espalham pelo todo E empilhados aos montes, uma alma assim se infunde;

E daí, o homem, e os animais, e os pássaros tiram o sustento, E em leito de mármore flutuam monstros;

Sementes de um vigor em chamas geram

Uma raça celestial, cercada porém do peso da terra

Pois o que mais parecem indicar esses versos, senão que o mundo não só tem uma alma espiritual, mas

também participa da Mente Divina, e que a virtude original e o vigor de todas as coisas inferiores dependem da Alma do Mundo? Assim proclamam e confirmam todos os platônicos, pitagóricos, bem como Orfeu, Trismegisto, Aristóteles e todos os peripatéticos.

Notas - Capítulo LV

1. Ver Tomás de Aquino, *Summa contra gentiles*, 3.87.
2. Ora, quando o criador estabeleceu a alma de acordo com sua vontade, ele nela estabeleceu também o universo corpóreo e aproximou os dois, unindo-os centro a centro. A alma, imbuída em todos os lugares desde o centro até a circunferência do céu, do qual ela também é invólucro externo, voltando-se de si para si, teve um início divino de vida interminável e racional por todos os tempos (Platão, *Timeu*, 36e [Hamilton & Cairns, 1166]).
3. *Astronomica*, de Manílio, um poema astrológico em cinco livros, hoje perdido. Ver nota bibliográfica.
4. “Talvez uma grande parte de Júpiter, permeando a terra a ser por ele agitada, que sustenta o globo fixo no ar, passe através das cavernas cirenaicas, sendo atraída, em unísono com o Trovão etéreo (Lucano, *Pharsalia*, 5, linhas 93-6 [Riley, 169-70]). Lucano fala dos vapores que sobem da caverna em Delfos, os quais intoxicavam as pítiás.
5. *A consolação da filosofia* 3.9.
6. *Eneida*, 6, c. linha 724.



O mesmo se confirma pela razão



mundo, os céus, as estrelas e os elementos têm uma alma com a qual geram outra alma nesses corpos inferiores e mistos. Como dissemos também no livro anterior,¹ eles têm também um espírito, o qual pela mediação da alma se une ao corpo, pois como o mundo é um determinado corpo inteiro, suas partes são os corpos, de todos os seres vivos, e assim como o todo é mais perfeito e nobre que as partes, também muito mais perfeito e nobre é o corpo do mundo que os corpos de cada ser vivo.

Seria absurdo que todos os imperfeitos corpos e partes do mundo, e todos os animais mais básicos, tais como moscas e vermes, fossem dignos de vida, e de ter uma vida e uma alma, e que o mundo inteiro, um corpo tão perfeito, completo e nobre, não tivesse vida nem alma;² não é menos absurdo que os céus, as estrelas, elementos que dão vida a todas as coisas, bem como a alma, fossem em si sem vida e sem alma; e que toda planta ou árvore fosse de uma condição mais nobre que o céu, que as estrelas e os elementos, que são a causa natural delas.

E qual ser vivo pode negar que com a terra e a água vivem, geram, vivificam, nutrem e aumentam as inumeráveis árvores, plantas e seres vivos, como se vê de forma tão evidente nas coisas que procriam sozinhas³ e naquelas que não têm uma semente corpórea? Tampouco poderiam os elementos gerar e alimentar tais espécies de seres vivos, se eles não tivessem ao menos vida ou alma.

Mas alguns mal orientados podem dizer que os seres vivos não são gerados pela alma da terra ou da água, e sim pelas influências das almas celestiais; a estes os platônicos respondem⁴ que o acaso não pode gerar uma substância, a menos que, como instrumento, se sujeite à substância seguinte, porque um instrumento removido do artífice não responde ao efeito da arte; além disso, essas influências celestiais, acidentalmente removidas de substâncias vitais ou da própria vida, não podem gerar uma substância vital nesses inferiores.

E *Mercurius*, em seu livro que ele chama de *De Comuni*, dizia que tudo o que existe no mundo é movido por aumento ou diminuição.⁵ Tudo o que move algo deve ter vida; e como todas as coisas movem algo,

inclusive a Terra, particularmente com um movimento gerativo e alterativo, então todas devem ter vida. E se alguém duvida que os céus vivem, dizia *Teófrasto*, não pode ser considerado um filósofo; e aquele que nega que o céu é animado, afirmando que seu movedor não é sua forma, destrói toda a fundação da filosofia. O mundo, portanto, vive, tem uma alma e um sentido; pois ele dá vida às plantas que não são produzidas por semente; e dá sentidos aos animais que não são gerados por coito.

Notas - Capítulo LVI

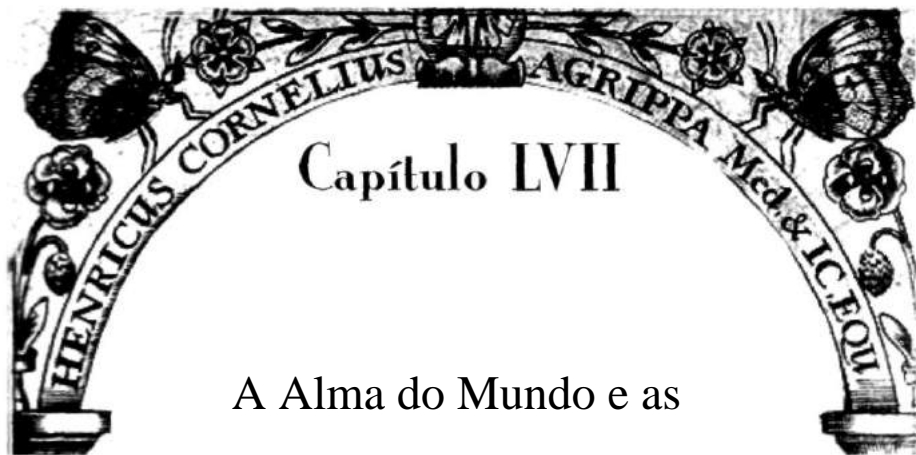
1. Ver cap. XIV, l. I.

2. A noção de que o mundo é um ser vivo com uma alma recebeu um novo reforço em tempos recentes, com a admissão da ciência de que não só a Terra formou a vida, mas a vida formou a Terra, adaptando a atmosfera e o clima para satisfazer suas necessidades. O mundo não é como é por acaso, mas porque os seres vivos assim o fizeram.

3. Uma referência à geração espontânea. Ver nota 6, cap. V, l. I.

4. Ver nota 2, cap. XIV, l. II.

5. “Pois no caso de tudo o que existe, à sua existência deve seguir a destruição. Pois aquilo que ganha a existência... aumenta; e no caso de tudo o que aumenta, o aumento é seguido por destruição”(Stobaei, *Hermética*, 20 [Scott 1985 (1924), 1:451]). “Corpos dissolutos aumentam e diminuem..” (*Ibid.* 11, 431). No entanto, em uma contradição quase direta à conclusão de Agrippa, é afirmado: “Além disso, as forças operam não só em corpos que têm almas, mas também em corpos sem alma, como troncos de árvores e pedras e outros semelhantes, aumentando-lhes o tamanho e levando-os à maturidade, corrompendo, dissolvendo, apodrecendo e fazendo-os ruir, e forçando-os a passar por todos os processos possíveis para os corpos sem alma” (*Ibid.* 3, 397).



A Alma do Mundo e as almas celestiais são racionais e partilham da compreensão divina



importante que as almas acima mencionadas tenham razão, pois enquanto as obras universais das almas supracitadas conspiram entre si com uma certa ordem perpétua, é necessário que sejam governadas não pelo acaso, mas pela razão. E essa razão permite que direcionem e façam culminar todas as suas operações em uma certeza. Pois é necessário que a terra tenha a razão das coisas terrestres e a água das coisas aquáticas; e assim com o resto; razão esta que permite que, cada um, em seu tempo, lugar e ordem, seja gerado e, uma vez ferido, reparado.

Portanto, os filósofos não pensam que a Alma da Terra¹ é como a alma de algum corpo desprezível, mas sim racional e inteligente a ponto de ser uma divindade. E, além disso, como cada um de nós é munido de razão, seria absurdo que a Alma do Universo não tivesse razão própria. Mas, como Platão dizia,² se o mundo foi feito pelo próprio bem, como de fato deve ter sido, ele certamente é

dotado não só de vida, sentido e razão, mas também de compreensão. Pois a perfeição de um corpo é sua alma, e é mais perfeito o corpo que possui uma alma mais perfeita.

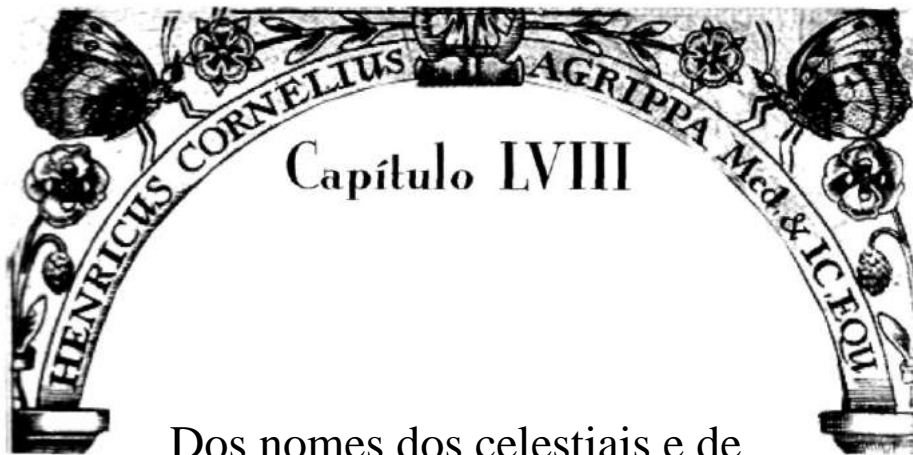
É inevitável, portanto, já que os corpos celestes são os mais perfeitos, que tenham também as mais perfeitas mentes. Assim, eles partilham de um intelecto e de uma mente; o que os platônicos provam pela perseverança de sua ordem, e tenor, porque o movimento é, por sua natureza, livre, podendo com facilidade mudar e seguir ora um caminho, ora outro. Assim não seria se não fosse coordenado por um intelecto e uma mente, e ainda uma mente perfeita que antevê do começo ao fim o melhor caminho, e o objetivo final. E a mente perfeita, mais poderosa ainda na alma, o é ainda mais na Alma do Mundo, ordenando sem dúvida as almas dos corpos celestes e dos elementos, governando com perfeição as obras a eles designadas. Pois os corpos não resistem à alma mais poderosa, e uma mente perfeita não muda seu conselho.

A Alma do Mundo, portanto, é instrumento de muitas cordas, mas com uma coisa única e certa, que preenche um som oriundo das três espécies de todas as coisas, agracia todas as coisas, criaturas, intelectuais, celestiais e une e aproxima todas as coisas, incorruptíveis, e com um único respiro e formando assim uma estrutura do mundo, sendo como um

Notas - Capítulo LVII

1. Ver apêndice II.

2. Deixe dizer-lhes, agora, por que o criador fez este mundo de geração. Ele é um criador bom, e o bom nunca pode ter ciúme de coisa alguma. E sendo livre de todo ciúme, ele desejou que todas as coisas fossem como ele próprio, dentro de suas possibilidades. Esse é o mais exato sentido da origem da criação e do mundo, e a nós cabe acreditar no testemunho de homens sábios. Deus desejou que todas as coisas fossem boas e nada fosse mau, dentro do alcançável e possível. Vendo toda a esfera visível se agitando de maneira desordenada e irregular, dessa desordem ele criou ordem, considerando que era a ordem um caminho melhor que a desordem. Ora, os caminhos do bem jamais poderiam ser ou ter sido nada menos que os melhores; e o criador, refletindo nas coisas que são, por natureza, visíveis, percebeu que nenhum ser não inteligente considerado em sua totalidade poderia ser melhor que o inteligente considerado em sua totalidade e, ainda, que essa inteligência não poderia estar presente em algo destituído de alma. Razão pela qual ele colocou inteligência na alma e a alma no corpo, para que ele pudesse ser o criador de uma obra que fosse, por natureza, a mais pura e a melhor. Podemos, portanto, usar a linguagem da probabilidade e dizer que o mundo nasceu - um ser vivo verdadeiramente dotado de alma e inteligência pela providência de Deus (Platão, *Timeu*, 29e-30b [Hamilton & Cairns, 1162-31]).



Dos nomes dos celestiais e de sua regência sobre este mundo inferior - o homem



s nomes das almas celestiais são muitos e diversificados, de acordo com seu múltiplo poder e virtude sobre essas coisas inferiores, das quais receberam diferentes nomes, que os antigos em seus hinos e orações usavam.

Observe que cada uma dessas almas, segundo *Orfeu*,¹ teria uma virtude dupla; uma colocada no saber e a outra vivificando e governando o corpo. Discorrendo sobre as esferas celestiais, *Orfeu* chama a primeira virtude de *Baco* e a outra de *Musa*. Assim, ele não se deixa inebriar por nenhum *Baco* que não tenha antes copulado com sua *Musa*. Portanto, são designados nove *Bacos* para as nove *Musas*.

Na nova esfera, *Orfeu* coloca *Baco Cribônio* e a *Musa Caltope*; no céu estrelado, *Piciônio* e *Urânia*; na esfera de Saturno, *Anfieto* e *Polifímia*; na esfera de Júpiter, *Sabásio* e *Terpsícore*; na esfera de Marte, *Bassário* e *Clio*; na esfera do Sol, *Trietérico* e

Melpômene; na esfera de Vênus, *Lísio* e *Erato*; na esfera de Mercúrio, *Sileno* e *Euterpe*; na esfera da Lua, *Baco Lio* e a *Musa Tália*.

E nas esferas dos elementos, ele cita as almas da seguinte maneira: no Fogo, ele coloca o Planeta e a Manhã; no Ar, Relâmpago, *Júpiter* e *Juno*; na Água, o Oceano e *Tétis*; na Terra, *Plutão* e *Prosérpina*.

Mas a Alma do Mundo, ou Universo, os magos chamam de *Júpiter* do Mundo; e a Mente do Mundo, *Apolo*; e a Natureza do Mundo, *Minerva*. Além disso, ao Fogo eles atribuem *Vulcano*; à água, *Netuno*; e os chamam por diversos nomes.

Também nos astros do zodíaco, os pitagóricos colocavam 12 deuses ou almas, que se localizavam nos corações desses astros, governando assim todo o astro. No coração de Áries é colocada uma *Palas* específica; no coração de Touro, uma *Vênus* específica; de Gêmeos, uma *Febo* específico; de Câncer, *Mercúrio*; de Leão, *Júpiter*; de Virgem, *Ceres*; de Libra, *Vulcano*; de

Escorpião, *Marte*; de Sagitário, *Diana*; de Capricórnio, *Vesta*; de Aquário, uma *Juno* específica; no coração de Peixes, um *Netuno* específico. E assim canta *Manilius* nos seguintes versos:

Palas rege o Carneiro, Vênus, o Touro,
 Febo os Gêmeos, e Mercúrio rege
 O Câncer, enquanto o Leão é regido
 por Júpiter,
 Ceres rege Virgem, Vulcão, Libra.
 Para Escorpião o regente é Marte; e
 para Sagitário
 A doce Diana; Capricórnio quem rege
 é
 Vesta; Aquário, Juno; E Netuno é o
 regente de Peixes -

E mais antigo, *Orfeu* escreveu para *Museus*, considerando mais divindades dos céus que essas mencionadas, citando seus nomes, aspectos e deveres, nomeando-as todas em devidos cânticos.² Que ninguém pense, portanto, que são os nomes de espíritos malignos enganadores, mas sim de virtudes naturais e divinas, distribuídas no mundo pelo verdadeiro Deus, para servir e beneficiar o homem que soubesse usá-las.

E a própria antiguidade atribuiu a cada uma dessas divindades os vários membros do homem; como, por exemplo, a orelha à memória, que *Virgílio* também dedica a Febo,

cantando: *Cíntio* me puxa pela orelha,³ e me repreende. E a mão direita, sendo um sinal de fortitude e com a qual se faz um juramento, *Numa Pompilius*, nas palavras de *Lívio*, dedicou à fé:⁴ os dedos estão sob a tutela de *Minerva*, os joelhos se dão à misericórdia; por isso, aqueles que pedem perdão se ajoelham. Alguns dedicam o umbigo a *Vênus* como local de luxúria; alguns que se referem a ele como o centro de todos os membros dizem que é dedicado a *Júpiter*. É por isso que no Templo de *Júpiter Hammon* se celebra a efígie de um umbigo.⁵

Muitas outras coisas eram observadas pelos antigos, que atribuíam cada minúsculo membro e junta às divindades, que, se devidamente compreendidas e sua regência devidamente conhecida, jamais negligenciariam seus deveres, tendo inclusive textos escritos sagrados atestando que todos os nossos membros são regidos pelas virtudes superiores, do que falaremos mais no livro seguinte; e não só os membros, mas toda atividade do homem, é distribuída à sua divindade, como, por exemplo, a caça a *Diana*, as guerras a *Palas*, a agricultura a *Ceres*, como menciona *Apolo* em seus Oráculos, em *Porfírio*:⁶

Palas ama as guerras, e as florestas a
 Diana
 São designadas; a Juno, o ar úmido;
 A Ceres, o milho e as frutas; a Osíris,
 A água e os humores aquosos.

Notas - Capítulo LVIII

1. Em seus *Hymns of Orpheus*, Thomas Taylor cita uma passagem da *Theologia Platonica de immortalitate animae*, de Marsilio Ficino, publicada por volta de 1482, na qual cita uma fonte orfíca desconhecida. Lamentavelmente, ele não se incomodou em identificar sua fonte. Como Agrippa deve ter consultado Ficino ou sua fonte neste capítulo, vale a pena reproduzir a citação conforme traduzida por Taylor:

“Aqueles que professam a teologia órfica reconhecem um poder duplo na alma e nos orbes celestiais: uma consistindo em conhecimento, a outra em vivificar e governar o orbe ao qual o poder está ligado. Assim, no orbe da terra, chamam o poder gnóstico de Plutão, o outro de Prosérpina. Na água, o primeiro poder é o Oceano e o segundo, Tétis. No ar, um é o Júpiter dos trovões e o outro é Juno. No fogo, Phanes e Aurora. Na alma da esfera lunar, chamam o poder gnóstico de Licnion Bacchus e o outro de Tália. Na esfera de Mercúrio, um é Bacchus Silenus, o outro é Euterpe. No orbe de Vênus, um é Lysius Bacchus e o outro, Erato. Na esfera do Sol, um é Trietericus Bacchus e outro, Melpômene. No orbe de Marte, um é Bassareus Bacchus e o outro, Clio. Na esfera de Júpiter, um é Sebazius e o outro é Terpsícore. No orbe de Saturno, um é Amphietus e o outro, Polimnia. Na oitava esfera, um é Pericionius, o outro, Urânia. Mas na alma do mundo, o poder gnóstico é Bacchus Eribromus, mas o poder animador é Calíope. De tudo isso, inferem os teólogos órficos que os epítetos específicos de Baco são comparados com os das Musas, de modo que podemos compreender que os poderes das Musas intoxicam com o néctar do conhecimento divino; e podemos considerar que as nove Musas e os nove Bacos giram em torno de um Apolo, como o esplendor de um Sol invisível” (*Thomas Taylor the Platonist: Selected Writings* [Raine & Harper, 203-4]).

Para uma maior discussão dessa passagem, ver Mead 1965 (1896), 92-6. Com bastante exatidão, Mead explica que a doutrina dos pares masculino-feminino interdependentes de intelecto e poder é a doutrina hindu do tantrismo, de Shiva-Shakti, sob outro nome. Em suma, todo o poder de se manifestar e mudar está no aspecto feminino, enquanto o aspecto masculino é o da pura mente e, portanto, impotente no mundo. A respeito desse tema, os livros de *sir John Woodroffe* (Artur de Avalon) não são apenas úteis, mas absolutamente necessários, de modo particular *Sakti and Sakta* e sua tradução dos *Princípios do Tantra*. Eles compensam mil vezes uma leitura atenta.

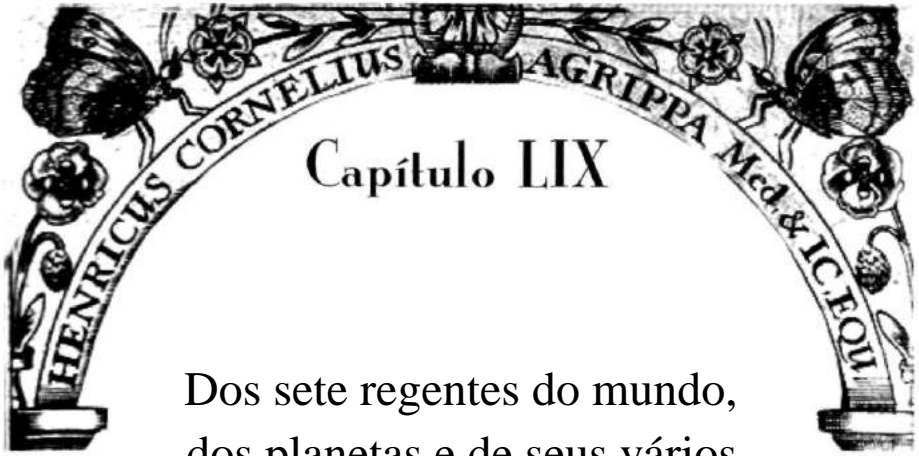
2. Uma referência aos Hinos órficos que são dirigidos por Orfeu a Museus.

3. “Quando eu cantava sobre reis e batalhas, Febo me puxava pela orelha e me avisava nestes termos: ‘É dever do pastor, Títiro, alimentar as ovelhas gordas e embalá-las com seu canto’”. (Virgílio, *Éclogas*, 6. c. linha 3 [Lonsdale e Lee, 21]). Jacinto teria sido um belo rapaz amado por Apolo e que foi morto pelo deus quando este, descuidado, arremessou um disco que atingiu o jovem na testa. Na verdade, ele era um deus mais antigo, pré-grego, cujo culto e festival (as Jacintas) foram quase completamente apoderados por Apolo. Pausânias diz: “... a tumba de Jacinto está localizada em Amiclia, debaixo da estátua de Apolo” (*Guide to Greece* 3.1.3 [Levi, 2:10]). Esta é uma história sucinta, embora não intencional, dos dois deuses na Grécia.

4. Ele [Numa] instituiu uma cerimônia anual dedicada à Fidelidade, com sacerdotes cujo dever era chegar em um carro puxado por dois cavalos ao local de celebração e lá realizar seus ritos com as mãos enfaixadas até os dedos, significando que a fidelidade deveria ser religiosamente preservada e que permaneceria, inviolável, na mão direita de um homem (Lívio, *The Early History of Rome*, 1.21 [de Selincourt, 56]).

5. Pausânias descreve uma pedra “umbigo” de Saturno: “Subindo a partir desse memorial [de Neoptolemos], chega-se a uma pedra, não muito grande; nela é despejado óleo todos os dias, e em todos os festivais é oferecida lá não tosquiada. Há uma opinião de que essa pedra foi dada a Cronos no lugar de sua progênie, e que ele a vomitou novamente” [*Guide do Greece* 10.24.5 [Levi 1:468]]. O culto de pedras oraculares pequenas, redondas e polidas é muito difundido. Ver Gênesis 28:11-8.

6. A obra referida é *De Philosophia ex oraculis haurienda*, na qual Porfírio defende os oráculos de vários deuses e que é preservada em fragmentos na obra *Praeparatio evangélica*, de Eusébio.



Dos sete regentes do mundo, dos planetas e de seus vários nomes servindo a recitações mágicas



lém disso, chamavam aos sete regentes do mundo (segundo *Hermes*),¹ Saturno, Júpiter, Marte, o Sol, Vênus, Mercúrio e a Lua, por muitos outros nomes e epítetos,² chamando Saturno, por exemplo, de *Coelius*,³ o Ceifeiro, o pai dos deuses, senhor do tempo, grande senhor, o grande, o sábio, o inteligente, engenhoso, revolvedor de um longo espaço, velho de grande profundidade, autor da contemplação secreta, imprimindo ou deprimindo grandes pensamentos nos corações dos homens, destruindo e preservando todas as coisas, derrubando força e poder, constituindo-se em um guardião de coisas secretas, uma enxurrada delas, causando prejuízo e sendo autor da vida e da morte.

Júpiter é chamado de pai que ajuda, rei do céu, magnânimo, trovão, relâmpago, inconquistável, alto e poderoso, grande e poderoso, bom, afortunado, doce, temperado, de boa vontade, honesto, puro, de boa caminhada, de honra, senhor da alegria e dos

juízos, sábio, verdadeiro, promotor da verdade, juiz de todas as coisas, o que supera a todos em bondade, senhor das riquezas e da sabedoria.

Marte é chamado de *Mavors*,⁴ poderoso em guerra, sanguinário, poderoso com armas, espadachim, magnânimo, audacioso, indomável, generoso, relâmpago, de grande poder e furiosa pressa, contra o qual ninguém pode se defender se a ele resistir, o que destrói os fortes e poderosos e depõe reis de seus tronos, senhor do calor e poder, senhor do calor incandescente e do planeta de sangue; aquele que inflama os corações dos lutadores e lhes dá coragem.

O Sol é chamado de *Febo*,⁵ *Diespiter*,⁶ *Apolo*, *Titã*,⁷ *Peã*,⁸ *Phanes*,⁹ *Hórus*, *Osíris*, como no oráculo:¹⁰

O Sol, Osíris, alegre Dioniso
Apolo, Hórus, rei que governa o dia
Que altera os tempos, que traz vento e
chuva,
O rei dos astros e a chama imortal.

Ele é chamado ainda de *Arcitenes*,¹¹ ardente, incandescente,

dourado, em chamas, radiante, de cabelos em chamas, de cabelos dourados, olho do mundo, *Lúcifer*,¹² o que tudo vê, o que tudo governa, o criador da luz, o rei dos astros, grande senhor, bom, afortunado, honesto, puro, prudente, inteligente, sábio, reluzente sobre o mundo inteiro, o que governa e vivifica todos os corpos que têm alma, príncipe do mundo que mantém todos os astros sob sua tutela, luz de todas as estrelas, escurecedor, ardente, o que supera a virtude dos outros, quando se aproxima, mas que com sua luz e esplendor dá luz e esplendor a todas as coisas: à noite ele é chamado *Dioniso*, mas durante o dia, *Apolo*,¹³ como aquele que afasta as coisas do mal. Por isso, os atenienses o chamavam de *Alexicacon*¹⁴ e *Homero*, de *Vlion*,¹⁵ isto é, o que afasta as coisas malignas. Também é chamado de *Febo* por causa de sua beleza e brilho; e de *Vulcano* por sua violência incandescente, pois sua força consiste em muitos fogos. E é chamado de Sol, porque contém a luz de todas as estrelas; e por isso os assírios o chamavam de אֲדָמָה, *Hadade*,¹⁶ que significa único; e os hebreus de שֶׁמֶשׁ, *Schemesch*,¹⁷ que significa o *próprio*.

Vênus é chamado de a senhora,¹⁸ a que alimenta, a bela, branca, clara, agradável, poderosa, a senhora prolifera do amor e da beleza, a progênie das eras, a primeira progenitora dos homens, que no princípio de todas as coisas juntou a diversidade dos sexos com um amor crescente e, com uma prole eterna, propaga espécies de homens e de animais, a rainha dos deleites, a senhora do regozijo, amiga, sociável, misericordiosa, que nada leva a mal, sempre generosa com os mortais, mãe afetuada para

com quem está em agonia, salvaguarda da humanidade, a que não deixa passar um momento do tempo sem fazer o bem, a que supera todas as coisas com seu poder, a que humilha os altos perante os baixos e os fortes perante os fracos e os nobres perante os simples, a que retifica e iguala todas as coisas: e é chamada de *Afrodite*, porque no sexo ela ocupa todas as mentes:¹⁹ e é também chamada de *Lucífera*, portadora da luz, que dá luz aos anos do Sol; e de *Hesperus*,²⁰ quando segue o Sol, e de *Phosperus*,²¹ porque é a líder de todas as coisas, embora não tirânica.

Mercúrio é chamado de o filho de *Júpiter*, o representante dos deuses, o intérprete dos deuses, *Natimorto*,²² o que traz a serpente, o porta-vara, o que tem asas nos pés, eloquente, promotor de lucros, sábio, racional, robusto, vigoroso, poderoso no bem e no mal, notário do Sol, mensageiro de *Júpiter*, mensageiro entre os deuses supernos e infernais, entre machos e fêmeas,²³ frutífero em ambos os sexos; e *Lucano* o chamava de *Hermes*, isto é, intérprete, trazendo luz à obscuridade e abrindo as coisas mais secretas.

A Lua é chamada de *Febe*,²⁴ *Diana*, *Lucina*,²⁵ *Prosérpina*, *Hecate*, menstruada, meia forma, a que traz luz à noite, vagante, silenciosa, a que tem dois chifres, preservadora, andarilha noturna, portadora dos chifres, rainha do céu, a principal divindade, a primeira dos deuses e deusas celestes, rainha dos espíritos, mestra de todos os elementos, aquela a quem os astros respondem, retorno das estações, servida pelos elementos; ao assentimento, os relâmpagos se projetam, as sementes germinam, as

plantas crescem; ela é a mãe inicial dos frutos, a irmã de *Febo*,²⁶ luz e brilho, portadora de luz de um planeta a outro, iluminadora de todos os poderes com sua luz; ela restringe as várias passagens dos astros, distribui luzes pelos circuitos do Sol, é senhora de grande beleza, senhora da chuva e das águas, doadora de riquezas, enfermeira da humanidade, governadora de todos os estados, gentil, misericordiosa, protetora dos homens em mar e em terra, mitigadora de todas as tempestades da fortuna, dispensadora do destino, a que alimenta todas as coisas que crescem na Terra, a que vagueia pelas florestas, aplaca a ira dos goblins,²⁷ fecha as aberturas da Terra;

distribui a luz do céu, os laudos rios dos mares e o deplorável silêncio dos infernos com seu assentimento; governa o mundo, pisoteia o inferno; de sua majestade, os pássaros em voo têm medo, os animais selvagens se refugiam dela nas montanhas, as serpentes se escondem do Sol, os peixes mergulham nas profundezas do mar. Aquele que desejar saber acerca desses e outros nomes de astros e planetas e seus epítetos, sobrenomes e invocações, ou quiser fazer uma investigação mais minuciosa, deve procurar os Hinos de Orfeu, pelos quais aquele que tem entendimento alcançará uma grande compreensão de magia natural.

Notas - Capítulo LIX

1. “Ea primeira Mente - aquela que é Vida e Luz -, sendo bissexual, deu à luz outra Mente, uma Criadora de coisas; e essa segunda Mente fez do fogo e do ar sete Administradores, que englobam com suas órbitas o mundo percebido pelos sentidos; e sua administração é chamada *Destino*”(Corpus Hermeticum, 1.9 [Scott, 1:119]).
 2. Os sobrenomes, ou epítetos, dados aos deuses clássicos são muito numerosos. O propósito deles era distinguir funções específicas. Vejamos alguns exemplos dos escritos herméticos:

O Regente do Céu, ou de tudo o que se incluir sob o nome de “Céu”, é Zeus Hypatos [O Altíssimo]; pois a vida é dada a todos os seres por Zeus, pela mediação do céu... O Regente do ar é o distribuidor subordinado da vida; a ele pertence a região entre o céu e a terra; nós o chamamos de Zeus Neatos [O Mais Baixo]... Terra e mar são regidos por Zeus Chrhonios [Do Submundo]; é ele que fornece alimento a todos os seres mortais que têm alma e a todas as árvores frutíferas; e é pelo poder dele que os frutos da terra são produzidos.
 3. Há outros deuses ainda, cujos poderes e operações são distribuídos entre todas as coisas existentes (Asclépio 3.19b, 27c [Scott, 1:325]).
 3. Coelius significa celeste, e era um nome dado a Urano, pai de Cronos, ou Saturno, que personificava o céu noturno.
 4. Marte é uma contração de *Mavors*.
 5. Febo significa reluzente (brilhante ou puro).
 6. De *Diovis pater*, ou Pai do Céu, nome aplicado a Júpiter.
 7. Esse nome às vezes é aplicado aos descendentes dos Titãs, especialmente Hélios (Sol) e Selene (Lua).
 8. Nome ou hino em honra de Apolo.
 9. Phanes (o Manifestador) é Deus como causa ideal das coisas, “Bright Space Son of Dark Space” (Mead [1896] 1965, 7:108]). Acerca desse deus, Lactantius escreve: “Orfeu nos diz que Phanes é o pai de todos os Deuses, e para eles criou o céu, pensando em seus filhos, para que pudessem ter uma habitação e uma sede comum - ‘ele fundou para os imortais uma imperecível mansão’” (id., 110-11).
 10. Citado por Eusébio em *Praeparatio evangelica*.
 11. Do latim, *arciment*, aquele que carrega ou atira com um arco. Apolo é Senhor do Arco de Prata, o que atira a distância, o arqueiro.
 12. Portador da Luz, ou Mensageiro da Luz, um título geralmente atribuído a Vênus, como Estrela Matutina.
 13. Há um elo místico entre Dioniso e Apolo expresso no mito órfico de que, enquanto o menino Dioniso olhava, cativado, para um espelho, os Titãs os despedaçaram, depois ferveram e cozinharam suas partes. Sentindo o cheiro e percebendo o que havia acontecido, Zeus lançou um relâmpago sobre os Titãs e os consumiu em fogo. Ele deu as partes de Dioniso a Apolo, para enterrá-las. Dioniso emergiu da terra reconstituído e de volta à vida. Comentando essa fábula, Olympiodorus, em seu comentário sobre *Fedon* de Platão, diz:

Dioniso ou Baco, tendo sua imagem formada em um espelho, a perseguiu e foi, assim, distribuído entre todas as coisas. Mas Apolo o apanhou e reconstituiu, sendo uma divindade de purificação e o verdadeiro salvador de Dioniso; e assim ele é citado nos hinos sagrados, Dionusites (Taylor 1875, 2:137).
- A respeito do mesmo tema, ver Mead 1965 (1896), 7:118-20.
14. Alexicacus (O que evita o mal), sobrenome aplicado de modo particular a Zeus, Apolo e Hércules.
 15. Talvez Hélios “que traz alegria aos mortais”. Ver a *Odisseia*, l. 12, linhas 269, 279 Lattimore, 192.

16. Um deus edomita chamado In-Shushinak (Aquele de Susa), deus local de Susa, principal cidade de Edom, mas também o Soberano dos Deuses, o Mestre do Céu e da Terra, e Criador do Universo. Costuma ser identificado como Hadade, o deus assírio-babilônio do relâmpago da tempestade, que controlava as chuvas. Hadade também tinha o poder de revelar o futuro e era conhecido como Senhor da Visão. O nome do deus aparece como um nome pessoal em I Reis 11:17.

17. Termo hebraico para “Sol”. A palavra aparece em sua forma masculina e feminina no Salmos 104:19 e Gênesis 15:17.

18. A Senhora de Paphos, porque a velha Paphos, na costa oeste de Chipre, era a sede do culto de Afrodite, que logo após nascer teria sido levada até lá pelas ondas. Ver Lucano, *Pharsalia*, 8, c. linha 457.

19. Não ficou claro para mim o que essa frase significa, a menos que pretenda indicar que Afrodite preside todas as formas de amor. Como Afrodite Urânia, ela é deusa do amor puro e ideal; como Afrodite Genetrix, é deusa do amor entre pessoas casadas; e como Afrodite Porne, é a deusa da prostituição. Havia também uma Afrodite de Chipre, barbada, chamada de Aphroditos, que englobava características masculinas e femininas em uma única imagem.

20. Vênus é chamada de Hesperus, Versperugo, Vesper, Noctifer ou Nocturnus quando o planeta aparece no oeste após o ocaso.

21. Phosphorus, outro nome para Vênus, como Estrela Matutina, quando aparece no leste antes do alvorecer.

22. Do grego: *στιλβειν* (stilbein), brilhar ou reluzir. Aplicado a Mercúrio, porque o planeta brilha ou cintila no céu.

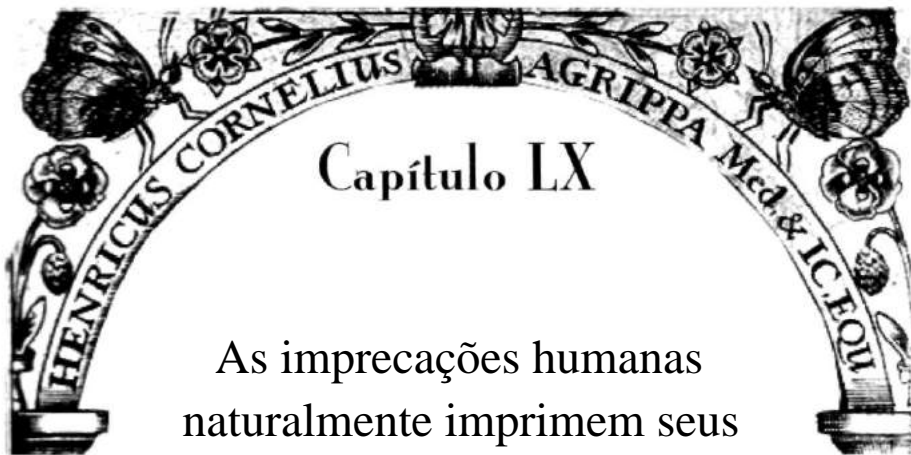
23. Referência aos grupos do Sol (macho-dia) e da Lua (fêmea-noite) descritos por Ptolomeu, que diz: “... segundo a tradição, a Lua e Vênus são astros noturnos, o Sol e Júpiter são diurnos, e Mercúrio é comum a ambos, diurno como estrela matutina e noturno como estrela vespertina” (*Tetrabiblos* 1.7 [Robbins, 43]). Saturno e Marte, por sua vez, são atribuídos aos grupos do Sol e da Lua, respectivamente.

24. Ártemis Febe, deusa da Lua; feminino de Febo (Sol).

25. “Deusa que traz a luz”, a versão romana da deusa grega Ilítia. Ela preside o nascimento das crianças. O nome Lucina é adicionado, como sobrenome, a Juno e Diana.

26. Mene, outro nome para Selene, era irmã de Hélios. Ver também nota 24.

27. Um espírito familiar maldoso com uma predileção por crianças, cavalos e (segundo Keightley [1880] 1978) moças jovens. A palavra deriva do termo latino medieval *cobalus*. Aparece pela primeira vez na *Historia ecdesiastica*, de Orderic Vitalis (1142), que descreve um demônio que St. Taurín expulsou do templo de Diana: “*Hunc vulgus Gobelinum appellat*”. Keightley diz que o goblin “é evidentemente o mesmo que o Kobold”, um espírito alemão (Keightley [1880] 1978, 476). Freake usa o termo “goblins” para traduzir o latino *larvae*, que eram os fantasmas dos homens ímpios que saíam da cova para vagar pela noite e atormentar os vivos. Os romanos distinguiram os *larvae* dos *lares*, que eram os fantasmas dos homens bons. Essa tradução de *larvae* para goblins é enganosa - “fantasmas” teria sido um termo melhor.



As imprecções humanas
naturalmente imprimem seus
poderes nas coisas externas; e a
mente do homem, por meio de
cada grau de dependência, ascende
ao mundo inteligível e se torna
semelhante aos mais sublimes
espíritos e inteligências



As almas celestiais enviam suas virtudes aos corpos celestes, que por sua vez as transmitem a este mundo sensível. Pois as virtudes do orbe terrestre não vêm de outra causa que não a celestial. Por isso o mago que as opera usa uma astuta invocação dos superiores, com palavras misteriosas,¹ e uma certa espécie de fala engenhosa que atrai uma à outra, entretanto, por uma força natural, por uma espécie de acordo entre ambos, no qual as coisas acontecem por si, ou às vezes são atradas involuntariamente.

Nesse sentido, dizia *Aristóteles* no sexto livro de sua *Filosofia Mística*² que, quando em algum feitiço ou encantamento, uma pessoa invoca o

Sol ou outros astros, rogando deles o auxílio para o trabalho desejado, o Sol e os outros astros não ouvem suas palavras, mas são movidos por meio de uma certa conjunção e série mútua, na qual as partes do mundo são mutuamente subordinadas uma à outra e têm um consentimento mútuo, em virtude de sua grande união; assim como no corpo do homem, por exemplo, um membro se move ao perceber o movimento de outro, e na harpa uma corda se move ao movimento de outra. Quando alguém move, do mesmo modo, alguma parte do mundo, outras partes são movidas pela percepção do primeiro movimento. Portanto, o conhecimento da dependência das coisas entre si é a fundação de toda operação extraordinária,

necessária para o exercício do poder de atrair as virtudes superiores.

Ora, as palavras dos homens são coisas naturais; e porque as partes do mundo têm atração mútua, um mago, invocando por meio de palavras, trabalha com poderes que se coadunam com a natureza, atraindo por meio do amor, por exemplo, algumas pessoas a outras, ou levando-as a seguir outras, ou até repelindo por razão de uma inimizade existente, por contrariedade e diferença de posições e multiplicidade de virtudes; pois, embora contrárias e diferentes, concordam com perfeição em uma parte; às vezes, o mago também compele por meio de autoridade, pela virtude celestial, pois para ele o céu não é estranho.

Assim, se um homem recebe a impressão de alguma ligação,³ ou fascínio, não a recebe de acordo com a alma racional, mas sensual, e se sofre em alguma parte, sofre de acordo com a parte animal. Pois um homem sabedor e inteligente não pode ser atraído pela razão, mas sim pela impressão e força do sentido, assim como o espírito animal do homem é afetado além de sua disposição anterior e natural pela influência dos celestiais e pela cooperação das coisas do mundo.

Um filho, por exemplo, impele o pai a trabalhar, embora esteja indisposto e cansado para prover seu sustento; e o desejo de governar culmina em raiva e outros esforços para se obter o domínio; e a indigência da natureza e o medo da pobreza movem um homem ao desejo de riqueza; e os enfeites e a beleza das mulheres incitam a concupiscência; e a harmonia de um músico sábio move seus

ouvintes, comovendo-os com várias paixões, levando alguns a seguir a consonância da arte, outros a acompanhar a música com gestos,⁴ embora quase involuntários, porque se sentem cativados, não sendo movidos pela razão nesses casos.

Mas esses tipos de fascínios e ligações os vulgares nem admiram nem detestam, justamente por serem incomuns, mas admiram outras coisas naturais, pois são ignorantes quanto a elas e não têm com elas a menor familiaridade. É por isso que recaem em erros, achando que tais coisas estão acima da natureza ou são contrárias à natureza, quando na verdade fazem parte dela.

Devemos saber, portanto, que todo superior move seu inferior, em seu grau e ordem, não só no corpo, mas também no espírito. Assim, a alma universal move a alma específica; e o racional atua sobre o sensual, e este sobre o vegetal; e cada parte do mundo atua sobre outra, e cada parte tende a ser movida por outra; e cada parte deste mundo inferior sofre influência dos céus de acordo com sua natureza e aptidão, assim como uma parte do corpo animal sofre⁵ influência de outra. E o mundo intelectual superior move todas as coisas abaixo de si e, de certa maneira, contém todos os mesmos seres, do primeiro ao último, que se encontram no mundo inferior.

Os corpos celestes, portanto, movem o corpo do mundo elemental, composto, gerativo, sensível, da circunferência ao centro, por meio de essências superiores, perpétuas e espirituais, dependendo do intelecto primário, que é o intelecto atuante; porém, da virtude acrescida pela

palavra de Deus,⁶ palavra esta que os sábios caldeus da Babilônia chamam de causa das causas, porque dela são produzidos todos os seres, depende o intelecto atuante, que é o segundo; e a razão disso é a união dessa palavra com o Primeiro Autor, de quem todas as coisas são verdadeiramente produzidas. A palavra, portanto, é a imagem de Deus, e o intelecto atuante é a imagem da palavra; a alma é a imagem desse intelecto; e nossa palavra é a imagem da alma, pela qual ela age sobre as coisas naturais de modo natural, pois a natureza é a sua obra.

E cada uma aperfeiçoa a obra seguinte, como um pai a um filho,⁷ e o segundo nunca existe sem o primeiro. Pois eles são interdependentes, por uma espécie de dependência ordinária, de modo que, quando o segundo se corrói, é devolvido àquele que era o próximo antes dele, até chegar aos céus, de lá à alma universal e, por fim, ao intelecto atuante, por meio do qual todas as outras criaturas existem, e o qual, ele mesmo, existe no autor principal, que é a palavra criativa de Deus, à qual, no fim, todas retornam.

Nossa alma, portanto, se quiser exercer algum efeito extraordinário nesses inferiores, deve respeitar início destes, para ser fortalecida e ilustrada, e receber o poder de ação através de cada grau, desde o Primeiríssimo Autor. Portanto, devemos ser mais diligentes na contemplação das almas dos astros que em seus corpos, e do mundo supercelestial e intelectual que do mundo corpóreo celestial, porque aquele é mais nobre, embora

este seja excelente e um caminho para aquele, sem o qual a influência do superior não pode ser obtida.⁸

Como, por exemplo, o Sol é o rei das estrelas, cheio de luz, mas a recebe do mundo inteligível acima de todas as outras estrelas, porque dele é mais capaz de um esplendor inteligível. Assim, aquele que deseja atrair a influência do Sol deve contemplar o Sol não só pela especulação da luz exterior, mas também pela interior. E isso é algo que nenhum homem pode fazer, a menos que retorne à alma do Sol e se torne como ela⁹ e compreenda sua luz inteligível com uma visão intelectual, assim como compreende a luz sensível com o olho físico.

Tal homem, então, se encherá dessa luz; e a luz, impingida pelo orbe superior que ela própria recebe, permitindo que o intelecto seja exatamente igual a ela, por fim adquire aquele brilho supremo, distribuindo-o a todas as formas que dela partilham. E quando tal homem recebe a luz do grau supremo, sua alma alcança a perfeição e se torna semelhante aos espíritos do Sol, e adquire as virtudes e as qualidades da virtude sobrenatural, desfrutando do poder delas, se tiver fé no Primeiro Autor.

Em primeiro lugar, portanto, devemos implorar a assistência do Primeiro Autor, e rezar não apenas com a boca, mas com um gesto religioso e uma alma suplicantes, também em abundância, sem cessar e com sinceridade, para que ele ilumine nossa mente e remova a escuridão que cresce em nossa alma por causa de nosso corpo.



“O Sol é o rei dos astros, o mais repleto de luz..!”

Notas - Capítulo LX

1. Os nomes bárbaros de evocação que aparecem nos grimórios de magia. A maioria consiste em nomes de deuses copiados de línguas estrangeiras tantas vezes que se tornaram irremediavelmente alterados. No entanto, mesmo nessa obscuridade, oculta-se uma curiosa atração. Embora nada signifiquem, pode-se projetar neles significado. Ver nota 36, cap. XI, I. III. “Não mudeis os nomes de evocação, pois há nomes sagrados em toda língua que são dados por Deus, tendo nos Ritos Sagrados um Poder Inefável” (*The Chaldean Oracles of Zoroaster*, Westcott [1895] 1983, 57). O “oráculo” citado vem de uma coletânea feita por Psellus e foi traduzido por Thomas Taylor. No contexto dessa citação, considere a frase no prólogo do livro apócrifo de Eclesiástico: “De fato, as coisas expressas originalmente em hebraico não têm a mesma força quando traduzidas para outra língua. Isso acontece também com a Lei, os Profetas e os outros Livros: são muito diferentes na língua original”. (*Bíblia Sagrada*, edição pastoral © Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus)

2. Uma das muitas obras de magia erroneamente atribuídas a Aristóteles.

3. Domínio da vontade.

4. Bater os pés ao som da música e outros gestos assim.

5. Recebe.

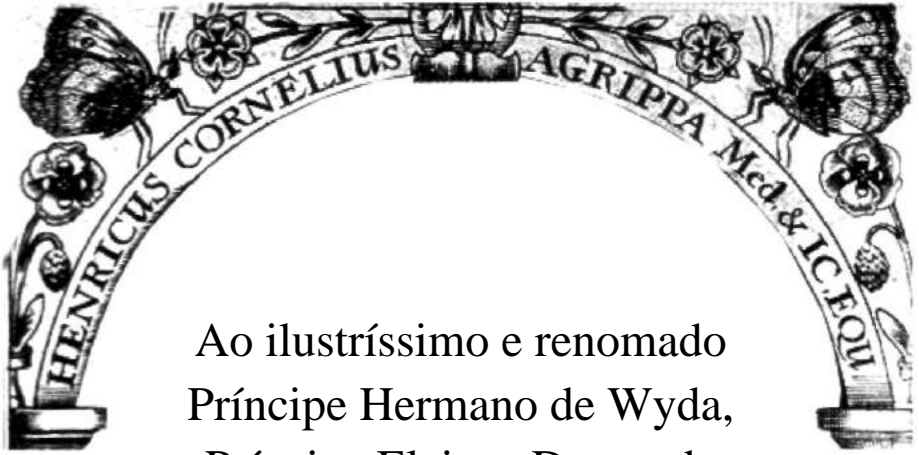
6. Ver João 1:1.

7. Mas da Luz surgiu uma Palavra sagrada, que se instalou sobre a substância aquática; e essa Palavra era a voz da Luz, [ver Gênesis 7:2-3]... “Essa Luz”, ele [Poimandres] disse, “sou Eu, a Mente, o primeiro Deus, que existia antes da substância aquática que apareceu da escuridão; e a Palavra, que surgiu da Luz é um filho de Deus.” “Como pode ser?” eu perguntei. “Entenda o que eu digo”, respondeu ele, “olhando para o que você próprio tem em si; pois em você também a palavra é filho, e a mente é pai da palavra. Elas não são separadas; pois a vida é a união da palavra e da mente” (*Corpus Hermeticum*, 1.5a-6 [Scott, 1:117]).”

Ver também João 1:14.

8. Agrippa está dizendo que não devemos confundir estrelas e planetas materiais com as realidades sobrenaturais que eles sombreiam, mas ao mesmo tempo não desprezá-los, pois eles são um meio necessário pelo qual a realidade é compreendida.

9. Está é uma verdade mágica vital: para conhecer qualquer coisa, você tem de se tornar essa coisa; você nada pode conhecer além de si mesmo, mas você é tudo.



Ao ilustríssimo e renomado
Príncipe Hermano de Wyda,
Príncipe Eleitor, Duque de
Westfalia e Angaria, Senhor
Arcebispo de Colônia e Padre-mor,
seu prestimoso Senhor, Henrique
Cornélio Agrippa de Nettesheim



a excelente opinião dos mais antigos magos (ilustríssimo Príncipe) que em nada trabalhemos com mais afincos nesta vida que em não nos degenerarmos da excelência da mente, pela qual mais nos aproximamos de Deus e assumimos a natureza divina, evitando que a qualquer momento a nossa mente, caindo no torpor do ócio, decline à fragilidade de nosso corpo terreno e dos vícios da carne; quando então a perderíamos, como se ela fosse atirada em meio aos escuros precipícios da perversa luxúria. É preciso, portanto, ordenarmos a mente de modo que ela possa estar atenta à sua própria dignidade e excelência e sempre pensar e operar algo digno de si.

plena potencialidade. Quando nos lembramos da majestade dos tal conhecimento e nos ocupamos de estudos divinos para, a cada momento, contemplar coisas divinas, por meio de uma sábia e diligente inquirição e por todos os graus de seres, ascendendo até o próprio Arquétipo, para dele extrair a infalível virtude de todas as coisas; virtude essa que, aqueles que negligenciam, confiando apenas nas coisas naturais e mundanas, acabam se perdendo em diversos erros e falácias, chegando a ser enganados por espíritos malignos; mas a compreensão das coisas divinas purga a mente dos erros e a torna divina, dá um poder infalível aos nossos trabalhos e afasta os engodos e obstáculos de todos os espíritos ímpios, submetendo-os ao nosso comando.

Mas só o conhecimento da ciência divina realiza isso para nós com

Na verdade, ela compele os bons anjos e todos os poderes do mundo ao

nosso serviço; sendo a virtude de nossas obras extraídas do próprio Arquétipo ao qual nós ascendemos, e todas as criaturas têm de nos obedecer; pois (como dizia *Homero*) nenhum dos deuses ousa permanecer sentado uma vez que Júpiter tenha saído; e há que se governar (como dizia *Aristófanes*) por um dos deuses cujo direito é executar suas ordens, e que pelo senso de dever atende a nossos pedidos de acordo com o nosso desejo.

Vendo, enfim (ilustríssimo Príncipe), que sua pessoa tem uma alma divina e imortal, que lhe foi dada e que enxerga na bondade da providência divina um destino estabelecido e a abundância que a natureza lhe concedeu pela agudeza de seu entendimento e perfeição dos sentidos, sua pessoa é, então, capaz de ver, buscar, contemplar, discernir e perscrutar o agradável panorama das coisas naturais, a sublime morada dos céus e a mais difícil passagem das coisas divinas: e eu, comprometido com sua pessoa pelo vínculo de suas grandiosas virtudes, tenho o dever de comunicar, sem inveja, um relato de todas as opiniões, aqueles mistérios de magia cerimonial e divina que de fato aprendi, e não esconder o conhecimento desses assuntos de que se ocupam os sacerdotes de Ísis, aqueles antigos sacerdotes dos egípcios e dos caldeus, os antigos profetas babilônios, os cabalistas - os magos videntes dos hebreus; também os órficos, pitagóricos e platônicos, os mais dedicados filósofos da Grécia; além destes, também os brâmanes¹ dos indianos, os ginosophistas² da Etiópia e os teólogos incorruptíveis de nossa religião; temos de, pela força das palavras, pelo poder dos selos e pelos encantamentos,

bênçãos e imprecções, bem como pela virtude da observação, gerar estupendos e maravilhosos prodígios, os quais eu lhe intimo neste terceiro livro de Filosofia Oculta, e trago à luz aquelas coisas que permaneceram encobertas pela areia da Antiguidade, envoltas na obscuridade do esquecimento, na escuridão quimérica,³ até os dias atuais.

Portanto, nós apresentamos à sua pessoa uma obra completa e perfeita nestes Três Livros de Filosofia Oculta ou Magia, que compusemos com total esmero e grande empenho de corpo e mente; e, apesar de não economizar palavras, é uma obra perfeitamente elaborada com respeito às palavras; desejo, enfim, um favor: que não espere a graça da oratória ou a elegância de um discurso nestes livros, pois o escrevemos há muito tempo e em nossa juventude, quando nossa fala ainda era tosca e nossa linguagem rude; e temos respeito não por estilo de um discurso, mas somente pela série ou ordem de frases; nós estudamos a elegância menor do discurso e a abundância de seu material; e supomos ter realizado nosso intento, se conseguirmos, dentro de nossas maiores possibilidades, cumprir, com aquilo que prometemos declarar acerca dos segredos da magia, e libertamos nossa consciência de uma dívida.

Mas estamos cientes, sem sombra de dúvida, de que muitos sofistas detratores conspirarão contra mim, em particular aqueles que afirmam ser aliados de Deus e estar abastados de divindade, e que se acham no direito de censurar as folhas das Sibilas,⁴ não hesitando em julgar e condenar à fogueira nossas obras mesmos antes de serem lidas ou devidamente

compreendidas (pois é alimento que não condiz com o paladar deles, unguento que não lhes alivia a dor; e também pela centelha de ódio que há muito alimentam de mim, mal podendo se conter). Assim (ilustríssimo Príncipe e sábio Prelado), submetemos esta obra de minha autoria aos méritos de sua virtude e agora a tornamos sua, passível de sua censura, e a colocamos sob sua proteção, de modo que se os pérfidos e ignóbeis sofistas⁵ a difamarem, por grotesca loucura de sua inveja e maldade, possa a sua pessoa, com a perspicácia de seu bom senso e candor de julgamento, protegê-la e defendê-la. Adeus e prosperidade.

Notas - Ao ilustríssimo

1. Membros da casta sacerdotal da Índia.

2. Uma antiga seita de filósofos ascetas hindus que não tinham bens pessoais e andavam nus, ou quase nus, pelo mundo. Foram descritos pela primeira vez aos gregos em relatos dos companheiros de Alexandre, o Grande, quando de sua campanha na Índia. Mais tarde, o nome passou a se referir também a outras seitas semelhantes, como a que é descrita no sexto livro da *Vida de Apolônio de Tiana*, habitando os confins da Etiópia, ao longo do Nilo. É a esse grupo posterior que se refere Agrippa.

3.”A expressão proverbial escuridão quimérica’ foi emprestada da descrição de Homero (no décimo primeiro livro da *Odisseia*), que a aplica a uma terra remota e fabulosa na orla marítima”

(Gibbon [1776-88] 1830, 31:505, n. “t”).

Lá se encontra a comunidade e a cidade do povo quimérico,
Oculto em névoas e nuvens. O próprio Hélios, o radiante Sol,
Não consegue penetrar a escuridão nem iluminá-los com seu brilho,
Não se pode subir até o céu estrelado
Nem do céu voltar à terra,
Mas uma noite lúgubre sempre se espalha por sobre as pobres almas.
(Homero, *Odisseia*, 11, linhas 14-9 [Lattimore, 168])

4. De acordo com Varro, as profecias sibílicas eram escritas sobre folhas de palmeira.

5. “Eu afirmo que na posteridade os homens serão confundidos pelos sofistas, e serão por eles desviados dos ensinamentos puros e sagrados da verdadeira filosofia” (*Asclépio*, 1.14a [Scott, 1:311]).